

O PROTAGONISMO DA **MULHER**

NA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CELEBRANDO A CONTRIBUIÇÃO INTELLECTUAL E PROFISSIONAL DE
MULHERES LATINO-AMERICANAS

FRÂNCIÉLE CARNEIRO GARCÊS DA SILVA
NATHÁLIA LIMA ROMEIRO
Organizadoras



rocha
soluções gratuitas

NYOTA

Franciéle Carneiro Garcês da Silva
Nathália Lima Romeiro
Organizadoras

**O PROTAGONISMO DA MULHER
NA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO**

**CELEBRANDO A CONTRIBUIÇÃO INTELECTUAL E
PROFISSIONAL DE MULHERES LATINO-AMERICANAS**

Florianópolis, SC
Rocha Gráfica e Editora Ltda.
2020

Selo Nyota

Coordenação do Selo
Franciéle Carneiro Garcês da Silva
Nathália Lima Romeiro
Site: <https://www.nyota.com.br/>

Comitê Científico e Editorial

Daniella Camara Pizarro (UDESC)	Mariana Cortez (UNILA)
Felipe Meneses Tello (UNAM)	Wellington Marçal de Carvalho (UFMG)
Mary Luz Alzate (UNAL)	Márcio Ferreira da Silva (UFMA)
Didier Álvarez Zapata (U. de A.)	Fábio Francisco Feltrin de Souza (UFFS)
Fernanda Oliveira (UFRGS)	Gerson Galo Ledezma Meneses (UNILA)
Maria do Carmo Moreira Aguilár (UFRGS)	Lourenço Cardoso (UNILAB)
Leyde Klébia Rodrigues da Silva (UFBA)	Edilson Targino de Melo Filho (UFPB)
Carina Santiago dos Santos (UDESC)	Barbara Barcellos (UFS)
Rubens Alves da Silva (UFMG)	Lia Vainer Schucman (UFSC)
Vanessa Jamile Santana dos Reis (UFBA)	Tatiana de Alemida (UNIRIO)
Elisângela Gomes (UFG)	Ueliton dos Santos Alves (SP Escola de Teatro)

Comitê de Avaliadores Ad Hoc

Carina Santiago dos Santos (UDESC)	Fabício José Nascimento da Silveira
Leyde Klébia Rodrigues da Silva (UFBA)	Edilson Targino de Melo Filho (UFPB)
Pablo Gomes (UFMG)	Samanta Coan (UFMG)
Gustavo Silva Saldanha (IBICT/UFRJ)	Igor Amorim Soares (UFSC)

Diagramação: Franciéle Carneiro Garcês da Silva; Nathália Lima Romeiro
Arte da Capa: Cinna Solar
Revisão textual: Pedro Giovâni da Silva

P967

O protagonismo da mulher na biblioteconomia e ciência da informação: celebrando a contribuição intelectual e profissional de mulheres latino-americanas. / Franciéle Carneiro Garcês da Silva; Nathália Lima Romeiro (Org.). - Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020. (Selo Nyota) 490 p.

Inclui Bibliografia.

Disponível em: <<https://www.nyota.com.br/>>.

ISBN 978-65-87264-31-8 (E-book)

ISBN 978-65-87264-32-5 (Impresso)

1. Mulher na ciência. 2. Biblioteconomia. 3. Ciência da Informação. 4. Protagonismo - Mulheres. 5. Mulheres Latino-americanas. I. Silva, Franciéle Carneiro Garcês da. II. Romeiro, Nathália Lima. III. Título.

**ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA
LICENÇA *CREATIVE COMMONS***



Atribuição – Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil¹

É permitido:

- Copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- Criar obras derivadas

Condições:



ATRIBUIÇÃO

Você deve dar o crédito apropriado ao(s) autor(es) ou à(s) autora(s) de cada capítulo e às organizadoras da obra.



COMPARTILHAMENTO POR MESMA LICENÇA

Se você remixar, transformar ou criar a partir desta obra, tem de distribuir as suas contribuições sob a mesma licença² que este original.

¹ Licença disponível em: <https://goo.gl/rqWWG3>. Acesso em: 01 jun. 2019.

² Licença disponível em: <https://goo.gl/Kdfiy6>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
Leyde Klebia Rodrigues da Silva	

PARTE 1 BIOGRAFIAS

O PENSAMENTO CRÍTICO NA BIBLIOTECONOMIA: COM A PALAVRA, SOLANGE PUNTEL MOSTAFA.....	21
Gabrielle Francinne de S. C. Tanus	
BERNADETTE SINAY NEVES E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA BIBLIOTECONOMIA BAIANA	39
Quele Pinheiro Valença	
“O LIVRO É NOSSO ESCUDO E ARMA A INTELIGÊNCIA”: O RELATO DA BIBLIOTECÁRIA MARIA DA CONCEIÇÃO NOVAES DIAS.....	57
Marlene Moraes	
HISTORIAS DE VIDA DE MUJERES BIBLIOTECÓLOGAS Y BIBLIOTECARIAS LATINOAMERICANAS: FRAGMENTOS DE UNA MEMORIA	79
Natalia Duque Cardona	
Yolima Monsalve Carvajal	
ISABEL ESPINAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (BCI)	129
Franciéle Carneiro Garcês da Silva	
Dirnéle Carneiro Garcês	
AS CONTRIBUIÇÕES DE ROSALI FERNANDEZ DE SOUZA PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA.....	153
Nathália Lima Romeiro	
Melina de Brito dos Santos	

DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA AO PLANO NACIONAL DE
BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (PNBU): RESGATE
HISTÓRICO DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE YONE
SEPULVEDA CHASTINET 181

Edilene Toscano Galdino dos Santos

Maria de Fátima Nunes

Eliany Alvarenga de Araújo

PARTE 2 PROTAGONISMOS COLETIVOS

MULHERES NA E DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO
E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO:
RECONHECIMENTO ÀS CONTRIBUIÇÕES PARA A
PESQUISA NO BRASIL..... 199

Zaira Regina Zafalon

Vânia Mara Alves Lima

Raildo de Sousa Machado

MULHERES EM AÇÃO: A ATUAÇÃO DAS BIBLIOTECÁRIAS
NO COLÉGIO PEDRO II..... 221

Tatyana Marques de Macedo Cardoso

MULHERES NA ADMINISTRAÇÃO DA BIBLIOTECA
NACIONAL BRASILEIRA 239

Luciana Grings

BIBLIOTERAPIA APLICADA A PACIENTES
HOSPITALIZADOS: UM DESTAQUE PARA A PRODUÇÃO DE
CONHECIMENTO DE BIBLIOTECÁRIAS BRASILEIRAS..... 259

Natasha Coutinho Revoredo Ribeiro

Esther Hermes Lück

PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NA
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO: APONTAMENTOS INICIAIS..... 281

Gisele Rocha Côrtes

Gracy Kelli Martins

PROFISSIONAIS BRASILEIRAS DA BIBLIOTECONOMIA NO CONTEXTO DAS STARTUPS.....	323
Priscila Machado Borges Sena	
Ana Clara Cândido	
Ursula Blattmann	
AS MULHERES BIBLIOTECÁRIAS E AS ESTRATÉGIAS PARA ATRAIR OS NÃO-USUÁRIOS INTERNOS DA BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS – MMFDH.....	375
Flor de María Silvestre Estela	
EXPERIENCIA Y LIDERAZGO EN GESTIÓN DE INFORMACIÓN EN SALUD: LAS MUJERES DE LA BIBLIOTECA VIRTUAL DE SALUD EN COLOMBIA	397
Marisol Goyeneche Reina	
Ana Lorena Niño Téllez	
AS MULHERES NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE BIBLIOTERAPIA NO ÂMBITO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: UM OLHAR A PARTIR DA LITERATURA	413
Rayssa Thaynara Madeira Correia Miguez	
Elton Mártires Pinto	
LUGAR DE MULHER É NAS CIÊNCIAS: ANÁLISE DA CRIAÇÃO DE UMA DISCIPLINA DE GÊNERO NO CAMPO INFORMACIONAL	433
Sofia Frahlich Cavalleiro	
Jacqueline Ribeiro Cabral	
A REPRESENTAÇÃO DA URSA ROWENA NA LUTA CONTRA A DESINFORMAÇÃO SOBRE EXPLORAÇÃO DE ANIMAIS NA INDÚSTRIA DO ENTRETENIMENTO	453
Érica Quadros do Amaral	

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	473
SOBRE A PREFACIADORA.....	475
SOBRE AS AUTORAS E AUTORES.....	477

PREFÁCIO

Leyde Klebia Rodrigues da Silva



*Seu nome era dor
Seu sorriso dilaceração
Seus braços e pernas, asas
Seu sexo seu escudo
Sua mente libertação
Nada satisfaz seu impulso
De mergulhar em prazer
Contra todas as correntes
Em uma só correnteza
Quem faz rolar quem tu és?
Mulher! [...]*

(NASCIMENTO, Beatriz, *Sonho*, 2015, p. 32)

As pesquisas e publicações sobre o protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação vem sendo evidenciadas mais fortemente com a idealização do Selo Nyota, concretizada na obra de título homônimo, publicada pela Associação Catarinense de Bibliotecários em 2018. Na ocasião, organizaram uma obra que por essência discutia a questão de gênero atrelada às múltiplas maneiras de atuação das mulheres na Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) espalhadas pelo país.

O segundo volume da obra sobre o protagonismo de mulheres, publicado em 2019, expandiu suas áreas de atuação ao se intitular "O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação". Nessa edição, percebemos que o olhar para o protagonismo intelectual, profissional e social de mulheres no âmbito informacional coloca em cena discursos contra hegemônicos que combatem a exclusão, o machismo e o racismo presentes e institucionalizados no nosso cotidiano.

Neste ano de 2020, as organizadoras Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Nathália Lima Romeiro apresentam e comemoram a terceira edição desta obra "*celebrando a contribuição intelectual e profissional de mulheres latino-americanas*".

No Brasil, temos como expoente dessa discussão a intelectual negra Lélia Gonzales (1991), que questionava o fato da matriz dos pilares do feminismo do Brasil serem

eurocêntricos, pautados na trajetória de mulheres brancas, se opondo ao silenciamento em relação às especificidades das mulheres negras e latino-americanas. Por isso, concordo com Lélia e me apoio no seu pensamento ao afirmar que essa obra contribui para uma produção de conhecimento que reconhece e dá o devido lugar de fala às epistemologias feministas latino-americanas.

Citando Maria Aparecida Moura (2017, p. 96), outra grande intelectual negra, “o protagonismo revela a centralidade e a pertinência da participação social de sujeitos identificados com a ação coletiva necessária à transformação social e à construção da história”. Assim, entendo que essa coletânea também contribui para dar visibilidade aos protagonismos de mulheres, visto que estes se apresentam como categoria necessária para entendermos o contexto sócio-histórico que estamos inseridas no campo biblioteconômico-informacional.

Organizada em duas partes: em um primeiro momento apresenta os trabalhos entendidos como de caráter biográfico, e em seguida, produções que se referem aos protagonismos coletivos.

A primeira parte começa com o trabalho ***Pensamento crítico na Biblioteconomia: com a palavra, Solange Puntel Mostafa***, de autoria de Gabrielle Francinne de S. C. Tanus. A autora apresenta o pensamento crítico de Solange Puntel Mostafa, localizado na década de 1980, com base na importância dos seus estudos em fundamentar uma Biblioteconomia Social comprometida com a discussão sobre a “contradição do social”. Destaco o foco no movimento epistemológico da Biblioteconomia e o esforço da autora em refletir sobre uma prática social transformadora, que possibilite uma aliança entre a teoria e a prática, em prol da construção de um comportamento crítico.

O segundo capítulo, intitulado ***Bernadette Sinay Neves e sua contribuição para biblioteconomia baiana***, de Quele Pinheiro Valença mostra através de registros históricos como esta bibliotecária contribuiu decisivamente para a construção da biblioteconomia baiana, sua colaboração com importantes

instituições como o IBBD e a UNESCO, assim como a formação de pessoas bibliotecárias.

Marlene Moraes é autora do terceiro capítulo ***O livro é nosso escudo e arma a inteligência: o relato da bibliotecária Maria da Conceição Novaes Dias***. Este trabalho tem por objetivo como relatar a experiência da bibliotecária Maria da Conceição Novaes Dias e o seu protagonismo no campo da biblioteca escolar, principalmente na Biblioteca Professor João Baptista de Mello e Souza do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. O estudo contribui para o fortalecimento de profissionais que atuam em biblioteca escolar, sobretudo o(a) bibliotecário(a), fundamental, segundo a autora, para o crescimento da escola e o desenvolvimento de seus usuários.

No quarto capítulo ***Historias de vida de mujeres bibliotecólogas y bibliotecarias latinoamericanas: fragmentos de una memoria***, de autoria de Natalia Duque Cardona e Yolima Monsalve Carvajal. Neste trabalho as autoras nos convidam a dar lugar às vozes atuais que atuam na área, sem deixar de lado as referências clássicas do campo. Assim, contribuem para os estudos sobre trajetórias de vida de mulheres e para a perspectiva social da ciência, fortalecendo o tecido social a partir do seu ser, saber e fazer.

Franciéle Garcês e Dirnéle Garcez apresentam o capítulo ***Isabel Espinal e suas contribuições para Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI)***, no qual abordam a vida e obra da bibliotecária de origem caribenha, Isabel Espinal, em especial, suas epistemes nos nos estudos latinos e estudos críticos da Branquitude em BCI.

As contribuições de Rosali Fernandez de Souza para a Ciência da Informação brasileira, de Nathália Romeiro e de Melina de Brito, enfoca o percurso acadêmico de Rosali Fernandez de Souza desde sua formação na graduação até os dias de hoje. As autoras apresentam suas principais contribuições teórico-metodológicas e encerraram o texto homenageando a trajetória da pesquisadora como docente e orientadora da pós-graduação.

O sétimo capítulo intitulado ***Da biblioteca universitária ao Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU)***:

resgate histórico da atuação profissional de Yone Sepulveda Chastinet, das autoras Edilene Toscano Galdino dos Santos, Maria de Fátima Nunes e Eliany Alvarenga de Araújo, encerra a primeira parte desta obra. As autoras apresentam e refletem sobre o protagonismo da bibliotecária Yone Sepulveda Chastinet, que liderou a criação e implantação da primeira política para a biblioteca universitária brasileira, contribuindo assim para a divulgação de personalidades científicas de valor singular para Biblioteconomia e a ciência e tecnologia no Brasil.

A segunda parte da obra vai apresentar trabalhos que encaixam na categoria “Protagonismos Coletivos”, como já mencionado.

Inicia com o trabalho **Mulheres na e da organização do conhecimento e representação da informação: reconhecimento às contribuições para a pesquisa no Brasil**, de Zaira Regina Zafalon, Vânia Mara Alves Lima e Raildo de Sousa Machado, no qual destacam as mulheres protagonistas nos estudos de Organização do Conhecimento (OC) e Representação da Informação (RI) na Ciência da Informação, a fim de marcar historicamente o desenvolvimento profissional da área a partir de um estudo de genealogia acadêmica.

O capítulo **Mulheres em ação: a atuação das bibliotecárias no Colégio Pedro II**, da autora Tatyana Marques de Macedo Cardoso. Este, apresenta quatro ações desempenhadas por um grupo de bibliotecárias do Colégio Pedro II para aprimorar o interesse pela leitura, enriquecer as bibliotecas e fortalecer o grupo de bibliotecários(as) nos diferentes Campi da instituição. O estudo contribui para compreensão da biblioteca como um espaço democrático, prazeroso e dinâmico.

Em seguida, no capítulo **Mulheres na Administração da Biblioteca Nacional Brasileira**, da autora Luciana Grings conhecemos o protagonismo de bibliotecárias que exerceram papel importante da gestão, sobretudo da BN. Homenageando as bibliotecárias que alcançaram o cargo mais alto da administração da Biblioteca Nacional do Brasil, a

pioneira Jannice Monte-Mór, Celia Ribeiro Zaher, Maria Alice Barroso e Lia Temporal Malcher.

No décimo primeiro capítulo da obra e quarto desta parte, ***Biblioterapia aplicada a pacientes hospitalizados: um destaque para a produção de conhecimento de bibliotecárias brasileiras***, das autoras Natasha Coutinho Revoredo Ribeiro e Esther Hermes Lück apresentam, a partir de trabalhos elaborados por bibliotecárias brasileiras, os benefícios que podem ser alcançados com a aplicação da biblioterapia a pacientes hospitalizados. As autoras incentivam bibliotecários e bibliotecárias que desejam trabalhar com o lado social da profissão e ainda contribuem para os estudos de biblioterapia, evidenciados pela produção de mulheres.

Gisele Rocha Côrtes e Gracy Kelli Martins são autoras do capítulo vem a seguir, ***Protagonismo social das mulheres na Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação: apontamentos iniciais***. O trabalho visibiliza experiências de mulheres como sujeitos do conhecimento ao abordar o protagonismo social das mulheres na ANCIB. O estudo ainda levanta um debate de grande relevância que é a luta pela inserção de mais mulheres como sujeitos no cenário científico.

O décimo terceiro capítulo da obra ***Profissionais brasileiras da biblioteconomia no contexto das startups***, das autoras Priscila Machado Borges Sena, Ana Clara Cândido e Ursula Blattmann apresenta um estudo que identificou profissionais brasileiras da área de Biblioteconomia, presentes no contexto das *startups*, tanto no que concerne a publicações científicas, quanto no que diz respeito à atuação em *startups* como integrantes ou empreendedoras. O estudo contribui sobremaneira para o campo, ao refletir sobre a ampliação de visões da atuação de profissionais oriundos(as) da Biblioteconomia.

O capítulo ***As mulheres bibliotecárias e as estratégias para atrair os não-usuários internos da biblioteca do ministério da mulher, da família e dos direitos humanos – MMFDH***, da autora Flor de María Silvestre Estela descrevem estratégias e ferramentas de marketing, levantadas pelas

bolsistas, que os gestores da Biblioteca do MMFDH poderão utilizar para atrair os não-usuários internos da Biblioteca. A pesquisa destaca a internet e as redes sociais como principais ferramentas disseminadoras de informações, além da forte presença e protagonismo de mulheres na biblioteconomia.

Em seguida, as autoras Marisol Goyeneche Reina e Ana Lorena Niño Téllez nos apresentam seu trabalho ***Experiencia y liderazgo en gestión de información en salud las mujeres de la biblioteca virtual de salud en Colombia***. As autoras discutem sobre o trabalho das mulheres profissionais da Ciência da Informação-Biblioteconomia e sua contribuição para a cooperação da produção técnico-científica em saúde, por meio do modelo da BVS Colômbia. O estudo apresenta significativas considerações para o trabalho de gestão do conhecimento, e mais ainda na área da saúde, destacando a força e atuação das mulheres descritas no capítulo, no desenvolvimento de suas atividades.

A seguir, temos o capítulo intitulado ***As mulheres na produção do conhecimento sobre biblioterapia no âmbito da Ciência da Informação no Brasil: um olhar a partir da literatura***, autoria de Rayssa Thaynara Madeira Correia Miguez e Elton Mártires Pinto. O trabalho traz à tona a produção preponderantemente feminina, no campo da Biblioterapia, no âmbito da CI, identificando a contribuição das mulheres no tocante a produção intelectual sobre o tema.

No capítulo ***Lugar de mulher é nas ciências: análise da criação de uma disciplina de gênero no campo informacional***, de Sofia Frahllich Cavalleiro e Jacqueline Ribeiro Cabral, as autoras analisam o interesse dos alunos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense (UFF) na oferta de uma disciplina que incluía o debate sobre gênero no campo informacional. Primeiro, elas discutem sobre as mulheres na Ciência da Informação e na Biblioteconomia para em seguida apresentar os resultados. Por fim, concluem que a criação de uma disciplina mostrou-se relevante para a maioria dos alunos participantes da pesquisa. Nesse sentido, reforçam a importância das novas pesquisas que envolvam os

procedimentos de criação de ementas, planos pedagógicos e os objetivos que disciplinas como esta devem alcançar.

A obra se encerra com o capítulo elaborado por Érica Quadros do Amaral, intitulado ***A representação da Ursa Rowena na luta contra a desinformação sobre exploração de animais na indústria do entretenimento.*** O trabalho debate temáticas relacionadas ao fenômeno da desinformação passaram a ter maior relevância para a sociedade, assim como faz uma pesquisa sobre fragilidades informacionais e controvérsias da exploração animal que colocam em risco o meio-ambiente. O trabalho contribui para desconstrução do especismo, a partir da ruptura do paradigma de exploração animal. Já os processos de troca de informação e de mensuração de sua qualidade, segundo a autora, precisam ser revisados, sendo a competência em informação uma importante aliada à formação de sujeitos informacionais habilitados a distinguir padrões manipulativos.

Ao olhar para esse conjunto de dezoito capítulos, entendo que esta obra se configura como uma importante fonte de informação, sobretudo no que concerne à socialização do saber de pesquisas e estudos de referências relacionados às mulheres do campo de Biblioteconomia, Ciência da Informação e áreas afins. Ainda destaco a contribuição desta obra para integrar um cenário de crescimento da produção de informação protagonizado por, sobre e para mulheres.

Outro ponto interessante suscitado pela obra é a atenção com nossas bibliografias de pesquisa, sendo importante sempre nos questionar: Será que incluímos essas e outras produções de conhecimento do campo (majoritariamente formado por mulheres) ao produzir os nossos trabalhos? Será que nossas bibliografias são povoadas majoritariamente por pesquisas e reflexões de mulheres? Ou as silenciámos/invisibilizamos/apagamos em detrimento de um discurso universalizante, marcadamente dominado por homens brancos?

Precisamos reconhecer a trajetória de mulheres na Biblioteconomia e na Ciência da Informação (CI), o papel da

historicidade do pensamento de mulheres, sobretudo as mais periféricas e subalternizadas, na formação do campo da CI no mundo e fundamentalmente no Brasil. Apesar da produção sobre as problemáticas que gravitam em torno da multicategoria “MULHER” estar crescendo, ainda existe um caminho árduo e longo, dentro ou fora da academia para ultrapassar as resistências também crescentes a esse movimento. Por colocar os saberes construídos por mulheres no centro da academia, mais uma vez reforço a importância desta obra e sua singularidade no campo da CI.

Se fazem cada vez mais necessários e urgentes estudos e pesquisas que desconstruam essa ideia da Ciência universalizante. Como salienta Donna Haraway (1995), as experiências dos grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que suas produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado. Assim, além das condições sociais manterem essas pessoas em um lugar estruturalmente silenciado, seus discursos também são desprezados.

A visão universalizante explica que, de forma alguma, esses grupos não querem ou não têm capacidade para participar da conversa acadêmica. As narrativas apresentadas nesta obra, ao contrário, mostram que existem várias formas de organização política, cultural e intelectual, que criam ferramentas, abrem brechas e reforçam as lutas para enfrentar esses silêncios institucionais.

REFERÊNCIAS

GONZALES, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. **Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado**, Salvador, n. 19, p. 9, mai./jul. 1991.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, 5. Campinas: Ed. Unicamp, v. 5, p. 07-41, 1995.

MOURA, Maria Aparecida. Narrativas culturais, protagonismo e mundo comum. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise

Ferreira (Org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 93-106.

NASCIMENTO, Beatriz. Sonho. *In*: RATTI, Alex; GOMES, Bethânia. (Orgs.). **Todas (as) distâncias**: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. Salvador: Editora Ogum's Toque Negros, 2015. p. 32.



PARTE 1
BIOGRAFIAS

O PENSAMENTO CRÍTICO NA BIBLIOTECONOMIA: COM A PALAVRA, SOLANGE PUNTEL MOSTAFA

Gabrielle Francinne de S. C. Tanus



1 INTRODUÇÃO

As primeiras práticas biblioteconômicas brasileiras podem ser associadas às criações das bibliotecas escolares durante o período colonial. Outro importante acontecimento para o desenvolvimento da Biblioteconomia no país foi a instauração da Biblioteca Nacional, em 1808, em decorrência da transferência da Corte portuguesa para a colônia. Sem adentrar os meandros da história das bibliotecas brasileiras, destacamos a importância da criação do curso para a formação de bibliotecários destinados a essa instituição de memória no início do Século XX. Nessa direção sobre a trajetória do ensino, que é um dos caminhos para se compreender a Biblioteconomia, existe uma extensa literatura que aborda seus marcos e suas fases no país (MUELLER, 1985; SOUZA, 2009; ALMEIDA, 2012; TANUS, 2018). Acompanham essa literatura sobre o ensino a denúncia a um certo utilitarismo e o afastamento da realidade e de contextos socioeconômicos.

O distanciamento dos princípios filosóficos e dos contextos sociais e históricos conduz o bibliotecário à condição de um sujeito alienado e guiado por rotinas mecânicas, imerso em um ensino prático e tecnicista (FARINAS, 1973; BRIQUET DE LEMOS, 1973). Esse afastamento das áreas humanas e sociais compromete a construção de uma consciência ética e política na formação do profissional (PIZARRO, 2017). Outrossim, a produção teórica específica da Biblioteconomia também se encontra apartada de um cruzamento com a Filosofia, campo em que as discussões sobre o conhecimento “é conversa de bar para o filósofo, mas, para o bibliotecário, é conversa de salão, tão isolada está a pesquisa bibliotecária da reflexão epistemológica” (MOSTAFA, 1983, p. 222).

Almeida Júnior (2015) também chama à atenção constantemente para o conservadorismo da Biblioteconomia, que, “em sua história, isolou-se da sociedade, encastelando-se em seu espaço, empregando técnicas criadas para atender e responder as necessidades oriundas de suas próprias

entranhas (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 135). Quando buscamos compreender os fundamentos teóricos e epistemológicos da Biblioteconomia, constatamos certa escassez de produção da literatura científica nacional, que se concentra em seu arcabouço teórico para além da discussão sobre se ela é ciência ou técnica, como se pode ver em algumas produções brasileiras (ANDRADE; METCHKO; SOLLA, 1981; ARAÚJO, 1991). Destarte, mais recentemente, vale destacar as produções voltadas para a construção de uma Biblioteconomia negra brasileira e latino-americanas (SILVA; SALDANHA, 2019, CARDONA; SILVA, 2020).

A importância de uma construção epistêmica sólida, que passe por conceitos, teorias e metodologias, é fundamental para qualquer ciência. Para demarcar a autonomia da Biblioteconomia como uma ciência, ao lado das demais Ciências Humanas e Sociais, Alfaro López (2010) defende a investigação como forma de construir problemas e conhecimentos, o que promoveriam o avanço da sua base teórica e abstrata, apoiando-se na Epistemologia construtivista e no conceito de representação social, uma construção da realidade a partir dos indivíduos.

A pluralidade de pontos de vista e de embates teóricos é uma marca distintiva das Ciências Sociais que não se resume em uma única corrente ou escola de pensamento, porquanto a diversidade é um traço identificador de sua potencialidade discursiva. A produção científica da Biblioteconomia pode ser associada ao “ordenamento do social”, à “contradição do social” e à “construção do social” (TANUS, 2016). Devido à importância de se fundamentar uma Biblioteconomia Social comprometida com a discussão sobre a “contradição do social”, objetivamos apresentar o pensamento crítico de Solange Puntel Mostafa³, localizado na década de 1980.

Selecionamos intencionalmente essa autora em razão da clara preocupação com a construção discursiva crítica da

³ Currículo acadêmico disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8365892972397703>. Acesso em: 26 de junho de 2020.

Biblioteconomia, cujos discursos não estão dissociados das influências das Ciências, em especial, das Ciências Sociais e Humanas. Essas influências podem ser percebidas nos estudos, e tal enlace também é objeto de análise deste texto de cunho histórico e epistemológico, que mobilizou a produção bibliográfica de Solange Mostafa, publicada na década de 1980, e que pode ser localizada em um “pensamento crítico”, em especial, de influência marxista.

2 A TEORIA CRÍTICA E A CONFIGURAÇÃO DA BIBLIOTECONOMIA CRÍTICA

Nas Ciências Sociais, o pensamento crítico tem como expoente da vertente “contradição do social” Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), que inauguraram uma análise sociológica a partir da compreensão das forças materiais e históricas e dos meios sociais de produção, o que culminou com o materialismo histórico e a dialética como um caminho epistemológico e metodológico. Nesse contexto, entram em cena conceitos como historicidade, conflito, contradição, ideologia, práxis, capital, classes sociais, alienação e mediação nos estudos das Ciências Sociais. O pensamento marxista se opõe à ideia de leis naturais que regem a sociedade, como defendia o Positivismo, que buscava a ordem e a manutenção da burguesia, enquanto, para o Marxismo, a transformação e a revolução a partir do proletariado constituem a base para se compreenderem os fenômenos sociais em sua totalidade (LÖWY, 2008). Se, para o Positivismo, a ciência e o pesquisador eram neutros, para Marx, isso seria impensável, uma vez que o sujeito histórico está ligado aos interesses de uma classe que é antagônica aos interesses da burguesia.

A concepção de emancipação dos sujeitos assume uma centralidade especial nos estudos marxistas, porque não bastava descrever o mundo, como ocorre com os estudos positivistas. Portanto, é fundamental transformar a realidade em uma dinâmica de ordem prática e teórica. No Século XX, o

pensamento marxista constituiu a base da Escola de Frankfurt, um movimento intelectual, filosófico e político, nomeado assim na década de 1950. A origem dessa Escola remonta ao Instituto de Pesquisa Social, criado em 1923, na Alemanha, e na publicação do texto seminal 'Teoria crítica e teoria tradicional', escrito em 1937, por Max Horkheimer. Esse movimento agregou uma diversidade de intelectuais que compartilhavam a influência marxista e, em especial, a orientação para a emancipação e o comportamento crítico (NOBRE, 2011)⁴. Essas orientações fazem parte da agenda, mesmo que tardia, da Biblioteconomia crítica.

O pensamento crítico é, também, uma clara oposição ao modelo científico pautado na ciência moderna. No campo da Biblioteconomia, a crítica é realizada quanto ao modelo patrimonialista que marcou a história das bibliotecas pelo menos até a segunda metade do Século XX. Segundo Araújo (2014, p. 29), a Biblioteconomia nasceu sob a égide de um pensamento positivista e cunhado na perspectiva tecnicista, manifestado no "primado dos processos técnicos de descrição e organização dos acervos guardados nas instituições" e nos "estudos dos acervos, das rotinas institucionais e das técnicas de tratamento". Foi em oposição ao conservadorismo das instituições e das ações, revestidas pelo discurso de neutralidade, que, gradualmente, foram se erguendo perspectivas críticas (ARAÚJO, 2014).

Nos países em desenvolvimento da América Latina, depois das ditaduras militares, a Biblioteconomia começou a despertar com mais frequência para os temas antes ignorados e silenciados pela área, a saber: ação cultural, democratização cultural, extensão bibliotecária, informação social, informação para cidadania, bibliotecas públicas e bibliotecas populares (ARAÚJO, 2014; ALMEIDA JÚNIOR, 2015). Para

⁴ Sobre a Escola de Frankfurt, há uma considerável produção que pode ser mobilizada por meio dos escritos dos próprios autores que compuseram a Escola: Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Jürgen Habermas, Axel Honneth, entre outros.

Cardoso (1994), esse esforço da constituição de um campo de estudo e pesquisa no Brasil, denominado de 'Informação Social', à luz da perspectiva socioantropológica, remonta à década de 1970, em razão da "presença crescente de movimentos sociais organizados que colocam desafios interpretativos para a teoria sócio-política" (CARDOSO, 1994, p. 109). Assim, o objeto de estudo da área da Informação Social deveria ser apropriado a partir de três categorias: historicidade, totalidade e tensionalidade (CARDOSO, 1994).

Civallero (2013) enuncia que, no contexto norte-americano, o uso do termo *progressive librarianship* data de 1939 e, a partir de 1980, difundiu-se mais o uso do termo 'Biblioteconomia Social', que pode ser vista como outra Biblioteconomia, comprometida com a emancipação e a transformação social. Essa Biblioteconomia é pautada no pensamento crítico e envolve o exercício consciente, honesto e comprometido de uma profissão que não pode estar distante da construção coletiva de alternativas e propostas de mudanças de ordem social. Uma clara crítica ao imobilismo, ao conservadorismo, ao conformismo, à neutralidade e à centralidade de técnicas e de processos de bibliotecas que favorecem a manutenção do *status quo* de um pensamento hegemônico.

Em suma, as pesquisas da Biblioteconomia crítica e social manifestam-se, em especial, num primeiro momento, sob a influência do pensamento marxista e da Escola de Frankfurt, mas ainda de modo disperso tanto nacional quanto internacionalmente, e ficam restritas a um grupo de pesquisadores. Outro momento, em particular no Brasil, começou a ser delineado recentemente, ancorado em um pensamento crítico com bases mais diversificadas amparadas pelo amplo leque das teorias críticas das Ciências Sociais e Humanas. Na verdade, uma crítica com diferentes bases teóricas é retomada, para além do pensamento marxista e frankfurtiano, e passa a ser mobilizada nos estudos biblioteconômicos de modo geral, no plano teórico e no prático, conforme exposto a seguir:

Particularmente, no Brasil, esse movimento teórico crítico da Biblioteconomia é retomado com mais força dentro de uma agenda da área, a partir da década de 2000, com temas como responsabilidade social, direitos humanos, multiculturalidades, diversidade étnica e social, a partir da concretização do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD) e dos diversos eventos (TANUS; SILVA, 2019, p. 6).

Dentro desse movimento de “renovação da Biblioteconomia” e da construção de “Outra Biblioteconomia”, a que são atribuídos diversos outros qualificativos⁵, localizamos o pensamento crítico da Biblioteconomia, em uma clara oposição ao seu pensamento positivista, conservador, tradicional, elitista, racista, machista, sexista, excludente e preconceituoso. Destarte, devido à extensão do tema, o foco, aqui, consiste em analisar a corrente de pensamento nomeada de “Contradição do social”, em conexão com o pensamento de Solange Mostafa, que se localiza nesse primeiro momento do pensamento crítico da Biblioteconomia vinculado à década de 1980.

3 COM A PALAVRA: SOLANGE MOSTAFA

Solange Mostafa apresenta uma considerável produção teórica sobre a Biblioteconomia, ao longo da década de 1980, em que aborda os estudos epistemológicos desse campo em consonância com o pensamento marxista. Seus textos desse momento mobilizam várias indagações ainda extremamente

⁵ A Biblioteconomia, em oposição ao modelo anterior, passou a ter outras denominações, como: Nova Biblioteconomia, Biblioteconomia guerrilheira, subversiva, crítica, social, progressista, alternativa e política. Civalero (2013) cita também outras designações dessa Biblioteconomia socialmente responsável: Biblioteconomia ativista, militante, radical, anarquista e feminista.

relevantes, como: 'Afinal, para que serve a Biblioteconomia?'; 'Qual é o objeto de estudo da Biblioteconomia?'; 'A Biblioteconomia, a que será que se destina?' (MOSTAFA, 1983), articulando as discussões com as condições e os meios sociais de produções dentro da sociedade capitalista. A autora mobiliza os saberes das Ciências Sociais e Humanas para realizar a construção epistemológica da Biblioteconomia, valorizando, em especial, a Sociologia e a Filosofia, que são indispensáveis para a produção do conhecimento.

Nessa localização de seu pensamento, a autora convoca para a construção de uma "Biblioteconomia Social" (MOSTAFA, 1985, p. 120), em contraposição a uma "Biblioteconomia Classista" (MOSTAFA, 1985, p. 56) ou de uma "Biblioteconomia positivista", que acaba por reduzir o real ao duplicá-lo como uma fotografia: "Pense-se nas estantes de bibliotecas, pense-se nas classificações bibliográficas como aproximações rápidas e grosseiras do que significa a biblioteconomia positivista" (MOSTAFA, 1986, p. 177). Essa marca positivista⁶ indelével se revela, ainda, no desenvolvimento metodológico das pesquisas, na pouca produção teórica e reflexiva, na construção reacionária e conservadora de seu objeto e no discurso de neutralidade do bibliotecário, obliterando seu papel social. Enquanto a Biblioteconomia não se aproximar de uma profunda discussão filosófica, parece que não terá saída nem como arte nem como ciência:

⁶ O Positivismo se volta para apreender uma realidade que é externa ao sujeito, cuja influência deriva das ciências naturais e exatas, pautada em princípios como objetividade, neutralidade e imparcialidade. Prevalece nessa corrente a ideia de progresso, evolução, verdade e acumulação do conhecimento científico que tem como origem os dados observáveis e quantificáveis. A busca pelas teorias e pelas leis universais são a fonte da generalização dos fenômenos que apagam os processos históricos e sociais (LALLEMENT, 2008).

Quer como arte, quer como ciência, a biblioteconomia se reveste de neutralidade e tem assim todas as condições de se apresentar como objeto de estudo autônomo, positivo, fixo e passível de manipulação, isto é, um objeto morto porque sem movimento e sem história, como convém à 'ciência da competência' (MOSTAFA, 1981, p. 50).

Mostafa (1986) também tece críticas às correntes de pensamento que marcaram presença nos estudos biblioteconômicos, como, por exemplo, o Positivismo, o Neopositivismo e o Neokantismo. A "Biblioteconomia, como qualquer outra ciência positiva, nutre-se do fiscalismo neopositivista para construir seu objeto" (MOSTAFA, 1986, p. 174), e isso reverbera na concentração de estudos empíricos, de pesquisas que buscam relações mais de causa-efeito do que a compreensão histórica e social das práticas sociais, que estão imersas na sociedade marcadas pelas contradições da realidade. O credo bibliotecário de ser um guardião do conhecimento 'sem política, sem religião, sem moral' é revelador da neutralidade científica (pressuposto absoluto do Positivismo) [...] (MOSTAFA, 1985, p. 55). Essa lógica das ciências naturais e exatas não cabe nos estudos que lidam com os fenômenos informacionais sem as devidas reflexões que devem ser mobilizadas criticamente.

Para que o bibliotecário seja transmissor de informações, não lhe bastará a competência técnica a respeito dos processos de indexação e recuperações de informações. Ele terá que dar conta do 'caráter crítico da difusão do conhecimento', o que já supõe a concretude informacional em dois sentidos: da difusão mesma e da informação mesma (MOSTAFA, 1985, p. 53).

Ainda sob a influência das ciências naturais, em particular, da Biologia, a teoria dos sistemas marca presença nos estudos da Biblioteconomia ao projetar sua centralidade no ser vivo e na harmonia de um sistema que acaba por não discutir sobre a contradição. A sociedade é vista como um organismo vivo, que preza pelo equilíbrio e pela harmonia, em que “a visão organísmica revela-se insuficiente” (MOSTAFA, 1986, p. 192). A análise do Funcionalismo e do Behaviorismo também marca presença nas análises realizadas. Ambas “se baseiam na noção biológica de equilíbrio, de adaptação do homem ao meio, de interação. Funcionalismo e Behaviorismo não se rompem, porque há uma passagem contínua do biológico ao social” (MOSTAFA; LIMA; MARANON, 1992, p. 216).

São, então, todas essas correntes sinalizadas que escamoteiam os problemas sociais e a complexa realidade e colocam a história em outro espaço, que acaba por conduzir os estudos em categorias a-históricas por meio de construções factuais e mecânicas de “histórias-estanques”, que cometem equívocos porque não consideram as contradições e o aspecto dialético. Ademais, Mostafa (1986, p. 188) esclarece que o próprio usuário/sujeito é excluído da possibilidade de transformar a si mesmo e a realidade, pois

Concebe o objeto e o sujeito de forma estática, imóvel, fixa, e nem um nem outro passam pelo seu ser-outro. O objeto é entendido enquanto apenas objeto sem nada de subjetivo. Igualmente o sujeito é entendido como uma razão formal sem ter nada de objetivo. Resultado: o sujeito imobilizado não pode ser mais transformado pelo objeto que ele acabou de matar.

Como visto, a consciência de seu fazer histórico e socialmente transformador não tem sido o caminho percorrido pela Biblioteconomia. Para Mostafa (1983, p. 227), a Biblioteconomia tem demonstrado fortemente a influência

das ciências naturais, que pode ser vista na apoderação do método experimental e observacional que “enclausurou seu objeto na formalização do mensurável, subordinando o fenômeno em si mesmo” e colocando-a em outro lugar afastado do pensamento teórico e crítico. Sobre isso, Mostafa (1986, p. 175) refere: “A unidade metodológica que reivindicou cai para o lado do homem e das ciências humanas mais do que para o lado das ciências naturais, já que a natureza deve ser humanizada”, pois “não podemos, em hipótese alguma, prescindir dos valores humanos” (MOSTAFA, 1986, p. 175). É preciso urgentemente trazer para a Biblioteconomia seu lugar localizado nos estudos históricos, ou melhor, dentro da única ciência, a ciência da história, em que toda história poderia ser concebida como a história de luta de classes, conforme defenderam Karl Marx e Friedrich Engels (1980).

A historicidade é fulcral para entender as categorias mais abstratas que são produtos das condições históricas. Nesse sentido, os seres humanos diferem dos outros animais não apenas por causa da habilidade de raciocinar, de abstrair, mas também, sobretudo, da capacidade que têm de trabalhar, de transformar a natureza e de criar os instrumentos e os meios de produção. A natureza não existe fora das relações sociais, da luta de classes. Assim, segundo a autora, a partir de Marx, sabemos que esses interesses reais da sociedade são sempre interesses de classes bem determinadas e que “os conhecimentos são resultados da interação dos homens com a natureza e devem, por isso mesmo, sempre ser remetidos às relações de produção, isto é, às relações de sobrevivência dos homens, às relações de trabalho” (MOSTAFA, 1986, p. 173). E “o que fica ausente quer na Biblioteconomia-arte quer na Biblioteconomia-ciência é a própria sociedade, vale dizer, o próprio trabalho” (MOSTAFA, 1985, p. 35).

Sob o ponto de vista do pensamento marxista, a Biblioteconomia encontraria repouso na consciência crítica de seu objeto de estudo, de suas práticas, de sua construção como um todo, os quais são marcados historicamente e socialmente, como podemos perceber:

De fato, toda atividade humana é essencialmente social independentemente de termos ou não consciência disso. A biblioteconomia é uma prática social antes mesmo que eu a perceba assim. Ao resgatar essa sociabilidade quero dirigir a intencionalidade dessa prática para o seu aspecto transformador, afim de que a biblioteconomia carregue mais o seu aspecto de práxis criadora em relação ao seu aspecto reiterativo (MOSTAFA, 1985, p. 32).

A prática transformadora não divide as partes, ela promove a integração entre teoria e prática, sujeito e objeto, pensamento e ser, consciência e natureza. Mostafa (1985, p. 32) esclarece que, “como prática social, a Biblioteconomia colabora na transformação social quanto mais ela estiver a serviço da disseminação de informações para todo o conjunto da sociedade”. Portanto, é preciso religar as classes, não do ponto de vista ingênuo, mas consciente da exclusão operada, e colocar a classe trabalhadora como foco também de uma Biblioteconomia mais humana e comprometida socialmente.

Em síntese, Solange Mostafa traz à luz, ao longo de sua produção, a crítica ao positivismo, ao mecanicismo, ao funcionalismo e ao behaviorismo, que marcam, notadamente, uma Biblioteconomia conservadora e reacionária. Por outro lado, a autora, se localiza a favor de uma Biblioteconomia inclusiva, social, histórica e crítica em prol de uma construção mais produtiva do ponto de vista filosófico, teórico e metodológico. Em geral, Solange Mostafa é uma das autoras que escreveu com profundidade acerca de uma “Epistemologia da Biblioteconomia”⁷, situada nas influências

⁷ Em sua tese (1985), Mostafa opera com o pêndulo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação a partir do viés liberal profissional e do liberal cientificista, representados, respectivamente, pelos autores Pierce Butler e Tefko Saracevic. Seu pensamento consiste em discutir sobre a Biblioteconomia partindo

da “construção do social”. Em especial, ela dialoga e constrói a partir do Marxismo, que é a tônica do primeiro movimento crítico da Biblioteconomia⁸.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento crítico caminha em direção oposta ao Positivismo e a todas as outras correntes de pensamento que visam à normalidade ou ao ordenamento social. A manutenção de um poder da classe hegemônica de modo escamoteado, isto é, por meio do discurso ideológico das práticas neutras, imparciais e objetivas, é descortinado pelo pensamento crítico. Não há ação nem reflexão que estejam descoladas de interesses, de lutas e de uma localização no tempo e no espaço construídos socialmente por sujeitos históricos. A força da história e da constante contextualização política, econômica, social e cultural é um traço distintivo do pensamento crítico, que nos possibilita, justamente, mostrar os conflitos e as contradições inerentes à sociedade.

A Biblioteconomia, como um campo específico do saber, não está deslocada dos contextos, o que conduz, em sua trajetória, a uma clara influência da ciência positiva na construção científica. Isso também ocorreu com outras ciências sociais em formação, no Século XIX, ou, pelo menos, até a segunda metade do Século XX de modo mais intenso. Destarte, “a questão central que se busca defender é a de que

da Arte, da Ciência e da Filosofia, em que o pêndulo pesa mais para a Arte do que para a Ciência. Na verdade, sua hipótese é confirmada ao dizer que nem o fazer-instrumental-rotineiro-operacional nem o fazer-tecnológico-científico, representado pela Ciência da Informação, sustentam a cientificidade e são capazes de provocar revoluções.

⁸ Não podemos deixar de mencionar os estudos sobre “Economia Política da Biblioteconomia” (BIRDSALL, 2005) ou “Economia Política da Informação” (MOSCO, 1998), que ancoram suas bases no Marxismo e nos estudos Marxianos, bem como nos autores da Economia e da Política, que revigoram e assumem cada vez mais espaço na Biblioteconomia e na Ciência da Informação.

a Biblioteconomia é uma ciência social e, portanto, acompanha as mudanças e os enfoques dados pelas correntes sociais, passando, assim, inicialmente, pelas influências do Positivismo e se libertando com a construção de um saber e epistemologia própria” (TANUS, 2018, p. 80). É preciso e urgente escrever constantemente uma “Epistemologia da Biblioteconomia” e uma “Filosofia da Biblioteconomia” mais envolvida com a realidade social e comprometida com os indivíduos, “um ser humano social” (CHAUI, 2013).

Nesse complexo movimento epistemológico da Biblioteconomia, encontramos, em especial, uma autora que demonstra uma influência da corrente de pensamento chamada de “Contradição do social”, em que se localiza o Marxismo, foco deste trabalho, cuja intenção foi de demonstrar como a Biblioteconomia também se apropriou do discurso crítico contra o Positivismo para sua construção epistemológica, sobretudo, na década de 1980. Como ponto de encontro, está a luta para transformar a realidade e emancipar os sujeitos, por meio da contestação dos produtos e/ou serviços da biblioteca, bem como da própria ação dos bibliotecários, que parecia, antes, não direcionada a uma prática emancipadora dos sujeitos. A emergência de uma mudança na literatura, em prol de uma construção teórica e reflexiva, também é uma proveitosa reclamação encontrada, afinal, um campo científico não se faz apenas com estudos empíricos.

A prática social transformadora assenta, portanto, a aliança entre a teoria e a prática, em prol da construção de um comportamento crítico. Em suma, naquele momento, Solange Mostafa⁹ caminha em direção ao pensamento crítico da

⁹ A autora continuou seus proveitosos escritos na seara epistemológica e, desde a década de 1990, notamos uma virada pós-estruturalista em prol da Ciência da Informação, uma “nova configuração temática. Nasce no entremeio contraditório entre as disciplinas sociais tecnológica e no espaço deixado por recortes já instituídos pela Biblioteconomia e demais Ciências Sociais” (MOSTAFA, 1996, p. 2). Assim, desde então, os estudos convergem

Biblioteconomia como prática social e traz para o centro da discussão a importância do ensino crítico, não mais centralizado nas técnicas ou tecnologias esvaziadas de sentidos e de problematizações. É preciso articular contextualmente o saber e o fazer, a *práxis*, uma categoria essencial para uma Biblioteconomia mais comprometida com a sociedade, em toda a sua pluralidade e diversidade cultural e étnico-racial¹⁰, antes apagada e silenciada pela tradicional, conservadora ou desejada “velha Biblioteconomia”.

REFERÊNCIAS

ALFARO LÓPEZ, Héctor Guillermo. **Estudios epistemológicos de bibliotecología**. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2010.

ALMEIDA, Neília Barros Ferreira de. **Biblioteconomia no Brasil: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do**

para uma epistemologia da Ciência da Informação em diálogo com a Filosofia, em especial, com Gilles Deleuze e Félix Guattari. Em seu memorial, a autora assevera: “A tese de doutorado foi um marco importante na carreira acadêmica, uma vez que as ideias ali visitadas abriram caminho para estudos de teoria do conhecimento, de epistemologia, de sociologia e, finalmente, de filosofia” (MOSTAFA, 2011. p. 8).

¹⁰ Vale a pena destacar que os atores sociais, com suas especificidades, pluralidades e diversidades sociais e culturais, não são contemplados pelos estudos marxistas, pois o foco, grosso modo, é na análise da sociedade a partir do materialismo, da estrutura econômica e das duas grandes classes (o proletariado e a burguesia). Os estudos de cunho marxista, de grandes contribuições sociais e epistêmicas para as ciências, repousam sua tônica na análise macrossociológica. Cabe esclarecer que defendemos uma Biblioteconomia que dê conta dos aspectos macro e microssociológicos, pois a articulação do social com os sujeitos conforma um olhar integrado mais interessante entre o indivíduo e a sociedade, em um duplo movimento, sem privilegiar um dos caminhos. Essa discussão pode ser encontrada em Tanus (2018).

ensino. 2012. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Conservadorismo e revolução (ou reformismo) na Biblioteconomia e na Ciência da Informação. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 132-144, jul./dez. 2015.

ANDRADE, Ana Maria Cardoso; METCHKO, Dulce Maria Bastos; SOLLA, Sheila Ribeiro. Algumas considerações acerca da situação epistemológica da Biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 10, n.2, p. 153-162, set. 1981.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. A subjetividade enclausurada: o discurso científico na Biblioteconomia. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v.1, n.1, p. 14-22, jan./dez. 1991.

ARAÚJO, Carlos Alberto Avila. O pensamento crítico na Arquivologia, na Biblioteconomia e na Museologia. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 27-46, mar./ago. 2014.

BIRDSALL, William F. Uma economia política da Biblioteconomia? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.10 n.1, p. 86-93, jan./jun. 2005.

BRIQUET DE LEMOS, Antônio Agenor. Estado atual do ensino da Biblioteconomia no Brasil e a questão da Ciência da Informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 1, n. 1, p. 51-58, 1 jan. 1973.

CARDONA, Natalia Duque; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Epistemologias Latino-Americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação: contribuições da Colômbia e do Brasil**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020. (Selo Nyota).

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da informação social. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.23, n. 2, p. 107-114, jul./dez, 1994.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O ser humano é um ser social**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

FARINAS, Vera Helena Pimentel. Sobre Biblioteconomia. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 1 n. 2, jul./dez. 1973.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MOSCO, Vicent. Repensando e renovando a economia política da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da Filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner e do Socialismo alemão na dos seus diferentes profetas. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MOSTAFA, Solange Puntel. Biblioteconomia e história: uma abordagem dialética. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, p. 47-51, 1981.

MOSTAFA, Solange Puntel. A produção de conhecimentos em Biblioteconomia. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 11, p. 221-229, 1983.

MOSTAFA, Solange Puntel. **Epistemologia da Biblioteconomia**. São Paulo, 1985. 145 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MOSTAFA, Solange Puntel. Ainda sobre metodologia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 15, p. 171-201, 1986.

MOSTAFA, Solange Puntel; LIMA, Ademir Benedito Alves de; MURGUIA, Eduardo. Paradigmas teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, p. 216-222, 1992.

MOSTAFA, Solange Puntel. Ciência da Informação: uma ciência, uma revista. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, dec. 1996.

MOSTAFA, Solange Puntel. Da epistemologia à Filosofia da Ciência da Informação. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 11., 2010, Rio de Janeiro, RJ. **Anais do XI ENANCIB**, 2010.

MOSTAFA, Solange Puntel. **Memorial**. Ribeirão Preto, [s.n.], 2011. 31 p.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.13, n.1, p. 7-54, mar. 1984.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n. 1, jun. 1985.

NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PIZARRO, Daniella Câmara. **Entre o saber-fazer e o saber-agir: o que professam os docentes de Biblioteconomia em Santa Catarina**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2017.

SILVA, Armando Malheiro; RIBEIRO, Fernanda. **A prática profissional e o ensino/investigação em Ciência da Informação através do conceito operatório de paradigma**. *In*: ENCUESTRO IBÉRICO EDICIC, 5., Badajoz, 17-19, nov. 2011.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; SALDANHA, Gustavo Silva. Biblioteconomia Negra Brasileira: caminhos, lutas e transformação. **Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação**, ANCIB, v. 12, n. 2, 2019.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro: Século XX**. 2. ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2009.

TANUS, Gabriele Francinne de Souza Carvalho. A constituição da biblioteconomia científica: um olhar histórico. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 14, n. 2, p. 217-231, maio/ago. 2016.

TANUS, Gabriele Francinne de Souza Carvalho. (Re)visitando os caminhos do ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, p. 171-194, set. 2018.

TANUS, Gabriele Francinne de Souza Carvalho. A Biblioteconomia e a “construção do social”. **Revista Interamericana de Bibliotecologia**, v. 41, n. 2, p. 167-178, 30 abr. 2018.

TANUS, Gabriele Francinne de Souza Carvalho; SILVA, Daniela Cândido da. Biblioteconomia social, crítica e progressista. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, v. 3, n. 1, p. 1-28, 17 out. 2019.

BERNADETTE SINAY NEVES E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA BIBLIOTECONOMIA BAIANA

Quele Pinheiro Valença



1 INTRODUÇÃO

A biblioteconomia brasileira insere-se no cenário científico do país devido ao protagonismo de bibliotecárias e bibliotecários que deixaram suas marcas na história desse campo do conhecimento. É necessário e extremamente valioso para os interessados na história da biblioteconomia brasileira, apresentar através de um recuo histórico o fomento e desenvolvimento da biblioteconomia por meio das ações e iniciativas de personagens como a bibliotecária Bernadette Sinay Neves.

Bernadette Sinay Neves foi uma grande expoente na biblioteconomia da Bahia. O trabalho prestado à biblioteconomia e à cultura baiana é até hoje de grande importância para a formação de futuros bibliotecários e para educação dos baianos.

Sendo assim, este capítulo tem por objetivo mostrar através dos registros históricos como Bernadette Sinay Neves contribuiu decisivamente para a construção da biblioteconomia baiana e formação de bibliotecários. Essa ilustre bibliotecária promoveu dentro da academia e na sociedade baiana a consciência da importância da biblioteca e do bibliotecário para o desenvolvimento social e acadêmico.

Os fatos são expostos de forma descritiva e compreendem a gênese da biblioteconomia na Bahia a partir das experiências acadêmicas e profissionais de Bernadette Sinay Neves. Num primeiro momento apresentaremos sucintamente os fatos que ocorreram na biblioteconomia brasileira nas décadas de 1930 e 1940, sabendo que esses períodos respectivamente, contextualizam o início dos estudos de Bernadette Sinay Neves na área biblioteconômica e o progresso da biblioteconomia no Estado da Bahia; num segundo momento buscaremos conhecer Bernadette Sinay Neves a partir de um estudo biográfico, focado na sua atividade profissional e acadêmica.

2 PANORAMA HISTÓRICO DA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 30 E 40

Nas décadas anteriores as décadas de 30 e 40 os cursos de biblioteconomia no Brasil eram implantados unicamente para suprir as necessidades de instituições que careciam de organizar o acervo de suas bibliotecas. A criação do curso de biblioteconomia da Biblioteca Nacional – BN, em 1911¹¹, teve por objetivo atender as necessidades internas da instituição; logo, a formação dos bibliotecários desta época não tinha o foco em desenvolver habilidades técnicas para outros tipos de bibliotecas ou centros de documentação. Sendo assim, a formação desse profissional era voltada principalmente para as necessidades de coleta e processamento de informação da própria Biblioteca Nacional.

Contudo, o início do século XX foi marcado pela expansão industrial e cultural, pela construção de ideias acerca das bibliotecas escolares e pela expansão das universidades no Brasil. Diante desse novo paradigma a necessidade de profissionais que organizassem bibliotecas aumentava, criando uma demanda no mercado de trabalho, o que conseqüentemente exigiu a criação de novos cursos:

Para atender a esta expansão do mercado de trabalho, cursos são criados em outros Estados, rompendo com o monopólio carioca e paulista. Surge, deste modo, os primeiros intelectuais, notadamente mulheres, a exemplo de Adelpha de Figueiredo, Lydia de Queiroz Sambaquy, **Bernadette Sinay Neves**, Laura Russo, Zila Mamede, dentre outras, que juntas com representantes masculinos como Rubens Borba de Moraes, Edson Nery da Fonseca, Antônio Caetano Dias e mais alguns, estabelecem o *habitus* da Biblioteconomia

¹¹ Sendo também o primeiro curso de Biblioteconomia da América Latina.

no Brasil. *Habitus* que mesmo com todos os avanços teóricos, metodológicos e práticos ainda é marcado por muitas das concepções destes pioneiros (CASTRO; RIBEIRO, 2004, p.43, grifo nosso).

Porém, segundo Castro e Ribeiro (2004), neste momento, as competências atribuídas aos bibliotecários ainda não eram suficientes para o bom desempenho de uma biblioteca, o que não supria as expectativas da sociedade. Entretanto, Oddone (2004), ao analisar a trajetória de Lydia Queiroz Sambaquy, retratou a relevância dos primeiros passos dados por essa geração de bibliotecários:

[..] na década de 1940 resultaram não apenas na adoção de procedimentos técnicos, mais uniformes, mas também na implementação de estratégias de extensão social e na defesa de uma competência especializada. Essas novas condições acabaram por introduzir, consolidar e disseminar modos também novos de organizar as ideias, capacitando os bibliotecários a elaborações teóricas mais sofisticadas (ODDONE, 2004, p. 22).

A princípio a formação dos bibliotecários no Brasil era baseada nos fundamentos da *École des Chartes*, de Paris, porém, no início da década de 1930, a influência tecnicista norte-americana torna-se mais presente. Bibliotecários como Adelpha Figueiredo, primeira bibliotecária a realizar estudos na área nos Estados Unidos da América, e Rubens Borba de Moraes, fazem críticas positivas ao método de ensino dos norte-americanos. Em consequência disso, ao criar em 1936 a Escola de Biblioteconomia da Divisão de Bibliotecas da Prefeitura Municipal de São Paulo, Rubens Borba de Moraes, inicia um modelo de ensino em biblioteconomia tendo como referência as bases curriculares norte-americanas.

Entretanto, este mesmo modelo de ensino já era visto no Curso do Instituto Mackenzie, criado em 1929, que segundo Souza (1991, p.43) era “considerado por alguns um curso com características meramente técnicas tendo como disciplinas catalogação, classificação, referência e organização de bibliotecas, esta última sob a forma de aulas práticas”.

Outro ponto marcante nesse período era a predominância de pessoas com alto poder aquisitivo nos cursos de biblioteconomia. Souza (1990) exemplifica isso ao citar o curso da Escola de Biblioteconomia da Prefeitura de São Paulo:

Mais uma vez, um Curso de Biblioteconomia criado no País, dentro de um contexto sócio-político-econômico resultante de mudanças profundas, veio a se caracterizar como um momento marcante por significar uma mudança de trajetória da Biblioteconomia do País, deixando patente ainda uma vez mais a sua vinculação à classe dominante. Desde a ideia até os alunos, o Curso, salvo raras particularidades, é um projeto da elite como toda a Biblioteconomia brasileira dos anos 40 e 50 próximos (SOUZA, 1990, p. 45).

A ampliação de oportunidades de acesso ao ensino da Biblioteconomia ocorreu com a criação do Curso da Escola Livre e Sociologia Política – ELSP, em São Paulo no ano de 1940. Esse curso era baseado nos moldes das *Library Schools*, e tinha a cooperação da *Library Association*, contando também, com os donativos da *Rockefeller Foundation*.

Com o auxílio da *Rockefeller Foundation*, o curso da Escola Livre e Sociologia Política consegue ampliar suas atividades ao conceder bolsas de estudos para candidatos de outros Estados do Brasil. Ao regressarem aos seus Estados, esses candidatos, agora bibliotecários, contribuem para a

fundação de Escolas de Biblioteconomia em várias localidades do país. Podemos citar bibliotecários como: Bernadette Sinay Neves (Bahia), Etelvina Lima (Minas Gerais), Ernesto Manuel Zink (Campinas), Angela da Costa Franco (Rio Grande do Sul), Milton Ferreira Melo (Pernambuco), Alfredo Ferreira Hamar (São Carlos) e Maria Luiza Monteiro da Cunha (São Paulo).

De acordo com Cysne (1993, p. 58) “A proliferação de cursos e a concessão de bolsas de estudos pelos Cursos da Biblioteca Nacional e de São Paulo fizeram desse período, que vai de 1915 a 1962, uma época de grande desenvolvimento da Biblioteconomia no Brasil”. Período também, bastante significativo à expansão dos Cursos de Biblioteconomia em todo o País, assim como: “[...] a luta dos profissionais para incorpora-los às universidades e obterem a sua regulamentação, firmando-se a categoria como profissionais de nível superior” (CYSNE, 1993, p. 60).

Diante disso, Edson Nery da Fonseca (1957, p. 96-97) afirma que “as duas décadas em que se fundaram mais bibliotecas, no Brasil, foram as de 1930 – 1939 e 1940 – 1949, podendo considerar-se a segunda como o período áureo da nossa biblioteconomia”.

3 BERNADETE SINAY NEVES E O DESENVOLVIMENTO DA BIBLIOTECONOMIA BAIANA

3.1 A BIBLIOTECONOMIA NA BAHIA

“A Bahia tem a tradição das boas bibliotecas. Talvez a primeira franqueada ao público em toda a América fosse a nossa”, já dizia Pinto de Aguiar em seu pequeno, mas importante livro “Função dinâmica das bibliotecas” de 1958. A história da biblioteconomia brasileira apresenta o evidente pioneirismo da biblioteconomia baiana, devido, por exemplo, ao aparecimento do primeiro instrumento biblioteconômico produzido no Brasil; um catálogo sistemático, infelizmente desaparecido, que pertenceu à biblioteca do Colégio da

Bahia, nessa época dirigida pelo jesuíta Antonio da Costa (1647-1722).

Outro documento de suma importância é “O Plano para o estabelecimento de huma biblioteca” de Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco. Um folheto de quatro páginas publicado em 1811, contendo um plano para o estabelecimento de uma biblioteca pública na cidade de Salvador. Assim inicia-se a história da primeira biblioteca pública fundada no Brasil, a Biblioteca Pública da Bahia, inaugurada no antigo Colégio dos Jesuítas em 4 de agosto de 1811.

Dando um salto até o século XX, ver-se outros grandes fatos na biblioteconomia baiana, como: a criação do curso de biblioteconomia no Estado (logo após tornou-se a Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal da Bahia) e a criação de uma Associação de bibliotecários do Estado. Esses eventos se devem ao ativismo de bibliotecários baianos como Denise Tavares, Felisbela Liberato de Matos Carvalho, Oswaldo Imbassahy Silva, Marinha de Andrade, Maria José Mercês Passos, Esmeralda Maria Aragão, Eurydice Pires de Sant’Anna, e principalmente pela atuação de Bernadette Sinay Neves.

3.2 BERNADETTE SINAY NEVES: TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Bernadette Sinay Neves nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia, no dia 28 de novembro de 1913 e faleceu em outubro de 1968 na mesma cidade. Seus pais eram Genésio Sampaio Neves e Jeannette Sinay Neves, e descendia pelo lado materno (Sinay) de uma família judiaco-sefardita que se instala na Bahia, especificamente em Salvador, com a vinda a esta cidade do seu avô Samuel Sinay.

Seu núcleo familiar pode ser caracterizado como parte das camadas médias urbanas, já que seu pai era um funcionário público federal e pelo fato do Curso de Engenharia (considerado de elite) ser cursado por ela e pelos seus irmãos. Bernadette formou-se em 17 de dezembro de

1939 em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da Bahia, juntamente com sua irmã Angélica Sinay Neves numa turma de trinta e seis alunos, sendo que trinta e quatro eram do sexo masculino; elas foram uma das primeiras mulheres a se formarem num curso de Engenharia numa época em que o curso era quase predominantemente cursado por alunos do sexo oposto¹².

No ano de 1941 ingressou na biblioteconomia depois que o Prof. Isaías Alves, na época Secretário de Educação e Saúde, a indicou para ser bibliotecária da Escola Politécnica da Bahia. Forma-se em biblioteconomia em 1943, pela Escola de Biblioteconomia de São Paulo, contudo, já participara do curso de extensão ministrado pelo Departamento Administrativo do Serviço Público – DASP (departamento de grande importância para formação de bibliotecários no país) onde realiza estudos sobre as técnicas biblioteconômicas. Ao receber uma bolsa de estudos pela Fundação Rockefeller em 1945, estuda durante um ano nas bibliotecas dos Estados Unidos onde frequenta o curso de verão na Universidade de Chicago, realizando estágios e visitas às bibliotecas americanas. Tendo também a oportunidade de participar do curso de biblioteconomia da Unesco em Londres e Manchester.

Bernadette mostrou-se a frente de seu tempo, e isso é visto principalmente na sua formação acadêmica e profissional, destacando-se tanto no Brasil como em outros países. Seu nome e de outros ilustres bibliotecários brasileiros é encontrado em revistas como a *The Americas*,¹³ numa nota intitulada *The assembly of librarians of the américas*. Assembleia em que Bernadatte participa como integrante do comitê organizador, realizada em Washington, D.C, de maio a junho de 1947, por iniciativa do *Department*

¹² De 1901 até 1938 havia no curso de Engenharia Civil somente formandos do sexo masculino, dentre eles Alberto Sinay Neves que se formara em 1929.

¹³ *The Americas*, v. 4, n.1, julho 1947, p. 112-117.

of State e da *Library of Congress*, em colaboração com a União Pan-americana.

Bernadette Sinay Neves desenvolveu uma carreira acadêmica exemplar, que inspirou várias gerações de mulheres baianas e brasileiras a seguir o caminho da profissão bibliotecária (ODDONE, 2007, p. 1).

Com a expansão dos cursos fora do eixo Rio - São Paulo, é possível perceber o destaque de lideranças fora desses dois Estados, dentre elas, Bernadette. De acordo com Castro (2000), essas lideranças, na maioria mulheres,

[...] vão publicar na área, reivindicar status profissional, lutar pelo estabelecimento do currículo mínimo, pela regulamentação da profissão e pela incorporação dos Cursos e Escolas nas Universidades, em especial nas Federais (CASTRO, 2000, p. 110).

Nos anos 50 Bernadette participa de uma investigação sobre a escassez de literatura biblioteconômica nacional, juntamente com Edson Nery da Fonseca e outros bibliotecários da época, sendo que, o material bibliográfico utilizado nessa investigação é o material usado nos cursos tanto da Biblioteca Nacional como da Escola Livre de Sociologia e Política, ambos no mesmo período. O material começa a ser investigado devido à predominância dos livros da área serem essencialmente em inglês, espanhol e francês; em decorrência disso, o que se observa é a escassez de livros de biblioteconomia em língua portuguesa. Por isso, a finalidade desse grupo era identificar quais dos livros em língua estrangeira deveriam ser traduzidos para o idioma nacional para tentar suprir a escassez de livros em língua portuguesa nos cursos de biblioteconomia no Brasil.

Em 1952, já em solo baiano, Bernadette é eleita a primeira diretora da Associação Baiana de Bibliotecários –

ABaB (iniciativa que ela idealizou) do período que vai de 1952 a 1955. A associação foi criada no dia 4 de janeiro, nas dependências da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, onde se reuniram 16 bibliotecários na sessão presidida pelo Dr. Oswaldo Imbassahy da Silva, diretor da Biblioteca Pública do Estado.

No período em que estava envolvida com os trabalhos da Associação, rapidamente começou a elaborar os Estatutos da entidade, sendo estes aprovados em 15 de maio de 1952. Além de fortalecer a classe bibliotecária, a ABaB também precedeu junto com a Escola de Biblioteconomia a atividade de fiscalização do exercício profissional, hoje, função exercida pelo Conselho Regional de Biblioteconomia – 5ª região.

Para demonstrar o reconhecimento pelo seu trabalho, a ABaB lançou o nome de Bernadette Sinay Neves para nomear o prêmio do concurso realizado no 2º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Salvador. Seu nome concorreu com o de Bastos Tigre¹⁴, contudo, a indicação do nome de Bernadette saiu vitoriosa. Além disso, houve a homenagem póstuma prestada em 1969 ao instalar uma placa comemorativa na Biblioteca da Escola Politécnica da UFBA.

A partir de 1955, Bernadette começa a integrar a equipe de bibliotecários que atuam no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – IBBD. Em virtude disso, comunica oficialmente o seu afastamento provisório da direção da Escola de Biblioteconomia, pois, teria aceitado o convite feito pelo IBBD para dar um curso de Pesquisa Bibliográfica (1955-1956) em Ciências Naturais com a participação de bolsistas de vários Estados. A Bahia então estará representada diante do efervescente cenário biblioteconômico nacional conduzido pelo IBBD, considerado um “[...] órgão de produção e acumulação de informações

¹⁴ A história de Manuel Bastos Tigre na biblioteconomia brasileira começa em 1915 quando ele presta concurso para bibliotecário/arquivista do Museu Nacional do Rio de Janeiro, tendo se classificado em primeiro lugar, tornando-se o primeiro bibliotecário por concurso no Brasil.

bibliográficas, constituiu um suplemento de força para os bibliotecários” (ODDONE, 2006, p. 46). Nessa instituição, Bernadette Sinay Neves também exercerá “funções de Secretária-Geral das Comissões Técnicas” (IBBD, 1956, p. 197).

Em 1956 o IBBB publica um guia dos periódicos brasileiros de cultura em circulação naquele período. Fonseca (1957, p. 112) relata que “terminada a publicação, as fichas serão entregues ao IBBB, que fará a atualização do catálogo, tendo, para este fim, criado uma Comissão Nacional do Catálogo Coletivo¹⁵, constituída por bibliotecários das principais regiões”. Bernadette é um dos bibliotecários que integraram a Comissão Nacional do Catálogo Coletivo, que consistia na fusão de catálogos de várias bibliotecas num catálogo único, organizado alfabeticamente por autor (ou entrada principal), cuja principal finalidade era determinar, com presteza, onde se encontra a obra que está sendo procurada. Além disso, a Comissão se reunia também para debater questões acerca de catalogação, bibliografia e ensino de bibliotecários.

Em agosto do mesmo ano, Bernadette foi eleita a nova diretora do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura – IBECC (órgão representante da UNESCO no Brasil) da sessão Bahia; esta diretoria delegou as comissões da qual Bernadette foi indicada para a Secção de Estudos Bibliográficos.

3.3 A CRIAÇÃO DA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA E SUA REPERCUSSÃO NA BIBLIOTECONOMIA BAIANA

Em 12 de março de 1942 – Dia do Bibliotecário – Bernadette Sinay Neves junto com a colaboração de Felisbela Liberato de Matos Carvalho, Oswaldo Imbassahy da Silva e Maria José Mercês Passos fundaram o Curso de Biblioteconomia na Bahia. O curso funcionou primeiramente

¹⁵ Iniciava-se, também, a construção do Catálogo Coletivo de Periódicos, hoje, Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Periódicas do IBICT.

nas dependências da Biblioteca Pública do Estado e depois passa a funcionar no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Bernadette, primeira diretora do curso, entre os períodos de 1942-1951 e 1952-1955, difundiu uma nova concepção da biblioteconomia e da preservação documental na Bahia. Essa importante iniciativa de Bernadette, não só no âmbito baiano mais nacional, mostra o caráter inovador dessa mulher que não se deixou abalar diante do cenário conturbado no qual passava-se o mundo e o país. Uma importante ação dos fundadores da Escola foi a realização de intercâmbios com instituições internacionais da área, como: o *Centre National de Recherche Scientifique (CNRS)*, de Paris, a *Library of Congress*, em Washington e a *National Library of Medicine*, nos Estados Unidos.

Luis Henrique Dias Tavares (UFBA, 1992, p. 166-167, grifo nosso), historiador baiano, relata no discurso que fez parte da programação de comemoração do cinquentenário da Escola de Biblioteconomia que:

Infelizmente sei pouco; na verdade, sei muito pouco da origem da Escola de Biblioteconomia. Mas ainda posso olhar firmemente o passado e ver o ano de 1942. Foi um ano terrível [...]. Indagarão o que terão esses episódios com a Escola de Biblioteconomia. Eu não sei. Confesso que não sei. Mas acredito que não deixa de haver alguma ligação entre as nuances do ano de 1942 – o mundo em guerra, o retorno da escravidão, os povos dominados sob o nazismo, o Estado Novo de Vargas, Dutra e Góis Monteiro e a surpreendente resistência soviética – e a criação da Escola de Biblioteconomia na cidade do Salvador, Bahia. **Algo, enfim, notável, como a flor que nasce no esterqueira. Porquanto foi naquele ano de 1942 que Bernadette Sinay Neves segurou pelos cabelos o feto da Escola**

de Biblioteconomia e puxou-o para a vida (UFBA, 1992, p. 166-167, grifo nosso).

No ano de 1947 o Curso de Biblioteconomia passou a funcionar na Escola Politécnica, prédio onde também estava instalada a Biblioteca da mesma escola. Em 1948 o curso transformou-se em Escola de Biblioteconomia da Bahia com estatuto registrado e publicado no Diário Oficial do Estado de 24 de fevereiro de 1948, utilizando assim às dependências da Universidade Federal da Bahia.

Em 1949 Bernadette Sinay Neves organiza cursos intensivos para professores baianos com o objetivo de apresentá-los as técnicas necessárias para a criação e manutenção de bibliotecas escolares na rede de ensino primário de Salvador. Na época, o então secretário de educação e saúde do Estado, Anísio Spinola Teixeira, mostra-se um grande entusiasta do projeto. Pois, como destaca Tavares (UFBA, 1992, p. 168), Anísio Teixeira estava “decidido a expandir o ensino médio e a fundar bibliotecas nos bairros e nas cidades do interior. Ele precisava, portanto, e muito, de bibliotecárias”.

O curso funcionou de 21 de março a 11 de junho de 1949, com 35 alunas matriculadas, oriundas da Escola Normal e tinha por objetivo habilitar essas professoras a organizar e dirigir as bibliotecas escolares. O programa do curso abrangia: seleção de livros e literatura infantil, catalogação e classificação de livros, organização e administração de bibliotecas e Referência.

Em 1954 a Escola de Biblioteconomia, hoje Instituto de Ciência da Informação – ICI, firma um convênio com a Universidade Federal da Bahia e passa a denominar-se Escola de Biblioteconomia e Documentação da Bahia – EBD. Em 1955, Bernadette assume a chefia do Serviço Central de Informações Bibliográficas (SCIB), idealizado pelo Reitor Edgar Santos. O serviço estava sob a orientação da Escola de Biblioteconomia e sua função era “estimular a produção e circulação de informações no meio acadêmico” (ODONNE, 2007). Porém, com a reforma da Universidade em 1968, o SCIB

transforma-se na Biblioteca Central, hoje o Sistema de Bibliotecas da UFBA.

Em 1956 Bernadette comunica seu pedido de demissão da direção da Escola alegando estar com acúmulo de serviço, mas esclarece que continuará ministrando a cátedra de Problemas Especiais de Documentação. Quem assume a direção é a professora Felisbela Liberato de Matos Carvalho, tendo como vice o professor Oswaldo Imbassahy. Bernadette continua seu trabalho na Escola de Biblioteconomia e em outras atividades referentes à biblioteconomia na Bahia, contudo, antes de se aposentar dedica-se quase que integralmente a direção da Biblioteca da Escola Politécnica, de onde tudo começou.

3.4 BIBLIOGRAFIA

Bernadette Sinay Neves foi sem dúvida uma das mais expressivas personalidades da biblioteconomia no Brasil. Os textos científicos escritos por ela foram publicados dentro e fora do Brasil; são textos escritos para a apresentação em congressos, resenhas para revistas científicas, colaboração na elaboração de normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas, apresentação em conferências, dentre outros.

Seus temas na área eram variados, dentre eles haviam questões como: formação do bibliotecário, documentação, centros de informação, bibliotecas escolares, bibliografia, etc. Há, por exemplo, uma comunicação intitulada “A formação profissional de bibliotecários fora das Escolas de Biblioteconomia”, que foi apresentada na Conferência sobre desenvolvimento das bibliotecas públicas da América Latina, editada e disponibilizada na Internet pela UNESCO em quatro idiomas. Outra publicação internacional foi à elaboração de uma lista de obras de referências brasileiras intitulada “*Manual de fuentes de información*”, pelo periódico *Sabor* de Buenos Aires, além da conferência “*Preparación profesional fuera de las escuelas*” contida na publicação Organização das Nações Unidas para a Educação e a Cultura: *Desarrollo de las*

bibliotecas públicas em América Latina; Manual da UNESCO para as bibliotecas públicas, n. 5.

Além destes, divulga o artigo “A formação profissional de bibliotecários e documentalistas”, publicado pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência; “O Centro Brasileiro de Bibliografia e Documentação” publicado no jornal A Tarde no ano de 1953 e a elaboração do Boletim Técnico Científico publicado em Salvador em 1958.

Na resenha publicada no periódico Boletim Informativo do IBBD intitulada, “Apresentação de trabalhos científicos: colaboração entre documentalista, bibliotecário e cientista”, apresentada no Simpósio de Biblioteconomia que ocorreu no Rio de Janeiro em 1957¹⁶. Bernadette trata das diferenças entre o trabalho do documentalista e do bibliotecário, e como a junção das duas atividades dão subsídios para a elaboração de trabalhos de outros cientistas.

Certamente, a obra mais expressiva na carreira de Bernadette Sinay Neves foi à criação de um índice, publicado em 1954¹⁷, pela Biblioteca da Universidade Federal da Bahia. O índice era uma lista classificada de artigos sobre Engenharia e Tecnologia que foi publicado semestralmente em revistas brasileiras denominado de Índice Tecnológico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A bibliotecária Bernadette Sinay Neves contribui significativamente com a biblioteconomia brasileira. Com sua visão humanista foi capaz de empregar novos métodos a área biblioteconômica unindo técnica e responsabilidade social à profissão. Ressaltou-se neste texto as importantes e originais

¹⁶ IBBD. **Boletim Informativo**. v. 3, n. 5. Rio de Janeiro, set./dez. 1957. p. 273 -276.

¹⁷ Hoje, na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia, encontra-se apenas a ficha (Kardex) do Índice Tecnológico, que registram os números dos anos de 1954, 1955, 1956, 1957, 1961 e 1962. Pelo fato de não ter sido encontrado nenhuma edição do Índice Tecnológico, a análise de seu conteúdo ficou prejudicada.

ferramentas científicas desenvolvidas por ela assim como, sua colaboração para com importantes instituições como o IBBD e a UNESCO.

Diante de uma análise histórica, social, econômica e cultural é possível perceber como a formação da identidade do bibliotecário foi se desenvolvendo no país, fortalecendo assim a imagem deste profissional diante da sociedade e da comunidade acadêmica. As décadas de 30 e principalmente a de 40, ficaram marcadas pela contribuição de diversos bibliotecários no fomento da biblioteconomia, sobretudo pelo fato do aumento das escolas e cursos da área no país.

A criação da Escola de Biblioteconomia foi um importante marco para a biblioteconomia na Bahia. Bernadette Sinay Neves após inserir a escola à academia, buscou integrar a escola com a comunidade, desenvolvendo a criação e reorganização de bibliotecas, arquivos e centros de documentação no Estado.

Em suma, ficou evidente como a contribuição e paixão desta bibliotecária foi fundamental para biblioteconomia baiana e brasileira, tanto no âmbito nacional e internacional. As diversas atividades realizadas e desenvolvidas por Bernadette demonstram seu espírito inovador e ávido por novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

CASTRO, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000.

CASTRO, César Augusto; RIBEIRO, Maria Solange Pereira. As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário. **Revista digital de biblioteconomia e ciência da informação**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 41-52, jan./jun. 2004.

CYSNE, Fátima Portela. **Biblioteconomia: dimensão social e educativa**. Fortaleza: UFC, 1993.

FONSECA, Edson Nery. Desenvolvimento da biblioteconomia e da bibliografia no Brasil. **Revista do livro**. Rio de Janeiro, ano 2, n. 5, p. 95 – 124, mar. 1957.

INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO.
Boletim informativo. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 197, jul./ago.
1956.

ODDONE, Nanci Elizabeth. **Ciência da informação em perspectiva histórica:** Lydia Queiroz Sambaquy e o aporte da documentação (Brasil, 1930-1970). 2004. 157 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

ODDONE, Nanci Elizabeth. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil.
Revista Ciência da Informação, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2006.

ODDONE, Nanci Elizabeth. **Bernadette Sinay Neves:** candidata a medalha Reitor Edgar Santos. Salvador, 2007. 6 f.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro.** Florianópolis: UFSC, 1990. 116 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **A biblioteconomia na Bahia:** 40 anos de atividades. Salvador: [s.n.], 1992.

**“O LIVRO É NOSSO ESCUDO E
ARMA A INTELIGÊNCIA”: O
RELATO DA BIBLIOTECÁRIA
MARIA DA CONCEIÇÃO NOVAES
DIAS**

Marlene Moraes



1 INTRODUÇÃO

A biblioteca escolar é o primeiro tipo de biblioteca que entra em contato com o usuário desde a pré-escola, ou pelo menos, deveria ser. Nas escolas que adotam esse pensamento e o coloca em prática há um melhor desenvolvimento de seus alunos, uma vez que a biblioteca é um anexo da sala de aula.

A pesquisa é uma estreia em relatos de experiência, uma vez que sempre realizei pesquisas apenas bibliográficas ou entrevistas para levantamento de dados quantitativos. E a justificativa para o desenvolvimento deste trabalho foi tornar a conhecimento do público — geral e colegas de profissão — as ações protagonizadas pela bibliotecária escolar do Colégio Pedro II – *Campus* Humaitá II. O título refere-se ao trecho do hino da escola e que muito diz ao campo da Biblioteconomia.

Tem-se como objetivo relatar a experiência da bibliotecária Maria da Conceição Novaes Dias, iniciando pelo ingresso da servidora no Colégio Pedro II - *Campi* Humaitá em 2008 e suas ações profissionais perante a Biblioteca Professor João Baptista de Mello e Souza durante estes 12 anos, em que realizou uma contribuição profissional significativa para a instituição e inspirou outros bibliotecários e bibliotecárias.

Maria da Conceição realizou a sua graduação em Biblioteconomia e Documentação em 1993 a 1997 e já sonhava em trabalhar em uma biblioteca escolar. Durante sua graduação, ela trabalhou em outros tipos de biblioteca: Bibliotecas Universitárias de Medicina e Veterinária (Universidade Federal Fluminense – UFF; Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ); Biblioteca Nacional; Biblioteca Pública de Niterói; Biblioteca Jurídica (Delegacia Regional do Trabalho); Biblioteca Técnica (Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca- CEFET/RJ).

Após formada, ainda obteve experiência em outras Bibliotecas: trabalhou novamente na Biblioteca Nacional; Biblioteca do Itamaraty (RJ), Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB/RJ); Biblioteca da Academia Nacional de Medicina. Mesmo após tais experiências, Maria da Conceição ainda tinha o sonho de trabalhar em uma biblioteca escolar,

pois havia interesse em desenvolver atividades e interagir com alunos e professores.

Assim, ela prestou o concurso público do Colégio Pedro II por duas vezes e passou em 2008. Atualmente, é chefe da biblioteca da referida instituição, a qual já foi, inclusive, objeto de estudo de Dissertação de Mestrado do Departamento de Engenharia de Produção, da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Baseada em produções de pesquisadores da Biblioteca Escolar aliada ao estudo de caso realizado na biblioteca onde a mesma trabalha, a metodologia desta pesquisa teve sua abordagem qualitativa, pois trata-se de dados com campo de pesquisa documental e de estudo explicativo. Para isso, apresenta-se dois momentos: o referencial teórico para a demonstração dos conceitos que levou a este estudo (Biblioteca e o Bibliotecário Escolar) e o relato de experiência da bibliotecária à luz dos conceitos apresentados no capítulo anterior.

2 BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca escolar é o espaço que disponibiliza aos seus usuários materiais de referência, bibliográficos e literatura, além de ser um ambiente da construção do pensamento crítico pela informação disponibilizada nas estantes e nos eventos criados nela.

Pimentel, Bernardes e Santana (2007, p. 23) acrescentam essa definição afirmando que a biblioteca escolar “Funciona como um centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial desenvolver e fomentar a leitura e a informação. [...]”. Além disso, localizada na escola, este tipo de biblioteca é uma interação da sala de aula com currículo escolar, unindo a educação e o conhecimento.

A biblioteca escolar tem este como um dos objetivos e trabalha lado a lado com a área educacional. Fragoso (2002, s.p.) também parte desta premissa, afirmando que “a biblioteca escolar é um centro ativo de aprendizagem. Nunca

deve ser vista como mero apêndice das unidades escolares, mas como núcleo ligado ao pedagógico”.

Dessa maneira, a biblioteca escolar possui suas políticas públicas atreladas à educação. “No que tange à biblioteca escolar, é necessário que as políticas públicas se efetivem, de fato, e que as legislações assegurem e determinem os recursos mínimos necessários para implantá-las.” (GOULART; DIAS; LELIS, 2019, p. 8).

2.1 POLÍTICAS PÚBLICAS

No artigo “Parâmetros para Bibliotecas Escolares Brasileiras: fundamentos de sua elaboração”, Campello et al. (2011) apresentam as políticas públicas brasileiras relacionadas às bibliotecas escolares como base para descrever a elaboração dos padrões de bibliotecas escolares no país.

Os autores citam o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), ambos projetos destinados ao incentivo à leitura. O primeiro foi instituído na Portaria Interministerial nº 1.442, de 10 de agosto de 2006, no qual declara que o objetivo geral é

Art. 1º - Fica instituído o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), de duração trienal, tendo por finalidade básica assegurar a democratização do acesso ao livro, o fomento e a valorização da leitura e o fortalecimento da cadeia produtiva do livro como fator relevante para o incremento da produção intelectual e o desenvolvimento da economia nacional. (BRASIL, 2006).

O PNLL tem melhorado os índices de analfabetismo funcional e desempenho escolar dos estudantes, mesmo com menos da metade das escolas públicas possuindo biblioteca

ou sala de leitura, de acordo com o Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2019.

Já o Plano Nacional Biblioteca na Escola existe desde 1997 e tem como seu objetivo “promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência.” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2020, s.p.).

Para atender todas as demandas, o PNBE divide-se em Literário (textos em prosa e em verso, livros de imagens e livros de história em quadrinhos); Periódicos e Professor (apoio a prática pedagógica de professores da educação básica e Educação de Jovens e Adultos — EJA). Campello et al. (2011) afirmam que há distribuição de acervos e que este Plano tem sofrido modificações para adequação às necessidades educacionais.

Apesar de ter estes projetos e eventos, mesmo com políticas públicas e um discurso positivo perante a biblioteca escolar, na prática ainda não há ações onde aplicam as leis nas bibliotecas escolares, ocasionando um processo retardatário na aprendizagem.

2.2 FOMENTO À LEITURA

A busca pelo conhecimento se dá pelo interesse em procurar informações sobre determinado assunto, independentemente do meio ou plataforma que o indivíduo procura. Assim, precisa-se ler sobre o que busca para compreender, interessar, refletir e debater.

Em vista disso, a biblioteca, como instituição que fomenta a busca pelo conhecimento tem como objetivo principal o fomento a leitura, seja por eventos, palestras ou apenas a disponibilização do acervo em bom estado e acessível.

A biblioteca escolar é envolvida com a educação, a qual também tem a premissa de defender o fomento à leitura. Entretanto, há problemáticas em como este fomento deve ser realizado. De acordo com Campello (2012), nos anos 1980, na escola havia a leitura compulsória de livros a partir da

exigência dos professores, o que ocasionava desmotivação deste hábito.

Assim, o aluno deve ser direcionado à leitura obrigatória ou não, com sugestões e materiais lúdicos para auxiliar na compreensão, principalmente materiais com narrativas transmídia¹⁸. Dessa forma, a biblioteca escolar deve atentar-se em possuir a função além da disponibilização dos livros e leituras obrigatórias: a sua função cultural.

2.3 FUNÇÃO CULTURAL

A importante missão que a biblioteca também possui e que muitos pesquisadores e instituições reforçam é a ideia da formação de cidadãos críticos. Caldin (2005) afirma que a biblioteca escolar obtém seu êxito quando cativa seus usuários para a leitura e o pensamento crítico e criativo, pois um dos objetivos da biblioteca é a formação do cidadão consciente.

O documento “Directrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares” (2006) tem a mesma visão da autora, quando afirma que a missão da biblioteca escolar “desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis.” (IFLA, 2006, s.p.).

Para que a biblioteca escolar obtenha sua função cultural, deve-se pensar além dos livros, a saber: eventos, projetos, dinâmicas para atrair o público e capacitar ao usuário “a pensar, refletir e questionar os saberes registrados – verificar a pertinência, validade, aplicabilidade das ideias contidas nos livros.” (CALDIN, 2005, s.p.).

2.4 BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR

É completamente impossível descrever um espaço tão importante quanto a biblioteca escolar sem falar do

¹⁸ Conteúdos e narrativas contados em diversos meios de comunicação

profissional responsável por ela. O bibliotecário escolar possui o papel de organizar, tratar e mediar o acesso à informação para os alunos e torná-los competentes em informação, em respeito ao currículo da escola e as políticas públicas.

Este papel é imprescindível para o desenvolvimento do estudante, pois o bibliotecário o auxilia a procurar as melhores fontes para encontrar a informação que precisa.

Entretanto, como trabalha em uma biblioteca escolar, há uma limitação: a disseminação da informação, sob a lente educacional e sociocultural. Por isso, este bibliotecário deve atentar-se ao desenvolvimento escolar do estudante para que o melhor material de sua busca possa ser encontrado e auxilie na resolução de seus problemas.

Além disso, este é o primeiro profissional da informação em que o indivíduo tem contato — por estar na escola — e há uma responsabilidade em cativar seus usuários para que se apropriem do ambiente da biblioteca, independentemente do seu tipo. Este profissional tem uma grande reponsabilidade tanto no que se refere ao fomento à leitura quanto a conquistar o leitor a gostar da biblioteca.

3 BIBLIOTECA PROFESSOR JOÃO BAPTISTA DE MELLO E SOUZA

O Colégio Pedro II é uma instituição pública federal e uma das mais tradicionais do Brasil. Fundado em 2 de dezembro de 1837, teve entre seus alunos importantes figuras da República, incluindo o próprio imperador D. Pedro II. Atualmente, há 14 *campi* no município do Rio de Janeiro e fornece Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio Regular e Integrado, Educação de Jovens e Adultos (Proeja), cursos de graduação e pós-graduação voltados a área da Educação.

O *campus* Humaitá foi inaugurado nos anos 1950 e conta com a Biblioteca Professor João Baptista de Mello e Souza.

Este espaço tem cerca de 400m² e, de acordo com o site do *campus*:

A biblioteca possui um acervo significativo de aproximadamente 25 mil itens, composto de livros de referência (dicionários, enciclopédias, anuários, atlas, almanaques, guias, bibliografias e legislação); livros didáticos e paradidáticos; obras de assuntos gerais nos diversos ramos do conhecimento; livros de formação pedagógica e recreativos; obras de literatura em geral, incluindo os clássicos da literatura brasileira; biografias; folhetos; publicações periódicas (revistas, jornais); atlas, mapas e globos; recortes de revistas; alguns jornais; publicações sobre o Colégio Pedro II; e multimeios (CD's, DVD's – livro-áudio). (COLÉGIO PEDRO II, 2020, s.p.).

Em 2008, Maria da Conceição apresentou-se no Colégio Pedro II – *Campus* Humaitá II para posse de seu cargo. Nesta época, a instituição possuía um Conselho Técnico de Bibliotecas do Colégio Pedro II, órgão técnico deliberativo no qual os bibliotecários se reuniam e apresentavam suas demandas para melhorias, discussões técnicas e informatização das bibliotecas dos *campus*. Entretanto, o Conselho não possuía renda própria e dependia de outras fontes para serem realizadas as pautas pendentes.

Segundo a bibliotecária, a mesma fez uma pesquisa de campo em relação à frequência de usuários, serviços que a Biblioteca fornecia e sua estrutura. Em relação ao atendimento, o espaço era muito procurado e os alunos estavam aparentemente satisfeitos, entretanto, realizava-se poucos serviços: empréstimo domiciliar e consulta (empréstimo) local. Sobre a estrutura, a bibliotecária relata sua impressão:

Embora o acervo fosse excelente [...] e o espaço físico da biblioteca também [...], a biblioteca era escura: a pintura era muito antiga, havia sinais de infiltrações. Os livros estavam muito desgastados e sujos. Não havia ar condicionado, o calor era intenso. E não havia possibilidade de compra de livros, nenhum recurso financeiro. O catálogo que existia não correspondia ao acervo, era obsoleto. As estantes eram frágeis, amarradas de barbantes e balançavam ao serem tocadas, além de oferecer riscos ao patrimônio e a vida humana. (DIAS, 2020, s.p.)

A preocupação da bibliotecária cumpriu com a principal tarefa que Fragoso (2002, s.p.) apresenta em relação aos bibliotecários escolares: “tornar a biblioteca da escola um lugar agradável, dinâmico, onde prevaleça um clima de harmonia entre ele e o público, seja qual for a faixa etária ou a posição deste na hierarquia da escola.”.

3.1 OS PRIMEIROS PASSOS

A IFLA (2006) afirma a importância do papel da biblioteca escolar na Educação e que este deve refletir nas condições de seu espaço, mobiliário e equipamentos. Além disso, aponta algumas considerações da localização do espaço: ser acessível, livre de ruídos, dimensão adequada para compor seu acervo e conter áreas diferentes para estudo e consulta; leitura; zona de ensino para trabalhos em conjunto; e administrativa para atendimento.

A biblioteca deve ser segura, com boa iluminação, possuir mobiliário robusto, durável e funcional, assim como promover a disponibilização de equipamentos eletrônicos, informáticos e audiovisuais. As condições da Biblioteca no ano de 2008 descritas pela bibliotecária eram muito distantes de uma biblioteca escolar ideal documentada pela IFLA.

Em vista disso, a servidora elaborou relatórios sobre o estado em que a Biblioteca se encontrava, nos quais incluiu a solicitação de ar condicionado, limpeza diária da Biblioteca, novos livros e novo mobiliário, mas, “[...] *principalmente, as estantes, as quais ofereciam riscos, já demonstravam fragilidade devido a antiguidade.*” (DIAS, 2020, s.p.)

Em novembro de 2009, Maria da Conceição recebeu um memorando da Direção do Colégio, onde constava o plano de modernização da escola e nele continha a promessa de pintura das paredes, reparo das infiltrações, troca do piso, assim como a colocação de aparelhos de ar-condicionado. Durante o período de obras, as estantes anteriormente citadas desabaram em setembro de 2010, segundo ela em “efeito dominó”.

Surgem outras batalhas: a reorganização da biblioteca como um todo e a aquisição de novas estantes. Toda ordem de classificação foi comprometida, tendo que reorganizar todo o acervo. A compra das estantes estava bem distante, pois há um trâmite legal¹⁹ que o serviço público precisa acatar. (DIAS, 2020, s.p.)

O processo foi demorado para a autorização, compra e chegada do material solicitado. Durante os meses de espera, a bibliotecária organizou o acervo por cima de mesas que estavam disponíveis.

A chegada das estantes foi apenas do acervo geral (livros em geral e periódicos): ainda faltava o mobiliário da literatura infantojuvenil e obras de referência. Maria da Conceição relata o cotidiano de reorganização do acervo:

*Eu e outra funcionária (Marcia²⁰)
trabalhávamos 10 horas por dia, sem*

¹⁹ Art. 8º do Decreto Lei nº 245/67, de 28 de Fevereiro de 1967

²⁰ Márcia dos Olmos Fagundes: Assistente em administração e parte da Equipe da Biblioteca do Colégio Pedro II – *Campus Humaitá II*

almoço e, na maioria das vezes, sem sair do local de trabalho. Sem descanso, apenas comendo frutas, coisinhas que levava de casa. Fizemos por amor e dedicação, não éramos obrigadas. Apesar da colega não ser bibliotecária, compartilhávamos do mesmo sonho: ver a biblioteca erguida, funcionando e viva. (DIAS, 2020, s.p.).

Meses depois, houve chegada de novas estantes, diferentes das primeiras recebidas, o que possibilitou a reorganização de todo o acervo e a reabertura da Biblioteca em março de 2011. A partir deste evento, a direção do Campus Humaitá II (à época, a Profa. Glória Vianna) presenteou uma Menção Honrosa à bibliotecária em reconhecimento de seu esforço e dedicação.

3.2 E.V.A. — ENCONTRO VOLUNTÁRIO DE ALUNOS

Neste momento, a entrevistada relata de maneira mais pessoal sobre mim, a autora deste artigo, que fui nesta época, aluna do 1º ano do Ensino Médio e sobre o meu trabalho voluntário realizado de 2012 até 2016:

A Biblioteca reabriu em março de 2011, os alunos e usuários em geral ficaram muito felizes, mas uma aluna (Marlene Oliveira) me chamou atenção. Enquanto trabalhávamos, a Biblioteca ficava fechada, por medida de segurança. Eu só não sabia que uma aluna observava a organização da biblioteca [...] pela vidraça das janelas. Ela viu a biblioteca no chão, o nosso esforço... e quando entrou pela primeira vez na Biblioteca na reinauguração, foi as lágrimas... [...]
A partir desse dia, a Biblioteca não só ganhou uma usuária assídua, leitora voraz, como também uma grande admiradora, amiga. Com muito amor, segundo ela, como

retribuição ao esforço pela biblioteca erguida, mas principalmente, por amor aos livros e com certeza pela sua essência de bibliotecária, (que apesar de ainda estar no ensino médio e não ter a formação de bibliotecária, eu tinha certeza que seria de uma grande bibliotecária. [...] como se apresenta, hoje, para orgulho de todos, mestranda da UFMG. Todos os dias a Marlene frequentava a biblioteca e idealizou um projeto de recuperação dos livros do acervo intitulado EVA – Encontro Voluntário de Alunos. Neste projeto, reuniam-se alunos a convite dela e juntos realizavam pequenos reparos nos livros: encapavam com contact a fim de preservar as capas e livros sem capas eram reconstituídos. A partir de pesquisa do original, dessa forma, a obra “Os Lusíadas” foi recuperada. Era uma verdadeira oficina de obra de arte: muitas obras sem condição de uso, foram devolvidas ao público. (DIAS, 2020, s.p.)

Agradeço pelo carinho e consideração da entrevistada pelo E.V.A. — e por mim — sempre que fala. De fato, o projeto definiu a minha profissão e meus interesses acadêmicos nas áreas da Biblioteconomia, Ciência da Informação e Conservação. Entretanto, quem aceitou a ideia de o projeto existir e defendê-lo com toda sua força foi ela. Foi uma das minhas maiores motivações para eu terminar a graduação, prestar concursos públicos e ingressar no Mestrado em Ciência da Informação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Apesar do grupo ter findado por razões pessoais e logísticas, eu ganhei, a pedido da própria bibliotecária à diretora do Colégio, uma Menção Honrosa em homenagem a este trabalho no ano de 2013, ano em que me formei no Colégio.

3.3 SEÇÃO DE BIBLIOTECAS E SALAS DE LEITURA

Em abril de 2014, através da Portaria 2010, de 01 de abril de 2014, a Reitoria criou a Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura, vinculada à Diretoria de Assistência Estudantil, da Pró-Reitoria de Ensino (PROEN) sob a chefia da bibliotecária Dra. Márcia Feijão. “Essa medida foi relevante para essa modernização porque media as relações e promove junto a Reitoria as demandas das bibliotecas e salas de leitura.”. (FEIJÃO *apud* COLÉGIO PEDRO II, 2017, s.p.).

Com a criação da Seção, a rede de bibliotecas do Colégio Pedro II adquiriu um outro formato. A Dra. Márcia Feijão desenvolveu um relatório em 18 de dezembro de 2014, apresentando as principais atividades desta Seção e, conseqüentemente, justificando a manutenção do setor para a Diretoria do Colégio. As atividades citadas são: atualização dos acervos; aquisição de mobiliário; automação das bibliotecas; criação e reunião dos grupos de trabalho (GT); Acervos Aloysio Jorge do Rio Barbosa e Geraldo Vieira Pinto; ISBN de publicações institucionais; desocupação do subsolo da Biblioteca Central; criação de código padrão MARC pela *Library of Congress*; convênio com o curso de Licenciatura em Biblioteconomia da UNIRIO para capacitação de auxiliares de biblioteca; divulgação no diretório *Library.org* que mapeia o uso de tecnologias em bibliotecas de todo o mundo; quantitativo de acervo de todas as bibliotecas, miatecas e salas de leitura; e capacitação de servidores de biblioteca e salas de leitura. Sobre o projeto, a entrevistada infere: “[...] *Posso afirmar que o projeto foi implantado com sucesso, coordenado até hoje pela mesma bibliotecária citada acima.*” (DIAS, 2020, s.p.)

No ano de 2019, a Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura passou a se chamar Central de Bibliotecas, ainda sob a responsabilidade da bibliotecária Márcia Feijão e as funções supracitadas ainda em execução.

3.4 REINAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA

Em novembro de 2017, houve a visita do Conselho Regional de Biblioteconomia da 7ª região (CRB-7) para a fiscalização da aplicação da Lei 12.244, de 24 de maio de 2010. *“Na Biblioteca do Campus Humaitá II nenhum ponto negativo foi atribuído. Na vista geral à biblioteca, a fiscal ficou bastante contente com a organização e recursos em geral da mesma.”* (DIAS, 2020, s.p.). No documento, a Bibliotecária Fiscal não atribuiu nenhum ponto negativo ao espaço, alegando que encontrou uma biblioteca organizada, descrevendo quantitativamente a equipe participante e suas funções.

Apesar dos grandes avanços das bibliotecas do Colégio, na Biblioteca do Humaitá II havia novas infiltrações, desta vez, no telhado, ocasionando perdas de obras do acervo por goteiras.

Em março 2018, diante do cenário de caos no interior da biblioteca, com baldes espalhados pelo salão de leitura, pedaços de rebocos caindo, partes interditadas, a pintura cheia de mofos, novamente entrei em ação: foram muitos e-mails institucionais, memorandos, cobranças pela solução do problema. Ciente e sensibilizada com a situação, a direção do Campus destinou uma parte do orçamento para recuperação da laje da biblioteca. Toda laje foi refeita, impermeabilizada, com a aplicação de manta asfáltica. (DIAS, 2020, s.p.)

A Biblioteca foi fechada em março e realizou sua reinauguração em 29 de outubro, Dia Nacional do Livro, com o tema “Alunos: os protagonistas da biblioteca na reinauguração e comemoração do Dia Nacional do Livro”, com participação da equipe de Biblioteca, Reitoria, Direção, alunos e ex-alunos do *Campus*. A bibliotecária-chefe justifica a escolha do tema em seu relato:

Queria fazer algo voltado aos usuários, leitores da biblioteca. Então, a escolha do tema teria que ser uma homenagem a eles e, como presente, a devolução da biblioteca linda, sem aquele cenário de caos, conforme citado anteriormente. (DIAS, 2020, s.p.)

O evento teve a mesa mediada pelo professor de português, Wagner Trindade. “Segundo ele, a reforma da biblioteca, mostra ‘que o coração do colégio está pulsando.’” (DIAS *apud* TRINDADE, 2020). A mesa foi composta por alunos do Grêmio Estudantil, Nichollas Schmidt, Agatha Cris e Kaike Penchel; e os ex-alunos André Amador, Ana Beatriz Assumpção e a autora deste artigo, Marlene Moraes. Houve apresentações do novo Cordel, o lançamento do novo volume “Ao Pedro II Tudo ou Nada? Memórias do cotidiano no CPII, de 1942 a 2014” e depoimentos dos alunos relacionados à Biblioteca.

3.4 PROJETOS E EVENTOS

No campo “Função Cultural da Biblioteca Escolar”, o documento da IFLA sugere organizar eventos especiais como exposições, eventos com autores, dias internacionais voltados a literacia, e, caso houver espaço físico, apresentações de alunos para os pais e responsáveis sobre literatura e contações de histórias.

Em 2019, muitas parcerias foram firmadas com professores e alunos, o que se tornou possível a realização de muitos eventos na Biblioteca. A entrevistada citou alguns eventos que aconteceram durante o referido ano:

- *Liberdades: mulheres, trabalho e leitura (17/06/2019)* - Mesa-redonda organizada pela profa. Nathalia Cardoso (Departamento de Língua Portuguesa), que convidou a Biblioteca para participar. Participaram da mesa de debate: professora da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense (UFF), Nazira Camely; a escritora, compositora e percussionista Manu da

Cuíca; e as ex-alunas do Humaitá II, a advogada Thais Mattos, e a estudante de Design de Moda, Vitória Flores.

- *BaObaozinho: contos da tradição africana e afro-brasileira* (15/08/2019) - contação de história de contos africanos e brasileiros pela arte-educadora, Juliana Correia, sediada na Biblioteca. Este evento é parte do projeto "Denegrindo Olhares", realizado pelo Coletivo de Negres Lélia Gonzalez, em parceria com os professores Vidal Assis (Departamento de Biologia) e Cristiano Campos (Departamento de História).

- *Educação e (re)existência* (27/08/2019) - A profa. Nathalia Cardoso (Departamento de Língua Portuguesa) planejou o evento com a Biblioteca e alunos, no qual a Biblioteca atuou como organizadora.

- *Sistema político brasileiro: diálogos e reflexões* (26/09/2019) - Mesa-redonda organizada pelos estudantes Natália Dias e Rodrigo Aguiar, sediado pela Biblioteca. Participaram da mesa de debate: a advogada Damiane Nachtigal; o professor de Sociologia, Afrânio Oliveira, e a Dra. Havana Marinho.

- *Dia do Aposentado* (16/09/19) - cerimônia realizada em homenagem a funcionários aposentados, organizado pela direção e Biblioteca.

- *Literatura em foco: como nasce um livro?* (30/10/2019) - em comemoração do Dia Nacional do livro com a participação de a escritora Bárbara Garret; o poeta David Cohen, e as profas. Gika Mendonça (Departamento de Espanhol) e Ana Bernardes (Departamento de Língua Portuguesa).

- *Simulação do Conselho de Segurança da ONU* (23/11/2019) - ensaio geral dos alunos participantes do "Jovem ONU²¹", organizado pela profa. Cristiane

²¹ Projeto de "Simulação de conferências realizadas pelas lideranças mundiais que compõem a Organização das Nações Unidas.". (COLÉGIO PEDRO II, 2020)

(Departamento de Geografia), com realização na Biblioteca.

A bibliotecária ainda relata um evento com mais detalhes do que os demais por se tratar de um público que não conhecia o espaço. Para a contextualização, o Colégio Pedro II atende alunos do 1º ao 5º ano no *campus* Humaitá I (conhecidos como Pedrinho) e do 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio no *campus* Humaitá II (conhecidos como Pedrão). Sendo assim, os alunos do 5º ano, ao tornar-se do Pedrão, mudam de *campus* e adquirem uma nova rotina de estudos.

Com o intuito de interagir e recepcionar os alunos do 5º ano, no final de 2019, a Biblioteca realizou uma atividade chamada “Caça ao Tesouro na Biblioteca”, na qual houve a apresentação da Biblioteca, seus serviços, regras de convivência e funcionamento no modo geral, e a brincadeira de encontrar dois livros na sessão de Literatura InfantoJuvenil (na categoria Suspense), na Gibiteca e no Acervo-Geral (na categoria História).

Como apenas 02 alunos teriam a possibilidade de encontrar o tão sonhado tesouro, a Biblioteca presenteou todos os alunos com um certificado de presença [...], para que os mesmos pudessem guardar de recordação. Assim, evitaria a ideia de competição, proporcionando a todos algo que marcasse essa visita. Na minha avaliação, todos os alunos assim como professores gostaram da recepção, notei encantamento por parte de todos, não só pelo espaço grandioso da biblioteca e dos seus recursos informacionais como também da atividade proposta, que foi super legal! (DIAS, 2020, s.p.)

Os projetos da Biblioteca auxiliam na interação do público que não conhece o espaço por falta de interesse,

oportunidade ou que conhece e procura as novidades desta unidade de informação para o desenvolvimento intelectual.

3.5 SOBRE O FUTURO

Atualmente, a Biblioteca possui dois projetos em andamento, que já têm seus planejamentos desde 2019. São eles: *Clube da Leitura* e *Adote Um Atraso*. Este último, a bibliotecária explica que é um “*Projeto de conscientização quanto a devolução e/ou renovação dos prazos de empréstimos das obras.*”. (DIAS, 2020)

Os projetos apenas não estão sendo realizados por falta de pessoal²², pois ela trabalha no período vespertino e noturno e faltam auxiliares de biblioteca para o projeto funcionar em outros horários.

Sua equipe é composta atualmente por: Maria da Conceição Dias (Bibliotecária Chefe); Luiz Paulo Penna e Ricardo Castro (assistentes em administração); Jorge Macena (auxiliar de biblioteca, graduado em Biblioteconomia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO) e Maria Clara Alarcão (estagiária de Biblioteconomia, graduanda em Biblioteconomia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO). Apesar de obter a equipe atendendo os três turnos do *campus*, ainda são poucos servidores para o próximo grande desafio: a informatização da Biblioteca.

Tenho ciência do grande desafio, que é a informatização da biblioteca, com poucos servidores e tantas outras dificuldades, funcionando nos três turnos. Mas para quem realizou um sonho de trabalhar nesta Instituição centenária, que é o Pedro II, de ensino gratuito, de excelência, parte da nossa história, é um orgulho imensurável,

²² Este capítulo foi desenvolvido antes da pandemia.

sem palavras! Pronta para os próximos desafios e novos sonhos! (DIAS, 2020, s.p.)

A Biblioteca tem o horário de funcionamento de segunda à sexta-feira, das 7:00 às 21:10 horas, e aos sábados, das 9:00 às 15:00 horas, horários em que há aulas para alunos que desejam frequentar o espaço no contraturno.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de conhecimento dos profissionais da informação que a biblioteca, museu e outros espaços de informação, independentemente de seu tipo, não é um espaço de armazenamento de livros ou objetos. Entretanto, a grande população ainda não tem este conhecimento ou consideram que bibliotecas são espaços elitizados.

A mudança deste cenário, depende dos próprios profissionais da informação, principalmente dos Bibliotecários Escolares, pois sua atuação é na área da Educação e seus usuários são majoritariamente o público infantojuvenil.

A pesquisa utilizou documento de diretrizes e artigos como base-teórica para exposição do relato de experiência, uma vez que reforçar o levantamento bibliográfico de pesquisadores da área é relevante para auxiliar pesquisadores novos e experientes a darem a continuidade dos estudos, evitando de começar do zero.

Com o relato de experiência de Maria Conceição Novaes Dias, compreende-se que não há melhorias em uma biblioteca escolar se não houver profissional com formação na área da Biblioteconomia, pois, apesar de sua equipe preocupar-se e importar-se com a Biblioteca, o conhecimento do bibliotecário permite que este espaço não limite-se apenas em visitas e empréstimos, conforme a própria entrevistada relatou. Visitas e empréstimos são importantes, mas a biblioteca escolar pode e deve oferecer além para se tornar um organismo de produção e disseminação do conhecimento e sempre em constante crescimento.

Vale salientar que mesmo após tantas melhorias e contribuições para a biblioteca, o bibliotecário escolar deve manter seus projetos e/ou realizar novos, para que mantenha seus usuários com frequência de visitas por suas novidades e atualizações. A bibliotecária não relatou, mas achei a medida de adquirir o livro dos recordes *Guinness World Records*²³ todos os anos uma ideia inovadora e chamou a atenção do seu público, principalmente alunos do 6º e 7º anos.

É importante também frisar que tenho ciência das dificuldades dos bibliotecários escolares em relação a verbas, espaço e acervo disponibilizados e que o Colégio Pedro II, apesar de ser privilegiado em relação a acervo e espaço, também passou por muitas dificuldades de estrutura e verbas. Entretanto, a bibliotecária não estagnou em momento nenhum e, ao seu alcance, fez o que podia para gerir a Biblioteca em que trabalhava.

Assim, a pesquisa mostrou que um bibliotecário escolar engajado nas tarefas de competência informacional, mediação de leitura e conhecimento é fundamental para o crescimento da escola e o desenvolvimento de seus usuários. Este espaço é cultural, informativo e dinâmico e, por isso a escola deve olhar para ele com tanta importância quanto os demais setores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-Lei nº 245, de **28 de fevereiro de 1967**.

Transforma o Colégio Pedro II em autarquia e dá outras providências. Brasília-DF, fev. 1967.

BRASIL. **Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília-DF, mai. 2010.

²³ A maior autoridade em conquistas recordistas, na qual lança um livro todos os anos com os recordes de diversas categorias.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões Acerca do Papel do Bibliotecário de Biblioteca Escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia**, Santa Catarina, v. 10, n. 2, p. 163-168, 2005.

CAMPELLO, Bernadete Santos. A Função Educativa da Biblioteca Escolar no Brasil: Perspectivas para o Seu Aperfeiçoamento. **Anais do V ENANCIB**, Belo Horizonte, 2003.

CAMPELLO, Bernadete Santos; et al. Parâmetros para Bibliotecas Escolares Brasileiras: fundamentos de sua elaboração I. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 21, n. 2, p. 105-120, mai-ago. 2011.

COLÉGIO PEDRO II. **Alunos do Humaitá II participam do projeto 'Jovem ONU' da Escola SESC**. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/blog/humaitaii/2020/01/10/alunos-do-humaita-ii-participam-do-projeto-jovem-onu-da-escola-sesc/>. Acesso em 25 mai. 2020.

COLÉGIO PEDRO II. **Alunos são protagonistas na solenidade de reinauguração da biblioteca do Humaitá II**. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/blog/humaitaii/2018/10/30/alunos-sao-protagonistas-na-solenidade-de-reinauguracao-da-biblioteca-do-humaita-ii/>. Acesso em 25 mai. 2020.

COLÉGIO PEDRO II. **Biblioteca do HU2 realiza evento em comemoração ao Dia Nacional do Livro**. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/blog/humaitaii/2019/10/25/biblioteca-do-hu2-realiza-evento-em-comemoracao-ao-dia-nacional-do-livro/>. Acesso em 25 mai. 2020.

COLÉGIO PEDRO II. **CPII 180 anos: Modernização de bibliotecas e salas de leitura melhora atendimento ao público**. Disponível em: http://www.cp2.g12.br/ultimas_publicacoes /223-noticiaas2017/7075-moderniza%C3%A7%C3%A3o-de-bibliotecas-e-salas-de-leitura-melhora-atendimento-%C3%A0-comunidade-escolar.html. Acesso em 22 mai. 2020.

COLÉGIO PEDRO II. **História do CPII**. Disponível em: http://www.cp2.g12.br/historia_cp2.html. Acesso em 15 mai. 2020.

COLÉGIO PEDRO II. **Mesa-redonda 'Liberdades: mulheres, trabalho e leitura' lota biblioteca do HU2**. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/blog/humaitaii/2019/06/21/ Mesa-redonda->

liberdades-mulheres-trabalho-e-leitura-lota-biblioteca-do-hu2/. Acesso em 25 mai. 2020.

COLÉGIO PEDRO II. **Relatório de atividades - Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura**. Disponível em: https://www.cp2.g12.br/atos_administrativos/2371-relat%C3%B3rio-de-atividades-se%C3%A7%C3%A3o-de-bibliotecas-e-salas-de-leitura.html. Acesso em 22 mai. 2020.

CRUZ, Priscila; MONTEIRO, Luciano (org.). **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2019**. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/302.pdf. Acesso em 27 mai. 2020.

INTERNACIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares**. Trad. Maria José Vitorino. Lisboa: International Association Of School Librarianship, 2006.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na Escola. **Revista ACB: Biblioteconomia**, Santa Catarina, v. 7, n. 1, p. 124-131, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOULART, Ilsa; DIAS, Magna; LELIS, Danielle. O Espaço Físico das Bibliotecas Públicas Escolares: entre o legal e o real. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 2, 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em 27 mai. 2020.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. **Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL)**. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/pnll/>. Acesso em 27 mai. 2020.

SOUZA, Juliana Daura. **A Biblioteca e o Bibliotecário Escolar No Processo De Incentivo À Leitura: uma pesquisa bibliográfica**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

HISTORIAS DE VIDA DE MUJERES BIBLIOTECÓLOGAS Y BIBLIOTECARIAS LATINOAMERICANAS: FRAGMENTOS DE UNA MEMORIA

Natalia Duque Cardona
Yolima Monsalve Carvajal



“El desafío de esta nueva autonomía reside en construir lazos sur-sur que nos permitan romper los triángulos sin base de la política y la academia del norte. Construir nuestra propia ciencia –en un diálogo entre nosotros mismos– dialogar con las ciencias de los países vecinos, afirmar nuestros lazos con las corrientes teóricas de Asia y África, y enfrentar los proyectos hegemónicos del norte con la renovada fuerza de nuestras convicciones ancestrales” (2010, p. 73)

1 INTRODUÇÃO

En el marco de la publicación del libro ***O protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação: celebrando a contribuição intelectual e profissional de mulheres latino-americanas***, nos hemos aventurado en la tarea de transitar relatos diversos en voces caribeñas y latinoamericanas femeninas que amplíen la mirada y el campo de conocimiento acerca de la Bibliotecología y la Ciencia de la Información en la contemporaneidad, que sigan surcando por el impetuoso reclamo de una autonomía en perspectiva Sur de la ciencia, dando lugar a la producción de conocimientos que vivifiquen y potencien el saber en relación con el territorio y las comunidades en las cuales existe.

Quienes hemos estudiado Bibliotecología y hemos hecho de esta disciplina parte indisoluble de nuestra existencia y experiencia, somos conscientes de varios hechos que nos muestran la dependencia de esta con perspectivas hegemónicas de la ciencia y que nos ponen en la actualidad retos como el que hoy decidimos afrontar al aventurarnos en la escritura de un texto como este:

- La Bibliotecología ha sido considerada históricamente una técnica y su estatus científico cuestionado, poniéndola en un lugar de subordinación respecto a otras ciencias como la Pedagogía, la Sociología, la

Ciencia Política, entre otras. Aun cuando esta es una ciencia fundamental en la actualidad tan relevante como las anteriores para el desarrollo social.

- La Bibliotecología ha sido históricamente en América Latina y el Caribe, una profesión ejercida y estudiada mayoritariamente por mujeres, razón por la cual, subyace a esta una especie de estigmatización, vinculada con ser una ciencia menor de la que se ocupan “las mujeres”. Esto último no quiere decir que no existan hombres en la Bibliotecología, de hecho los hay, muy relevantes, y en general son estos los reconocidos teóricos y académicos que han aportado a la Bibliotecología. Es escasa la fundamentación de la misma en la voz de mujeres, y no porque no exista, sino por un fenómeno constitutivo a la sociedad: el patriarcado del cual no escapa la ciencia.

La memoria oficial y constituida de la Bibliotecología, incluso nos ha ocupado de conocer una perspectiva hegemónica de la misma, la anglosajona (Shera), la Soviética (Chubarian) y muy escasamente la Hindú (Ranganathan), sin embargo, desde los 90´gracias a la inflexión decolonial, hemos ampliado la perspectiva de las Ciencias Humanas; así como también, a quienes nos hemos ocupado de proponer una perspectiva latinoamericana de la Bibliotecología que permita situar el saber epistémico en perspectiva intercultural y anti-colonial²⁴. Este ejercicio sigue siendo un esfuerzo a ello. Una posibilidad de ampliar las miradas de memorias oficiales a memorias subterráneas²⁵ y emergentes

²⁴ Lo anti-colonial entendido como lo propone Silvia Rivera Cusicanqui, es una lucha por la justicia social que viene dándose en América Latina y el Caribe desde tiempos coloniales por los pueblos y comunidades que fueron víctimas de actos de barbarie y saqueo cultural impuestos por la colonización.

²⁵ De acuerdo con Pollak, las memorias subterráneas emergen como oposición abanderada ante las memorias colectivas, nacionales y

que circulan en nichos restringidos, y que esperan estar intactas “hasta el día en que puedan aprovechar una ocasión para invadir el espacio público y pasar de lo “no-dicho” a la contestación y la reivindicación” (Pollak, 2006), de ampliar la perspectiva epistémica latinoamericana de la Bibliotecología.

Este capítulo es una invitación a –sin dejar, por supuesto, de conocer los clásicos de la Bibliotecología–, darle lugar a las voces actuales que se esfuerzan a diario por posicionar esta ciencia. Aquí yacen las voces de mujeres bibliotecarias y bibliotecólogas que han dedicado su vida profesional imbricada con su vida íntima a la Bibliotecología y han generado valiosos aportes a la perspectiva social de la ciencia, fortaleciendo el tejido social a partir de su ser, saber y hacer. Miradas y aportes que han permitido a la Bibliotecología establecer relaciones inter y transdisciplinarias, serán relatados a través de las historias de vida de Mercy Delgado Cordero (Puerto Rico), Marcela Velásquez Guiral (Colombia), Mercedes Alfonso Chomat (Cuba), Sonia Amaya (El Salvador), Paulina Szafran (Uruguay) y Elsa Margarita Ramírez Leyva (México).

Esperamos que este sea un aporte a la inclusión y decolonización de los referentes, y a la apertura de voces femeninas en el día a día de la Bibliotecología latinoamericana y del Caribe para seguir tejiendo puentes sur-sur que fortalezcan el sentido social de la Bibliotecología.

oficiales, dando lugar a relatos que no han estado en el escenario público

2 UNA VOZ DE LA BIBLIOTECOLOGÍA CARIBEÑA - MERCY DELGADO CORDERO (PUERTO RICO)



La memoria es frágil y el transcurso de una vida es muy breve y sucede todo tan deprisa, que no alcanzamos a ver la relación entre los acontecimientos (...) creemos en la ficción del tiempo, en el presente y el futuro, pero puede ser también que todo ocurre simultáneamente.
La casa de los espíritus - Isabel Allende

Mercy, quien ama las piñas, su cabello afro, su compañero y sus perros, es una defensora de la Bibliotecología en el Caribe Puertorriqueño; recuerda que la idea de estudiar dicha profesión, le llegó por la literatura.

Estaba ella en noveno grado, no solía portarse muy bien; tal vez por ello, durante un verano, su mamá con la intención de controlarla, le ofreció \$20 dólares a cambio de que se leyera el libro que le despertaría el amor por la lectura: **La casa de los espíritus** de Isabel Allende. “Pues ahora lo que tú leas, va a ser por tu cuenta, no te voy a pagar más”, fue la sentencia de su animadora, una vez cumplido el objetivo de engancharla para siempre al mundo de los libros: **la lectura fue para mí la salvación**, expresa ella.

Así pues, luego de estudiar su bachillerato en **Literatura Comparada** con una segunda concentración en **Historia del Arte**, a pesar de la preocupación de su madre por su futuro laboral dada la falta de empleos en las Humanidades, viniendo de un entorno de pobreza, hace un certificado postgrado en **Edición y Artes Editoriales** que si bien le permitió trabajar como editora, la puso a pensar en que no le gustaba hacer libros ni editarlos, sino estar entre libros ya hechos. De ahí que, decidiera estudiar la Maestría en **Bibliotecología y Ciencias de la Información**, donde por supuesto, se dio cuenta de que la biblioteca no era simplemente ese espacio silencioso y rodeado de libros que se imaginaba: **la biblioteca es mucho más que custodiar y prestar libros**, reflexiona.

Lo anterior, la llevó a querer hacer el Doctorado en **Liderazgo de Organizaciones Educativas**, orientando todos sus cursos al entorno de las bibliotecas como espacio de formación, especializándose en el tema: "El bibliotecario ante el cambio de época". Sus reflexiones giraban en torno a la pregunta ¿Cómo evolucionó el rol del bibliotecario ante la llegada de las nuevas tecnologías de información y comunicación y cómo usa el liderazgo para transformar sus prácticas? Su estudio obtuvo el **Premio a disertación doctoral distinguida del Año Académico 2018-2019** en la Facultad de Educación en la Universidad de Puerto Rico Recinto de Río Piedras. Un logro a nivel profesional, pues el hecho de que le hayan dado el premio a alguien que lo elaboró enmarcado en la Biblioteca, es para ella un privilegio que comparte con todo el gremio.

Al llegar a las bibliotecas, Mercy se enamoró perdidamente y se convirtió en una asidua defensora de la importancia de las mismas. Por ello, este es el mensaje que se ha dedicado a transmitir a partir de todas sus participaciones en congresos, conferencias y ponencias, así como también, en programas radiales. Además, colabora con grupos como el movimiento *Puerto Rico Necesita Bibliotecas*, de dos amigas y colegas puertorriqueñas: la Profa. Rossana Isabel Barrios y la Dra. Ana Medina, a través de prácticas como el cabildeo, con la misión de llevar el mensaje del por qué en Puerto Rico

hacen falta bibliotecas, y de paso, visitando y documentando a diferentes bibliotecas para que la gente se de cuenta de su existencia y todas sus posibilidades.

En tal sentido, la manera en que Mercy concibe la Bibliotecología, está muy ligada a la biblioteca, no sólo como el espacio educativo que tradicionalmente ha sido, sino desde su misión social que implica salir de ese espacio para ir hacia la comunidad. Ello, a fin de contribuir a la construcción de experiencias relacionadas también con el entretenimiento y la cultura. Concibe, la Doctora, que la mayor aportación de la biblioteca es el peritaje o la experiencia del bibliotecario, aquello que sabe y puede servirle a otros para su desarrollo y acceso a herramientas sociales y tecnológicas que les permitan tener una mejor calidad de vida, a partir del buen uso de la información. Eso es para ella la biblioteca dentro del entramado de la Sociedad del Conocimiento y la Información. Por lo anterior, piensa que, los tres pilares de la biblioteca deben ser: el acceso a la información, las experiencias culturales y la educación. Asimismo, considera de suma importancia el hecho de que la gente entienda que tiene derecho a ser informada, a tener una vida cultural plena, a encontrar pertenencia y pertinencia en los libros: **¿Cómo estando ubicados en un espacio podemos servirle a quienes están alrededor?, ¿Cómo lo que yo sé le puede servir a otros para tener una mejor calidad de vida?**, se pregunta.

Justo esa idea de servirle a los demás para posibilitarles una mejor calidad de vida, la ha llevado a hacer grandes aportaciones que han marcado su carrera; entre las cuales resalta, principalmente:

- La primera vez que, trabajando como bibliotecóloga profesional en la Universidad Metropolitana de Puerto Rico, se dirigió a un público de 300 personas para hablar del plagio en la academia y cómo la biblioteca es una aliada para prevenirlo: **Evitamos el plagio cuando la comunidad entiende que tiene un compromiso con su propio aprendizaje, y que si se copia no se lleva el conocimiento que vino a adquirir en**

la Universidad. Es un asunto de ética académica, pero sobre todo personal, resalta que fue el mensaje transmitido a través de este foro.

- Consciente de la importancia de integrarnos en el desarrollo de política pública, participó en la **Comisión para el Desarrollo Cultural (CODECU)** de su país, para la cual, se había convocado a distintos gremios culturales, pero se les había olvidado la que, desde su punto de vista, debería ser considerada la casa de la cultura, dadas las experiencias culturales que promueve. En esta ocasión, gracias a un recordatorio amistoso que hiciera el Dr. José Sánchez de la Escuela Graduada de Ciencias y Tecnologías de Información de la Universidad de Puerto Rico, les fue permitido ser parte de la CODECU representando el gremio cultural bibliotecario, llevando a cabo el Encuentro Nacional de Bibliotecarios en Puerto Rico; ella pudo hacer allí una ponencia magistral titulada **Importancia comunitaria y social de las bibliotecas.** Además, aparecer en la publicación oficial del gobierno que preparó la CODECU: **Hilando voluntades: Cultura para la equidad, la diversidad y el emprendimiento.**
- Hizo parte de proyectos como el denominado **Bibliotecas para la cárcel,** cuyo interés principal, es pensar cómo llevar libertad a esos confinados de su comunidad de Bayamón, a través de las letras: **Porque uno sabe que un libro puede cambiar vidas,** argumenta.
- Presentado la ponencia **UPRB Lee: Plan para el desarrollo de una Universidad lectora en el siglo 21** en el 1er Encuentro Universitario **Lectores: Cambios en las Prácticas y Hábitos de Lectura,** junto a la Profa. Myrna Lee Torres

Pérez, celebrado en la Universidad Francisco Gavidia, San Salvador, El Salvador.

- Hacer promoción de lectura en el Laboratorio preescolar de su Universidad con los **vaqueritos**, dado que ve en estos niños, las semillitas, los futuros lectores. Hacer que esos pequeñitos vivan experiencias ricas y divertidas con libros, autores y actividades, le llena de muchísima alegría y satisfacción.
- Poder ser profesora y enseñar en el Programa Graduado de Bibliotecología de Cambridge College Puerto Rico, así como recurso facultativo en la Academia de Profesionales de Museos del Siglo XXI, proyecto de la Universidad del Turabo, Museo y Centro de Estudios Humanísticos Dra. Josefina de la Nuez, Smithsonian Institution Affiliations Program & Institute of Museum and Library Services (IMLS), con el curso: **Estrategias para integrar los servicios de bibliotecas y museos como centros de recursos de información.**
- Ser parte del Comité Nacional de Puerto Rico para el Encuentro Latinoamericano de Bibliotecarios, Archivistas y Museólogos (EBAM), que trabajó desde 2016 para traerlo a Puerto Rico en su 11va edición en el 2019. Viajando también con el grupo a Bolivia donde se celebró su 10mo aniversario en el 2018, presentando una ponencia sobre el **Liderazgo Bibliotecario.**
- Especialmente, recuerda con mucho amor y emoción, el evento **Pelo Bueno: Lectura y conversatorio sobre el cuento infantil que busca combatir el racismo desde la afroreparación**, una actividad que celebró su Biblioteca Vaquera con motivo de la Semana de la Biblioteca UPR y el Día Internacional del Libro. Buscando convertir los libros en experiencias,

leyó el cuento Pelo Bueno de la escritora Yolanda Arroyo Pizarro y luego llevó a cabo un conversatorio con 15 afroizados sobre lo que provocó la lectura en ellos, quienes contaron sus propias experiencias desde lo afro.

Mira ahora cómo a tu afro lo arreglo en forma de una corona. Entonces, eres ahora una Reina como las reinas de nuestros antepasados africanos.
(Yolanda Arroyo Pizarro)

Su principal aporte al campo profesional es, por consiguiente, ser una voz de la Bibliotecología en Puerto Rico: **yo me lo vivo tanto y me apasiono tanto que yo hice que mi esposo que era panadero, se volviera bibliotecario**, relata entre risas.

Sobre todo, la Bibliotecología ha hecho que se crea lo importante que la biblioteca es para sí misma y para la Universidad (donde se ubica profesionalmente); le ha permitido entender el valor de sus aportaciones en la comunidad y en lo que esta puede llegar a convertirse si uno se convence de ese valor:

*La biblioteca es el corazón de la universidad
(...) la lectura es el corazón del aprendizaje
(...) aprendemos con la experiencia
(...) la experiencia de ese encuentro de una persona con ese libro que
le puede cambiar la vida.*
(*La lectura como vía para el aprendizaje en la era digital* - Mercy Delgado Cordero)

PRODUCCIÓN ACADÉMICA

Delgado M. (2019). El liderazgo del bibliotecario académico ante un cambio de época: Sus voces. Universidad de Puerto Rico, Recinto de Río Piedras. ProQuest Dissertations & Theses Global. Disponible en: <https://bit.ly/2A4ELc4>

Panel: El futuro de las Bibliotecas. Universidad del Sagrado Corazón. (21 de abril del 2020) Noticia del Evento: <https://bit.ly/2WXX5N4>. Video del evento: <https://bit.ly/3go6pBm>

Chispa Radio WIAC 740am (La chispa que te informa: programa de radio infantil). 12 de abril de 2019. Entrevista sobre la importancia de la lectura y las actividades que llevamos a cabo en las Bibliotecas como centros de información y promoción de la lectura. Disponible en: <https://bit.ly/3ebuSrM>

Radio Isla 1320 am, Programa Radial: Dialogando con Benny. 15 de septiembre de 2019. Acompañando al colectivo Puerto Rico Necesita Bibliotecas, participó de un programa radial dedicado a la situación actual de las Bibliotecas en Puerto Rico, ofreciendo el contexto del acceso a las bibliotecas como un derecho humano fundamental, como lo es la cultura. Cómo ha cambiado la labor social de la biblioteca, etc. Disponible en: <https://bit.ly/3ebtANs>

Delgado Cordero, M. (2019). La biblioteca académica como promotora de la lectura en grandes y chicos: La aventura del Laboratorio Preescolar de la Universidad de Puerto Rico en Bayamón en el Maratón Puertorriqueño de Lectura. Anasesem, May 2019 Special Issue on Puerto Rico. Disponible en: <https://bit.ly/2yzRyTy>

Ortiz-Reyes, M. de los A., Williams-Tejeda, D. M., Delgado-Cordero, M., López-Villafañe, J. & Negrón-Torrens, N. (2017). La tercera misión de las universidades: Enfoque, indicadores

principales y descriptores de un grupo selecto de instituciones de educación superior en Puerto Rico. *Cuaderno de Investigación en la Educación*, 32, 30-50. Disponible en: <https://bit.ly/3c0XjY3>

Conferencia: La lectura como vía para el aprendizaje en la era digital durante la Semana del Aprendizaje Móvil en la Red Graduada de UPRRP. La actividad ocurrió el 8 de marzo de 2016, y fue grabada y compartida en la web vía YouTube. Disponible en: <https://bit.ly/2A7nqPT>

Delgado Cordero, M. (10 de julio de 2015). El museo como unidad de información. Disponible en: <https://bit.ly/3gorLyz>

Entrevista: 13 de agosto de 2015. Fue entrevistada por el periodista Javier Villa de Radio Universidad. El programa iba dirigido a proyectos comunitarios que han ocupado espacios vacíos en el quehacer cultural en Puerto Rico, como lo son Libros Libres, y si eso representa una inacción bibliotecaria. Sirviendo de defensora de las bibliotecas, y comentando nuestra experiencia en UPR en Bayamón de que sí se hacen iniciativas para fomentar la lectura, pero que pocas veces se dan a conocer las mismas, y ciertamente, de que se debe copiar el modelo de estas iniciativas como Libros Libres y salir a la comunidad. Se puede escuchar el programa que salió al aire el 17 de agosto y luego fue publicado en la página web de Radio Universidad 89.7 fm. Disponible en: <https://bit.ly/2Xwu4qZ>

Delgado Cordero, M. (2010). El administrador y el líder en las unidades de información. *Revista Simbiosis*, vol. 7, Número Estudiantil. Disponible en: <https://bit.ly/2yvvpk>

Mención y agradecimiento: Comisión para el Desarrollo Cultural. (2015). Hilando voluntades: Cultura para la equidad, la diversidad y el emprendimiento. Disponible en: <https://bit.ly/36uzHKn>

2 LENGUA DE BRUJA, PORQUE LAS PALABRAS SE HICIERON PARA HECHIZAR - MARCELA VELÁSQUEZ GUIRAL (COLOMBIA)



*"Su curiosidad era demasiado poderosa.
Casi le parecía escuchar los cuchicheos de
los libros
por la puerta entreabierta.
Le prometían mil historias desconocidas,
mil puertas hacia miles de mundos inéditos"*
Corazón de Tinta - Cornelia Funke

Bibliotecóloga de la Escuela Interamericana de Bibliotecología de la Universidad de Antioquia y Diplomada en Literatura Infantil de la misma universidad. Diplomada en Gestión y Mediación Cultural con énfasis en Patrimonio Cultural y Natural de la Corporación Semiosfera. Máster en Promoción de Lectura y Literatura Infantil de la Universidad de Castilla y, en la actualidad, estudiante de la Maestría en Educación Superior en Salud de la Universidad de Antioquia. Ganadora de la Beca para la Creación Artística y Cultural, ciudad de Medellín 2012 y 2018. Literatura Infantil – Modalidad Cuento– Alcaldía de Medellín. Ganadora del VIII Premio Barco de Vapor-Biblioteca Luis Ángel Arango 2015, con su obra *Se resfriaron los sapos*. Y Ganadora de Beca para la Creación Colectiva de Relatos de Ficción, ciudad de Medellín 2016.

“Marcela crea historias desde que era niña. Tenía un amigo imaginario, Alan, que le conversaba desde el techo de su casa; y otros –un poco más arriesgados– que la acompañaban a robar naranjas, guayabas y limones de fincas cercanas. Pero sobre todo mangos, ¡adora los mangos! Aún tiene amigos imaginarios, los mismos que va convirtiendo en personajes de sus historias. Muchos de sus amigos dicen que ella tiene muy grandes los ojos y muy largas las pestañas; otros murmuran que visita el mar cada que puede, para con esos ojos, robar sus historias. (Pues así, y tan grande, no sabe nadar)”²⁶ (Colombia tiene escritoras, 2020)

Marcela es una maga con las palabras, colombiana, oriunda de un pedacito de tierra ubicada en Yolombó, ese mismo que Tomás Carrasquilla relataba en sus historias. Nació allí, en un corregimiento de este municipio de Antioquia que queda a 425 Km de la capital del país: La Floresta. Con un padre maestro y una madre que le contaba historias a ella y a su hermana, la palabra se les fue aprehendiendo, asiendo a sí mismas. Esa parte hoy le es tan vital que se ha convertido en una bibliotecóloga escritora o una escritora bibliotecóloga, y ha ampliado el campo de la Bibliotecología y las Ciencias de la Información, a esferas que muchas personas creerían que nada tiene que andar haciendo por allí.

Los libros de historia, filosofía y literatura, la acompañaron en su infancia y juventud. Iba encontrando en ellos las palabras que su padre le dejaba en el camino, como quien no quiere la cosa, pero tiene toda la intención de contagiar el amor por la lectura, ese que Marcela profesa y hace parte de su vida. Sin saber cómo, su infancia se fue llenando de autores como Kafka, Tomás Carrasquilla y otros que van quedando en lo profundo de sus recuerdos. Así, de lectora pasó a escritora de cartas de amor para que sus amigas y amigos fueran en busca del amor y siempre con un cuaderno bajo el brazo donde iba consignando su palabra.

²⁶ Disponible em: <https://colombiatieneescritoras.com/portfoli o/marcela-velasquez-giral/>

Ese lugarcito de donde viene esta bibliotecóloga, es lo que llaman en Colombia, la Colombia Profunda, lugares donde aún las brechas de desigualdad están profundamente marcadas como consecuencia de décadas de violencia sistemática y guerra sin misericordia. En el campo colombiano, en la ruralidad, la energía eléctrica no es permanente, y aunque cuando esta se ausentara no se podía leer y escribir, sí se podía hablar y contar historias, y eran esas noches oscuras, las que aprovechaba Marcela para escuchar a sus amigos dándole vida a personajes como Cosiaca y Pedro Rinales, hasta que la oscuridad, no de la desigualdad sino de la violencia, hizo necesario migrar de la ruralidad a la urbe; pues La Floresta fue un territorio en el cual se ubicaron tanto grupos guerrilleros como paramilitares que fueron silenciando las voces y haciendo huir a la población. Y aunque deseando la Medicina, aterrizó en la Bibliotecología, ahora es una bibliotecóloga que habita la Facultad de Medicina de la Universidad de Antioquia; pues se enamoró de esta disciplina escuchando la palabra en voz alta, esa que embruja: Alicia en el país de las maravillas.

Marcela transitó de auxiliar de bibliotecas a formadora de usuarios, promotora de lectura, maestra, escritora. El caminar de Marcela en sus palabras, es una **construcción genética y una construcción social** que la han hecho concebir la Bibliotecología como una disciplina esencial para el mundo. Hoy es una maestra, dedicada a la docencia universitaria en la Facultad que deseó, la alojara en su juventud: la Facultad de Medicina. En este espacio académico ha ido ampliando el campo de acción de la disciplina a lo que se conoce hoy día como **biblioterapia**, una herramienta terapéutica que contribuye a mejorar las condiciones de pacientes de diversos campos.

Con las palabras, Marcela busca hechizar, generar posibilidades de ser y estar mejor en procesos de enfermedad; un campo poco explorado en Colombia, en el cual ella, estando a punto de terminar su segunda maestría en Educación Médica, busca seguir sumergiéndose, por

supuesto, a la par de la escritura de literatura que es una parte esencial de su vida.

Esta lengua de bruja que hace que las palabras cobren vida, ha aportado a la bibliotecología una vinculación con el lenguaje que a veces olvida, una esencia humanista y poética que nos pone cara a cara con la disciplina como un lugar para la vida y sobre todo, para recordar la profunda responsabilidad que alberga asumir la disciplina como una ciencia humana y social.

PRODUCCIÓN LITERARIA

Abuelo Maracuyá. Bogotá: El Espectador, 2017

Se resfriaron los sapos. (2016). Bogotá: Editorial SM.

¡Mira lo que trajo el mar!. (2016). Bogotá: Panamericana, 2016.

La Lectura de textos no literarios en el aula de clase. En: La Literacidad crítica: una alternativa para mejorar la calidad de la educación. Medellín: Universidad de Antioquia, p. 73

Miércoles. De las palabras – Crónicas y ensayos. Secretaría de Cultura Ciudadana de Medellín, 2015.

La bandeja paisa I. La comida empieza de madrugada. Disponible en: <https://bit.ly/2A9eWYe>

La bandeja paisa II. La comida es un combate de boxeo. Disponible en: <https://bit.ly/36xMyeO>

¡Mira lo que trajo el mar! (2013). Frailejón Editores: Medellín
Dime tus fechorías y te diré quién eres: test de villanos. Catalejo. Revista literaria infantil El Conde Letras, número 10 (¡Atrápame villano!), diciembre 2012. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín, p. 16-17, 2012. Medellín

Raspadura y panela. Musaraña. Revista literaria infantil El Conde Letras, número 9 (¡Wow, qué mundo! Y otras sorpresas), agosto 2010. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín, p. 15, 2011. Medellín

Dime cómo te llamas y te diré quién eres. Oralitura. Revista literaria infantil El Conde Letras, número 9 (¡Wow, qué mundo! Y otras sorpresas), agosto 2010. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín, p. 21, 2011. Medellín

Reseña del Coco y Pío. En Revista literaria infantil El Conde Letras, número 9 (¡Wow, qué mundo! Y otras sorpresas), agosto 2010. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín. p. 21, 2011. Medellín

Crónica Talleres de Formación La Máquina de Cantar. En: ¡1, 2, 3, El Juego literario de Medellín otra vez! Secretaría de Cultura Ciudadana, Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra, p. 9, 2011. Medellín

Crónicas: Fundación Faro: de Ecuador a Jericó; Casita del encuentro, ¿cómo salvar un león?; Biblioteca Pública Popular 2: Qué hacer cuando llueve; Parque Bolívar: un sueño incomprendido; Punto de Promoción Bibliotecaria Alcaldía de Medellín: Las puertas. En: Cómo prender fuego dentro de una ballena y otras crónicas, 2010. Secretaría de Cultura Ciudadana, Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra, p. 16, 25, 31, 34, 37, 2010. Medellín

Reseña del libro Un paseo matemático por el museo. En: Revista literaria infantil El Conde Letras, número 8, p. 28 (Artes), noviembre de 2011. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín.

Reseña del libro Jóvenes nadadores. Revista literaria infantil El Conde Letras, número 7 (Deportes), noviembre 2010. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín.

¿Qué deporte soy? Recreo de los ogros. Revista literaria infantil El Conde Letras, número 7 (Deportes), noviembre 2010. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín.

¡Expedición nombre! Taller de letras. Revista literaria infantil El Conde Letras, número 4 (50 años de los derechos de las niñas y los niños), marzo– mayo de 2009. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín.

Reseña del libro Barro de Medellín. En Revista literaria infantil El Conde Letras, número 4, p. 28 (50 años de los derechos de las niñas y los niños), marzo– mayo de 2009. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín.

Numerosas animaladas. Taller de Letras. Revista literaria infantil El Conde Letras, número 5 (Mascotas), junio – agosto 2009. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín. Reseña del libro Galleta para perros. En Revista literaria infantil El Conde Letras, número 5, p. 27 (Mascotas), junio– agosto de 2009. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín.

Cuentoteca: la pestilencia real. Taller de letras. Revista literaria infantil El Conde Letras, número 6 (¡Puaj!), septiembre– noviembre 2009. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín.

Ficha Pedagógica. Cuento No.10: Caperucita Roja. En: El Colombiano. Medellín 15 de noviembre de 2009 p. 2ª:

Los más traviosos. Catalejo. Revista literaria infantil El Conde Letras, número 1 (Humor y travesuras), junio – agosto de 2008. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín.

Minicuento urgente: Recreo de los ogros. Revista literaria infantil El Conde Letras, número 1 (Terror), septiembre – noviembre de 2008. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín

De paseo con los vampiros: Otra vuelta al mundo. Revista literaria infantil El Conde Letras, número 1 (Terror), septiembre – noviembre de 2008. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín.

El túnel del terror. Taller de letras. Revista literaria infantil El Conde Letras, número 1 (Terror), septiembre – noviembre de 2008. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín
Reseña del libro Escuela de espantos. En: Revista literaria infantil El Conde Letras, número 2, p. 22 (Terror), septiembre – noviembre de 2008. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín.

Catálogo inconcluso. Recreo de los ogros. Revista literaria infantil El Conde Letras, número 3 (Viajes y aventuras), diciembre 2008 – febrero 2009. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín.

Globo aerostático: tus juguetes de viaje. Taller del castor. Revista literaria infantil El Conde Letras, número 3 (Viajes y aventuras), diciembre 2008 – febrero 2009. Fundación Taller de Letras Jordi Sierra i Fabra. Medellín.

3 UNA MAESTRA BIBLIOTECARIA EN LA HABANA - MERCEDES ALFONSO CHOMAT (CUBA)



*Cultivo una rosa blanca
en junio como en enero
para el amigo sincero
que me da su mano franca.
Y para el cruel que me arranca
el corazón con que vivo,
cardo ni ortiga cultivo;
cultivo la rosa blanca.
José Martí*

Mercedes Alfonso Chomat, es Investigadora agregada del Instituto Central de Ciencias Pedagógicas. Ministerio de Educación de la República de Cuba. Vicepresidenta del Comité Cubano del Libro Infantil y Juvenil (IBBY por sus siglas en inglés) y miembro de su Cátedra Latinoamericana y Caribeña de Lectura y Escritura. Cuenta con 40 años de experiencia profesional, 8 años como bibliotecaria escolar, 1 año como metodóloga municipal de Bibliotecas Escolares, 28 años como metodóloga nacional de Bibliotecas Escolares del Ministerio de Educación y 3 años como Investigadora agregada del Instituto Central de Ciencias Pedagógicas.

Comenzó su trayectoria profesional como Técnica media en bibliotecas escolares en la Escuela Pedagógica Salvador Allende (1976-1979), luego estudió licenciatura en educación primaria en la Universidad de Ciencias Pedagógicas Enrique José Varona (1981-1987), a continuación hizo la Maestría en Bibliotecología y Ciencias de la Información. Facultad de Comunicación de la Universidad de la Habana (2001-2005) y actualmente cursa el Doctorado en Ciencias Pedagógicas. Instituto Central de Ciencias Pedagógicas (2016-2020). Ha sido merecedora de diversas distinciones y premios, como el Premio Especial de la Ministra de Educación. Ministerio de Educación (OC) por su aporte y dedicación a la calidad de la educación (2015), Medalla por la Educación Cubana. Ministerio de Educación. Destacada trayectoria laboral (2015), Medalla "José Tey". Ministerio de Educación y Destacada trayectoria laboral (2016).

Además, ha sido merecedora de dos de los más distinguidos reconocimientos otorgados por la Asociación cubana de bibliotecarios, los cuales destacan la trayectoria y recorrido profesional de quienes han dedicado su vida a la Bibliotecología y especialmente a las bibliotecas escolares: Sello conmemorativo Antonio Bachiller y Morales (Primer bibliógrafo cubano, en homenaje a su natalicio se celebra en Cuba el 7 de junio el día del bibliotecario) y Premio Olinta Ariosa. (Olinta fue la primera directora que tuvo la sección de bibliotecas escolares del Ministerio de Educación).

Cuando se aterriza en el Aeropuerto Internacional José Martí, lo primero que hay en el aire, es un olor a tabaco y luego sonrisas y olor a mar. En esta isla del Caribe, se realiza bianualmente uno de los Congresos Internacionales de Lectura más importantes de Latinoamérica y el Caribe, el Congreso para Leer el XXI. En uno de ellos (2012), conocí a Mercedes, una mujer sencilla, cuya templanza se ve en su forma de organizar y liderar; ella es toda una lideresa, una mujer cubana enamorada de la palabra que camina, de esa que permite la juntanza y la posibilidad de que hoy en una perspectiva feminista y latinoamericana de la Bibliotecología

y la Ciencia de la Información, ella sea una de las mujeres que conforman este capítulo.

La idea de estudiar Bibliotecología, le surgió a partir del amor por los libros; ya que, desde pequeña se fascinaba con el mundo de los libros, los cuentos y la lectura. Luego, cuando comenzó a estudiar en la Secundaria Básica, descubrió que la biblioteca escolar, era ese mundo que albergaba los libros que la deslumbraban y comenzó a pedirlos en préstamo y a leerlos. Por aquella época, en su etapa de adolescencia, le encantaban las novelas de amor; con el paso de los años, fue interesándose por temas de literatura general, históricos, geográficos y biológicos. Además, por supuesto, de las revistas; el hábito de la lectura, aún persiste en su vida, podríamos decir que es parte de ella.

Y como en todas las decisiones profesionales o, por lo menos, en las de Bibliotecología, hay una musa –alguien que se vuelve una especie de referente–, para Mercedes fue su bibliotecaria escolar, quien realizaba múltiples actividades. Las que más le gustaban, eran las narraciones de cuentos y leyendas y las charlas de libros. Estas últimas, la motivaban e impulsaban a seguir leyendo, porque la bibliotecaria era una grandiosa mediadora y tenía esa capacidad de dejar en suspenso a sus lectores en el momento exacto. Tal vez es por eso que desde aquel entonces hasta el día de hoy, le fascina la organización que tienen las bibliotecas. Cada cosa en su lugar y cada libro en el estante que le corresponde según su clasificación.

Y aunque Mercedes ya reconocía su amor por el universo de los libros, fue solo hasta noveno grado cuando se enteró de la existencia de una carrera que se dedicaba a preparar a los estudiantes para desempeñarse como bibliotecarios escolares. Se comenzaba a estudiar con este grado terminal de la enseñanza secundaria y, durante tres años, se combinaban los estudios del bachillerato con la especialidad. Al culminar estos estudios, se obtenía la calificación de técnico medio en bibliotecas escolares, con título de bachiller. Y fue así como, sin pensarlo dos veces, se aventuró en la biblioteca escolar. Recorrer ese mundo fue

posible gracias a la sororidad y el amor, pues siempre contó con el apoyo de su madre en la crianza de su hija, lo cual le permitió crecer profesionalmente. Y esta última, su hija, siempre ha sido y sigue siendo para ella su inspiración y motivación, de hecho fue su alumna y para ella, Mercedes fue su primera bibliotecaria escolar.

En ese caminar, comenzó su trabajo como bibliotecaria escolar en una escuela primaria; luego, fue recorriendo esos vericuetos académicos que llevan de la Licenciatura a la Maestría y ahora cursa el Doctorado curricular en Ciencias Pedagógicas, empero, Mercedes continuó siendo una mujer sencilla cuya templanza se ve en su forma de organizar y liderar.

Para Mercedes, la Bibliotecología es una ciencia de carácter eminentemente social. Forma parte de la vida social, económica y cultural de un país. Se encarga de la organización y administración de las bibliotecas. En su arista cultural, desempeña un papel fundamental, la producción de libros para contribuir al desarrollo de una cultura general e integral, fundamentalmente en nuestros niños, adolescentes y jóvenes. La Bibliotecología como ciencia social, para ella, basa sus estudios en las leyes de desarrollo, la estructura del proceso bibliotecario como una de las formas de comunicación social. Los libros y su utilización, los concibe como medios insustituibles de educación que contribuyen a la elevación del nivel cultural de la sociedad. No obstante, en los momentos actuales, reconoce que desempeñan un rol fundamental, las tecnologías de la información y las comunicaciones.

En su estructura, agrega, la Bibliotecología tiene presente la organización, planificación y control del trabajo de la biblioteca, el estudio de los diferentes tipos de bibliotecas, la organización y administración de sus fondos: libros, revistas, medios audiovisuales y digitales. La clasificación y catalogación de sus fondos y la confección de fichas de autor, título y materias, para la formación de los catálogos impresos. También los catálogos en línea a partir de la descripción y sistematización de obras impresas y digitales

para hacer más asequible la búsqueda bibliográfica en cualquier tipo de soporte. La consulta y referencia, la educación de usuarios, el equipamiento, la utilización de las tecnologías y el trabajo con los lectores, mediante el servicio de orientación y promoción de la lectura, entre otros servicios. La atención a partir de las necesidades de formación e información de los usuarios según el nivel escolar, el lugar y la profesión en que se desempeñen.

Una vertiente muy importante para ella, es la ocupación sobre sus recursos humanos, materiales y tecnológicos, la formación y superación de bibliotecarios, las investigaciones sobre el sector y sus relaciones con los escenarios económicos, políticos, históricos, sociales y culturales. Se encarga además, de inculcarle a los seres humanos la importancia que tiene la consulta y gestión de la información para la toma de decisiones en el presente y el futuro.

Empero, desde que, por fortuna, en el 2013 la conocí, siempre he visto en Mercedes una mujer con una clara perspectiva social y claridades para hacer de la Bibliotecología y la Ciencia de la Información, conocimientos nucleares para la vida, la cultura y la educación. Tal vez por ello, su vida ha estado dedicada a la Bibliotecología: 40 años de una relación con esta, transitando siempre por la biblioteca escolar como bibliotecaria, metodóloga y hoy día, investigadora.

Al graduarse (1979), comenzó a trabajar en una escuela primaria como bibliotecaria escolar, vale la pena aclarar que en Cuba el bibliotecario escolar es considerado personal docente, así pues, Mercedes era una maestra bibliotecaria. Atendía a 38 grupos desde el nivel preescolar hasta sexto grado. También ofrecía actividades relacionadas con el uso y manejo de la biblioteca escolar para que los estudiantes aprendieran a desenvolverse en una biblioteca y a utilizar todos los medios de manera eficiente. A la par de estas actividades, trabajaba en los aspectos técnicos relacionados con la organización de la biblioteca, sus fondos, sus catálogos, los murales, el préstamo de libros, el laminario y el registro de información.

Luego, por 27 años consecutivos, transitó como metodóloga-inspectora nacional de bibliotecas escolares del Ministerio de Educación de la República de Cuba, asesorando técnica y metodológicamente el trabajo que realizaban las metodólogas provinciales, municipales y bibliotecarias escolares de todo el país. Estando al frente de los talleres nacionales de promoción y animación a la lectura con la participación de los especialistas involucrados en la actividad a nivel nacional. En esta etapa, otro de los aspectos de gran importancia, fue la planificación de actividades vinculadas con la formación y superación de todos los especialistas de la red de bibliotecas escolares del país.

Pero para una mujer como Mercedes, además de la biblioteca escolar, el universo de la lectura es un bálsamo, así que en estrecha vinculación con la Bibliotecología, por más de 19 años ha sido miembro de los jurados nacionales de los concursos “Sabe más quien lee más” y “Leer a Martí”, donde sus aportes vinculados con su experiencia están en la selección de obras de literatura infantil y juvenil, para que integren el acervo de las bibliotecas escolares. Así como la asistencia a eventos relacionados con la investigación y crítica de la literatura infantil y juvenil auspiciados por la Unión Nacional de Escritores y Artistas de Cuba.

Mercedes atesora fechas y lugares de importancia vital para su desarrollo y desempeño profesional: su participación en los congresos internacionales de Pedagogía, celebrados en Cuba desde 1993 cada dos años; los congresos internacionales de Lectura que se celebran en Cuba desde el año 1998, donde participa como miembro del comité organizador, delegada y ponente. En él se reúnen especialistas de reconocido prestigio a nivel mundial en los que se destacan escritores, editores, ilustradores, bibliotecólogos, investigadores, maestros y otros profesionales relacionados con el fascinante universo de la lectura y su promoción. Su participación en dos congresos internacionales de la Federación internacional de bibliotecas e instituciones de información (IFLA) donde representó a Cuba en el Pre seminario sobre bibliotecas escolares

celebrado en Barcelona, España con la ponencia titulada “Las bibliotecas escolares: Un recurso para la Educación”; su participación como delegada a la 59 Conferencia General. IFLA 93 en Barcelona y su intervención en el Congreso IFLA 94, en el que fue delegada y coautora de la ponencia titulada “Programa de Formación de Usuarios para la Enseñanza General en Cuba”.

Estos espacios le permitieron, además de crecer, conservar y fortalecer relaciones profesionales que valora como fundamentales en su crecimiento profesional. Mercedes no es un nombre muy sonado en la Bibliotecología, sin embargo, esperamos que después de hoy lo sea; pues una mujer como ella, ha sido y sigue siendo lideresa en un campo que vincula la educación con las bibliotecas, una deuda histórica en América Latina y el Caribe, donde aún trabajamos incansablemente por bibliotecas escolares. Su experiencia, dedicación y amor al campo de esta tipología bibliotecaria, es un baluarte de obligatorio conocimiento para quienes día a día no desistimos en este trabajo; pensar que en algún lugar del Caribe existe una metodóloga de bibliotecas escolares que fue una maestra bibliotecaria, es un regalo que hoy nos damos y esperamos que muchas más colegas acojan.

PRODUCCIÓN BIBLIOGRÁFICA

Documentos metodológicos del Sistema de Información para la Educación. (desde 1990 hasta 2016) (Autora y coautora) Centro de Información para la Educación.

Programas y orientaciones metodológicas para la formación del bibliotecario escolar. (desde 1990 hasta 2016). (Autora y coautora) Centro de Información para la Educación.

Las Bibliotecas Escolares en Cuba, un recurso para la Educación (Coautora) En: Revista Educación y Biblioteca. Revista mensual de documentación y recursos didácticos. España. Año 5 No 41. Noviembre 1993. p. 12-16. Depósito legal: M-18156-1989. ISSN: 0214-7491

Programa de formación de usuarios para la enseñanza general en Cuba. (Coautora) En: Revista EIDISIS. Publicación oficial del colegio de bibliotecarios de Chile A: G Volumen 3 No 1. Abril de 1998. p. 15-22 ISSN 0717-0785.

Producto Informativo No 2 La Lectura y su Promoción. (2001) (Coautora) Folleto. Centro de Información para la Educación. Elaboración de Programas de estudio para la formación de la especialidad en Bibliotecología y técnicas documentarias. (2005). (Autora y coautora) Centro de Información para la Educación.

Boletín para las Bibliotecas Escolares. Entrevistas. (Editora) Publicación semestral. Centro de Información para la Educación. III Etapa-No 1 Enero-Junio 2005.

La lectura en Moral y Luces. (2007). (Coautora) Folleto para los Círculos de Estudio y Trabajo de Moral y Luces en Venezuela, dirigido a los brigadistas.

Guías de Lectura: "Para disfrutar la lectura. Sugerencias para leer". (2008). (Coautora) Venezuela.

Propuesta para estimular la lectura en los maestros desde la biblioteca escolar "Al encuentro con el maestro lector". Guía de actividades para el trabajo del bibliotecario escolar. (2009). (Autora) Folleto del Centro de Información para la Educación. Boletín para las Bibliotecas Escolares. Edición Especial. (Editora). Memorias. Centro de Información para la Educación. III Etapa. Edición Especial. 2010.

Curso Pre Congreso. Pedagogía 2011 (Coautora) Sello Editor EDUCACIÓN CUBANA. Dirección de Ciencia y Técnica. ISBN 978-959-18-0637-6.

Currículo para la biblioteca escolar. (2011). (Coautora) Libro. Editorial Pueblo y Educación. ISBN 978-959-13-2312-5. 111p.

Leer en el siglo XXI. Selección. (2012). (Coautora) Libro. Editorial Gente Nueva ISBN 978-959-08-1434.1. 308p.

Proposiciones para la lectura desde la biblioteca escolar. (2014). (Coautora) Libro. Editorial Pueblo y Educación. ISBN 978-959-13-2662-1. 276p.

“La música, las palabras, la biblioteca escolar”. (2017). (Autora) Revista digital Ciencias Pedagógicas del Instituto Central de Ciencias Pedagógicas. Ministerio de Educación de la República de Cuba.

La Biblioteca Escolar que necesitamos. (Autora) CD. Congreso internacional de Lectura 2018 para leer el XXI.

4 UNA BIBLIOTECÓLOGA AL SUR DE LATINOAMÉRICA - PAULINA SZAFRAN MAICHE (URUGUAY)



*Expectantes palabras,
fabulosas en sí,
promesas de sentidos posibles,
airosas, aéreas, aireadas, ariadnas.
Un breve error
las vuelve ornamentales.
Su indescriptible exactitud
nos borra.
La Palabra - Ida Vitale*

Magíster en Gestión Cultural de la Universidad de Alcalá, España (2008-2009), Diplomada en Estudios Avanzados (2012-2015) de la Universidad de Arte y Ciencias Sociales de Chile y Bibliotecóloga de la Universidad de la República de Uruguay. Actualmente, cursa el Doctorado en Cultura y Educación en América Latina. Fue parte de la Asociación de Bibliotecólogos del Uruguay (2005 - 2007).

Para Paulina, la Bibliotecología es una profesión social con una vocación de servicio que implica la mediación y no exclusivamente la entrega de información, pues la disciplina trabaja con diversas esferas de la sociedad: la cultura, la educación, etc.

Ella reconoce que si bien en la época de los 90', la mirada era muy tradicional, en ese momento, se hacía evidente la alegría de los niños y las niñas al ser usuarios de los servicios bibliotecarios.

En su primera experiencia como bibliotecaria en una biblioteca pública, se le reveló que entregar un libro es más que entregar un objeto, pues realmente se entrega más que información... se da vida. Luego, pasó a participar de la biblioteca del Instituto Nacional de Estadística, aún cuando las TIC eran lejanas; sin embargo, le impactó ver que aun en diferentes espacios bibliotecarios, la satisfacción de los procesos de mediación respecto a las necesidades del usuario, se reflejan independiente de cuál sea la información entregada. Allí Paulina, reafirmó el poder que tienen la Bibliotecología y la Ciencia de la Información, a través de los procesos de mediación que realizan. Más allá de los avances y los recursos, este rol es fundamental, pues las disciplinas incluso, plantea, están en todos los tiempos (pasado, presente y futuro) a disposición de un profesional y un lector que está en búsqueda de la información.

Así, para Paulina, el rol de la Bibliotecología y la Ciencia de la información, es netamente social y político, en la medida en que se trabaja en la cultura, la educación, la recreación, la vida social y, por supuesto, con la gente. De este modo, para ella la Bibliotecología, independiente del avance o no de lo tecnológico, tiene un carácter eminentemente social, el cual

hoy en día, presenta grandes retos, entre ellos, traspasar las barreras de la tecnología y lograr que estas permitan la generación de nueva información que tenga una incidencia positiva en la cultura, la educación y la política en un diálogo permanente con la Bibliotecología. En tanto, esto es un llamado a los profesionales, para que no sólo se dediquen a entregar información sino a tener una conciencia plena y crítica del por qué y para qué se entrega, y qué sucede después de satisfacer una necesidad informacional.

Uno de los principales aportes de esta bibliotecóloga, es el acento que pone en el lugar profesional de los sujetos que ejercen la Bibliotecología, su rol social y político, y su relación con la cultura y la educación miradas con enfoques territoriales y diferenciales. Además del acompañamiento y salvaguarda que la biblioteca puede proveer a las comunidades para apalancar procesos e iniciativas sociales.

Su relación con la Bibliotecología ha estado ubicada en lo social, tanto en el ámbito público como en el privado. En su caso, ella empezó como docente respondiendo a un llamado de la Escuela Universitaria de Bibliotecología (1999) para integrarse a una materia y, desde allí, se integró al ámbito docente, en una época en que la universidad contaba con escasos recursos, lo cual implicaba que complementara el magisterio con el ejercicio profesional en todas las tipologías bibliotecarias con gran pasión por las bibliotecas públicas y populares, tema poco estudiado en Uruguay. Es solo desde hace tres años que Paulina se encuentra dedicada exclusivamente a la formación universitaria en la Universidad de la República de Uruguay.

Desde la Universidad, trabaja en llevar la profesión bibliotecológica al interior del país, así como también, en la consolidación de una Facultad que amparada en la Universidad Pública, salvaguarde y potencie una Bibliotecología en el Sur de América Latina.

Es así como a partir de la universidad, su relación ha implicado un trabajo interdisciplinar donde se ha ocupado de estudiar y trabajar la gestión cultural y las bibliotecas. Hoy día se encuentra como parte del equipo Directivo del Instituto de

Información donde se oferta la carrera y la Maestría en Información-Comunicación y trabaja incansablemente en apalancar el posicionamiento de la carrera en Uruguay. La creación de la maestría y la permanente actualización del currículo de formación a quienes decidan estudiar esta carrera, es toda una labor titánica que una mujer ha ido sumando para presentar esta opción profesional como una opción de vida que puede sumar a fortalecer Suramérica.

PRODUCCIÓN ACADÉMICA

Szafrán, P. (2016). Información, comunicación y cultura en la gestión local: la experiencia municipal en un territorio de vulnerabilidad de la ciudad de Montevideo. *Investigación Bibliotecológica*, 30 (70), p. 19 - 39. **Disponible en:** <https://bit.ly/2M3B0Gp>

Szafran, P. (2016). Las bibliotecas populares en el escenario cultural de América Latina: las experiencias de Argentina y Uruguay. *A Contracorriente*, 13 (3), p. 161 - 181. **Disponible en:** <https://bit.ly/2XlDRje>

Szafrán, P. (2012). El multiculturalismo desde la perspectiva conceptual de Slavoj Žižek y su aplicación a las bibliotecas públicas como objeto de estudio. *Informatio*, 17. **Disponible en:** <https://bit.ly/3ecefW6>

Szafrán, P. (2010). Gestión de recursos culturales en bibliotecas comunitarias: una propuesta de servicio. *Serie Bibliotecología y Gestión de Información*, 55. **Disponible en:** <https://bit.ly/3ddHPkE>

Szafrán, P. (1997). Estudio sobre necesidades, demanda y uso de información de productores de leche ovina y/o caprina. *Ciência da Informação*, 26 (3), p. 313 - 320.

Szafrán, P. (2001). Bibliotecas Públicas Municipales de Montevideo: ¿qué es Bibliored? *Informatio*, 5/6 p. 7 - 12.

Szafrán, P. (2015). Estrategias de información y comunicación en salud centradas en adolescentes (Libro publicado Texto integral).

5 EL MUNDO DE LAS TIC Y LA BIBLIOTECOLOGÍA EN CENTRO AMÉRICA - SONIA AMAYA (EL SALVADOR)



*Este es mi sitio, mi querencia humana,
Para empezar de nuevo mi mañana
Y borrar en su amparo la fatiga.
Casa sobre tu pecho- Claudia Lars*

Si bien el ámbito bibliotecológico no fue el soñado por Sonia, pese a venir de una familia bibliotecaria, este fue el que la acogió en el momento que se encontraba terminando sus estudios de Ingeniería en Ciencias de la Computación; cuya carrera había tenido que interrumpir por la imposibilidad de su padre para costearla, sumada a la necesidad de ingresar al mundo laboral, factible según su hermana, en el área bibliotecológica.

Suele suceder que las personas lleguen a ciertos lugares por asuntos de su propia historia de vida y no por elección propia, tal cual fue el caso de ella, quien a pesar de haber tenido que abandonar su sueño durante la década de los 90' para estudiar Bibliotecología en la Universidad de El Salvador, no sólo encuentra trabajo en el área de la computación

mientras se halla cursando esta ciencia social tan distinta a la ciencia aplicada en la que se había venido formando desde el colegio, sino que, más adelante, la simple acción de dirigirse a prestar un libro en la biblioteca de la Universidad Francisco Gavidia donde continúa sus estudios de Ingeniería una vez graduada de Bibliotecología, la lleva a enterarse de que la Directora de todo el Sistema Bibliotecario, ha renunciado; razón por la cual, se atreve a exponerle al Director del cual dependía la biblioteca –un cubano que la distinguía porque justamente ella había sido su estudiante en la carrera de Bibliotecología y también era de su conocimiento que cursaba estudios de ingeniería en dicha universidad–, su interés por explorar dicho campo; teniendo que presentar un montón de pruebas para ser aceptada, pero pudiendo ingresar finalmente, nada más y nada menos que con un cargo de jefe.

De tal forma comenzó su trayectoria en este ámbito, quien actualmente representa a la Presidencia del Consorcio de Bibliotecas Universitarias de El Salvador, por delegación del Rector de la Universidad Francisco Gavidia; Máster en Bibliotecas y Patrimonio Bibliográfico y Máster en Gestión Documental y Administración de Archivos; quien con todo este mundo de las tecnologías de información y comunicaciones, concibe la Bibliotecología como una oportunidad de mejora; dado que, aunque sea una ciencia social, puede revolucionar hacia lo tecnológico; **porque no puedes hacer algo social si no estás acorde a las nuevas generaciones, a la vanguardia con las formas en que ahora se accede a la información**, explica. Así pues, considera que dicha carrera, debe convertirse en una ingeniería con enfoque STEM sin perder su esencia social y humanística; o de no ser así, al menos ajustarse a las dinámicas del mundo tecnológico, de lo contrario seguirán siendo desplazadas. De hecho, trae a colación la experiencia de unos ingenieros, quienes sin tener formación bibliotecológica, requieren de muy poco tiempo para aprender todo sobre la misma en términos de automatización: metadatos, repositorios, inteligencia artificial... lo que puede dar lugar a la interpretación de que

la formación de un ingeniero, compagina en gran medida, con los procesos que hoy día se llevan a cabo en las bibliotecas.

Teniendo en cuenta los pocos estudiantes que se ven atraídos por esta carrera en El Salvador, donde solo dos universidades la ofertan (una pública y una privada), algunos profesionales que asumían cargos como Sonia en bibliotecas universitarias, poseían títulos en otras áreas o contaban con el mínimo. Ella lo dice por su experiencia en la docencia y como par evaluador, donde ha podido identificar dicha realidad; la que ha ido cambiando por exigencia del Ministerio de Educación.

¿Qué ha hecho posible, entonces, la posición que hoy día Sonia asume en el medio? Paradójicamente, no es su formación bibliotecológica, sino el hecho de ser ingeniera. Pues quien le dio la aprobación de que ejerciera como jefe en aquel entonces y que la sigue apoyando, es también ingeniero; este, al ver sus capacidades, la convence de defender su tesis para poder ascenderla como Directora de un Sistema Bibliotecario. La confianza, factor esencial para crecer en la vida, es el elemento que la ha impulsado siempre, no solo a posicionarse en tal cargo, sino a cumplir todo un conjunto de sueños de ahí en adelante; tales como:

- Ser par evaluador de Instituciones de Educación Superior, evaluando recursos de apoyo e incidiendo para que las universidades vayan revolucionando hacia recursos tecnológicos.
- Trabajar como auditor interno de calidad, auditando, por ejemplo, la alta dirección, el proceso administrativo, el proceso de tecnología y sistemas, el proceso de enseñanza-aprendizaje de pregrado y posgrado, entre otros; **esto te da insumos para poder cambiar tu entorno, para poder cambiar el mundo de las bibliotecas**, agrega.
- Fungir como Representante de la Universidad Francisco Gavidia en la Red Internacional de Universidades Lectoras (RIUL); aunque el hábito de la lectura, según plantea, lastimosamente se esté perdiendo o transformando.

- Ser Vicepresidenta de la Asociación de Bibliotecarios de El Salvador, lo que permitió apoyar al país y la región centroamericana.
- Lograr ser parte de la Federación Internacional de Asociaciones de Bibliotecarios e Instituciones (IFLA), primero como Miembro Permanente del Comité de la Sección América Latina y el Caribe, y ahora como Miembro Corresponsal: ***para mí IFLA ha sido un sueño, me ha dado la oportunidad de desarrollarme y también poder conocer colegas amigos de varios países y realizar un trabajo colaborativo con ellos (...)* esas son de las cosas que te marcan porque te dejan una enseñanza, también tienes buenas prácticas de otros lugares y las puedes aplicar.**
- Representar a la Universidad y al país a nivel internacional, como ponente o participante en congresos u otras delegaciones, no solo con IFLA, sino con otras entidades como la UNESCO, trabajando el tema de preservación digital.
- Representar a la Universidad en el Consejo Ejecutivo del Consorcio de Bibliotecas Universitarias de El Salvador (CBUES), donde **no solo tratas con bibliotecarios sino con otros funcionarios como decanos de facultad, rectores, vicerrectores académicos y demás puestos gerenciales**, aclara, un gran reto asumido por la confianza de su jefe consignada en ella, la misma que la hace querer continuar con mucho entusiasmo.
- La excelente experiencia de poder dar clases en la universidad que la formó como bibliotecóloga: **al principio yo daba parte de tecnologías (y) daba estadística aplicada a la Bibliotecología, un gran reto porque los estudiantes cuentan con pocos conocimientos en estas áreas, por lo que cuesta un poco más la enseñanza.**
- Ser Consultora en la implementación de Sistema de Gestión Documental y Archivos.

- Haber sido parte de **Infotecarios**, contribuyendo con algunos post.

En su caso, los aportes al desarrollo de la Bibliotecología en El Salvador, han sido principalmente, tratar de introducir un poco más toda la parte de la tecnología, apoyando la automatización de procesos en bibliotecas universitarias, insistir mucho en las normas ISO-9001 enfocadas en la calidad del servicio y mejora continua de los procesos; además de motivar a que el bibliotecario se empodere e incida más en sus instituciones para que pueda ser escuchado y apoyado; así como también, promover la importancia de la lectura en docentes y estudiantes universitarios, a través de actividades desarrolladas a nivel nacional y regional en coordinación y colaboración con la Universidad Francisco Gavidia y la Red Internacional de Universidades Lectoras; contribuir al desarrollo de bibliotecas universitarias académicas por medio de la Presidencia del Consejo Ejecutivo del Consorcio de Bibliotecas Universitarias de El Salvador, además de incluir el tema de alfabetización informacional o desarrollo de habilidades informativas en el país; impulsar el progreso de las bibliotecas, durante el periodo que fungió como Vicepresidenta de la Asociación de Bibliotecarios de El Salvador; otros aportes brindados en función de la mejora continua de las bibliotecas universitarias, al desempeñarse como par evaluador según el sistema de evaluación de universidades implantado por el Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología de El Salvador, apoyar la formación académica de estudiantes de la carrera de Bibliotecología a través de la docencia y colaborar en proyectos sobre el fortalecimiento de la función de las bibliotecas a nivel de la región, según temas estratégicos de Federación Internacional de Asociaciones de Bibliotecarios y Bibliotecas – IFLA, a través de la representación en el Comité Permanente de la Sección de América Latina y el Caribe IFLA LAC.

Finalmente, destaca el trabajo cooperativo y colaborativo realizado desde el consorcio con varios actores involucrados, entre ellos entidades nacionales e

internacionales, lo que les ha permitido el desarrollo de las bibliotecas universitarias del país y hacer presencia a nivel nacional y regional; destaca también el apoyo brindado desde el Consorcio a la Biblioteca Nacional, institución que actualmente es parte de este asocio.

PRODUCCIÓN INTELECTUAL

Amaya, S. (2011). Propuesta de implantación de un sistema de gestión documental informatizado en la Universidad Francisco Gavidia de El Salvador. Universidad Internacional de Andalucía. **Disponible en:** <https://bit.ly/2XE0boy>

Flores, F., AMAYA, S. y Pleitez, J. (2016). El Salvador: situación de las bibliotecas en relación con el derecho de autor. IFLA WLIC 2016 – Columbus, OH – Connections. Collaboration. Community in Session 123 - Latin America and the Caribbean. **Disponible en:** <https://bit.ly/2ZKRtHQ>

Amaya, S. (2012). Evaluación de los servicios presenciales y virtuales en bibliotecas patrimoniales. La Biblioteca Nacional de El Salvador: un estudio de casos versus buenas prácticas. Departamento de Biblioteconomía y Documentación, Universidad Complutense de Madrid. **Disponible en:** <https://bit.ly/2yIpg9k>

Amaya, S. (2018). El rol de las bibliotecas nacionales en la era digital y los entornos virtuales. *Realidad Y Reflexión*, 48, 53-61. **Disponible en:** <https://bit.ly/2TSdS20>

Gómez, A., Reyna, M. y Álvarez, J., Evelyn, Y. and Amaya, Sonia. (2014) Inclusión de la unidad de estudio “Desarrollo de Competencias Informacionales” en la asignatura Sociedad de la Información. *Congreso Internacional de Información*, Habana (Cuba), 14-18 **Disponible en:** <https://bit.ly/2XGAe7T>

APORTES ACADÉMICOS

Ponente en la Reunión de Medio Término del Comité Permanente de la Sección de América Latina y el Caribe de la Federación Internacional de Asociaciones de Bibliotecarios y Bibliotecas (IFLA LAC), con los temas: "Contribución de las bibliotecas de El Salvador a los ODS de la agenda 2030", "Acceso a la información, ciencia y cultura en El Salvador: actuación del bibliotecario, Ciudad de México, 2020.

Ponente en la Reunión de Medio Término del Comité Permanente de la Sección de América Latina y el Caribe de la Federación Internacional de Asociaciones de Bibliotecarios y Bibliotecas (IFLA LAC), con el tema "Innovaciones en bibliotecas de El Salvador y la ISO 9001", Brasilia, 2019.

Ponente en la 50° Reunión Nacional de Bibliotecarios de Argentina: bibliotecas y bibliotecarios impulsando el desarrollo en la agenda 2030 con la presentación "Asociaciones y Colegios de Bibliotecarios de Centroamérica: reactivando lazos de cooperación", Buenos Aires, 2018.

Ponente en el Seminario científico internacional: bibliotecas para la paz y la transparencia con la presentación "Aplicación de los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS): acciones desarrolladas por las bibliotecas públicas, escolares y universitarias de El Salvador", Buenos Aires, 2018.

Ponente en la Reunión de medio término del comité permanente de IFLA LAC con la presentación "Aplicación del tratado de Marrakech en El Salvador" adoptado por los Estados miembros de la Organización Mundial de la Propiedad Intelectual (OMPI), Buenos Aires, 2018.

Ponente en el Encuentro internacional de innovación para el desarrollo, EIIDE 2018 con la presentación "Las bibliotecas y su contribución a los Objetivos de Desarrollo Sostenible: prácticas en Latinoamérica"; Ciudad de México, 2018.

Ponente en Congreso Iberoamericano de Memorias del Agua (Lecturas, Ecología y Educación), X Plenario de la Red, Sevilla, 2017.

Presentación de un póster sobre la Cultura del Agua en El Salvador en la Conferencia Internacional "AGUA: Lecturas y Narrativas" y asistencia al Plenario de la Red Internacional de Universidades, Portugal, España, 2015.

Ponente en la IV Asamblea Región Centroamericana de la Unión de Universidades de América Latina y El Caribe, El Salvador, 2015.

Participación como ponente en el Foro regional de discusión "Las bibliotecas frente al reto del desarrollo sostenible: la Declaración de Lyon sobre el Acceso a la Información y el Desarrollo", Heredia, Costa Rica, 2015.

Participación como ponente en el Foro de Alfabetización Mediática e Informativa en América Latina y el Caribe con el tema "El desarrollo de las capacidades y las competencias digitales y Alfabetización Mediática e Informativa en América Latina y el Caribe", Distrito Federal, México, 2014.

Participación como ponente en el Primer Congreso Internacional Multidisciplinario en Alfabetización Informativa con el tema "Inserción de la alfabetización informativa en el plan curricular a nivel de pregrado en la Universidad Francisco Gavidia (UFG), Ciudad Juárez, Noviembre 2014.

Participación en el evento IX Encuentro de Bibliotecas y Bases de Datos, Medellín, 2013.

Creación a nivel de prototipo de un Sistema de Gestión Documental Informatizado de la Universidad Francisco Gavidia, 2011.

6 UNA ARTESANA DE LA BIBLIOTECOLOGÍA ANDINA – MARTHA OROZCO OSSIO: (LA PAZ, BOLIVIA)



Después de batir el récord de resistencia, con el ímpetu gastado en la formación del mundo, débil y fatigado se pondría a descansar en el lomo rugoso de una montaña.

Poema III -Pirotecnia- Hilda Mundy

Era abril de 2019 cuando en la Universidad de Sao Paulo (USP), se celebraba el III Simposio Internacional Pensar y Repensar América Latina, así como también, el I Congreso Internacional Pensamiento e Investigación sobre América Latina. Además de lo usual en un evento académico repleto de *stands* de libros y editoriales, en las universidades públicas como la USP, hay pequeños lugares de artesanías, libretas y cachivaches. Al lado de los libros que hemos considerado por siglos en la práctica bibliotecaria como un objeto simbólico, había una mujer que tejía, y entre observar su arte, hablar y conocernos, nos dimos cuenta de que ella, además de tener el arte en sus manos, era una colega bibliotecóloga boliviana que después de haber dedicado gran parte de su vida a la Bibliotecología y la Archivística, ahora camina y teje la palabra.

Esta caminante y tejedora de la palabra, ingresó a la carrera de Bibliotecología como muchos lo hacen, buscando una puerta de entrada a la universidad; pues Derecho (su carrera de interés), al ser más apetecida, era de más difícil acceso. Adicional a eso, había quienes decían que en Bibliotecología, era más fácil ingresar al mundo laboral... y sí, efectivamente lo era. Sin embargo, lo más importante no fue comprobar esto último, sino que en el proceso, mientras hacía el técnico superior en Bibliotecología, le gustó la carrera: **estaba bonito, así que acabé a nivel licenciatura...** expresa ella, resaltando el hecho de haber tomado materias muy bonitas. Ello, aun cuando tiempo después, pudo pasar a Derecho. Lo que lleva a pensar que, algo de especial ha de tener esta profesión, en tanto quienes resultan en ella, no solo se encuentran con un panorama distinto al que imaginan, sino que terminan logrando lo que se proponen; literalmente, en algunos casos, es la puerta de entrada a los sueños.

Si la Bibliotecología es una ciencia o una técnica, no es motivo de preocupación para Martha, pues dice ella que allí, quién sabe dónde, si en su país o en su interior, ya se han cansado de hacer definiciones; más bien, aclara, **lo importante es que es una carrera donde pienso que el ser humano mientras tiene posibilidad de comunicarse, de deleitarse con el conocimiento, disfruta... Entonces es más humana, digamos en un sentido de la palabra. Cuando nosotros pasamos a dar un servicio al momento de encontrar un trabajo, es divertido.** Claro que, de otro lado, reconoce que esta también es vista como una carrera cenicienta... ¿de quién? ya se imaginarán las crueles madrastras.

Su relación con la Bibliotecología, más allá de estar detrás de los estantes manipulando libros, pasó también por una relación de interés con sus profesiones hermanas: la Documentalística, la Archivística y la que más le gusta a ella: la Museística, donde hizo algún trabajo. **La Documentalística me parece muy interesante, pues tenemos que ver que vaya de la mano con los avances de la ciencia... que de**

hecho no me gusta esa palabra, pues todo lo que se hace es comprobable con el tiempo.

De la Bibliotecología, destaca sobre todo, su experiencia al trabajar en biblioteca universitaria: **un día vemos a los estudiantes todos tímidos y al final, los vemos realizados, porque ayudamos con ello y en ese papel, juega un lugar importante la bibliotecóloga o la bibliotecaria (como se llame) eso sería para mí la Bibliotecología humana.**

Por si fuera poco, Martha reconoce el papel de las mamás como bibliotecarias que enseñan sus primeros libros a los hijos, recordándonos que hay un no sé qué en el corazón de las mujeres que, como expresa Paulina, más que prestar un servicio o entregar información, se ocupa de dar vida.

Mamá me enseñó a desentrañar las dudas en los libros. Me enseñó a amar los diccionarios. La vida la encontraba allí, como si libro y vida fueran inseparables.

¡Mamá me enseñó a leer...!!! -Yunier Riquenes.

Sus aportes, por tanto, si bien no pueden traducirse en producción intelectual, dado que, no tenemos acceso a ella, los vemos reflejados en su palabra, en el valor que hay detrás de aquello que resalta y reconoce de la profesión donde alguna vez estuvo caminando aquella que hoy da forma al mundo con la trama y urdimbre de su hacer, de su recorrido, de su devenir mujer boliviana, bibliotecóloga, artesana.

7 UNA APASIONADA DE LA LECTURA EN LA BIBLIOTECOLOGÍA - ELSA MARGARITA RAMÍREZ LEYVA (MÉXICO)



*Uno no escoge el país donde nace;
pero ama el país donde ha nacido.
Uno no escoge el tiempo para venir al mundo;
pero debe dejar huella de su tiempo.
Nadie puede evadir su responsabilidad.
Nadie puede taparse los ojos, los oídos,
enmudecer y cortarse las manos.
Todos tenemos un deber de amor que cumplir,
una historia que nacer
una meta que alcanzar.
No escogimos el momento para venir al mundo:
Ahora podemos hacer el mundo
en que nacerá y crecerá
la semilla que trajimos con nosotros.
Gioconda Belli*

Elsa Margarita es Doctora en Ciencias de la Información de la Universidad Complutense de Madrid (2003), Licenciada (1977) y Maestra en Bibliotecología de la Universidad Nacional Autónoma de México. En la actualidad, es la Directora General de las Bibliotecas de la UNAM. Con una experiencia investigativa y profesional de más de 30 años y vinculada como investigadora al Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información de la UNAM, ha

transitado por diversos espacios profesionales: Directora de la biblioteca y de la Hemeroteca de la Unión de Universidades para América Latina (1974-1978), encargada de asesorías del Departamento de Planeación de la Dirección General de Bibliotecas, UNAM (1978-1981); Secretaria Académica (1985-1993) y Directora (1993-2001) del Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas (CUIB) de la UNAM. Algunas de las menciones y premios que ha recibido son: premio Sor Juana Inés de la Cruz, UNAM (2008), premio Homenaje al bibliotecario por la Feria Internacional del Libro de Guadalajara (2014) y reconocimiento como socia honoraria por el Colegio Nacional de Bibliotecarios, en el marco de su Séptimo Congreso Nacional (2019).

Cuando comenzó sus estudios de preparatoria, jamás pasó por su cabeza la idea de estudiar Bibliotecología, es más, ignoraba que existiera esta carrera; durante esos años, nunca acudió a la biblioteca, la cual ocupaba un espacio siempre cerrado. Sin embargo, esto no hizo que fuera lejana a la lectura, pues tuvo la fortuna de tener libros en casa y de contar con apoyo para comprarlos; pues su papá la llevaba junto con sus hermanos a una librería llamada **Librería de Cristal**, donde podía seleccionar algunos materiales.

En secundaria, pensó en estudiar Medicina, pero con el tiempo, surgió el temor de cometer un error y que alguien muriera o pudiera ser dañado por cuenta de este; entonces pensó en Psicología. Así que, cuando terminó la preparatoria, se quedó a la espera de la convocatoria para presentar el examen de admisión a la UNAM. Por ese entonces, su hermana había terminado la carrera de Letras en dicha universidad y trabajaba en un Centro de Documentación de la Unión de Universidades de América Latina y el Caribe (UDUAL); casualmente, su hermana un día le propuso ocupar su lugar, porque había logrado ingresar a trabajar en el Centro de Estudios Literarios de la UNAM, pero la verdad, para Elsa no era nada atractiva la oferta, pues mientras tanto, pensaba estudiar idiomas; sin embargo, después tanta insistencia de su parte, aceptó.

Una vez ubicada en las oficinas de la UDUAL, las cuales se encontraban al interior del campus principal de la UNAM, la Mtra. Levi, Directora del Centro, la recibió con la explicación del proceso de la Guía de publicaciones periódicas de América Latina sobre educación (proyecto importante en el que venía trabajando con su hermana) y las actividades que debía realizar, entre estas, organizar títulos por orden alfabético; hasta ese momento, se percató de la importancia de dicho orden. Pero no solo eso, sino que también empezó a indagar sobre sus planes de estudio y a platicarle sobre la carrera de Bibliotecología, prestándole incluso libros sobre temas bibliotecológicos, además de compartirle su propia historia de vida: la Mtra. Levi salió de Italia con su esposo, durante la Segunda Guerra Mundial. Antes de llegar a México, estuvo en algún país de Sudamérica, luego llegó allí y empezó los estudios de Bibliotecología, se tituló y se integró al cuerpo docente para impartir la materia de Publicaciones periódicas.

Después de concluir dicha guía, Elsa le ayudaba a su jefe en el área de consulta, actividad que le empezó a gustar. De ahí que, al abrirse la convocatoria para ingresar a la UNAM, se inscribiera tanto a Bibliotecología como a Psicología, obteniendo como respuesta, la posibilidad de elegir una de las dos; todavía dudosa, dice ella, eligió Bibliotecología: **El día de la inscripción, entré en el majestuoso edificio de la Biblioteca Central, una obra de arte por sus impresionantes murales hechos de piedras seleccionadas y recolectadas en diferentes lugares de México por su autor Juan O' Gorman, en donde se encontraba el Colegio de Bibliotecología; allí me recibió la Coordinadora, Mtra. Gloria Escamilla, una mujer de pelo corto, canoso, de lentes, muy severa, con una blusa, suéter, falda amplia y zapatos de tacón corto. Me dio un poco de temor...**

Así fue que se inició en los estudios de Bibliotecología, gracias a la Mtra. Levi y el servicio de consulta del Centro de Documentación, la hoy reconocida Dra. Elsa.

Después de concluir la licenciatura en donde descubrió el catálogo y con este, lo difícil que es la catalogación y la clasificación, además de los inicios de la automatización, la

restauración de libros, los recursos audiovisuales, la enorme variedad de colecciones y las estadísticas, faltándole casi un año para concluir, sintió que le faltaba seguir estudiando e inició su estudio en la Facultad de Psicología como segunda carrera, aunque aún no había hecho la tesis. Aun así, casi al terminar la carrera, un compañero había ido a tomar unos cursos de verano al colegio de Bibliotecología de la Universidad de Wales en Aberystwyth, entonces ella se animó y se inscribió en algunos cursos ofertados por dicha universidad: Edificas para bibliotecas y Fuentes de información para las ciencias sociales. Se fue dos meses a realizar dichos cursos y les organizaron un tour de bibliotecas en donde descubrió otro mundo; allí tanto las bibliotecas universitarias como las públicas, tenían acceso abierto al acervo, permitiendo fotocopiar lo que se necesitaba. Regresó muy motivada y cambió de trabajo, dejó la UDUAL y entró a la Dirección General de Bibliotecas (DGB) por sugerencia de su titular, la Mtra. Margarita Almada, quien había sido su maestra y conductora en el descubrimiento de las bases de datos y los índices de citas. Entró a colaborar al Departamento de Planeación a cargo de una gran colega llamada Ma. Trinidad Román, allí uno de temas impulsados era los edificios de bibliotecas. Dejó la Psicología y empezó a trabajar en su tesis sobre los índices de citas y se inscribió a la Maestría en Bibliotecología.

Otra experiencia, fue apoyar como ayudante de profesor en la maestría de Clasificación que impartía la admirada Dra. Ma. Teresa Chávez Campomanes. Esto la llevó a la docencia y el ejemplo de entusiasmo de la Dra. Chávez, le mostró otro aspecto de la Bibliotecología y eso no solo le provocó que dejara la idea de la Psicología, sino que le permitió a encontrar en la Bibliotecología, muchas facetas y oportunidades para desarrollar distintas capacidades.

La relación de Elsa Margarita con la Bibliotecología, ha estado situada en el ámbito académico-universitario, por el lado laboral en puestos de servicio y directivos, educación profesional y posgrado, en la docencia y en la investigación;

asimismo, en el uso de las bibliotecas ha sido todo un gran ciclo de formación que aún continúa.

De hecho, la línea de trabajo de Elsa Margarita, ha sido la lectura y los lectores, de ahí que, actualmente, desarrolle el proyecto personal "Formación de lectores" y el colectivo "La cartografía de lectura, escritura y habilidades informativas en las Universidades de la República Mexicana", además de coordinar el Seminario "Investigación de Lectura", específicamente con el tema "Leer en la Universidad". En esta línea, ha ido tomando forma uno de los principales aportes que esta distinguida profesional ha hecho a la Bibliotecología, y es situarla como un campo en directa relación con el lenguaje, la lectura y la escritura, en diálogo permanente con la información.

Ella recuerda como momentos importantes en su tránsito por la Bibliotecología y la Ciencia de la Información, sin lugar a dudas, su llegada en 1969 al Centro de Documentación de la UDUAL y el encuentro con la Mtra. Nadia Levi; su aproximación a la biblioteca Pública Benjamín Franklin de la cual no quería salir, fue para ella todo un acontecimiento, dado que, esta era bien amueblada, de un ambiente grato, alegre y cálido, tenía acceso abierto al acervo con diferentes recursos (libros, revistas y algo sorprendente para ella: discos), además de contar con la presencia de una bibliotecaria atenta, dispuesta a ayudar; su participación en el curso de verano en la Universidad de Wales (1977), dado que, le abrió otro mundo de la Bibliotecología por los estudios y las diversas bibliotecas que visitaron. Luego entrar a trabajar a la Dirección General de Bibliotecas (1978) y conocer las distintas bibliotecas de la UNAM que era como entrar a un libro de cuentos, cada una era una historia, con su espacio, personal, servicios, etc.; además, recuerda con mucha emotividad, la creación del Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, CUIB (1981), gracias a los esfuerzos del Dr. Adolfo Rodríguez Gallardo y la Dra. Estela Morales, su anuncio fue algo memorable, en tanto implicó una lucha, demostrar a autoridades y a muchos colegas que la Bibliotecología también era una ciencia y, por ello, debía

tener un lugar en la investigación; después, formar parte de su planta de investigadores, fue una gran felicidad.

Pasado el tiempo, tuvo un gran reto: la dirección del CUIB (1993), hoy Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información IIBI. Finalmente, hoy vive un desafío que comenzó en 2016, tras regresar a la Dirección de Bibliotecas; pues la trajo de vuelta al futuro y le abrió el panorama de la grandeza de las bibliotecas y la complejidad de ser bibliotecóloga en este siglo XXI.

Para la Dra. Elsa, **la bibliotecóloga juega un papel estratégico en la sociedad porque es la que va a mediar entre todos los recursos que puede haber hoy -que son una diversidad (...) y están en todos lados- con una diversidad de públicos; es ella, por tanto, la que va a hacer ese vínculo, y en ese vínculo, se juega todo o pierde a los usuarios, pierde la oportunidad de participar en la formación de una ciudadanía más consciente, que sepa usar los recursos de información para su desarrollo, para ejercer precisamente sus derechos de información, pero con ética; entonces ella tiene una responsabilidad muy grande... yo diría que tan grande o más que la de un docente o un médico o un político, porque no se nota su labor, pero puede ser que sea crucial.**

Mujer y la Información: Dra. Elsa Margarita Ramírez Leyva-
<https://www.youtube.com/watch?v=UxccVjxMPJw>

PRODUCCIÓN ACADÉMICA

La formación de lectores: iniciativas de las universidades mexicanas y lo que les falta por hacer. *Caracteres: estudios culturales y críticos de la esfera digital*, v. 8, n. 2, p. 329-354, 2019. Disponible en: <https://bit.ly/3gF0RTw>

La formación de lectores para el uso ético de la información. *Información, Cultura y Sociedad*, v. 36, p. 111-122, 2017. Disponible en: <https://bit.ly/2Mfzwcc>

De la promoción de la lectura por placer a la formación integral de lectores. *Investigación Bibliotecológica*, v. 30, n. 69, p. 95-120, 2016. Disponible en: <https://bit.ly/3cd785b>

La lectura más allá de la letra en la formación de lectores. *Investigación Bibliotecológica*, v. 29, n. 66, p. 7-14, 2015. Disponible en: <https://bit.ly/2Xd8Org>

Estereotipos y roles sociales de los bibliotecarios en el discurso cinematográfico. *Revista General de Información y Documentación*, v. 24, n. 1, p. 25-40, 2014. Disponible en: <https://bit.ly/2Xf8Mz1>

Tendencias de la lectura en la universidad. (2015). UNAM. 280 p.

Trataditos sobre el mundo de los libros y la lectura. (2014). UNAM. 382 p.

La formación de lectores para el uso ético de la información. *Información, cultura y sociedad*, n. 36, p. 111-122, 2017.

De la promoción de la lectura por placer a la formación integral de lectores. *Investigación Bibliotecológica: Archivonomía, Bibliotecología e Información*, v. 30, p. 95-120, 2017.

Incorporation of Digital Culture in the UNAM High School Students' Reading Practices. *Investigación bibliotecológica*, v. 26, n. 56, p. 43-69, 2012.

REFERENTES

POLLAK, Michel. **Memoria, olvido, silencio. La producción social de identidades frente a situaciones límite.** La Plata: Ediciones Al Margen, 2006.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa:** una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

ISABEL ESPINAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (BCI)

Franciéle Carneiro Garcês da Silva
Dirnéle Carneiro Garcês



1 INTRODUÇÃO

A história de mulheres latino-americanas e caribenhas e suas contribuições para o campo biblioteconômico-informacional ainda carecem de serem evidenciadas no contexto brasileiro. Buscando contribuir para tornar visível estas mulheres, este capítulo enfoca na vida, obra, atuação bibliotecária e reflexão epistemológica da bibliotecária de origem dominicana, Isabel Espinal.

Para compor este estudo, nos baseamos na produção bibliográfica da autora produzida a partir dos anos 2000 disponível em base de dados, no site da instituição de atuação profissional e outras fontes de informação digitais disponíveis como entrevistas da bibliotecária.

Nesse sentido, este capítulo está dividido em três partes: em um primeiro momento, apresentamos uma breve biografia da autora, seguida de sua contribuição para os estudos latinos e, por fim, encerramos com seu pioneirismo na discussão sobre os Estudos Críticos da Branquitude na Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI).

2 VIDA E OBRA DE ISABEL ESPINAL

Ser bibliotecária prometia me permitir fazer uma variedade de coisas em meu trabalho, e eu ansiava por variedade e trabalhar com comunidades e materiais Latinxs e até mesmo usar meu espanhol em meu trabalho (Isabel Espinal, 2019, s.p., tradução nossa).

Isabel Espinal é filha de pais nativos da região de Cibao, localizada na República Dominicana, no entanto, nasceu e cresceu em Nova York. Foi a primeira da geração de sua família a ir para uma instituição de ensino superior e fazer uma graduação (UMASS, 2018; REYES, 2020).

Possui bacharelado em Literatura Latino-Americana e Civilização pela *Princeton University*, mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Escola de Biblioteconomia e Estudos da Informação, da *University of*

California, Berkeley, além dos títulos de Mestrado em Artes e PhD em Filosofia pela Universidade de Massachusetts, em Amherst (UMASS, 2009; 2018; REYES, 2020).

Figura 1 – Isabel Espinal



Fonte: <https://open-shelf.ca/wp-content/uploads/2018/11/Isabel-Espinal-final.jpg> Acesso em: 20 nov. 2020.

Criativa, Isabel é também poeta e tradutora de poemas:

Eu crio poemas por vários motivos, principalmente pessoais. Às vezes, eu leio ou escrevo poesia quando estou muito triste ou deprimida e isso pode informar situações pessoais ou mesmo profissionais. Muitas vezes, essa criatividade está muito longe da minha prática bibliotecária e, outras vezes, está muito diretamente ligada, como quando fiz programação cultural de bibliotecas com poetas (ESPINAL, 2019, s.p., tradução nossa).

Na profissão bibliotecária, a poesia é uma das influências para exercer suas atividades e criar projetos:

A poesia ajuda e inspira minha prática bibliotecária na medida em que libera minha mente, às vezes afrouxa meu pensamento, outras vezes aperta meu pensamento. É possível que o tipo de pensamento que tenho como poeta me tenha ajudado a buscar e apreender ideias antes ou sem que fossem palavras da moda na BCI... Tenho sido uma bibliotecária de ideias infinitas! (ESPINAL, 2019, s.p., tradução nossa).

Enquanto atuação profissional, suas experiências se iniciaram na década de 1990 e se estabeleceram em vários cargos ocupados em bibliotecas e instituições, dentre eles, como supervisora na *Ferguson Library*, em *Stamford*, na qual trabalhou com a supervisão de pessoas, gestão de coleções e administração de filiais. Foi também catalogadora de recursos femininos e assistente de biblioteca de referência no Centro de Recursos Femininos, da *University of California*, em Berkeley (UMASS, 2009). Ademais, atuou como bibliotecária-chefe na Biblioteca *South Norwalk*, em 1997, exercendo a administração de filiais da Biblioteca, gerenciamento de coleções, serviço de referências gerais, comerciais e infantis, assim como foi líder na renovação da referida Biblioteca (UMASS, 2009).

No entanto, foi na Universidade de Massachusetts Amherst que Espinal consolidou sua carreira que atualmente completa 22 anos. Ingressou em 1998 como especialista em divulgação e bibliotecária de referência, na qual por intermédio do Departamento de Referência da Biblioteca W. E. B. Du Bois, realizou atividades no âmbito da biblioteca, do campus e da comunidade.

Em 2001, passou a atuar como bibliotecária de serviços de instrução para humanidades, promovendo direcionamentos para estudos nas áreas de antropologia, estudos afro-americanos, estudos nativos americanos e

inglês, além de serviços de referência em geral (UMASS, 2009).

Posteriormente, em 2007, Espinal se tornou coordenadora de instrução interina das Bibliotecas da Instituição, na qual coordenou até 2014 o Programa de Instrução das bibliotecas, o qual visa

conectar instrutores e professores com bibliotecários de instrução para ensinar alfabetização informacional para alunos da UMass; atualizar páginas da *web*; garantir o funcionamento adequado das salas e equipamentos de instrução da biblioteca (UMASS, 2009, s. p., tradução nossa).

Dentre as atividades desempenhadas no Programa estiveram o desenvolvimento de estatísticas e avaliação, defesa da alfabetização informacional e treinamento de equipe de bibliotecários de ensino de liderança e gerenciamento de sala de aula (ESPINAL, 2020).

Atualmente, se tornou bibliotecária de serviços de pesquisa em Ciências Humanas e atua como bibliotecária de referência e instrução para Estudos Afro-Americanos, Antropologia, Estudos Latinos, Estudos Nativos Americanos e Indígenas, e Mulheres, Estudos de Sexualidade de Gênero na Biblioteca W. E. B. Du Bois, além fornecer serviços de referência geral e elaboração de guias e tutoriais de pesquisa de assunto *online* (ESPINAL, 2020).

Em 2003, ganhou o prêmio *Library Journal Movers and Shakers*²⁷, na categoria *Collaborator Recruiter* pelo *Library Journal*. Espinal compõe ainda o quadro do corpo docente da Universidade de Massachusetts e pertence à *Massachusetts*

²⁷ Esse prêmio é uma homenagem a pessoas que atuam em bibliotecas com contribuições em diversos setores, causando impacto na comunidade as quais fazem parte. Disponível em: <https://www.libraryjournal.com/?page=movers-by-year#2003>
Acesso em: 20 nov. 2020.

Society of Professors (uma união de/para professores e bibliotecários). É integrante e foi presidenta da REFORMA: Associação Nacional para a Promoção de Bibliotecas e Serviços de Informação para Latinos e de Língua Espanhola no período de 2013 a 2014, assim como faz parte da *Black Caucus of the American Library Association*, da *American Library Association*, da *Association of College and Research Libraries* - atuando na seção de Bibliotecários de Estudos Afro-Americanos, Antropologia e Sociologia - além do *Progressive Librarians Guild* e da *Multilingual Action Coalition* (UMASS, 2009; 2018; REYES, 2020).

No que concerne a seus interesses de pesquisa, seus enfoques estão direcionados para as áreas de estudos africanos, estudos afro-americanos, comunicação, línguas, literaturas e culturas, estudos latino-americanos, caribenhos e latinos, estudos nativos americanos e indígenas, espanhol e português (UMASS, 2009).

Com relação à sua produção científica, Espinal possui como principais textos:

- *A New Vocabulary for Inclusive Librarianship: Applying Whiteness Theory to our Profession* (2001), capítulo publicado no livro *The Power of Language/El poder de la palabra*;
- O artigo "Wanted: Latino librarians" (2003),
- O capítulo *A bridge to brown: The politics of Latin@ Reading*, no livro *Technofuturos: Critical Interventions in Latina/o Studies* (2007), editado por Nancy Raquel Mirabal e Agustín Laó-Montes;
- O artigo *The diversity mandate* (2010), em conjunto com Denice Adkins,
- O artigo *A Holistic Approach for Inclusive Librarianship: Decentering Whiteness in our Profession* (2018), escrito em parceria com Tonia Sutherland e Charlotte Roh.

2 BIBLIOTECAS, PESSOAS BIBLIOTECÁRIAS LATINAS E COMUNIDADES NÃO-BRANCAS

Nas décadas de 1960 e 1970, os esforços para recrutamento de pessoas bibliotecárias latinas se aprofundou com a insurgência dos movimentos civis. Nesse período, inclusive, um grupo de bibliotecários da década de 1960 se uniu para a criação do primeiro Comitê de Recrutamento de Mexicanos Americanos. Onze anos depois, a REFORMA: Associação Nacional para a Promoção de Bibliotecas e Serviços de Informação para Latinos e de Língua Espanhola, foi a única associação de bibliotecas em nível pátrio que tinha entre os enfoques de suas ações, o recrutamento de bibliotecárias e bibliotecários latinos (ESPINAL, 2003).

Aliado a isso, houve a formação de pessoas latinas em Biblioteconomia nos períodos de 1972 a 1975 e de 1976 a 1980 pelo Programa Fullerton e pelo *Graduate Library Institute for Spanish-speaking Librarians* (GLISA), respectivamente, os quais foram programas que evidenciavam em seus currículos o atendimento a comunidades latinas. Juntos, nesse período graduaram mais de 100 bibliotecárias e bibliotecários latinos (ESPINAL, 2003).

Em seu texto *Wanted: Latino Librarians* – que em tradução livre seria “Procurados: Bibliotecários Latinos” –, publicado em 2003 no *Library Journal*, Isabel Espinal promove uma crítica sobre a ausência de bibliotecárias e bibliotecários latinos em bibliotecas americanas. A autora inicia sua reflexão dizendo:

Imagine entrar em uma biblioteca uma e outra vez e nunca ver ninguém que remotamente se pareça com você. Imagine não encontrar ninguém que fale sua língua. Imagine saber que existe uma grande coleção de recursos lá pelos quais seus impostos foram pagos, mas você não sabe como está organizada ou como encontrar o que precisa. Ou imagine que

você fala um pouco de inglês, mas quando você faz uma pergunta, o bibliotecário parece não entender o que você está dizendo. Esta é a triste realidade para muitos dos latinos de predominância espanhola que vivem nos Estados Unidos (ESPINAL, 2003, s.p., tradução nossa)

Ao nos instigar a imaginação voltada ao dia a dia de uma biblioteca nos Estados Unidos, sob a visão de pessoas pertencentes a comunidades de origem latina e caribenha, a autora explicita sua crítica sobre como, mesmo com o passar do tempo, o acesso a bibliotecas americanas por parte dessas comunidades ainda é comprometido.

Em sua percepção, o recrutamento de pessoas bibliotecárias latinas é a solução para que se promova o acesso à informação e à biblioteca por parte de povos latinos. No entanto, a Biblioteconomia ainda é uma profissão predominantemente branca e o debate sobre raça e branquitude tem que se fazer evidente, inclusive quando se pauta o recrutamento de pessoas bibliotecárias para trabalhar em bibliotecas e demais unidades de informação (ESPINAL, 2003; ADKINS; ESPINAL, 2010).

Apesar do aumento no recrutamento de pessoas bibliotecárias latinas ser uma solução aparentemente simples, a falta de profissionais latinos em bibliotecas ainda é uma realidade. No início dos anos 2000, dados estatísticos demonstraram que pessoas brancas não-latinas possuíam uma pessoa bibliotecária branca não-latina para cada 1.830 cidadãos, enquanto que para cada 9.177 pessoas da comunidade latina havia somente uma pessoa latina bibliotecária para atendê-las. Isso “significa que os latinos têm muito menos probabilidade de encontrar alguém de sua própria cultura para servi-los” (ESPINAL, 2003, s.p., tradução nossa).

Como consequência, comunidades não-brancas ficam sem se ver representadas nas bibliotecas e sem sentir pertencimento àquele espaço, e dessa forma não utilizam

esses instrumentos como deveriam (ESPINAL, 2003; ADKINS; ESPINAL, 2010).

Espinal enfatiza ainda a necessidade de existir bibliotecárias e bibliotecários bilíngues com preparação básica para interagir verbalmente com diferentes públicos falantes de idiomas que não o inglês. Apesar dessa necessidade, a falta de bibliotecárias e bibliotecários latinos está vinculada a diferentes fatores, dos quais a autora destaca como um dos motivos de preconceito contra latinos e o preconceito linguístico por conta do padrão idiomático que apresentam:

falantes nativos de espanhol que falam inglês com sotaque são considerados como sem habilidade linguística, enquanto falantes nativos de inglês que falam espanhol com sotaque são considerados como tendo amplitude ou diversidade linguística (ESPINAL, 2003, s.p., tradução nossa).

Outro fator que afeta a quantidade desses profissionais na Biblioteconomia é o baixo número de pessoas latinas que chegam à universidade. Assim, é necessário diminuir as taxas de evasão escolar de pessoas latinas no ensino médio e superior e obter uma educação melhor para essa população em todos níveis escolares (ESPINAL, 2003).

Conforme a autora, dentre as vantagens em se ter profissionais latinos em bibliotecas estão: a) elaboração de acervos e coleções em espanhol mais abrangentes; b) conhecimento sobre necessidades específicas de informação das comunidades latinas; c) preservação das heranças culturais de povos latinos; d) comunicação eficaz e direta com pessoas falantes de espanhol e direcionamento às informações que buscam, entre outras (ESPINAL, 2003).

No entanto, não basta somente contratar bibliotecárias e bibliotecários latinos, é preciso estabelecer políticas e criar projetos que incitem à diversidade de profissionais em

equipes de bibliotecas. Programas de recrutamento com acompanhamento de talentos latinos em escolas e universidades, bolsas de estudos para cursos de Biblioteconomia, cobrança das associações profissionais e instituições bibliotecárias para fortalecerem e incentivarem a contratação de pessoas latinas são alguns dos pontos citados pela autora para que essas políticas se tornem efetivas. Ainda,

deve haver pesquisa quantitativa e qualitativa para documentar as barreiras e as abordagens bem-sucedidas e para rastrear as mudanças nos números. O primeiro passo, é claro, é garantir que os latinos se sintam desejados na profissão e que desejam ter sucesso (ESPINAL, 2003, s.p., tradução nossa).

Como percebemos nessa seção, Espinal discutiu a ausência de pessoas latinas bibliotecárias em bibliotecas e como o sistema de recrutamento e ingresso de pessoas de origem latino-americana na Biblioteconomia encontra barreiras de ordem racial. Pensando nisso, nosso enfoque agora se desloca para as reflexões de Espinal sobre a branquitude no campo biblioteconômico-informacional.

3 BRANQUITUDE NA PROFISSÃO BIBLIOTECÁRIA: REFLEXÕES ESPINALIANAS

No cenário norte-americano, a biblioteca ainda continua com lacuna de pessoas bibliotecárias negras e latinas em suas equipes. Apesar de iniciativas como REFORMA: Associação Nacional para a Promoção dos Serviços Bibliotecários para Latinos e de Língua Espanhola; a *Black Caucus da American Library Association*; a Associação de Bibliotecas Americanas do Pacífico Asiático; a *American Indian Library Association*; e a *Chinese American Library Association*, as quais forneceram suporte financeiro e acompanhamento para que pessoas não-brancas obtenham sua formação em Biblioteconomia, essas

populações ainda não são representadas de forma equitativa dentro das bibliotecas, associações e entidades bibliotecárias.

Em seu artigo *The Diversity Mandate* (2010) – traduzido como “O mandado da diversidade” –, Denice Adkins e Isabel Espinal inferem ser de amplo conhecimento que, apesar dos avanços ocorridos desde as décadas de 1960, a profissão bibliotecária ainda é predominantemente uma profissão branca.

Como vimos na seção anterior, o preconceito contra latinos – que se estende também a pessoas negras, asiáticas e demais populações não-brancas – se encontra presente em diversas esferas do campo biblioteconômico-informacional, mas, especificamente, dentro do recrutamento de pessoas latinas e de outros grupos étnico-raciais em bibliotecas e espaços de informação, enfoque que as obras de Espinal discutem.

A falta de diversidade nesses espaços influencia negativamente nas comunidades, não só para frequentarem as bibliotecas, como também para se tornarem bibliotecárias e bibliotecários:

As comunidades de cor não serão atraídas automaticamente para a profissão de bibliotecário, nem mesmo saberão dela, simplesmente porque podem ver a falta de diversidade em suas bibliotecas. Existe um mandato para diversificar, e a falta de diversidade é um alerta para recrutar, recrutar, recrutar (ADKINS; ESPINAL, 2010, s.p., tradução nossa).

O recrutamento, um dos passos principais para contratar e reter profissionais latinos e não-brancos em bibliotecas, está imbuído de microagressões, práticas racistas e de promoção da branquitude. Isabel Espinal foi uma das pioneiras nos Estudos críticos da Branquitude em Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) a refletir sobre

a identidade racial branca dentro do campo. Seu primeiro artigo sobre essa discussão intitulado *A new vocabulary for inclusive librarianship: Applying whiteness theory to our profession*²⁸ foi apresentado na *REFORMA National Conference*, em Tucson, Arizona, no ano 2000. Um ano depois, foi publicado como capítulo no livro oriundo do evento *The power of language/El poder de la palabra: Selected papers from the second REFORMA National Conference*, editado por Liliam Castillo-Speed.

Nesse trabalho, Espinal promove um exame crítico da biblioteca e da profissão bibliotecária, a partir das lentes da Teoria da Branquitude advinda da Antropologia. Em sua percepção, as discussões e pesquisas no campo biblioteconômico-informacional possuem a tendência de voltar seu olhar para grupos étnico-raciais não-brancos colocados à margem e que se encontram subrepresentados em espaços diversos da sociedade. Entretanto, poucas são as pesquisas que evocam o olhar crítico para a população branca e seus privilégios dentro das sociedades (ESPINAL, 2001).

Nomear a branquitude, interrogá-la e colocá-la sob o lugar de objeto de estudos da Biblioteconomia e Ciência da Informação é o que Espinal nos instiga a fazer. A autora argumenta:

[...] a menos que abordemos a branquitude, a menos que a identifiquemos e nomeemos, muitos dos problemas que nos atormentam coletivamente e individualmente como bibliotecários de cor continuarão” (ESPINAL, 2001, p. 132-133, tradução nossa).

Dialogando com Espinal, April Hathcock (2015, s.p., tradução nossa) infere que “a natureza invisível da

²⁸ Tradução nossa: Um novo vocabulário para Biblioteconomia Inclusiva: Aplicando a Teoria da Branquitude à nossa profissão.

branquitude é a chave de seu poder”. Se não a questionamos, a deixamos livre para que propague a cultura de exclusão e opressão que coloca as populações não-brancas fora dos serviços e produtos produzidos pela prática bibliotecária.

Diversidade. Étnico. Pessoas de cor. Latinos. Falando espanhol. Preto. Chinês. Indiano. Estas são algumas das palavras que estamos usando atualmente para abordar as desigualdades culturais na biblioteconomia. Mas o que está faltando em nossa lista de vocabulário? Observe que não há menção a brancos ou alvura. Presume-se, por exemplo, que pessoas de cor são pessoas de cor não branca. *O branco não é considerado uma cor. Além disso, presume-se que o branco não seja étnico* (ESPINAL, 2001, s.p., grifo e tradução nossos)

A branquitude ou identidade racial branca é deixada de lado e, em diversos casos, coloca-se em evidência o discurso da diversidade como forma de resolução de todos os problemas existentes na Biblioteconomia e bibliotecas. Nos esquecemos, no entanto, de voltar o olhar para o grupo racial hegemônico que promove as exclusões e opressões raciais dentro das sociedades: o branco (ESPINAL, 2001).

“A cultura dominante norte-americana - branca - não está acostumada a olhar para a branquitude ou reconhecer sua própria existência” (ESPINAL, 2001, p. 134, tradução nossa). Nesse sentido, Espinal afirma “ser imperativo derrubar a dominação racial dos brancos na Biblioteconomia, aplicando antropologicamente a Teoria da Branquitude à profissão” (ESPINAL, 2001, p. 133, tradução nossa). Enfatiza ainda que a linguagem presente nos Estudos Críticos da Branquitude pode ser um instrumento poderoso para desenvolver o trabalho como bibliotecárias e bibliotecários latino-americanos (ESPINAL, 2001).

A contribuição dessa Teoria para a área está em possibilitar examinarmos criticamente como a branquitude está sendo desempenhada em bibliotecas e espaços de informação, a partir da análise de comportamentos dos sujeitos, histórias de grupos e práticas institucionais (ESPINAL, 2001).

Amparada em autoras e autores dos estudos de branquitude, raça e racismo como Charles Mills, Ruth Frankenberg, Angel Oquendo e Helán Enoch Page, Espinal explicita que a raça não é um fator biológico, mas uma construção social. Ruth Frankenberg interpretada por Espinal chama de “racismo essencialista” o legado que se tornou um marcador de discursos sobre raça e aqueles que deles derivam:

Não muito tempo atrás, o discurso predominante dos brancos postulava que a raça era um fato biológico, uma visão de que estudiosos de cor como W.E.B. Du Bois criticou e que ativistas de cor, como Martin Luther King Jr., lutaram politicamente. Esse discurso branco foi chamado de *racismo essencialista* porque construiu e promoveu a visão de que havia uma diferença essencial entre brancos e não-brancos, uma diferença com a qual eles nasceram. O *racismo essencialista* foi repudiado no discurso público branco, mas não desapareceu completamente (ESPINAL, 2001, p. 134, tradução e grifos nossos).

A raça é, então, a principal diferença e a razão para que a desigualdade racial perdure. O “problema da cor”, conforme chama W. E. Du Bois, é o que mantém todos os grupos étnico-raciais vinculados em um lugar de herança da dor, da dominação, da escravidão, da exploração e da resistência – como é o caso das populações de origem africana.

Por outro lado, ser branco é também uma construção social e ideológica dentro das sociedades. Embasada em Helán Enoch Page, Espinal infere que a branquitude ideológica é um princípio gerador do racismo, o qual é um processo:

comportamental dual que envolve atos de formação de identidade e legitimação de acesso a recursos, ambos os quais eram práticas uma vez abertamente reconhecidas como aspectos da "supremacia branca", mas que agora podem ser mais sutilmente e secretamente reproduzidas como um conjunto observável e rotineiro de crenças e práticas de supremacia branca implicitamente prescritivas, mas explicitamente rejeitadas, às quais todos os que se identificam como "brancos" (ou que se comportam como "brancos") devem aderir - especialmente os homens brancos - se eles desejam manter sua própria posição racial como membros desses dois grupos brancos privilegiados e reivindicar seu direito negociável de acesso privilegiado a recursos (PAGE apud ESPINAL, 2001, p. 135-136, tradução nossa).

A branquitude “não é um conceito abstrato; nós inferimos isso por meio do comportamento das pessoas, não pelo que pode ou não estar dentro de suas cabeças” (ESPINAL, 2001, p. 136, tradução nossa). Por meio dela se estabelece também como ações coletivas são definidas e, diversas vezes, disfarçadas.

Na verdade, argumenta a autora, há práticas culturais brancas que delineiam como a branquitude se apresenta e corporifica. Tais práticas culturais se expressam, por exemplo, quando se deixa de ver e perceber as questões de inclusão e

exclusão de populações não-brancas em bibliotecas, assim como são fornecidas

respostas defensivas a ter preocupações com a inclusão levantadas e a inevitável fuga aos pequenos detalhes para provar que essas preocupações são infundadas, uma prática agora chamada de *whitelash* ou *reclamação de brancos* (ESPINAL; SUTHERLAND; ROH, 2018, p. 148, tradução nossa).

Com base nos comportamentos e no aparelho sensorial é que a identidade racial é incorporada e afetar a nossa forma de viver e sentir em uma sociedade racializada.

No que refere à instituição biblioteca, esta é considerada por Espinal como um *espaço público branco* – conceito oriundo do pesquisador e antropólogo, Helán Enoch Page – entendido como:

o escopo e a gama de ações públicas organizadas e gerenciadas profissionalmente e divulgadas em defesa do privilégio branco, como as práticas manipuladoras, muitas vezes enganosas, de vigilância e patrulha que tornam confiáveis os espaços domésticos nacionais, locais ou privados racialmente públicos e capazes de propagar globalmente as encarnações materiais e representações ideológicas da branquitude que asseguram a proeminência de uma ocupação racial dominante e redefinição de espaços subglobais terrivelmente sujeitos ao escrutínio e controle racial (PAGE, 1999, s.p., tradução nossa).

Como espaços públicos brancos simbólicos ou materiais, bibliotecas e unidades de informação são

controladas de forma que os benefícios e privilégios do grupo racial dominante, assim como as “coisas de importância racial pareçam honestas, justas, legítimas e simplisticamente óbvias quando as experiências corporificadas de alvos raciais gritam que elas obviamente não são” (PAGE, 1997 apud ESPINAL, 2001, p. 136, tradução nossa).

Historicamente, o olhar para a branquitude em bibliotecas e profissão bibliotecária a partir de pessoas bibliotecárias não-brancas e brancas não é algo novo. Dezessete anos após seu primeiro artigo, no qual promoveu o debate da Teoria da Branquitude aplicada à discussão biblioteconômica – que trouxemos nos parágrafos anteriores desta seção –, Isabel Espinal examinou a produção científica já publicada sobre o assunto dentro da Biblioteconomia em *A Holistic Approach for Inclusive Librarianship: Decentering Whiteness in our profession*²⁹, artigo produzido em conjunto com Tonia Sutherland e Charlotte Roh.

Neste artigo, as autoras citaram estudos importantes sobre o assunto no campo, tais como as publicações de Todd Honma, Chris Bourg, Angela Galvan, April Hathcock, Freeda Brook, Dave Ellenwood, Althea Eannace Lazzaro, Mario Ramirez, Gina Schlesselman-Tarango e Max Macias. Unidos, os estudos desses intelectuais “podem criar uma espécie de programa de estudos sobre a branquitude, um currículo para entender como a branquitude impacta a Biblioteconomia e as profissões da informação em grande escala” (ESPINAL; SUTHERLAND, ROH, 2018, p. 151, tradução nossa).

Conforme as autoras, em 2001, Jody Nyasha Warner descreveu as coleções, a catalogação e os recursos humanos como as principais áreas que a branquitude domina dentro das bibliotecas norte-americanas (ESPINAL; SUTHERLAND, ROH, 2018). No entanto, em 2018, ainda haviam outras lacunas existentes na produção científica do campo, principalmente pelas rejeições de artigos que debatiam

²⁹ Tradução nossa: Uma abordagem holística para biblioteconomia inclusiva: descentralização da branquitude em nossa profissão.

termos e conceitos relacionados ao privilégio branco e à branquitude. As autoras consideram que:

Essa recusa em nomear oficialmente o conceito, apesar da vasta literatura em torno do termo “privilégio branco”, centra a discriminação racial como um problema de minoria étnica em vez de um problema de brancos, distanciando ainda mais os brancos do problema da branquitude institucional (ESPINAL; SUTHERLAND, ROH, 2018, p. 151, tradução nossa).

Descentralizar a branquitude dentro da biblioteca e unidades de informação significa direcionar o foco para as necessidades de bibliotecários negros e de outros grupos étnico-raciais, visando soluções para os problemas causados pelas ideologias da branquitude (ESPINAL; SUTHERLAND; ROH, 2018).

As implicações das ideologias da branquitude no local de trabalho são abordadas pelas autoras quando inferem que um dos pontos inculcados por tais ideologias é o conformismo. Há uma suposição de que os funcionários negros e outros não-brancos irão se conformar com a cultura existente dentro das bibliotecas, em vez de serem estabelecidas outras perspectivas que permitam a evolução da cultura do trabalho dentro do campo da informação para que essas pessoas sejam acolhidas, respeitadas e incluídas. (ESPINAL; SUTHERLAND; ROH, 2018).

As autoras inferem como é nociva também a cultura da “presença é igual a desempenho”. A negação por parte dos superiores e gestores de bibliotecas de que o lugar de trabalho ainda é um ambiente hostil e causador de traumas às pessoas não-brancas é algo recorrente dentro de espaços de informação:

[...] a produtividade é medida em tempo servido em vez de metas cumpridas. Como resultado, não há barômetro da dor; não

existe uma cláusula de salvaguarda que diga que se o seu local de trabalho for hostil porque você é uma minoria racial sitiada, haverá apoio para você quando for demais. Não há espaço para emoções em culturas de brancura e, certamente, não há espaço para nada que possa ser percebido como fraqueza por parte da POC³⁰ (ESPINAL; SUTHERLAND; ROH, 2018, p. 153, tradução nossa)

Assim, diversos bibliotecários negros, latinos, asiáticos e outros não-brancos sofrem com microagressões, opressão emocional e afetiva dentro dos seus lugares de trabalho. Isso resulta em desligamento desses profissionais e a perda de “outra voz não-branca” na luta pela descentralização da branquitude e pela pluralidade de saberes, assim como de pessoas não-brancas passam a ser consideradas não adequadas a equipes bibliotecárias e de profissionais da informação (ESPINAL; SUTHERLAND; ROH, 2018).

O que não se discute são as barreiras que a branquitude criou para bibliotecárias e bibliotecários não-brancos dentro do mercado de trabalho, universidade e formação. Existem os preconceitos que posicionam pessoas não-brancas como menos competentes do que seus pares brancos, preconceitos estes que impedem as pessoas não-brancas de ingressarem na profissão e são aqueles que mantém os estudantes de Biblioteconomia com baixos desempenhos ou com níveis altos de evasão do ambiente acadêmico. Dessa forma, “ao se recusar a aceitar uma pluralidade de opiniões e reconhecer uma pluralidade de experiências, a ideologia da branquitude destrói a verdadeira inclusão e o pluralismo” (ESPINAL; SUTHERLAND; ROH, 2018, p. 153, tradução nossa).

³⁰ As autoras utilizaram sigla POC para denominar *People of color*. Nos Estados Unidos, a definição de *peças de cor* abrange vários grupos étnico-raciais como pessoas negras, asiáticas, latinas, entre outras.

As autoras criticam ainda que pessoas não-brancas muitas vezes são contratadas em bibliotecas somente por causa do seu pertencimento étnico-racial ou apenas para preencherem espaços junto a comitês de diversidade e questões étnico-raciais quando essa é uma responsabilidade de toda a equipe. Além disso, quando chegam ao ambiente de trabalho, esses profissionais encontram o apagamento cultural de seus grupos étnico-raciais, assim como do trabalho realizado por pessoas pertencentes a esses grupos. Conforme as autoras enfatizam, isso gera traumas a esses profissionais: “Quando você apaga o trabalho de um colega, é um gesto violento: causa danos emocionais, psicológicos e espirituais” (ESPINAL; SUTHERLAND; ROH, 2018, p. 154, tradução nossa).

O que as autoras defendem é um espaço criado para se investir também emocionalmente nesses profissionais, haja vista que pedir a pessoas não-brancas para

[...] permanecerem sem emoções é uma forma de preconceito cultural e imperialismo cultural. É uma das maneiras pelas quais a branquitude mantém o poder: as estruturas de poder são mantidas pelo policiamento das emoções e das respostas das pessoas de cor à hostilidade no local de trabalho (ESPINAL; SUTHERLAND; ROH, 2018, p. 153, tradução nossa).

Nesse sentido, retirar a branquitude do centro significa abraçar uma cultura do trabalho na qual as emoções podem ser expressas e não relegadas ao consultório do terapeuta, conforme as autoras debatem. Defendem que iniciativas relacionadas à diversidade e à inclusão precisam englobar o recrutamento, retenção e promoção de pessoas bibliotecárias não-brancas. É preciso quebrar com a percepção branca de que bibliotecários e bibliotecárias não-brancos possuem “um lugar” dentro das bibliotecas e unidades de informação e que esse lugar é sob a supervisão

ou controle de outros brancos (ESPINAL; SUTHERLAND; ROH, 2018).

Dar ferramentas para que ocupem posições de gestão dessas organizações, assim como ter reconhecidas suas habilidades de liderança e oportunidades de progressão na carreira é o mínimo que organizações que se pretendem antirracistas e comprometidas com a justiça social e racial devem fazer (ESPINAL; SUTHERLAND; ROH, 2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos com esse texto ter influenciado as pessoas bibliotecárias e profissionais da informação a conhecerem a obra e perspectivas teóricas de mulheres latino-americanas e caribenhas. As reflexões teóricas de Isabel Espinal no campo biblioteconômico-informacional nos falam sobre a resistência e enfrentamentos de bibliotecários e bibliotecárias pertencentes a grupos latinos e não-brancos em espaços dominados pela branquitude e pelo privilégio racial.

Seus estudos colaboram, em primeiro lugar, para (re)conhecermos os estudos latinos dentro do campo; em segundo, para refletirmos sobre como os processos de seleção e recrutamento de pessoas bibliotecárias estão imbuídos de ideologias de branquitude e preconceito racial. Ademais, suas pesquisas demonstram as facetas da branquitude dentro do campo e como as políticas de diversidade para inclusão de bibliotecários negros e latinos ainda precisam ser refletidas e efetivamente implementadas.

Os estudos de suas abordagens não se esgotam neste capítulo, pois a obra e reflexões teóricas de Espinal – embora contextualizadas ao contexto estadunidense e ainda pouco visibilizadas – nos possibilitam pensar as epistemologias no campo biblioteconômico-informacional brasileiro e trazer outros atores para que dialoguemos a partir de uma perspectiva crítica decolonial, antirracista e latino-americana.

REFERÊNCIAS

ADKINS, Denice; ESPINAL, Isabel. The Diversity Mandate. **Library Journal**, 21 may 2010. Disponível em:

<https://www.libraryjournal.com/?detailStory=the-diversity-mandate> Acesso em: 20 nov. 2020.

BLACKBURN, Fiona. The intersection between cultural competence and whiteness in libraries. In **The Library with the lead pipe**, 01 dec. 2015. Disponível em:

<http://www.inthelibrarywiththeleadpipe.org/2015/culturalcompetence/> Acesso em: 22 nov. 2020.

ESPINAL, Isabel. **A new vocabulary for inclusive librarianship: Applying whiteness theory to our profession**. In: REFORMA National Conference, Tucson, Arizona, 2000.

ESPINAL, Isabel. A new vocabulary for inclusive librarianship: Applying whiteness theory to our profession. In: CASTILLO-SPEED, Lilliam (Ed.). **The power of language/El poder de la palabra: Selected papers from the second REFORMA National Conference**. Englewood, CO: Libraries Unlimited, 2001. p. 131-149.

ESPINAL, Isabel. A bridge to brown: The politics of Latin@ Reading. In: MIRABAL, Nancy Raquel; LÁO-MONTES, Agustín. (Ed.).

Technofuturos: Critical Interventions in Latina/o Studies. Lanham, MD: Lexington Books, 2007.

ESPINAL, Isabel. Wanted: Latino Librarians. **Library Journal**, 01 out. 2003. Disponível em:

<https://www.libraryjournal.com/?detailStory=wanted-latino-librarians>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ESPINAL, Isabel. The Diversity Mandate. **Library Journal**, 21 may. 2010. Disponível em:

<https://www.libraryjournal.com/?detailStory=the-diversity-mandate>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ESPINAL, Isabel. Interview. In: KENDRICK, Kaetrena Davis.

#Recognize: Isabel Espinal, PhD, MLIS. **The Ink on the Page**, 15 jul. 2019. Disponível em:

<https://theinkonthepageblog.wordpress.com/2019/07/15/recognize-isabel-espinal-phd-mlis/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ESPINAL, Isabel. Isabel Espinal, PhD, MLIS. **Linkedin**, 2020. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/isabel-espinal-phd-mlis/> Acesso em: 20 nov. 2020.

ESPINAL, Isabel; SUTHERLAND, Tonia; ROH, Charlotte. A Holistic Approach for Inclusive Librarianship: Decentering Whiteness in our profession. **Library Trends**, v. 67, n. 1, p. 147-162, Summer 2018.

PAGE, Helán Enoch. Dialogic principles of interactive learning in the ethnographic relationship. **Journal of Anthropological Research**, v. 44, p. 163-181, 1988.

PAGE, Hélan Enoch. **The Original Definition of 'White Public Space'**. S.l., 1999. Disponível em: https://people.umass.edu/hepage/pdf_files/DefWhitePublSpace.pdf Acesso em: 20 nov. 2020.

REYES, Betsaida. Welcome, New Member. **Seminar of the acquisition of Latin American Library Materials**, 19 may. 2020. Disponível em: <https://salalm.org/welcome-new-member-7/> Acesso em: 20 nov. 2020.

UMASS, Amherst. **People, CV Isabel Espinal**, 2009. Disponível em: <https://people.umass.edu/iespinal/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

UMASS, Amherst. **Libguides, profiles**. 2018. Disponível em: https://guides.library.umass.edu/prf.php?account_id=132020. Acesso em: 22 nov. 2020.

USEmbassy Madrid. Isabel Espinal, bibliotecaria en la Universidad de Massachusetts Amherst, visita España, mayo 2010. **Youtube USEmbassy Madrid**, Madrid, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a-8K4kU6rwM>. Acesso em: 22 nov. 2020.

AS CONTRIBUIÇÕES DE ROSALI FERNANDEZ DE SOUZA PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA

Nathália Lima Romeiro
Melina de Brito dos Santos



- “- Qual é o melhor esquema de classificação?
- Depende
- Por que?
- Qual é o melhor meio de transporte existente?
- Depende para onde se queira chegar.
- É o mesmo com as classificações”*
(Rosali Fernandez de Souza, inverno de 2020)

1 INTRODUÇÃO

O primeiro contato que tivemos com a professora Rosali Fernandez de Souza aconteceu quando ambas cursávamos o mestrado em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação no convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCI/IBICT-UFRJ).

Para a primeira autora deste artigo tal contato se deu através do curso de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) e posteriormente, nas bancas de qualificação e defesa da dissertação de mestrado. Para a segunda autora o contato se deu através da relação orientadora e orientanda, de extrema importância para o desenvolvimento de qualquer pessoa que busca uma trajetória acadêmica. Apesar de o contato ter acontecido de formas distintas, ambas temos a professora Rosali como uma referência tanto para a Organização do conhecimento (campo de estudo que a professora se dedica), quanto em relação a sua prática como pesquisadora e docente.

Foram muitos os momentos nos quais nos orgulhamos de ser aprendizes de Rosali: nas disciplinas obrigatórias e optativas da pós graduação, na orientação e nas bancas de mestrado e na parceria para a escrita de um artigo intitulado **Reflexões sobre Organização do Conhecimento e educação em Biblioteconomia**. Este artigo integrou o grupo de trabalho número seis (Informação, Educação e Trabalho) do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação de 2019 (ROMEIRO; SANTOS, SOUZA, 2019).

Com base na relação de ensino, amizade e aprendizagem expostos, assumimos como objetivo principal deste capítulo: apresentar a trajetória da professora Rosali Fernandez de Souza na Biblioteconomia e Ciência da Informação e apresentar parte das contribuições teórico-metodológicas em artigos publicados e indexados na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). Além disso, para homenagear e honrar sua trajetória como orientadora e docente, serão apresentados alguns depoimentos de pesquisadoras e pesquisadores que foram orientados por Rosali durante o curso de mestrado e/ou doutorado. em Ciência da Informação.

A metodologia deste capítulo se caracteriza como qualitativa de natureza descritiva e documental. Como instrumentos de coleta de dados organizados, foi realizada uma entrevista semiestruturada (via *Skype*) com a professora Rosali. Também foi elaborado um questionário (através da aplicação *Google forms*) destinado à ex-orientandas/os de mestrado e doutorado.

Na primeira seção deste capítulo apresentaremos o percurso acadêmico de Rosali Fernandez de Souza desde sua formação na graduação até os dias de hoje. Na segunda seção serão apresentadas algumas de suas contribuições teórico-metodológicas presentes em artigos indexados na BRAPCI. Encerraremos esse texto homenageando, na terceira seção, a trajetória da pesquisadora como docente e orientadora da pós-graduação, a partir de depoimentos de orientandas e orientandos que passaram por sua trajetória. Desejamos que as pessoas que lerão esse capítulo não só conheçam um pouco mais sobre um dos maiores nomes da pesquisa em Ciência da Informação brasileira como se inspirem a levar a pesquisa e a docência como combustíveis para direcionar sua jornada acadêmico-profissional.

2 O PERCURSO ACADÊMICO DE ROSALI FERNANDEZ DE SOUZA

Antes de iniciarmos a narrativa sobre a trajetória da professora Rosali Fernandez de Souza precisamos realizar algumas considerações: em primeiro lugar é necessário atentar, leitoras e leitores, de que as autoras que escrevem este capítulo o teceram a partir de uma entrevista semiestruturada concedida em julho de 2020, através de uma reunião remota realizada via *Skype*, com duração de 90 minutos. Para complementar as informações que compõem esta narrativa, consultamos outras entrevistas realizadas pela professora Rosali. Além disso, foi consultado o Currículo Lattes da professora para que pudéssemos orientar a nossa linha do tempo. Cabe ressaltar que nosso objetivo é apresentar o percurso acadêmico de Rosali em relação a Biblioteconomia e Ciência da Informação. Nessa perspectiva, iniciaremos a narrativa a partir do ingresso da pesquisadora na graduação em Biblioteconomia realizada na Universidade Santa Úrsula (USU) no período de 1966-1968.

Rosali conta que a escolha do curso de Biblioteconomia foi aleatória. A pesquisadora estava assistindo ao noticiário Repórter ESSO³¹ no dia 12 de março, dia da/o bibliotecária/o, no qual era entrevistado o diretor (ou presidente sic) da Biblioteca Nacional com objetivo de falar sobre a atuação deste profissional na sociedade. A partir desta entrevista, a pesquisadora procurou maiores informações sobre a formação em Biblioteconomia e decidiu iniciar sua carreira nesta área.

Na época em que Rosali se interessou pela carreira de Bibliotecária existiam dois cursos de Biblioteconomia no Rio de Janeiro: um ministrado no período noturno nos pôrões da

³¹ O repórter ESSO foi um noticiário do rádio e da televisão brasileira (195-1970) de grande repercussão nacional que seguia a versão americana do programa estadunidense "*Your Esso Reporter*" e representava a influência estadunidense no controle midiático brasileiro (WIKIPEDIA, 2020).

Biblioteca Nacional pela Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG), atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO, 2020); e o outro oferecido no período matutino pela Universidade Santa Úrsula. Tendo em vista o horário dos cursos, a pesquisadora optou por realizar a graduação em Biblioteconomia na USU que tinha duração de três anos.

De acordo com Rosali, conquistar o bacharelado em Biblioteconomia não era sinônimo de conseguir um emprego facilmente na época em que se formou. A pesquisadora relatou que ao final dos anos 1960, para poder trabalhar na área exigiam vasta experiência profissional. Sendo assim, recém-formada no curso de Biblioteconomia, Rosali foi incentivada a continuar seus estudos. Com isso, decidiu se especializar no Curso de Documentação Científica (CDC) – com duração de um ano - oferecido pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atual Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT). Foi durante a especialização que Rosali Fernandez de Souza optou por direcionar sua carreira para a academia. Nas palavras da professora:

[...] o curso de pós-graduação de Documentação Científica deu base para tudo o que aconteceu depois na minha trajetória acadêmica (SOUZA, 2020, s.p.).

Ao final da especialização, Rosali produziu o trabalho intitulado “Guia de referência em metalurgia” (LATTES, 2020). A pesquisadora acrescenta que durante a especialização em Documentação Científica cursada em 1969, Rosali pôde estabelecer contato com profissionais da área. Neste momento de contato com outros profissionais, conheceu o Centro Latino-Americano de Física (CLAF) e recebeu um convite para trabalhar na instituição. Ao conhecer a biblioteca do CLAF, Rosali descobriu que esta era diferente das bibliotecas que havia conhecido durante sua formação na graduação e especialização. A biblioteca do CLAF era formada

majoritariamente por documentos e havia apenas uma estante com livros, a qual não necessitava de organização.

O contato com a Biblioteca do CLAF foi fundamental para o desenvolvimento da carreira de Rosali. Foi através da dificuldade de classificar os documentos da biblioteca em Sistemas de Organização do conhecimento (SOC) mais utilizados no Brasil (Classificação Decimal de Dewey ou Classificação Decimal Universal) que Rosali iniciou e direcionou suas pesquisas para a Organização do Conhecimento.

Classificar documentos naquele momento era desafiador. Sendo assim, era necessário pensar em outras formas de organizar o acervo do CLAF. Foi preciso uma imersão pelo “mundo” da física, incluindo ambiência com a linguagem e contato direto com profissionais da área para a elaboração de um SOC específico para um acervo tão especializado.

[...] tratava-se de um acervo com materiais de pesquisas nos quais tinha muito contato com organizações internacionais, nacionais e locais da área da física, [...] era uma coleção muito especial e eu precisava entender de classificação. Foram realizadas muitas conversas, inclusive seminários, e assim fui me interessando pela área de classificação. Não adianta escolher à priori um esquema de classificação pra classificar qualquer coisa. É necessário antes de tudo entender qual é a natureza da informação que se está lidando, que tipo de informação é essa e para quem. Essa não era uma biblioteca de portas abertas que os usuários entravam. Era uma biblioteca que servia de suporte para os programas do CLAF, como um centro de política científica (SOUZA, 2020, s.p.).

Após várias reflexões sobre como deveria proceder no tratamento do acervo da biblioteca do CLAF, Rosali se sentiu incentivada a cursar o mestrado em Ciência da Informação no IBBD. O curso de mestrado em Ciência da Informação, do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) foi criado em 1970. Como as primeiras vagas foram direcionadas a professoras e professores de Biblioteconomia, Rosali entrou na segunda turma do mestrado, em 1971 e concluiu em 1973. A pesquisadora relata que foi durante esse momento que ela compreendeu que havia diferença entre bibliotecas destinadas a pesquisadores e bibliotecas destinadas a gestores. Aquela

[...] não era uma biblioteca de física, ou seja, não era uma biblioteca de resultados de pesquisas em Física e sim era uma biblioteca sobre física, dando conta de quais eram as instituições, os programas de física que existiam. Notei que havia uma diferença crucial entre uma biblioteca “de” e uma “sobre” Física. Na época não havia nos esquemas de classificação uma entrada para um acervo dessa natureza, então tive que começar praticamente do zero (SOUZA, 2020, s.p.).

Foi nesse momento, durante o curso de mestrado e trabalhando no CLAF que Rosali entrou em contato com o Bibliotecário e professor de Biblioteconomia inglês, Derek Langridge. A partir da necessidade de conversar com outros profissionais e pesquisadores da classificação que Rosali levou o professor Langridge na Biblioteca do CLAF. Um ano depois desta ocasião, Langridge relata que escreveu o livro intitulado “Classificação: uma abordagem para estudantes de Biblioteconomia”, apresentando um panorama geral sobre o assunto (LANGRIDGE, 1977). Langridge dedicou o livro à turma de mestrado do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, do Rio de Janeiro, que Rosali cursou. Rosali se interessou tanto pela obra que a traduziu para o português.

No mestrado, a pesquisadora escolheu se debruçar sobre o tema de pesquisa vinculado ao seu trabalho no CLAF. Escreveu a dissertação intitulada “Análises bibliométricas da produção científica dos grupos de pesquisa sobre Física do Estado Sólido na América Latina” (SOUZA, 1973), e foi orientada pelo pesquisador croata, Tefko Saracevic.

Em 1973, Rosali finda o mestrado no IBICT. No mesmo ano, ela foi convidada por Derek Langridge (que se tornou seu tutor acadêmico) a viajar para Londres com uma bolsa de estudos do Conselho Britânico com duração de quatro meses na *School of Librarianship na Polytechnic of North London*. Seu principal objetivo era conversar com o maior número de pesquisadores da área. Durante a viagem, sob o roteiro de Derek Langridge, Rosali conheceu diferentes Sistemas de Informação na Inglaterra e entrou em contato com pessoas que elaboraram esquemas de classificação, como Brian Campbell Vickery.

Ao retornar para o Brasil e voltar ao trabalho na biblioteca do CLAF, ficou ainda mais evidente o interesse de aprimorar o esquema de organização da biblioteca do CLAF e avançar nos estudos de classificação. Como naquele momento enquanto mestra em Ciência da Informação as possibilidades da pesquisadora permaneciam direcionadas à atuação como profissional de Biblioteconomia, Rosali foi incentivada pelo diretor do CLAF a se aprofundar ainda mais na carreira acadêmica e a cursar o doutorado.

Como não havia na época nenhum curso de doutoramento em Ciência da Informação no Brasil, Rosali teve que realizar seus estudos em outro país. Naquele momento, os dois programas disponíveis eram nos Estados Unidos da América ou na Inglaterra. Entre muitos desenrolares da vida, no ano de 1979, nove anos após concluir o mestrado, Rosali foi rumo a Londres cursar o doutorado em Ciência da Informação, com o incentivo tanto por colaboradores do CLAF como da sua família.

O doutorado foi realizado em Londres na *Polytechnic of North London*, sob orientação de Suman Datta e Arthur Jack Meadows. Rosali realizou a pesquisa intitulada “*Patterns of*

communication in Brazilian condensed matter physics: bibliometric and other investigations for the period 1950-1980" (SOUZA, 1984). Como parte significativa dos dados de pesquisa da pesquisadora estavam no CLAF (na época não existia plataforma Lattes nem Sucupira), Rosali fez uma espécie de "doutorado sanduíche ao contrário" (SOUZA, 2020), pois veio ao Brasil para coletar os dados de sua pesquisa e retornou a Londres para concluir e apresentar a tese.

Ao finalizar o doutorado em 1984, Rosali volta para o Brasil e recebe o incentivo de Hagar Espanha Gomes, para dar aulas no CDC e, posteriormente, no mestrado do IBBDD. É preciso destacar que Rosali retornou do doutorado no mesmo momento que a pesquisadora Heloísa Cristóvão e ambas pesquisavam na área de comunicação científica. Assim, o então coordenador do programa de mestrado em Ciência da Informação, Aldo Barreto, informou à Rosali que havia uma necessidade de se desenvolver estudos relacionados ao tratamento da informação. Diante disso, e por ter estudado ao longo da sua trajetória sobre classificação, Rosali direciona seus estudos para a área do conhecimento que futuramente tornou-se seu grande tema de pesquisa: Organização do Conhecimento.

Inspirada pelos escritos de Derek Langridge, Rosali foca sua atuação como pesquisadora e docente nas bases teóricas da classificação. A pesquisadora buscava despertar em estudantes o gosto por entender além dos esquemas de classificação.

Concomitante ao seu trabalho no CLAF, Rosali também atuou como docente do curso de graduação em Biblioteconomia das disciplinas "Introdução à Técnica da Pesquisa Bibliográfica" e "Seminário - Novos rumos da Biblioteconomia" na mesma instituição que se formou (Universidade Santa Úrsula) (LATTES, 2020).

Dentre os inúmeros aprendizados que nós, autoras deste capítulo adquirimos com a professora Rosali, destacamos os que nos direcionaram a ampliar os horizontes em relação à Organização do Conhecimento. Rosali relatou

que é necessário compreender a natureza da informação a ser classificada, com ênfase no “por que” e “para quem” determinada informação ou classificação se destina. De acordo com a pesquisadora

[...] nunca vai existir um esquema de classificação certo ou errado, o que deve ser levado em consideração é a natureza da informação, para que (objetivo) e para quem a informação é destinada (SOUZA, 2020, s.p.).

Desde 1982, Rosali atua como pesquisadora titular do IBICT e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) que hoje também faz parte do IBICT em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ao longo da sua trajetória acadêmica, Rosali fez e faz parte da formação de centenas de pesquisadoras e pesquisadores em Ciência da Informação do Brasil. Participou como orientadora ou co-orientadora de mais de 90 pesquisas de mestrado e doutorado. Participou de mais de 70 bancas de mestrado e cerca de 60 bancas de doutorado.

Rosali demonstrou em todo o momento em que realizávamos a entrevista uma nítida paixão pela Ciência da Informação e pela Organização do Conhecimento. É encantadora a forma como ela enxerga beleza no fazer científico, sobretudo porque considera “*um problema de classificação um problema lindo*” (SOUZA, 2020, s.p.) a ser resolvido.

3 NOS ESCRITOS DE ROSALI: APRESENTAÇÃO DE ARTIGOS PUBLICADOS PELA PESQUISADORA INDEXADOS NA BRAPCI

Na seção anterior vimos um pouco da trajetória acadêmica da professora Rosali Fernandez de Souza desde a sua graduação em Biblioteconomia até a sua atuação como pesquisadora e professora de Ciência da Informação no

PPGCI-IBICT/UFRJ. Nesta seção apresentaremos a produção científica da pesquisadora. Entretanto, para que se estabeleça um universo da pesquisa, focaremos a apresentação nos artigos e entrevistas realizadas por ela publicados até dezembro de 2020 e indexados na BRAPCI. Os textos serão apresentados em ordem cronológica conforme aparecem na referida base de dados. Cabe ressaltar que capítulos de livro, trabalhos completos publicados em anais de evento e outros tipos de publicação não farão parte deste trabalho, entretanto, assumimos o compromisso de torná-los objeto de estudo em investigações futuras.

O primeiro artigo foi publicado no ano de 1977, intitulado ***Intercommunication among Physics and research groups in Latin America***. Tal trabalho teve como primeira autora, Rosali Fernandez de Souza, e como coautor seu orientador de mestrado, Tefko Saracevic. Foi publicado pela revista estadunidense *Information Processing and Management*. (SOUZA; SARACEVIC, 1977). Autora e autor tinham como objetivo analisar a comunicação entre grupos de pesquisa latino-americanos em Física do estado sólido através de artigos produzidos sobre o assunto em um período de cinco anos.

Em 1982, foi publicado pela Revista de Biblioteconomia de Brasília o artigo intitulado **Caracterização de uma comunidade científica através da literatura publicada: um estudo de caso**, escrito por Délia Valério Ferreira e Rosali Fernandez de Souza. Trata-se de um estudo de caso que enfoca o grupo de Física do Estado Sólido da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no período de 1960-1980, a partir da produção científica publicada na época (FERREIRA; SOUZA, 1982).

Novamente em parceria com Délia Valério Ferreira, Rosali é coautora do artigo **Características da informação bibliográfica relevante para grupo de pesquisa através da produção científica publicada**. O artigo foi publicado na revista *Ciência da Informação* no ano de 1987. Tinha como objetivo estudar “um grupo de pesquisa em física situado numa pequena cidade brasileira” (FERREIRA; SOUZA, 1987, p.

45). As autoras. examinam a literatura publicada pelo grupo em um período de 30 anos, a fim de “conhecer e caracterizar o suporte bibliográfico indispensável no período e sua disponibilidade” (FERREIRA; SOUZA, 1987, p. 45).

Durante esses 10 anos (1977-1987), a produção científica de Rosali estava direcionada majoritariamente a discutir comunicação científica sobre grupos de pesquisa de Física. Especialmente porque tratava-se de uma época em que a pesquisadora trabalhava no CLAF e realizava a pós-graduação (mestrado e doutorado) relacionada a esse tema. Na década de 1990, a pesquisadora começou a produzir estudos voltados para a Organização do Conhecimento.

Em 1996, Rosali Fernandez de Souza e Cristina Valente Manasfi publicam na revista *Informare: cadernos do programa de pós-graduação em Ciência da Informação*, o artigo que abre alas à produção de conhecimento de Rosali sobre OC. Intitulado **Organização do Conhecimento em uma estrutura classificatória no contexto da indexação e recuperação da informação**, Rosali e Cristina observaram a evolução de uma área do conhecimento (Física do Estado Sólido e Física da Matéria Condensada) por um período de 40 anos. As autoras mapearam a

[...] evolução [dessa] área do conhecimento, refletida em um instrumento de recuperação da informação, identificando suas transformações/mudanças estruturais (desdobramentos e reagrupamentos) sofridas ao longo do tempo (SOUZA; MANASFI, 1996, p. 38).

Nesse artigo é possível perceber a influência do pensamento de Derek Langridge no discurso das autoras. Especialmente na introdução quando as autoras convidam leitores/as a observar como a classificação ou Organização do Conhecimento são atividades comuns na vida das pessoas. A partir deste apontamento inicial, elas discutem objetivos,

métodos e resultados da pesquisa, ilustrando as mudanças ou transformações do objeto através de quadros e tabelas.

Em 1995, Rosali Fernandez de Souza publicou o texto **A esperança no futuro**, na edição especial da revista Ciência da Informação em homenagem aos 25 anos de pós-graduação em Ciência da Informação do IBICT. Neste período, a pesquisadora também ocupava o cargo de coordenadora do PPGCI. O texto descreve o momento em que o IBICT estava com enfoque para a criação do programa do pós-doutoramento em CI promovido através do convênio entre o IBICT e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A professora Rosali também apresenta a importância do vínculo entre IBICT e Escola de Comunicação da UFRJ para o programa e promove a divulgação científica realizada no PPGCI. A pesquisadora encerra o artigo manifestando sua esperança no desenvolvimento da CI brasileira com ênfase nos aspectos epistemológicos e sociológicos (SOUZA, 1995). Na mesma revista também foi publicado o artigo **Acompanhamento das dissertações/teses apresentadas/defendidas no Programa de Pós-Graduação do CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, no período de 1972 a 1995**, escrito por Ilce Gomes Milet Cavalcante, Aldo de Albuquerque Barreto e Rosali Fernandez de Souza. O texto apresenta as 205 dissertações e cinco teses defendidas no programa até aquele momento (CAVALCANTE; BARRETO; SOUZA, 1995).

No ano de 1996, Rosali também publicou o artigo **Padrões de comunicação em Ciência: o caso da Física da Matéria Condensada no Brasil no período 1950 – 1980** na mesma revista que o artigo anterior. Neste artigo, a pesquisadora retoma seu objeto de pesquisa do doutorado e discute comunicação científica em uma comunidade de pesquisadores que investigam a subárea Física da Matéria Condensada (SOUZA, 1996).

No ano 2000, Rosali volta sua publicação para a organização do conhecimento com o artigo publicado na Revista DataGramaZero intitulado **A Classificação como interface da Internet**. Desta vez, a autora apresenta sob o

ponto de vista da Organização e Representação do Conhecimento, a classificação como uma das interfaces da internet. Aqui, Rosali destaca a ação de classificar como uma atividade humana natural e indaga leitoras e leitores durante o texto sobre as questões direcionadas à pessoa que classifica “o que?” e “para quem?” classificar. Rosali aponta a classificação como imprescindível na internet e finaliza provocando estudiosos da internet a investigar aquele novo tema de pesquisa. De acordo com a pesquisadora, era necessário desenvolver a interface Classificação-Internet “para que os internautas possam navegar ou surfar no mar aberto da Internet sem perder o rumo, guiados pela bússola da Classificação” (SOUZA, 2000, p. [5]).

Em 2002, foi publicado na DataGramZero: Revista de Ciência da Informação o artigo intitulado **Contribuição da Pós-graduação para a Ciência da Informação no Brasil: uma visão**, escrito por Johanna W. Smit, Eduardo Wense Dias e Rosali Fernandez de Souza. Mais uma vez notamos uma retomada à comunicação científica. Autoras e autor apresentam uma síntese da avaliação continuada dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação reconhecidos pela CAPES referente ao ano de 2001 (SOUZA, 2002).

No ano de 2003, Maria Luiza de Almeida Campos, Rosali Fernandez de Souza e Maria Luiza Machado Campos publicam o artigo intitulado **Organização de unidades de conhecimento em hiperdocumentos: o modelo conceitual como espaço comunicacional para a realização da autoria** na Revista Ciência da Informação. As autoras contribuem para a definição de critérios para a auxiliar a elaboração de metodologias para bases de dados e também para sistemas que visam à organização de unidades do conhecimento apresentados no texto como hiperdocumentos. As autoras adotam uma abordagem interdisciplinar ao envolver as áreas da Ciência da Informação, Ciência da Computação e da Terminologia como bases referenciais do estudo (CAMPOS; SOUZA; CAMPOS, 2003).

No artigo **Áreas do Conhecimento**, publicado por Rosali em 2004 na revista DataGramaZero, a autora abordou as áreas do conhecimento como objeto de discussão de gestores e administradores de ciência e tecnologia e pela comunidade científica. A pesquisadora discutiu a necessidade de revisar e reclassificar as tabelas de áreas do conhecimento em uso pelo sistema de Ciência e Tecnologia. Também foi apresentado como resultado pesquisas na área da organização e representação do conhecimento no contexto da Ciência da Informação (SOUZA, 2004).

Em 2006, Rosali escreveu o artigo **Organização e representação de áreas do conhecimento em ciência e tecnologia: princípios de agregação em grandes áreas segundo diferentes contextos de produção e uso de informação** na Revista Encontros Bibli: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Neste artigo, a pesquisadora apresentou a Organização do conhecimento para recuperação da informação como uma das áreas tradicionais e promissoras da Ciência da Informação. Foi apresentada uma abordagem de classificação dos saberes no contexto da Educação. Além disso, Rosali analisou esquemas de classificação bibliográfica e tabelas de classificação de áreas do conhecimento para comunicação científica e administração de programas de agências de fomento para produção de estatísticas nacionais (SOUZA, 2006).

Rosali, junto com a pesquisadora Ida Regina Chitto Stumpf publicaram no número especial da revista Perspectivas em Ciência da Informação de 2009, o artigo intitulado **Ciência da Informação como área do conhecimento: abordagem no contexto da pesquisa e da pós-graduação no Brasil**. As autoras investigam a representação da Ciência da Informação como área do conhecimento em tabelas de classificação utilizadas por agências de fomento Brasileiras. As autoras também dão enfoque nas linhas de pesquisa dos 11 programas de pós-graduação em Ciência da Informação existentes no Brasil até aquele momento.

Em 2012, foi publicado o artigo **Universo de Ciência e Tecnologia: organização e representação em classificações do conhecimento** publicado na revista *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*. O trabalho tinha como objetivo específico “identificar semelhanças e diferenças das classificações quanto à estrutura hierárquica e quanto a nomeações de grandes áreas e áreas do conhecimento” (SOUZA, 2012, p. 1).

Em 2013, com uma temática um pouco diferente dos trabalhos anteriores, Rosali foi coautora do artigo intitulado **Recuperação de imagens digitais e normalização arquivística** publicado pela Revista *Acervo*. O artigo é fruto da parceria da professora com o pesquisador, Antonio Vitor Botão. Autor e autora discutem a importância de se estabelecer padrões na descrição de imagens para a recuperação da informação. Além disso, foram analisadas a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE), bem como o conjunto de metadados para descrição de imagens publicado pelo Instituto Militar de Engenharia (IME) (BOTÃO; SOUZA, 2013). Neste mesmo ano também foi publicado na revista *Encontros Bibli*, o artigo **Rede virtual de comunicação da informação na perspectiva do regime de informação**, sob autoria de Luiz Antonio Dias Leal, Isa Freire e Rosali Fernandez de Souza. O trio apresentou como resultado de pesquisa o uso do conceito “Regime de Informação” desenvolvido pela pesquisadora Maria Nélide González de Gómez com o objetivo de identificar elementos e atores em uma rede virtual de comunicação no âmbito do Programa de Boas Práticas agropecuárias da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) (LEAL; FREIRE; SOUZA, 2013).

No ano de 2014, o pesquisador Rodrigo de Santis em parceria com Rosali publicam o artigo ***Classifying Popular Songs: Possibilities and Challenges***, na Revista *Knowledge Organization*. Nesse texto, autor e autora refletem sobre os desafios para a Organização do Conhecimento de documentos artísticos complexos e apresentam a canção popular como uma forma artística específica dotada de sua

própria linguagem, portanto exige técnicas específicas de classificação (DE SANTIS; SOUZA, 2014).

Aspectos técnicos da preservação digital de periódicos brasileiros em Ciência da Informação é o título do artigo publicado por Priscila Mara Bermudes Araújo e Rosali Fernandez de Souza, na Revista Digital Brasileira de Biblioteconomia e Ciência da Informação (RDBCI), no ano de 2016. Neste trabalho, as autoras escrevem sobre aspectos técnicos da preservação digital dos periódicos de Ciência da Informação publicados no Brasil. As autoras realizam um estudo empírico através de um questionário enviado à editores de periódicos científicos da CI e destacam como resultado o os aspectos técnicos da preservação digital dos periódicos científicos brasileiros em Ciência da Informação para garantir a guarda apropriada, a integridade, a usabilidade e o acesso às publicações (ARAÚJO; SOUZA, 2016).

Em 2017, Rosali Fernandez de Souza e Gustavo Saldanha publicam o **Dossiê Organização do Conhecimento & Gênero**, na revista Informação e Informação. Este número especial é fruto de um trabalho conjunto de pesquisadores, professores e estudantes de mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação IBICT – UFRJ que atuaram no Colóquio de Organização do Conhecimento e cursaram a disciplina Organização de Domínios de Conhecimento, ministrada por Rosali e Gustavo no segundo semestre de 2016. Tal dossiê representa um momento histórico para os estudos de Organização do Conhecimento, pois é o primeiro que se propõe a convergir a OC com estudos de gênero na CI brasileira. No dossiê, Gustavo e Rosali também publicam juntos o artigo **Teoria barroca da organização do conhecimento: Emanuele tesauro e o espelho turvo das tensões entre epistemologia, metodologia e sociedade**. De acordo com autor e autora o texto se trata

[...] de uma reflexão teórica, baseada em um estudo epistemológico-histórico, que procura reconhecer, discutir e relacionar as ideias presentes na teorização de Emanuele Tesauro no século XVII com a os desafios contemporâneos da Organização do Conhecimento (SALDANHA; SOUZA, 2017, p. 11).

Em 2018, o grupo de pesquisadores composto por Daniel Martinez-Ávila, Rosali Fernandez de Souza, Gustavo Silva Saldanha e Luana Sales (2018) publicaram na revista LIINC **uma entrevista realizada pelo grupo à pesquisadora estadunidense Hope Olson**, uma das maiores pesquisadoras de Organização do Conhecimento da Biblioteconomia e Ciência da Informação. No mesmo ano também foi publicado o artigo **Sistemas de organização do conhecimento e o Thesaurus de acervos científicos em língua portuguesa** sob autoria de Rosali Fernandez de Souza na Revista de Museologia e Patrimônio. Neste artigo a pesquisadora

Trata da evolução histórica e abordagens de tipificação, funções e dimensões dos sistemas de organização do conhecimento (SOCs). Comenta o debate contemporâneo sobre o tesouro como instrumento válido na moderna recuperação de informação. Aborda o Thesaurus de Acervos Científicos em Língua Portuguesa como um exemplo de aplicação em coleções de museus e instituições de ciência (SOUZA, 2018, p. 148)

No ano de 2020, Rosali publicou dois artigos frutos de parcerias com seus ex-orientandos. O primeiro intitulado **Critérios de relevância e classificação política no discurso jornalístico internacional**, escrito por Fernando Ewerton Fernandez Júnior e Rosali Fernandez de Souza e publicado

pela revista *Perspectivas em Ciência da Informação*. Nele, autor e autora analisaram termos presentes antes, depois ou em substituição ao nome dos quatro principais candidatos às eleições presidenciais de 2010 (Dilma Rousseff (PT), José Serra (PSDB), Marina Silva (PV) e Plínio de Arruda Sampaio (PSOL)) em mais de 250 textos nos idiomas inglês e espanhol, de quatro agências (*Agence France Press* e (AFP), *Associated Press* (AP), agência EFE e Reuters) e quatro veículos (as emissoras de TV BBC e CNN, e os jornais *El País* e *The New York Times*) (FERNANDEZ JÚNIOR; SOUZA, 2020).

Em 2020 Rosali também foi autora do artigo **50 anos do PPGCI IBICT: análise textual da produção científica com IRAMUTEQ**. O texto teve coautoria de Priscila Ramos Carvalho e Marcos Gonçalves Ramos e foi publicado na revista *Informação e Informação*. O objetivo desta publicação era

Identificar os temas trabalhados nas pesquisas acadêmicas realizadas no programa de pós-graduação durante os seus 50 anos, em virtude da sua representatividade como primeiro curso de mestrado em Ciência da Informação no Brasil (SOUZA; CARVALHO; RAMOS, 2020, p. 117).

A publicação desta obra é de grande relevância pois contribui para o conhecimento histórico da Ciência da Informação brasileira.

Para encerrar as publicações de artigos com autoria ou coautoria de Rosali citamos o texto intitulado **Charge como documento: uma proposta a partir da análise documentária**, escrito por Thulio Pereira Dias Gomes e Rosali Fernandez de Souza, e publicado na revista *Informação e Sociedade* em 2020. Autora e autor apresentaram a charge como documento no escopo da Organização do Conhecimento e investigaram o caráter informativo da charge, a partir da aplicação das variáveis da análise documentária (GOMES; SOUZA, 2020).

Nesta seção, apresentamos um pouco das contribuições de Rosali Fernandez de Souza para a Ciência da Informação Brasileira através dos artigos científicos indexados na BRAPCI. Foi possível observar que suas publicações refletiram majoritariamente os assuntos Comunicação Científica (com maior foco na gestão de instituições de pesquisa e grupos de pesquisadores) e Organização do Conhecimento (envolvendo diferentes objetos).

Na próxima seção apresentaremos uma homenagem aos mais de 50 anos de dedicação da pesquisadora à ciência, a partir de depoimentos de pessoas que foram orientadas por ela durante os anos em que atuou como docente e pesquisadora de Ciência da Informação no PPGCI-IBICT/UFRJ.

4 EXPERIÊNCIA DE ORIENTANDA/O: HOMENAGEM À PROFESSORA ROSALI FERNANDEZ DE SOUZA

Quando decidimos escrever sobre a trajetória da professora Rosali tínhamos em mente que a tarefa seria desafiadora. Especialmente porque foram experienciados mais de 50 anos de dedicação à Biblioteconomia e Ciência da Informação da pesquisadora desde a graduação em Biblioteconomia até os dias atuais. Para realizar tal tarefa, precisávamos delimitar um escopo para a pesquisa. Nessa perspectiva, julgamos necessário apresentar o percurso de formação acadêmica e atuação profissional de Rosali.

No que se refere à produção científica da pesquisadora, nos vimos em um vasto arcabouço teórico, haja vista que ao longo da carreira, Rosali sempre publicou, tanto textos em que era a única autora, como textos escritos em parceria com estudantes de mestrado e doutorado e outras/os pesquisadoras/es de Ciência da Informação. Percebemos que era preciso estipular um enfoque, principalmente porque encontramos publicações de diversas naturezas: artigos de periódicos, capítulos de livro, trabalhos completos publicados em anais de congressos, entre outros tipos de publicações

bibliográficas. Optamos por seguir essa discussão apresentando apenas artigos indexados na BRAPCI.

Além da apresentação da formação acadêmica, profissional e dos artigos publicados por Rosali, queríamos ir além, desejávamos, de alguma forma retribuir com afeto e reconhecimento às contribuições da pesquisadora como orientadora e professora. Acreditamos que, para além das publicações, a atividade de orientar representa uma experiência significativa na vida das pessoas que seguem a jornada acadêmica. Assim como a pesquisadora reverenciou as pessoas que a orientaram em sua formação, reconhecendo seus ensinamentos e impacto na sua trajetória, apresentamos nessa seção homenagens de pessoas que foram orientadas por ela durante sua jornada.

Para recolher esses relatos elaboramos um questionário semiestruturado com três questões sobre a relação de orientação a, são elas: 1) Em que ano você foi orientanda/o da professora Rosali? 2) Como você descreveria a professora Rosali Fernandez de Souza como orientadora? 3) Qual foi a importância dessa relação de orientação para sua pesquisa? Foram selecionados aleatoriamente 15 pesquisadoras/es para resposta do questionário. Destes, 11 responderam. A seguir, serão apresentados alguns resultados.

4.1 EM QUE ANO VOCÊ FOI ORIENTANDA/O DA PROFESSORA ROSALI?

Responderam a esta pergunta pessoas que foram orientadas pela professora Rosali de 1993 a 2017. Um período que compreende a atuação da pesquisadora como docente e orientadora durante 25 anos. Cabe destacar que a pesquisadora segue orientando pesquisas de mestrado e doutorado até a atualidade.

4.2 COMO VOCÊ DESCREVERIA A PROFESSORA ROSALI FERNANDEZ DE SOUZA COMO ORIENTADORA?

Para manter o sigilo e preservar a identidade das pessoas respondentes selecionamos apenas as respostas que não era possível identificá-las. Uma respondente caracterizou Rosali como uma orientadora *“Dedicada, empenhada e comprometida com o orientando e o sucesso da pesquisa”* (Entrevistada 1, 2020). Nesta resposta, identificamos que Rosali foi reconhecida como alguém que se compromete com o sucesso da pesquisa e reconhece a importância da troca entre orientadora e orientanda/o.

Em outra resposta a pesquisadora foi caracterizada como *“Uma orientadora humana, compreensiva, paciente, incentivadora. Humilde e ao mesmo tempo generosa com o conhecimento”* (Entrevistada 2, 2020). Aqui, observamos que foram descritas qualidades que representam valores de uma pesquisadora que é essencialmente preocupada com o bem estar da/o orientanda/o.

Destacamos também a perspectiva apresentada pela terceira pessoa entrevistada que disse:

Profissionalmente, profunda conhecedora da disciplina que ministrava, o que fazia com que me guiasse na minha pesquisa com muita competência. Pessoalmente, cuidadosa e generosa, sempre pronta para ajudar para que seus orientandos alcançassem seu objetivo final: defender a dissertação com a qualidade esperada por ela e pelo curso (Entrevistada 3, 2020).

Nessa última resposta, destacamos a seriedade e compromisso com a docência e com a pesquisa resultando na elaboração de uma dissertação ou tese com a qualidade exigida pelo programa. Além disso foram ressaltados o cuidado e a generosidade da pesquisadora, qualidades que tornam ainda mais especiais os aprendizados durante a

jornada da pós-graduação. Por fim, a pessoa entrevistada nº 4 (Dados da pesquisa, 2020) caracteriza Rosali como “*uma pessoa com corpo, alma e coração de pesquisadora*”, qualidades que percebemos nitidamente durante as disciplinas que cursamos e enquanto realizávamos a entrevista com a professora para este trabalho.

4.3 QUAL FOI A IMPORTÂNCIA DESSA RELAÇÃO DE ORIENTAÇÃO PARA SUA PESQUISA?

A primeira resposta que obtivemos a essa pergunta ilustra a importância de passar adiante os aprendizados adquiridos. A pessoa entrevistada relata que a relação com a professora foi impactante a ponto de inspirar a atuação profissional da ex-orientanda com gerações futuras:

A professora Rosali é uma pessoa muito importante na minha formação e na minha trajetória profissional e de vida, e deixou marcas. Com ela aprendi a pesquisar de verdade, a entender todo o processo da produção de conhecimento, e principalmente, aprendi a cuidar também dos meus alunos para transforma-los em pesquisadores, como ela fez comigo. E também, um dos grandes aprendizados que tive com a professora Rosali, que marca minhas escolhas acadêmicas até hoje, é seu olhar para a ciência em uma perspectiva internacional. Rosali possui um olhar peculiar e global sobre o nosso campo de pesquisa e sobre as diferentes áreas do conhecimento que influenciou profundamente minha forma de pensar (Entrevistada 7, 2020)

Na resposta acima também observamos o destaque para a internacionalização da pesquisa, de forma que a pessoa

entrevistada ampliou seus horizontes de pesquisa a partir dos ensinamentos da professora.

A pessoa Entrevistada nº 9 apresentou a seguinte declaração:

Os caminhos que trilhei no Mestrado não foram triviais e muito menos corriqueiros. Exigiam profundo rigor nas análises e uma compreensão muito ampla dos textos, sem contar o trabalho de bibliografia que era necessário. A organização do trabalho de pesquisa, a indicação de bibliografia e como lidar com elas, a discussão sobre os textos e sobre as reflexões que fazia sobre tudo o que li e percebi foram fundamentais para essa construção. A sua disponibilidade para o diálogo e para experiências que fazia com filmes e outras fontes não convencionais eram sempre abraçadas com curiosidade e espírito aventureiro. Éramos uma equipe desenvolvendo um trabalho e não alguém distante do que eu fazia. (Entrevistada 9, 2020).

Na resposta acima, enfatizamos a conexão estabelecida na relação de orientação de forma que a orientanda sentiu fazer parte de uma equipe, tamanho era o comprometimento promovido. Outro aspecto que deve ser evidenciado são as indicações de fontes como filmes durante a orientação. É possível perceber que desde o início da carreira, após o contato com Derek Langridge que Rosali enxerga a Organização do Conhecimento como atividade humana fundamental e representada nos mais diversos cenários.

No final do questionário reservamos um espaço para manifestações livres de afeto à professora. Como se tratavam de mensagens pessoais, optamos por encaminhá-las reservadamente à professora.

A partir das repostas aqui descritas foi possível observar algumas das qualidades que tornam Rosali Fernandez de

Souza uma Professora no melhor sentido da palavra. Uma educadora que estimula o pensamento crítico e motiva estudantes a se aventurar na pesquisa de forma afetuosa e colaborativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar essa pesquisa foi uma atividade prazerosa do início ao fim. Ainda que atravessássemos um dos momentos mais difíceis para o país em relação à pandemia de Covid-19, vivemos momentos de muito aprendizado, leitura e formação de redes de apoio para que esse texto fosse construído.

Agradecemos primeiramente a professora Rosali Fernandez de Souza pela disponibilidade de tempo de qualidade para a realização da entrevista, ouvimos a gravação inúmeras vezes e em cada uma delas saímos mais inspiradas a seguir com a pesquisa e caminhar para a docência.

Agradecemos também às 11 pessoas que dedicaram um pouco do seu tempo para homenagear a professora através da resposta ao questionário enviado, tais respostas tornaram este momento de celebração ainda mais especial.

Encerramos não só este texto mas também este ano fortalecidas e motivadas à dedicarmos nossa trajetória a pesquisa e a docência para quem sabe um dia, nos tornarmos seguidoras e “espalhadoras” dos saberes de Rosali em nossa atuação acadêmica e profissional. É uma honra poder homenagear pessoas que admiramos enquanto convivemos com elas. É uma honra poder conviver com uma pesquisadora que se entrega a sua pesquisa de corpo e alma e transborda gentileza e generosidade em tudo o que realiza.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, P. M. B.; SOUZA, R. F. Aspectos técnicos da preservação digital de periódicos brasileiros em ciência da informação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 14, p. 561-588, 2016.

BOTAO, A. V. R.; SOUZA, R. F. Recuperação de imagens digitais e normalização arquivística. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 93-108, 2013.

CAMPOS, M. L. A.; SOUZA, R. F.; CAMPOS, M. L. M. Organização de unidades de conhecimento em hiperdocumentos: o modelo conceitual como espaço comunicacional para realização da autoria. **Ciência da Informação (Impresso)**, Brasília, v. 32, n.2, p. 23, 2003.

DE SANTIS, R.; SOUZA, R. F. Classifying popular songs: possibilities and challenges. **Knowledge Organization**, v. 41, p. 181-187, 2014.

FERNANDEZ JUNIOR, F. E.; SOUZA, R. F. Critérios de relevância e classificação política no discurso jornalístico internacional. **Perspectivas em Ciência da Informação** Brasília, v. 25, p. 244-261, 2020.

FERREIRA, D. V.; SOUZA, R. F. Caracterização de uma comunidade científica através da literatura publicada - um estudo de caso: O desenvolvimento da Física da Matéria Condensada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasilia**, v. 10, n. 2, p. 43-63, 1982.

FERREIRA, D. V.; SOUZA, R. F. Características da informação bibliográfica relevante para grupo de pesquisa através da produção científica publicada. **Ciência da Informação**, v. 16, n. 1, p. 45-52, 1987.

GOMES, T. P. D.; SOUZA, R. F. A charge como documento: uma proposta a partir da análise documentária. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 30, p. 1-23, 2020.

LANGRIDGE, D. **Classificação**: uma abordagem para estudantes de Biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LEAL, L. A. D.; FREIRE, I. M.; SOUZA, R. F. Rede virtual de comunicação da informação na perspectiva do regime de informação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 18, p. 1-18, 2013.

MARTINEZ-ÁVILA, D.; SALDANHA, G. S.; SOUZA, R. F.; SALES, L. Entrevista à Hope Olson. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 491-494, 2018.

PLATAFORMA LATTES. Curriculum de Rosali Fernandez de Souza. 2020. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1722582102636346>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ROMEIRO, N. L.; SANTOS, M. B.; SOUZA, R. F. Reflexões sobre organização do conhecimento e educação em biblioteconomia. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 20., 2019, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANCIB; UFSC, 2019.

SALDANHA, G. S; SOUZA, R. F. Teoria barroca da organização do conhecimento: Emanuele tesouro e o espelho turvo das tensões entre epistemologia, metodologia e sociedade. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, p. 11, 2017.

SMIT, J. W.; DIAS, E. W.; SOUZA, R. F. Contribuição da Pós-graduação para a Ciência da Informação no Brasil: uma visão. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 23, 2002.

SOUZA, R. F. Padrões de comunicação em Ciência: o caso da Física da Matéria Condensada no Brasil no período 1950 - 1980. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 14-24, 1996.

SOUZA, R. F. A Classificação como interface da Internet. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2000.

SOUZA, R. F. Áreas do Conhecimento. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 2004.

SOUZA, R. F. Organização e representação de áreas do conhecimento em ciência e tecnologia: princípios de agregação em grandes áreas segundo diferentes contextos de produção e uso de informação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n. esp., p. 1-15, 2006.

SOUZA, R. F. Universo de Ciência e Tecnologia: organização e representação em classificações do conhecimento. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, p. 112, 2012.

SOUZA, R. F. Entrevista. Duração 90 minutos. Gravação audiovisual na aplicação *Skype*. 2020. n.p.

SOUZA, R. F.; CARVALHO, P. R.; RAMOS, M. G. 50 anos do PPGCI IBICT: análise textual da produção científica com IRAMUTEQ. **Informação & Informação**, v. 25, n. 4, p. 117-141.

SOUZA, R. F.; MANASFI, C. V. Organização do Conhecimento em uma estrutura classificatória no contexto da indexação e recuperação da informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 37-49, 1996.

SOUZA, R. F.; SALDANHA, G. S. Apresentação dos Colóquios de Organização do Conhecimento ao Dossiê Organização do Conhecimento e Gênero. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, p. 1, 2017.

SOUZA, R. F. Sistemas de Organização do Conhecimento e o Thesaurus de Acervos Científicos em Língua Portuguesa. **Museologia e Patrimônio**, v. 11, p. 148-170, 2018.

SOUZA, R. F.; STUMPF, I. R. C. Ciência da Informação como área do conhecimento: abordagem no contexto da pesquisa e da pós-graduação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 4, p. 41-58, 2009.

SOUZA, R. F. **Análises bibliométricas da produção científica dos grupos de pesquisa sobre Física do Estado Sólido na América Latina**. 1973. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1973.

SOUZA, R. F.; SARACEVIC, T. Intercommunication among Physics research groups in Latin América. **Information Processing and Management**, Estados Unidos, v. 13, p. 57-67, 1977.

SOUZA, R. F. **Patterns of communication in Brazilian condensed matter physics**: bibliometric and other investigations for the period 1950-1980, 1984. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Polytechnic of North London, Londres, 1984.

WIKIPEDIA. **Repórter Esso**. S.l., 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%B3rter_Esso. Acesso em: 10 nov. 2020.

DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA AO PLANO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (PNBU): RESGATE HISTÓRICO DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE YONE SEPULVEDA CHASTINET

Edilene Toscano Galdino dos Santos
Maria de Fátima Nunes
Eliany Alvarenga de Araújo



1 INTRODUÇÃO

Os acontecimentos históricos na sociedade, em algumas situações sofrem um processo de silenciamento, o qual está relacionado ao esquecimento das ações dos atores sociais que desempenharam o papel de protagonismo político-social em dado momento da história de uma sociedade.

A memória das ações individuais ou coletiva de uma realidade do passado pode passar por um processo de esquecimento, cuja preservação pode ser materializada com o instrumento da escrita, a fim de desempenhar o papel de registrar o passado.

Trazer à tona a história com maior profundidade o Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU - 1986), por meio de uma pesquisa doutoral, foi a forma de homenagear o protagonismo da bibliotecária Yone Sepulveda Chastinet, que liderou a criação e implantação da primeira política para a biblioteca universitária brasileira. Contudo, constitui-se uma ação incompleta apresentar esta reflexão sem conhecer a história de vida desta competente profissional.

O objetivo desta reflexão é reconhecer esta personalidade científica de valor singular para a Biblioteconomia brasileira, resgatando do silêncio do passado a importância do seu valioso trabalho voltado à biblioteca universitária e a ciência e tecnologia no Brasil.

Figura 1 - Yone Sepulveda Chastinet.



Fonte: Arquivo pessoal de Yone Sepulveda Chastinet (2020)

2 UMA BIOGRAFIA INTELECTUAL

Sem a pretensão de ser uma pesquisa exaustiva, em face das dificuldades na aquisição documental e de informações pormenores, há, todavia, uma tentativa de versar sobre os documentos encontrados que são de autoria ou coautoria de Yone Sepulveda Chastinet.

Tendo por princípio a personalidade intelectual e profissional de Yone Sepulveda Chastinet, que teve por formação a Biblioteconomia, sendo bibliotecária da área da informação agrícola, como atesta as publicações mais antigas encontradas, a exemplo da publicação: Metodologia para elaboração da lista básica dos periódicos nacionais em ciências agrícolas e estudo da dispersão da literatura agrícola brasileira, de autoria de Jaime Robredo e coautoria de Yone Sepulveda Chastinet, publicada na Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 2, n. 2, p. 119-142, de 1974.

Outra publicação onde consta a temática da informação agrícola foi: *IBBD and participation in AGRIS & CARIS PROJECTS* de autoria de Hagar Espanha Gomes e coautoria de Yone Sepulveda Chastinet, publicado no periódico internacional *Quartely Bulletin of the IAALD*, v. 19, n. 3/4, p. 201-208 de 1974. Este artigo mostra a necessidade de o Brasil participar mais efetivamente dos sistemas internacionais de informação ao mencionar a criação do Sistema Nacional de Informação em Ciência e Tecnologia (SNICT) e sua participação no Projeto AGRIS, bem como no Projeto CARIS demonstrando interesse em incluir o Brasil na rede internacional de documentação científica.

Como Coordenadora de Informação Rural (CIR) do Ministério da Agricultura integrou o Projeto PNUD/FAO/BRA/72/020, que teve início em 1974. Visava prover o país da formatação de um sistema de informação agrícola, bem como integrar o Sistema Internacional de Informação Agrícola da *Food and Agriculture Organization (FAO)*. Em 1975 participa do Evento: 4ª Reunião Interamericana de Bibliotecários e Documentalistas Agrícolas, realizada na cidade do México em abril de 1975,

cuja produção intelectual foi o artigo intitulado: Os serviços de um sistema de informação e sua aceitação pelos usuários, publicado na Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 3, n. 2. 1975.

Participou de outras Reuniões da *Food and Agriculture Organization (FAO/ONU)* como a ocorrida nas Filipinas em que fez a abertura da Reunião. Foi eleita "CHAIRMAN" em Reunião acontecida em Roma, da Food and Agriculture Organization (FAO/ONU). (Chastinet, 2018). Esta condição demonstra as competências que Yone Sepulveda Chastinet reúne para presidir a Reunião de nível internacional contribuindo para elevar o nível do processo de desenvolvimento da informação agrícola no País, bem como representar a competência dos recursos humanos do Brasil.

Figura 2 - Yone Sepulveda Chastinet "Chairman".



Fonte: Arquivo pessoal de Yone Sepulveda Chastinet (2020).

Em 1978 Yone Sepulveda Chastinet como responsável pela operação do Sistema Nacional Informação e Documentação Agrícola (SNIDA), juntamente com o Diretor do Projeto PNUD/FAO/BRA/72/020 Jaime Robredo e mais Ana Flávia M. da Fonseca e Paulo R. A. Lôbo publicam na Revista de Biblioteconomia de Brasília v. 6, n. 2 um artigo

“Análise da expansão do serviço de bibliografias personalizadas em agricultura (BIP/AGRI) – um serviço brasileiro de disseminação seletiva da informação”.

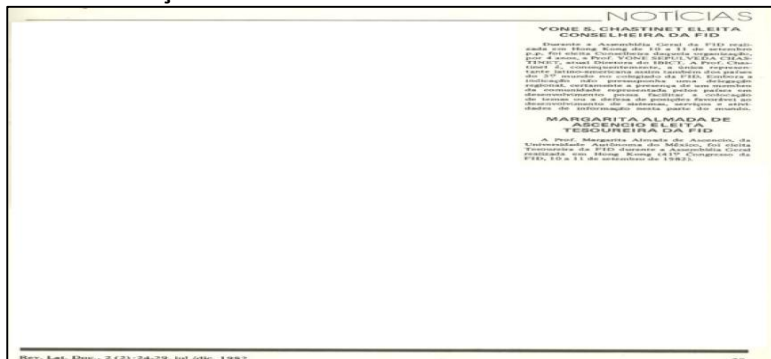
Com o que foi encontrado de informação sobre a personalidade intelectual e profissional de Yone Sepulveda Chastinet, é a área da informação agrícola que lhe dá a experiência necessária em sistemas de informação que visavam o desenvolvimento científico e tecnológico do país. Esta fase a capacita a ingressar como Diretora substituta no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em 1981, tendo como Diretor Afrânio Carvalho Aguiar. Em 1982 passa a ser Diretora-Adjunta do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Ainda em 1982, em reconhecimento de sua competência é eleita Conselheira da Federação Internacional de Documentação (FID), durante Assembleia Geral realizada em Hong Kong, em setembro de 1982, sendo a única representante latino-americana no Colegiado da Federação Internacional de Documentação (FID).

Isto demonstra grande capacidade de conhecimento em Informação Ciência e Tecnologia, capacitando-a a integrar uma relevante posição em nível internacional, o que certamente elevou a representação brasileira a um órgão desse porte.

Esse fato foi noticiado pela Revista Latinoamericana de Documentación no volume 2, número 2, de 1982.

Figura 3 - Notícias da Revista Latino-Americana de Documentação



Fonte: Revista Latinoamericana Documentación (1982).

Em 1985 na condição de Diretora do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), reúne documentos sobre Sistemas de Bibliotecas Universitárias, apresentados no IV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (IV SNBU), como forma de divulgar por meio do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), as atividades de planejamento existente no país sobre a biblioteca universitária ao divulgar uma coletânea de 11 trabalhos, referente às experiências de sistemas de Bibliotecas Universitárias das seguintes universidades: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Universidade Católica de Petrópolis (UCP), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade do Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Figura 4 - Apresentação da Coletânea Sistemas de Bibliotecas Universitárias por Yone Sepulveda Chastinet.



Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Ainda em 1985 sai do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) com a mudança de governo e vai para a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) no Rio de Janeiro, para trabalhar na área de financiamento do setor de informação, visto sua larga experiência na área de informação para o desenvolvimento científico e tecnológico. Nesse mesmo ano é convidada por Doutor Derbalay Galvão então assessor do Secretário Paulo Elpídio de Menezes Neto a integrar a equipe da Secretaria de Educação Superior, cuja missão foi formatar um planejamento para as bibliotecas universitárias, criado pela Portaria 287 de abril de 1986 o Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU - 1986). Assim, como a Coordenadora do PNBU (1986), presta toda sua **expertise** a essa missão, e sob esse aspecto consta em seu depoimento

há que considerar que minha área de atuação sempre foi informação para C&T (ciência e tecnologia), para o que as

bibliotecas universitárias eram fundamentais como repositório do acervo bibliográfico. Estávamos em 1985, quando essas bibliotecas, de maneira geral, tinham como único serviço o acesso aos próprios acervos, sem automação. Assim meus ideais não se concentravam nas bibliotecas, mas numa visão maior do setor de informação como um todo, para o qual as BUs (bibliotecas universitárias) são uma área imprescindível. (CHASTINET, 2015, s.p.).

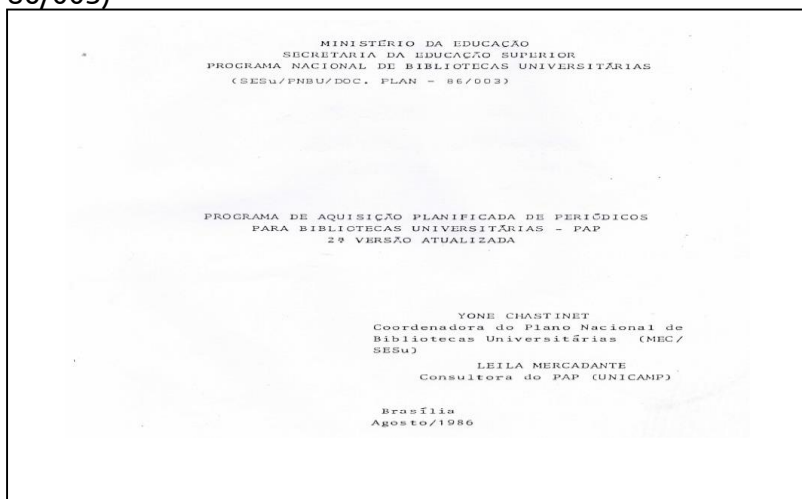
É na Coordenação do Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias que comanda a transformação das bibliotecas universitárias brasileiras, criando Projetos e apoiando outros que são gestados em Instituições que a auxiliam nesse empreendimento a exemplo do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O Programa de Aquisição Planificada de Periódicos para Bibliotecas Universitárias (PAP), tem em seu documento (SESu/PNBU/DOC. PLAN – 86/003) a autoria de Yone Sepulveda Chastinet e Leila Mercadante, consultora do PAP e Diretora da Biblioteca da Universidade de Campinas (UNICAMP). Esse Programa tinha como objetivo geral:

assegurar a existência e completeza de acervos básicos de publicações periódicas e seriadas nas bibliotecas universitárias brasileiras, levando em conta o equilíbrio regional e utilizando-se de procedimentos que garantam racionalização na utilização dos recursos financeiros e compartilhamento no uso dos recursos bibliográficos. (CHASTINET; MERCADANTE, 1986, s.p.).

Mantinha em seu escopo o Projeto de Cooperação que objetivava estabelecer uma rede de aquisição planejada de periódicos estrangeiros em cada região do país, integrando as Instituições de Ensino Superior (IES) que dispõem de melhores acervos, infraestrutura de serviços. (Chastinet & Mercadante, 1986).

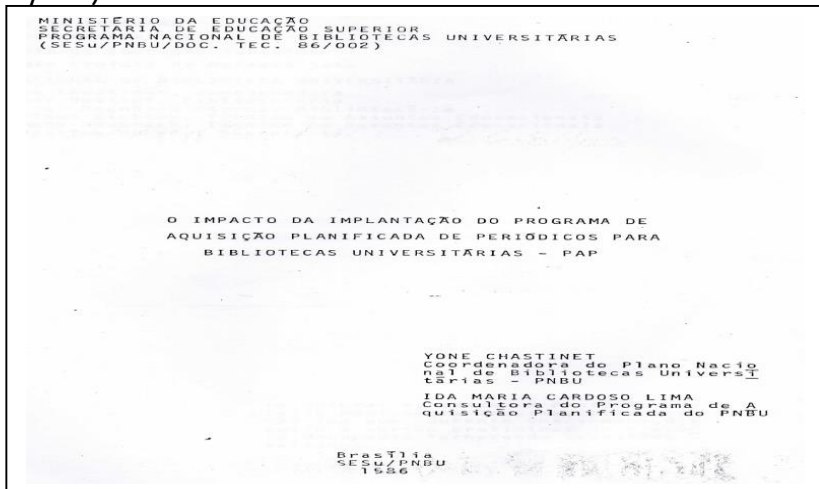
Figura 5 - Capa do documento (SESu/PNBU/DOC. PLAN – 86/003)



Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Ainda em 1986 foi elaborado um documento (SESu/PNBU/DOC. TEC. 86/002), intitulado o Impacto da Implantação do Programa de Aquisição Planificada de Periódicos para Bibliotecas Universitárias (PAP), com autoria de Yone Sepulveda Chastinet e Ida Maria Cardoso Lima, consultora do Programa de Aquisição Planificada do Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU – 1986).

Figura 6 - Capa do documento (SESu/PNBU/DOC. TEC. 86/002).

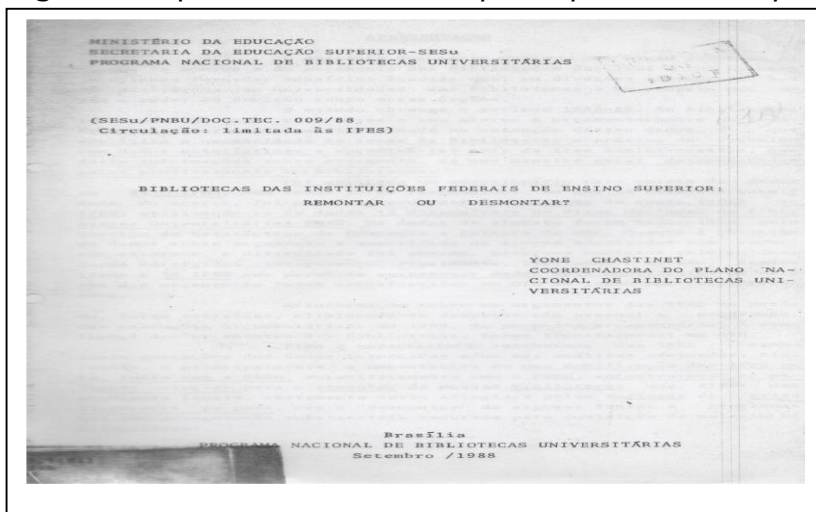


Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Esse documento versa sobre aceitação, distribuição e contribuição do Programa para as Instituições de Ensino Superior (IES) de todas as regiões do país. Tendo por conclusão um alto percentual de aceitação por parte das Instituições de Ensino Superior (IES) representando uma significativa contribuição na manutenção e renovação do acervo de periódicos das bibliotecas universitárias, bem como um esforço na racionalização substancial da aquisição de periódicos e no compartilhamento dos acervos por meio da alimentação do Catálogo Coletivo Nacional (CCN) e disseminado pelo COMUT (Comutação Bibliográfica) operacionalizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Em 1988, foi elaborado um documento por Yone Sepulveda Chastinet intitulado "Bibliotecas das Instituições Federais de Ensino Superior: Remontar ou Desmontar?". Esse documento de descrição de ordem SESu/PNBU/DOC. TEC. 009/88, teve uma circulação limitada às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

Figura 7 - Capa do documento SESu/PNBU/DOC. TEC. 009/88.



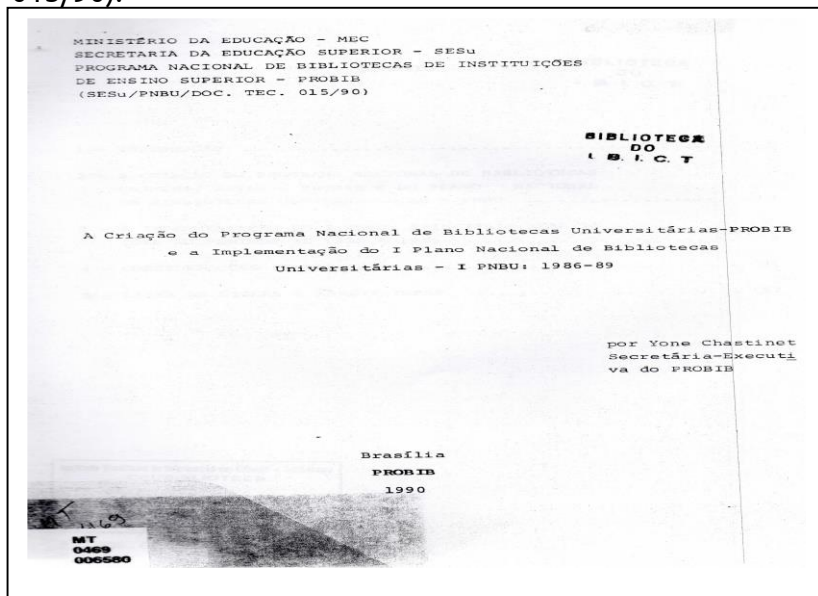
Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Esse documento é um retrato da situação das bibliotecas universitárias brasileiras, cuja conclusão é a deficiência em acervos devido aos diminutos recursos que são alocados para esta finalidade. Para Yone Sepulveda Chastinet, remontar as bibliotecas universitárias passa por dois componentes essenciais: “a) desejo político das altas administrações do MEC e das IFES; b) o desenvolvimento de programas cooperativos que assegurem maior racionalização, na aplicação dos limitados recursos financeiros e maior compartilhamento no uso dos recursos bibliográficos”. (CHASTINET, 1988). Recomendação nesse documento da continuidade das ações da Secretaria de Educação Superior (SESu), ao assegurar os recursos para o Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias, garantindo a efetividade de implementação de suas ações.

Outro documento obtido data de 1990, sob o título “A Criação do Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias (PROBIB) e a Implementação do I Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias – I PNBU: 1986-89”, de autoria de

Yone Sepulveda Chastinet então Secretária Executiva do PROBIB.

Figura 8 - Capa do documento (SESu/PNBU/DOC. TEC. 015/90).



Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Revela esse documento que o Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU - 1986) e o Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias (PROBIB) foram consequência da evolução da Pós-Graduação brasileira a partir da década de 1970, com uma exigência maior por informação científica. Outra questão revelada por Yone Sepulveda Chastinet foi a transformação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) em Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que passou a coordenar as atividades de Informação, Ciência e Tecnologia (ICT), bem como as discussões em encontros científicos realizados pelos bibliotecários.

Assim, infere-se que o Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU – 1986) foi o resultado de uma ampla conjunção de fatores e forças que se aglutinaram para promover uma ação de mudança na estrutura da biblioteca universitária, considerando os avanços científicos e tecnológicos da época.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as dificuldades de implementação do Plano tenham sido significativas para realização das ações, e como relata Yone Sepulveda Chastinet, faltou infraestrutura ao Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU - 1986) e dados sobre as bibliotecas para que fossem implementadas as ações. Logo, para o planejamento das ações, foi necessária à coleta de dados mínimos que fundamentassem a implementação das ações de melhoria das bibliotecas universitárias.

Foi com a competente Coordenação de Yone Sepulveda Chastinet que muitas barreiras foram superadas para operacionalização do Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU – 1986) com o apoio do Ministério da Educação através da Secretaria da Educação Superior (SESu) e outras Instituições como: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Centro de Desenvolvimento e Apoio Técnico à Educação (CEDATE), Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), Universidades e bibliotecas universitárias brasileiras.

É com essa contextualização de um histórico de necessidade de disseminação da informação científica e tecnológica em território nacional que a biblioteca universitária como espaço de socialização do conhecimento passa a ser evidenciada numa ação planejada de integração ao desenvolvimento das políticas científicas do Brasil.

Assim, Yone Sepulveda Chastinet figurou como protagonista principal desse episódio que marca a história da

biblioteca universitária, bem como integra as páginas da história do progresso científico brasileiro.

REFERÊNCIAS

CHASTINET, Yone Sepulveda. “**Chairman**”. [Mensagem Pessoal]. Mensagem recebida por edilnetoscano@gmail.com em 23 fevereiro 2018.

CHASTINET, Yone Sepulveda. **Depoimento para pesquisa doutoral**. Rio de Janeiro, 2015. [Mensagem Pessoal]. Mensagem recebida por edilnetoscano@gmail.com em 15 março 2015.

CHASTINET, Yone Sepulveda. **A Criação do Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias – PROBIB e a Implementação do I Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias – I PNB**: 1986-89. Brasília: PROBIB, 1990.

CHASTINET, Yone Sepulveda. Participação da comunidade na implantação do Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU). **Anais do VI Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias**, Belém. 39-47. 1989.

CHASTINET, Yone Sepulveda. **Bibliotecas das Instituições Federais de Ensino Superior: remontar ou desmontar**. SESu/PNB/DOC.TEC./009-88. 1988.

CHASTINET, Yone Sepulveda; Lima, I. **O impacto da implantação do programa de aquisição planejada de periódicos para bibliotecas universitárias – PAP**. SESu/PNB/DOC.TEC.86/002. 1986.

CHASTINET, Yone Sepulveda; MERCADANTE, Leila. **Programa de aquisição planejada de periódicos para bibliotecas universitárias – PAP: 2ª versão atualizada**. SESu/PNB/DOC.TEC.86/003. 1986.

CHASTINET, Yone Sepulveda. Representação latino-americana no Colegiado da Federação Internacional de Documentação (FID). **Revista Latinoamericana de Documentación**, v. 2, n. 2. 1982.

CHASTINET, Yone Sepulveda. Os serviços de um sistema de informação e sua aceitação pelos usuários. **Biblioteconomia de Brasília**, v. 3, n.2. 1975.

CHASTINET, Yone Sepulveda. Os serviços de um sistema de informação e sua aceitação pelos usuários. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 3, n. 2. 1975.

GOMES, Hagar Espanha; CHASTINET, Yone Sepulveda. IBBD *and participation in AGRIS & CARIS PROJECTS*. **Quartely Bulletin of the IAALD**, v. 19, n. 3/4, p. 201-208. 1974.

ROBREDO, Jaime; CHASTINET, Yone Sepulveda; FONSECA, Ana Flávia M. da; LÔBO, Paulo R. A. Análise da expansão do serviço de bibliografias personalizadas em agricultura (BIP/AGRI) – um serviço brasileiro de disseminação seletiva da informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 6, n. 2, 1978.

ROBREDO, Jaime; CHASTINET, Yone Sepulveda. Metodologia para elaboração da lista básica dos periódicos nacionais em ciências agrícolas e estudo da dispersão da literatura agrícola brasileira. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 2, n. 2, p. 119-142. 1974.



PARTE 2
PROTAGONISMOS
COLETIVOS

MULHERES NA E DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO: RECONHECIMENTO ÀS CONTRIBUIÇÕES PARA A PESQUISA NO BRASIL³²

Zaira Regina Zafalon
Vânia Mara Alves Lima
Raildo de Sousa Machado

³² Agradecemos a Marcia Cristina Zafalon, mulher que deu fundamental contribuição no desenvolvimento da coleta de dados deste estudo.



1 INTRODUÇÃO

Com muita alegria e entusiasmo recebemos o convite das organizadoras para tecer um capítulo para compor essa obra de celebração do protagonismo de mulheres na Biblioteconomia e na Ciência da Informação, em específico nos estudos de Organização do Conhecimento (OC) e Representação da Informação (RI), dois pilares científicos nos quais a prática da catalogação está imersa. O sentimento de respeito e de gratidão também nos envolve e esta proposta se configura como uma oportunidade de destacar bibliotecárias, professoras e pesquisadoras. Este texto parte de duas considerações essenciais: da participação da mulher no desenvolvimento da ciência e da genealogia acadêmica.

A participação da mulher no desenvolvimento científico tem sido cada vez mais objeto de estudo nas mais diversas áreas. Na Biblioteconomia e Ciência da Informação, porém, a participação feminina é majoritária, como já confirmaram Oliveira, Mello e Rigolin (2020). Quanto à genealogia acadêmica, Oliveira et al. (2018) já indicaram que a ciência avança a partir de pesquisadores que estejam dispostos a dar plena continuidade ao sistema de produção da ciência, configurada por processos de orientação ou supervisão acadêmica, o que faz com que o papel do orientador ganhe destaque. Por meio da organização de relações de orientação é possível traçar uma genealogia acadêmica, constituída, segundo Sugimoto (2014), das relações interdependentes, tanto ascendentes quanto descendentes, entre orientadoras e orientadas.

É assim que se compõe o que buscamos neste capítulo: destacar as mulheres que contribuíram para a consolidação dos estudos de OC e RI no Brasil. Para tanto, recorreremos à pesquisa exploratória, para reconhecer autoras que marcaram historicamente o desenvolvimento profissional da área, e da genealogia acadêmica, com vistas à identificação de orientadoras em estudos atinentes ao tema, a partir de levantamento realizado na Plataforma Sucupira, no Currículo Lattes e na Plataforma Acácia.

A partir da constituição inicial do campo da Biblioteconomia no Brasil realizamos um levantamento bibliográfico no âmbito da OC e RI (mesmo que, à época, a área não as identificasse assim) a área não fosse identificada assim) e reconhecemos algumas autoras cujas obras se destacam por se constituírem em bibliografia básica dos primeiros cursos de graduação, a saber: Adelpha Silva Rodrigues de Figueiredo, Alice Príncipe Barbosa, Anamaria da Costa Cruz, Cordélia Robalinho Cavalcante, Dinah Aparecida de Mello Aguiar Población, Eliane Serrão Alves Mey, Estera Muscat Menezes, Giacomina Faldini, Heloísa de Almeida Prado, Laura Garcia Moreno Russo, Liene Campos, Lydia de Queiroz Sambaquy, Maria Antonieta Requião Piedade, Maria Luiza Monteiro da Cunha, Maria Tereza Reis Mendes, Neyde Pedroso Póvoa, Noemia Lentino, Regina Carneiro, Rosa Maria Rodrigues Correa, Rosmarie Lüthold Appy, Wanda Ferraz e Zenóbia Pereira da Silva de Moraes Bastos.

Para estabelecer o percurso da genealogia acadêmica em OC e RI, em primeiro lugar levantamos, na Plataforma Sucupira, as instituições que oferecem cursos de Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação; são elas: Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Universidade de São Paulo (USP) e Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC). A partir dos dados referentes a 2019, chegamos a 161 mulheres atuando como docentes nos programas de pós-graduação e, com o intuito de identificar dentre elas quais atuavam na área de OC e RI analisamos o resumo do perfil registrado pela pesquisadora na Plataforma Lattes, obtendo uma lista com 16 nomes, identificados pela ascensão genealógica.

Assim, a genealogia acadêmica da OC e RI se inicia com essas 16 mulheres, docentes, pesquisadoras que contribuíram

para a consolidação dos estudos interdisciplinares no Brasil: Ana Maria Athayde Polke, Anna Maria Marques Cintra, Beatriz Valadares Cendón, Gilda Maria Braga, Hagar Espanha Gomes, Henriette Ferreira Gomes, Johanna Wilhelmina Smit, Maria Aparecida Moura, Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, Mariângela Spotti Lopes Fujita, Marisa Brascher Basílio Medeiros, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa Santos, Rosali Fernandez de Souza, Telma Campanha de Carvalho Madio e Virgínia Bentes Pinto. Por meio delas, identificamos outras 893 mulheres, sendo 291 filhas, 488 netas, 109 bisnetas, 5 tataranetas.³³

2 SOBRE OS OMBROS DAS GIGANTES!

Dois grupos de mulheres se destacam pelo trabalho coletivo que envidaram em OC e RI.³⁴ O primeiro grupo é representado pelas integrantes do Grupo Temma, no início mais identificado com a corrente francesa da Análise documentária de Gardin e posteriormente abarcando as teorias terminológicas de Wuster e Cabré, as quais vieram explicitar os processos e respectivos referenciais teóricos que embasam a construção de instrumentos para a catalogação de assuntos, denominação de origem norte-americana com uma abordagem mais pragmática, cuja base reside no catálogo enquanto produto do tratamento temático da informação em bibliotecas (MARTINHO, 2010). O segundo grupo é representado por mulheres que, individualmente ou em grupos, no âmbito da catalogação e da classificação, trouxeram propostas e estudos desenvolvidos em outros países, contribuindo para o desenvolvimento do campo por se

³³ Esta quantidade expressa o número de orientadas na Ciência da Informação. Apesar de a identificação de bisnetas e tataranetas não ser o nosso foco, foi possível identificar algumas destas mulheres.

³⁴ A partir daqui as mulheres que já foram citadas pelo nome completo serão identificadas somente pelo prenome e sobrenome; outros, pelo nome completo.

dedicarem não só à tradução dos instrumentos de catalogação, mas também por publicarem estudos e obras introdutórias sobre os sistemas de classificação.

O Grupo Temma foi fundado em 1986 por Johanna Wilhelmina Smit, no Departamento de Biblioteconomia da Escola de Comunicação e Artes da USP e nos seus primeiros anos contou com as seguintes pesquisadoras, Eunides Aparecida do Vale, Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo, Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha, Nair Yumiko Kobashi e Regina Keiko Obata; posteriormente o grupo incluiu outros membros e contou com a participação de Mariângela Spotti Lopes Fujita, da UNESP. Os estudos do Grupo basearam-se na obra de Jean Claude Gardin, que foi orientador tanto de Johanna quanto de Nair, mas também ampliou consideravelmente os horizontes da análise documentária, seus processos e produtos, ao incorporar elementos da Linguística e da Terminologia, principalmente no que se refere à construção das linguagens documentárias. Dentre as publicações do Grupo Temma, destacam-se: *Análise documentária: a análise da síntese* (1989), com a coordenação de Johanna Wilhelmina Smit e participação de Anna Maria Marques Cintra, Eunides Aparecida do Vale, Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha, Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo, Nair Yumiko Kobashi e Regina Keiko Obata F. Amaro; e *Para entender as linguagens documentárias* (1994), coautoria de Anna Maria Marques Cintra, Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo, Marilda Lopes Ginez de Lara e Nair Yumiko Kobashi.

Além do Grupo Temma, outras mulheres contribuíram para os estudos temáticos na área, e queremos dar ênfase às publicações de Noemia Lentino, *Classificação decimal: teoria, prática comparada, exercícios e índices* (1959) e *Classificação Decimal Universal: seu desenvolvimento, sua atualização* (1967); de Maria Antonieta Requião Piedade, com *Catálogo de autores brasileiros e portugueses* (1961[?]), *Introdução programada à 17ª edição da Classificação Decimal de Dewey* (1969), *Classificação decimal universal* (1970), *Classificação decimal* (1972); *Manual de catalogação* (1972),

Introdução programada às 17 e 18 edições da Classificação Decimal de Dewey (1975), *Introdução programada à 18ª edição da Classificação Decimal de Dewey* (1975), *Introdução à teoria da classificação* (1977); de Wanda Ferraz, com *Relação de assuntos para cabeçalhos de fichas* (1972), e de Liene Campos e Estera Muscat Menezes, com *Classificação Decimal Universal – CDU: instruções e exercícios* (1992).

Quanto à contribuição de Adelpha Silva Rodrigues de Figueiredo destacamos que, para que permanecesse como bibliotecária no Instituto Mackenzie, foi exigido que fizesse o curso de biblioteconomia nos Estados Unidos, e, assim, no seu retorno, em 1929, tinha início a primeira turma do curso de biblioteconomia em São Paulo, dirigido por ela. Em *Desenvolvimento da biblioteconomia em S. Paulo* (1945), Adelpha comenta sobre o início da biblioteconomia paulista, em 1886, em instituição de caráter particular, e que, somente em 1895, é apresentada proposta para a Biblioteca Popular de S. Paulo, aprovada como Biblioteca Pública de S. Paulo, e em *Como organizar o catálogo dicionário* (1950), dá instruções inclusive sobre a construção dos registros bibliográficos. Adelpha também foi responsável por ministrar aulas de catalogação e de classificação, assumidas, em 1944, por Maria Luísa Monteiro da Cunha e Noemia Lentino, respectivamente.

O curso de Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da USP é resultado dos esforços de Maria Luísa Monteiro da Cunha, que teve produção científica relevante, tendo, inclusive, participado de eventos internacionais. É de Maria Luísa a tradução, publicada em 1956, de *Rules for Descriptive Cataloging in the Library of Congress* (1949), com a qual colaboraram Rosmarie Lüthold Appy, Zenóbia Pereira da Silva de Moraes Bastos e Maria Luíza Pereira Varella. Homenagem à Maria Luíza, inclusive com a listagem de suas publicações, quer sejam autorais ou em colaboração, e de trabalhos de divulgação da profissão e traduções, foi feita por Neusa Dias de Macedo e Mariângela Spotti Lopes Fujita (1992). A contribuição de Maria Luísa foi reconhecida ao ter seu nome atribuído à Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da USP e a uma Escola Estadual de Ensino Fundamental

em São Paulo, localizada no Jardim Ester, região Centro-Oeste da cidade.

É notória também a contribuição de Cordélia Robalinho Cavalcante, com *Catálogo simplificado* (1970), *Novos métodos de pesquisa legislativa* (1970), *Indexação & Tesouro* (1978), *Definição de publicações oficiais brasileiras* (1987), *Da Alexandria do Egito à Alexandria do Espaço* (1996), e o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* (2008), em coautoria com Murilo Bastos da Cunha.

Outras mulheres que se destacam são: Alice Príncipe Barbosa, com *Projeto CALCO: adaptação do MARC II para implantação de uma Central de Processamento de Catálogo Cooperativa* (1972), dissertação apresentada ao Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, *Classificações facetadas* (1972), *Novos rumos da catalogação* (1978); Zenóbia Pereira da Silva de Moraes Bastos, com *Organização de mapotecas* (1978); Eliane Serrão Alves Mey, quando publicou *Catálogo e descrição bibliográfica: contribuições a uma teoria* (1987), trabalho apresentado originalmente como dissertação na Universidade de Brasília, sob a orientação de Cordélia Robalinho Cavalcante, *CCAA2 em 58 lições* (1989), em coautoria com Maria Tereza Reis Mendes; *Introdução à catalogação* (1995); *Não brigue com a catalogação!* (2003); *Vocabulário controlado para indexação de obras ficcionais* (2005), com Sidney Barbosa e Naira Christofoletti Silveira; e *Catálogo no plural* (2009), novamente com Naira.

Quanto aos trabalhos coletivos destacam-se aqueles desenvolvidos pela Associação Paulista de Bibliotecários que, por meio do Grupo de Bibliotecários Biomédicos, formado por Rosmarie Lüthold Appy, Dinah Aguiar Población, Fernanda O. Piochi, Irene Lerche Eleutério, Rosaly Favero Krzyzanowski e Myriam Petrossi Rosa, publicou *Catálogo de Publicação Seriadas* (1972), e do Grupo de Bibliotecários em Informação e Documentação em Processos Técnicos que, sob a coordenação de Giacomina Faldini, publicou o *Manual de catalogação: exemplos ilustrativos do AACR2* (1987), que serviu de guia para a adoção do código no Brasil.

A revisão de 1988 de *Anglo-American Cataloging Rules*,

2nd edition, apesar de ter sido traduzida, não chegou a ser publicada. Os esforços pela tradução desta edição foram coordenados por Neyde Pedroso Póvoa, que contava com Regina Carneiro e Rosmarie Lüthold Appy como membras da equipe. Quando nova revisão desta edição foi publicada, em 2002, a tradução no Brasil foi coordenada por Rosa Maria Rodrigues Corrêa, que teve a colaboração de Anamaria da Costa Cruz, Maria Tereza Reis Mendes, Neyde Pedroso Póvoa e de Regina Carneiro, como consultora.

Alguns destaques sobre essas mulheres: Anamaria da Costa Cruz atuou como docente na UFF, principalmente ministrando as disciplinas Representação Descritiva de Documentos e Organização e Administração de Bibliotecas, e, como bibliotecária, em bibliotecas especializadas, com destaque para o Instituto Brasileiro do Café, foi membro do Comitê Brasileiro de Informação e Documentação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT/CB-14), e autora, com Maria Tereza Reis Mendes, de vários livros dedicados à normalização de trabalhos acadêmicos e à catalogação descritiva; foi com a Editora Intertexto que deu grande impulso à divulgação científica na área; Maria Tereza Reis Mendes, foi docente na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em disciplinas de Representação Descritiva de Documentos e Referência Legislativa, atuou em bibliotecas jurídicas, também foi membro do ABNT/CB-14, foi autora de *Cabeçalho para entidades coletivas* (2002), livro que serviu como fonte, inclusive, para dirimir dúvidas pela Biblioteca Nacional, e de diversos livros de catalogação e normalização de documentos; Regina Carneiro, além de ter colaborado nas traduções do código de catalogação, atuou como bibliotecária-chefe na Câmara Brasileira do Livro (CBL), onde não mediu esforços junto a editores e livreiros para a implantação da *Cataloging in Publication* (CIP), que contribuiu para a padronização da catalogação no país e melhoria do intercâmbio de informações bibliográficas; foi docente de catalogação na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e na ECA/USP; Rosa Maria Rodrigues Corrêa teve grande participação nos Comitês da Associação

Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e foi orientada por Plácida Santos no mestrado, tendo sua pesquisa sido publicada, em coautoria com Plácida, com o título *Catálogo: trajetória para um código internacional*, pela Editora Intertexto, de Anamaria da Costa Cruz.

Faz-se necessário reconhecer também a contribuição de Heloísa de Almeida Prado, Lydia de Queiroz Sambaquy, Laura Garcia Moreno Russo e Dinah Aparecida de Mello Aguiar Población.

Heloísa de Almeida Prado³⁵ foi aluna da primeira turma do curso de Biblioteconomia em São Paulo (à época vinculado à Prefeitura) e docente na FESPSP no período de 1962 a 1973. Ao longo de sua trajetória profissional publicou livros que se tornaram referência na área: *Como se organiza uma biblioteca* (1953), *Organize sua biblioteca* (1968), *Organização e administração de biblioteca* (1979) e *A técnica de arquivar* (1985). Mas foi com a criação da *Tabela PHA* (1964), uma versão nacional da Tabela de Cutter, usada para a classificação de nomes de pessoas, que Heloísa tornou-se mais conhecida. Maiores detalhes sobre a trajetória de Heloísa podem ser conhecidos em Entrevista (1988).

Considera-se o início de Lydia de Queiroz Sambaquy na biblioteconomia a participação em treinamentos ministrados na Biblioteca do DASP o que a levou a matricular-se no curso mantido pela Biblioteca Nacional. Mais tarde, na direção da Biblioteca do DASP, Lydia engendrou esforços para que houvesse divulgação de notícias, estatísticas e demais informações na Revista do Serviço Público. Foi a partir desta ação que houve oportunidade para que ela publicasse o estudo *A Classificação Decimal de Melvil Dewey e Classificação Decimal de Bruxelas*, em 1940. Enquanto diretora da Biblioteca, o DASP desempenhou um importante papel na formação de bibliotecários no Brasil. Em 1942, Lydia criou o Serviço de Intercâmbio de Catalogação (SIC), cujo objetivo era o de constituir uma rede cooperativa para catalogação. Foi no

³⁵ Uma curiosidade: Heloísa de Almeida Prado foi aluna de Adelpha Figueiredo no primário.

bojo desta ação que Lydia publica, em 1953, *O serviço de intercâmbio de catalogação e as críticas que lhe são feitas*. Uma das mais notáveis contribuições de Lydia está na idealização de criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD, atual IBICT), fundado em 1954 em parceria com a UNESCO, tendo sido, além de fundadora, sua primeira diretora. Para conhecer melhor a contribuição de Lydia Sambaquy sugerimos a leitura de Carvalho e Nascimento (2017).

Laura Garcia Moreno Russo foi bibliotecária em importantes instituições brasileiras, como a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, a Academia Paulista de Letras e a Biblioteca Mário de Andrade, onde foi diretora. Laura se formou em Biblioteconomia e Documentação pela antiga Escola Livre de Sociologia e Política, hoje FESPSP. Em 1958 recebeu o título de mestre em biblioteconomia e arquivística pela Biblioteca Nacional de Madri. Pelo seu reconhecido trabalho em bibliotecas hospitalares, recebeu, em 1947, um prêmio pela Associação Paulista de Bibliotecários. Apesar da brilhante carreira de Laura Russo, uma de suas maiores contribuições para a biblioteconomia nacional deu-se em 1959, a partir de uma proposta construída em parceria com Rodolfo Rocha Júnior no II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. A proposta deu origem à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, da qual foi eleita sua primeira presidente. Laura Russo foi, e ainda deve ser considerada, uma gigante. Junto com Maria Helena Brandão, redigiu o que mais tarde transformou-se em um projeto de lei que, posteriormente, deu origem à Lei nº 4.048/1962, que dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regulamenta seu exercício, o que impulsionou o desempenho da profissão no Brasil e levou-a a ser homenageada mais uma vez pela Associação Paulista de Bibliotecários. Pelo Instituto Nacional do Livro, Laura publicou, em 1966, a obra *A Biblioteconomia Brasileira, 1915-1965*. Também é de Laura Russo a primeira versão do Código de Ética do Bibliotecário, aprovado em 1963 no IV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. O Código de Ética ganhou status de Lei em

1966, que atribui ao Conselho Federal de Biblioteconomia a fiscalização do exercício e ética profissional.

Dinah Aparecida de Mello Aquiar Población cursou Biblioteconomia na FESPSP e desenvolveu pesquisas de mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação na USP. Como docente no curso de Biblioteconomia da ECA/USP desde 1971, foi responsável pelas disciplinas de Catalogação, membra do grupo que realizou o *Diagnóstico das bibliotecas da Universidade de São Paulo*, o qual deu origem ao Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, e uma das fundadoras da ANCIB, sendo também sua primeira presidente. Atualmente, Dinah continua como Professora Sênior da USP. Destaca-se *Redes sociais e colaborativas em informação científica* (2009), uma de suas últimas publicações.

Reconhecemos como fundadoras dos estudos interdisciplinares em Organização do Conhecimento e Representação da Informação no Brasil as pesquisadoras que destacamos a seguir, e que foram identificadas a partir de critérios definidos pela genealogia acadêmica.³⁶

A primeira mulher que reconhecemos é Hagar Espanha Gomes que, junto com Célia Zaher e Lydia de Queiroz Sambaquy, foi uma das fundadoras do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), pioneiro no Brasil, e que completa seu cinquentenário neste ano. Sua contribuição no cenário nacional é de tamanha relevância a ponto de Pinheiro (2020, p. 2) nos contar que “[...] na década de 1950, Otlet não era conhecido no cenário mundial da

³⁶ A quantidade de orientações indicada refere-se à orientação de pesquisas desenvolvidas na Ciência da Informação por mulheres. Desse modo, a quantidade pode diferir daquela constante do Lattes, que agrega orientação em outras áreas do conhecimento e sem identificação de gênero. São chamadas de *filhas* as mulheres que receberam orientação direta das mulheres que reconhecemos diante da contribuição para a área; de *netas*, as filhas da primeira geração de orientadas; de *bisnetas* as filhas da segunda geração de orientadas.

Biblioteconomia e Documentação, mas em nosso país foi exatamente Hagar Espanha Gomes quem introduziu as ideias de Otlet, nas suas aulas e na tese de livre docência 'O Pensamento de Paul Otlet e os princípios do UNISIST' [...]", defendida junto à UFF, em 1975. Com Lena Vânia Ribeiro Pinheiro e Maria de Nazaré Freitas Pereira, Hagar manteve a editora Calunga, responsável pela tradução e publicação de autores e obras internacionais na área. Hagar orientou o desenvolvimento de sete pesquisadoras, dentre as quais Paula Xavier dos Santos, que lhe deu uma neta, e Maria Luiza de Almeida Campos, que lhe rendeu 13 netas e oito bisnetas: cinco de Luana Farias Sales, duas de Hildenise Ferreira Novo e uma com Joice Cleide Cardoso Ennes de Souza. A Profa. Hagar mantém a página na web Biblioteconomia, Informação & Tecnologia da Informação³⁷, dedicada aos estudos de informação e documentação e, tendo completado 90 anos em setembro último, continua participando de eventos da área. Recomenda-se a leitura de Pinheiro (2020) e Entrevista (1995) para conhecer melhor a contribuição dada por Hagar Espanha Gomes no cenário científico nacional.

Destaca-se também Anna Maria Marques Cintra, que atuou como docente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLCH) e na Escola de Comunicações e Artes (ECA), ambas da USP, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) (onde também foi reitora no período de 2012-2016) e no IBICT. Anna Maria, com graduação em letras clássicas (PUC/SP) e doutorado em linguística (USP), orientou o desenvolvimento de sete pesquisas na pós-graduação em Ciência da Informação, dentre as quais a de Maria Nélida González de Gómez, orientadora de outras 43 mulheres, dentre as quais: Rosa Inês de Novais Cordeiro, com 13 orientações, Edna Lúcia da Silva, com sete orientações, e, com seis orientações cada, Geni Chaves Fernandes e Luisa Maria Gomes de Mattos Rocha.

Ana Maria Athayde Polke deu grande contribuição na

³⁷ A página pode ser acessada no endereço: <http://www.conexaorio.com/bit/>.

gestão da Escola de Ciência da Informação da UFMG, quer seja como coordenadora de curso, entre 1971 e 1973, como vice-diretora, no período de 1973 a 1977, ou como diretora, no período de 1977 a 1981. Seu título de Doutora em Filosofia foi obtido junto à *Loughborough University of Technology*, na Inglaterra. Apesar de não ter sido possível a nós identificarmos a quantidade de mulheres orientadas por Ana Maria, três orientadas dela tornaram-se expoentes nos estudos de OC e RI: Lígia Maria Moreira Dumont, com 22 orientações, e Bernadete Santos Campello e Dulce Amélia Brito Neves, cada qual com seis orientações. Para compreender melhor a contribuição dada por Ana Maria recomenda-se a leitura de Entrevista (2010).

Gilda Maria Braga teve Tefko Saracevic como seu orientador no mestrado em Ciência da Informação, pelo convênio IBICT/UFRJ, e, no doutorado em *Information Science*, junto à *Case Western Reserve University*, nos Estados Unidos, William Goffman. Manteve vínculo como docente no IBICT por mais de 20 anos e orientou 37 pesquisadoras: Lena Vania Ribeiro Pinheiro, com 67 orientações, das quais Luisa Maria Gomes de Mattos Rocha lhe deu seis bisnetas; Heloísa Tardin Christóvão, com 36 orientações, tendo coorientado com Gilda, Edna Lúcia da Silva que, por sua vez, orientou sete mulheres, e Junia Gomes da Costa Guimarães e Silva, três; Lidia Alvarenga, com 18 mulheres orientadas: Gercina Ângela Lima, que lhe deu 12 bisnetas, e cinco tataranetas (com Benildes Coura Moreira dos Santos Maculan), Eliane Braga de Oliveira, com seis bisnetas, Célia da Consolação Dias, quatro bisnetas, e Cíntia Azevedo Lourenço e Elisângela Cristina Aganette com duas bisnetas cada; Rosa Inês de Novais Cordeiro, com 13 netas orientadas, Regina Cianconi, com oito e Vânia Maria Rodrigues Hermes de Araújo, com seis. Ao todo Gilda teve, portanto, 37 filhas, 158 netas, 42 bisnetas e cinco tataranetas. Do IBICT Gilda recebeu homenagem por sua dedicação e comprometimento e, em outra oportunidade, foi homenageada como Mestre dos Mestres.

Se, com Gilda, tivemos grande impulso nos estudos de OC e RI desenvolvidos no Rio de Janeiro, podemos considerar

que Johanna Smit foi o expoente paulista. Tendo desenvolvido o mestrado em Documentação, na *École Pratique des Hautes Études*, sob orientação de Jean Meyriat, e o doutorado em Análise do discurso pela Universidade de Paris-I, agora com Jean-Claude Gardin, Johanna atuou como docente na ECA/USP entre 1981 e 2013, tanto no curso de graduação em Biblioteconomia, quanto na pós-graduação em Ciência da Informação, onde orientou 21 mulheres, dentre elas Marta Lígia Pomin Valentim, com 19 orientadas; Nair Yumiko Kobashi (que foi coorientada por Jean-Claude Gardin), com 18 orientações, dentre as quais Cibele Araújo Camargo Marques dos Santos, que lhe deu sete bisnetas; Marilda Lopes Ginez de Lara, que orientou 16 pesquisadoras, tendo seis netas de Cristina Dotta Ortega e outras seis de Elaine de Oliveira Lucas; Miriam Paula Manini, com orientação de 14 pesquisadoras, Asa Fujino, com nove, e Clarissa Moreira dos Santos Schmidt, com cinco. Os estudos de Johanna alcançaram três gerações: 21 filhas, 81 netas e 19 bisnetas. Johanna recebeu o Prêmio Laura Russo, concedido pelo CRB/8.

A sexta pesquisadora que também contribuiu para o desenvolvimento de pesquisas em OC e RI no Rio de Janeiro. Rosali Fernandez de Souza, orientada por Tefko Saracevic no mestrado em Ciência da Informação, pelo IBICT/UFRJ, desenvolveu o seu doutorado na *Polytechnic of North London*, orientada por Suman Datta e Arthur Jack Meadows, com título conferido pelo *Council for National Academic Awards*. Tendo trabalhado como bibliotecária no Centro Latino-Americano de Física e na Universidade Santa Úrsula, foi nela que iniciou sua carreira docente. No IBICT desde 1982, Rosali orientou 56 mulheres, dentre elas: Vera Lúcia Doyle Louzada Dodebei, com 33 orientadas; Maria Luíza de Almeida Campos (que já foi mencionada ao apresentarmos Hagar Espanha Gomes), com 13; Geni Chaves Fernandes e Luisa Maria Gomes de Mattos Rocha, cada uma com seis filhas; Luana Farias Sales, também orientada de Hagar, com cinco; Rose Marie Santini de Oliveira, com quatro, e, com uma orientada cada, Jeorgina Gentil Rodrigues, Jóice Cleide Cardoso Ennes de Souza, Paula

Xavier dos Santos e Vânia Lisbôa da Silveira Guedes. Seus conhecimentos inspiraram estudos de 56 filhas, 71 netas e oito bisnetas (de Luana e de Hildenise, também já mencionadas ao tratarmos de Hagar).

Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo, com bacharelado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela USP, foi orientada por Oswaldo Sangiorgi e José Teixeira Coelho Netto, respectivamente. Ao longo de sua trajetória profissional colaborou como documentalista na Fundação Padre Anchieta (TV Cultura) e como docente no Mackenzie, na USP, na PUCAMP e na UNIP. Orientou 22 mulheres que, atualmente, contribuem para os estudos de OC e RI no nível da pós-graduação em Minas Gerais, com Cristina Dotta Ortega, com seis orientadas; em São Paulo, com Vânia Mara Alves Lima, com cinco; no Rio de Janeiro, com Naira Christofolletti Silveira, com quatro; e na Bahia, com três orientadas de Suely Moraes Cerávolo, perfazendo um total de 18 netas. Fátima foi agraciada com Honra ao Mérito, pelo CRB/8, e, da ANCIB, teve premiada uma dissertação por ela orientada.

Orientada por Fredric Michael Litto no mestrado e no doutorado, ambos em Ciências da Comunicação pela USP, Mariângela Spotti Lopes Fujita contribuiu para o desenvolvimento e reconhecimento da Ciência da Informação no Brasil tendo atuado, inclusive, como membro do Comitê de Assessoramento do CNPq. Atua na UNESP, campus de Marília, desde 1978, tendo sido bibliotecária por dois anos, e, a partir 1979 como docente nos cursos de graduação e de pós-graduação, tendo orientado 26 pesquisadoras, dentre elas Brígida Maria Nogueira Cervantes, que lhe deu 10 netas, na UEL (Paraná); Franciele Marques Redigolo (na Universidade Federal do Pará - UFPA) e Paula Regina Dal'Evedove (na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), também interior do Estado de São Paulo), com quatro netas cada; e Flávia Maria Bastos, com uma neta na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mariângela recebeu o Prêmio Laura Russo, concedido pelo CRB/8, e, do Rotary Club

de São Paulo, recebeu a Medalha Lauro Ribas Braga, comenda oficializada pelo Governo do Estado de São Paulo.

A nona mulher que reconhecemos pela contribuição ao desenvolvimento de pesquisas na área é Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa Santos. Com bacharelado em Biblioteconomia atuou como bibliotecária na UNESP no período de 1981 a 1984 e, a partir de então, como docente. Orientada por Antônio Suárez Abreu, no mestrado em Ciência da Informação, pela PUCCAMP, e no doutorado, em Linguística pela USP, Plácida orientou, ao longo de sua trajetória docente, 16 mulheres, dentre elas Maria José Vicentini Jorente, com 10 orientadas; Ana Maria Pereira, com quatro; Angela Maria Grossi de Carvalho, com três; Ana Carolina Simionato, com duas; e Zaira Regina Zafalon, com uma. Plácida recebeu homenagem de Honra ao Mérito no Desempenho da Profissão de Bibliotecária, concedida pelo Rotary Club Marília de Dirceu, e pelos Serviços Prestados ao Ensino de Biblioteconomia e Documentação Brasileiro, concedida pela Associação Brasileira de Educação em Ciência Da Informação (ABECIN). Foi sob a orientação de Plácida que duas dissertações e uma tese foram premiadas pela ANCIB e uma tese pelo CRB/8, com o Prêmio Laura Russo.

Beatriz Valadares Cendón é outra pesquisadora que comparece em nossa lista de reconhecimento científico. Beatriz desenvolveu os estudos de mestrado e doutorado em *Library and Information Science* sob orientação de Brooke Sheldon e Sirkka Jarvenpaa, na *University of Texas at Austin*. Atuando como docente na UFMG desde 1997, orientou o desenvolvimento de pesquisas de 25 mulheres, dentre elas, Renata Maria Abrantes Baracho Porto, com sete orientações. Beatriz foi orientadora de duas dissertações premiadas pela ANCIB e de uma tese que recebeu menção honrosa do Prêmio CAPES. A contribuição científica de Beatriz foi reconhecida por figurar na lista de Mulheres Protagonistas da Ciência Brasileira, por ter seu perfil bibliográfico selecionado para o *Who's Who in the World 2016 (33rd edition)*, e por ser reconhecida como protagonista da área de Ciências Sociais Aplicadas.

Marisa Brascher Basílio Medeiros desenvolveu seu mestrado em Ciência da Informação na UnB, sob orientação de Ulf Gregor Baranow, e o doutorado, na mesma área e universidade, com Enilde Faulstich e, no período sanduíche, com Henri Zinglé, na *Université de Nice Sophia Antipolis*. Em sua trajetória profissional atuou na graduação e na pós-graduação na UnB e na UFSC. Durante o período em que atuou na UnB foi presidente da ANCIB e coordenadora geral do IBICT. Enquanto esteve na UFSC, assumiu a Coordenação adjunta da área de Ciências Sociais Aplicadas junto à CAPES. Marisa orientou 16 pesquisadoras, sendo que teve cinco netas: com Fernanda Passini Moreno, três, e com Luciane Paula Vital, duas. Sob a orientação de Marisa, duas dissertações e uma tese foram premiadas na ANCIB, e, da Associação de Bibliotecários do DF, uma dissertação recebeu o Prêmio Rubens Borba de Moraes.

Virgínia Bentes Pinto desenvolveu sua pesquisa de mestrado em Ciência da Informação na UFMG, sob a tutela de Afrânio Carvalho Aguiar, e o doutorado em Ciências da Informação e da Comunicação, com Jacques Rouault, na *Université Stendhal Grenoble 3*, na França. Atuou como bibliotecária na Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN), na Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM, atual UFERSA), na Fundação Núcleo de Tecnologia Industrial do Ceará e no Instituto Educacional Lourenço Filho, mas foi como docente na UFC desde 1991, que Virgínia se destacou como pesquisadora, inclusive junto a programas de pós-graduação em outras universidades, dentre elas a UNESP e a UFPB. Ao longo de sua trajetória docente Virgínia, orientou 10 pesquisadoras. Virgínia teve sua pesquisa reconhecida na UFC quando recebeu, em três oportunidades, o Prêmio de Destaque Científico do Centro de Humanidades. Foi também na UFC que recebeu o Prêmio de Distinção Acadêmica Bibliotecária Aracy Fiúza Costa. Da Associação de Bibliotecários do Ceará, Virgínia recebeu Homenagem aos 40 anos de Biblioteconomia da UFC; da Sociedade Amigos da Biblioteca Pública do Ceará, recebeu o título de Sócio Honorário da Biblioteca Pública Governador Menezes

Pimentel; e tese em que colaborou como coorientadora foi premiada pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB).

Com mestrado em Educação pela UFMG, sob a orientação de Lucília Regina de Souza Machado, e doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, orientada por Arlindo Machado, Maria Aparecida Moura orientou 21 pesquisadoras em Ciência da Informação, dentre as quais Dalgiza Andrade Oliveira e Janaína Fialho, que orientaram outras três mulheres cada uma. Com vínculo como docente na UFMG desde 1997, onde atua na graduação e na pós-graduação, Maria Aparecida foi documentalista junto ao Grupo de Estudos e Trabalho em Educação Comunitária e na TV Minas Cultural e Educativa, e bibliotecária no Centro Cultural Lagoa do Nado. Maria Aparecida recebeu, da Câmara Municipal de Belo Horizonte, homenagem pela relevante atuação em Belo Horizonte na luta contra o racismo, e, sob sua coorientação, uma tese foi premiada pela Capes.

A pesquisadora Telma Campanha de Carvalho Madio, desenvolveu suas pesquisas sobre fotografia sob a orientação de duas mulheres: Déa Ribeiro Felon, no curso de mestrado em História, na PUC/SP, e Dulcília Helena Schroeder Buitoni, no doutorado em Ciências da Comunicação, na USP. Ao longo de suas atividades profissionais, Telma foi pesquisadora junto ao Arquivo Público Mineiro, com subsídio da Credireal, e junto à Folha da Manhã, foi arquivista no Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo, e assessora cultural no Instituto Cultural Itaú. Como docente na UNESP desde 2006, orientou sete mulheres, dentre elas Ana Cristina de Albuquerque, com seis orientações, e Ariluci Goes Elliott, com quatro.

Henriette Ferreira Gomes, com mestrado e doutorado em Educação pela UFBA, foi orientada por Eulina da Rocha Lordelo. Dentre as atividades profissionais, Henriette foi bibliotecária no Banco Itaú, no Banco Econômico e na Fundação Cultural do Estado da Bahia, e docente na FESPSP. Atuando na UFBA desde 1990, foi bibliotecária até 1996, e, desde 1997 atua como docente, tendo orientado 11

pesquisadoras na Ciência da Informação. Colaborou com a ANCIB como presidente e no Conselho Fiscal. Henriette recebeu diploma de Honra ao Mérito pelos relevantes serviços prestados ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFBA, título concedido nas comemorações dos 70 Anos da Biblioteconomia na Bahia pelo Instituto de Ciência da Informação da universidade; e foi condecorada com a Medalha Rui Barbosa, concedida pela Fundação Casa de Rui Barbosa, vinculada ao Ministério da Cultura.

Com dupla graduação (em Letras, pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), e em Biblioteconomia, pela UFPE), Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque cursou o mestrado em Biblioteconomia na UFPB, tendo sido orientada por Francisco Antonio Cavalcanti da Silva, e o doutorado em Letras, também pela UFPB, desta vez orientada por Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista. Foi por conta de sua formação que Maria Elizabeth ampliou os horizontes dos estudos de OC e RI, aplicando-os à literatura popular, em especial os cordéis. Como docente junto à UFPB desde 1989, Maria Elizabeth orientou dez mulheres no desenvolvimento de pesquisas em Ciência da Informação, e coordena o projeto Literatura de Cordel³⁸, o qual disponibiliza um rol de publicações sobre as mais variadas categorias e subcategorias de assunto, e o site Memórias da Poesia Popular³⁹, que apresenta vida e obra de poetas populares brasileiros. Elizabeth recebeu o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Prêmio Programa de Pesquisa em Literatura Popular, concedido pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB, e, da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, Honra ao Mérito Cultural.

³⁸ A página pode ser acessada no endereço: <https://literaturadecordel.ccsa.ufpb.br/literaturadecordel/index.php/DCl>.

³⁹ A página pode ser acessada no endereço: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/>.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da missão que nos foi dada, a de contribuir para a identificação de mulheres que foram e são protagonistas na Ciência da Informação, olhamos, em especial, para o desenvolvimento e consolidação dos estudos de Organização do Conhecimento e Representação da Informação.

Tivemos a oportunidade de reler textos e de reencontrar histórias de vida de mulheres que se dedicaram e se dedicam à produção da ciência, quer seja por meio de prática bibliotecária, nos idos de 1930, ou, das atividades de orientação e cooperação acadêmica, que fortalecem o desenvolvimento da Ciência da Informação. Aliás, cabe dizer, que ao adotarmos os princípios da genealogia acadêmica, foi possível identificar que estas mulheres tiveram formação interdisciplinar, o que realça a contribuição entre e inter áreas do conhecimento.

Observamos que os estudos de Organização do Conhecimento e Representação da Informação no Brasil foram alicerçados em pesquisas desenvolvidas no exterior, mas também no Brasil, com forte participação da USP e do IBICT, no Brasil, e de colaboração com outros países, em especial Estados Unidos e França.

Fato é que a Ciência da Informação no Brasil se fez mais robusta pelo conhecimento desenvolvido em programas de mestrado e de doutorado da própria área, mas, também, com relações disciplinares com áreas como Comunicação, Educação, História, Letras e Linguística, o que reafirma que aspectos teóricos, práticos, aplicados e metodológicos envolvidos na Organização do Conhecimento e Representação da Informação, são por sua própria natureza, dependentes de fatores linguísticos, cognitivos, lógicos, contextuais, sociais e culturais.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Ana Cristina Guimarães; NASCIMENTO, Maria Gezilda e Silva. Lydia Sambaquy e suas contribuições para a biblioteconomia e ciência da informação no cenário brasileiro. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp., 2017.

ENTREVISTA com a Professora Ana Maria Athayde Polke, realizada em agosto de 2010. Entrevistada: Ana Maria Athayde Polke. Entrevistadora: Terezinha de Fátima Carvalho de Souza. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. esp. p. 6-19, nov. 2010.

ENTREVISTA. Entrevistada: Hagar Espanha Gomes. Entrevistadora: Lena Vânia Ribeiro Pinheiro. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, 1995.

ENTREVISTA. Entrevistada: Heloísa de Almeida Prado. Entrevistadores: Laércio Felício e Maria Arlete Pivari. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 21, n. 3/4, p. 101-106, jul./dez. 1988.

MACEDO, N. D.; FUJITA, M. S. L. Vida e obra de Maria Luisa Monteiro da Cunha. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 25., n. ½, p. 131-161, jan./jun. 1992.

MARTINHO, N. O. **A dimensão teórica e metodológica da catalogação de assunto**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2010.

OLIVEIRA, C. A. et al. Genealogia acadêmica dos pesquisadores da área de Ciência da Informação: um estudo sobre os bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ-CNPq). **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, p. 278-298, Edição Especial 6 EBBC, 2018.

OLIVEIRA, J. R. de; MELLO, L. C.; RIGOLIN, C. C. D. Participação feminina na pesquisa sobre tecnologia da informação no Brasil: grupos de pesquisa e produção científica de teses e dissertações. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 58, 2020.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Hagar Espanha Gomes: múltiplos e inovadores movimentos acadêmicos e pedagógicos. **Ciência da**

Informação em Revista, Maceió, v. 7, n. 2, p. 3-14, maio/ago. 2020.

SUGIMOTO, C. R. Academic Genealogy. *In*: CRONIN, B.; SUGIMOTO, C. R. (eds.). **Beyond bibliometrics**: Harnessing multidimensional indicators of scholarly impact. Cambridge: MIT Press, 2014. p. 365-382.

MULHERES EM AÇÃO: A ATUAÇÃO DAS BIBLIOTECÁRIAS NO COLÉGIO PEDRO II

Tatyana Marques de Macedo Cardoso



1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo tem como finalidade apresentar quatro ações desempenhadas por um grupo de bibliotecárias do Colégio Pedro II para aprimorar o interesse pela leitura, enriquecer as bibliotecas como um todo e fortalecer o grupo de bibliotecários nos diferentes *Campi*.

Fundado em 2 de dezembro de 1837, durante a regência de Pedro de Araújo Lima (Marquês de Olinda), o Colégio Pedro II foi criado em homenagem ao Imperador D. Pedro II. O então Ministro do Império, Bernardo Pereira de Vasconcellos inspirou-se nos liceus franceses idealizados por Napoleão Bonaparte, a exemplo do Colégio Henrique IV e Luís, o Grande. Buscava-se, naquele momento histórico, a construção de um ideário de Nação através da consolidação de um projeto civilizatório do Império. Assim, um dos elementos constitutivos desse projeto no campo da educação e da cultura foi a criação do Imperial Colégio de Pedro II.

Como primeira escola oficial de ensino secundário no Brasil, o Imperial Colégio de Pedro II constituiu-se como protagonista da História da Educação brasileira, uma vez que foi instituído para ser um colégio padrão, servindo de modelo para as demais províncias do Império, com seus compêndios, estatutos organizacionais e programas de ensino que compunham a tradição clássica e humanística em que os alunos eram formados.

O Colégio passou por várias reformas educacionais durante todo o século XIX e XX, sendo uma das mais importantes a promovida pelo Marquês de Olinda que, através do Decreto n. 2006, de 24 de outubro de 1857, dividiu a instituição imperial de ensino secundário em Externato e Internato. “No prédio do antigo Seminário, na Rua Larga de São Joaquim, hoje Av. Marechal Floriano, ficou funcionando o Externato, enquanto o Internato passou a ter sua sede no Engenho Velho, na Chácara do Matta, no princípio da rua de São Francisco Xavier, no largo da Segunda Feira” (ALVES, 2006, p.186).

Nos primeiros anos republicanos, a busca por uma nova identidade para a Nação, naquele momento republicana, ‘esbarrou’ em quase um século de monarquia que impregnava este imaginário. Nesse sentido, o Colégio teve seu nome mudado diversas vezes numa clara tentativa de apagamento da imagem monárquica (ALVES, 2006).

Apesar das muitas reformas educacionais promovidas, que, desencadearam algumas mudanças no nome da instituição⁴⁰, o colégio cumpria o seu papel de estabelecimento oficial modelar.

O Colégio Pedro II pode ser considerado um marco na História da Educação Brasileira, com uma trajetória educacional de 182 anos de existência. Atualmente, integra a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica nos termos da Lei nº 12.677, de 25 de junho de 2012.

Dispõe de uma estrutura robusta, composta por 14 *campi* distribuídos em seis bairros da cidade do Rio de Janeiro (Centro, Engenho Novo, Humaitá, Realengo, São Cristóvão, Tijuca) e nos municípios de Duque de Caxias e Niterói e, um Centro de Referência em Educação Infantil⁴¹ (CREIR). Possui cerca de 13.000 alunos e 2.500 servidores, entre docentes e técnicos administrativos. Além de ofertar Educação Básica, a instituição também oferece cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, tais como: o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica; o Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional e o Mestrado Profissional em

⁴⁰ Passou a denominar-se Instituto Nacional de Instrução Secundária, e, posteriormente, Gymnasio Nacional (1890). Foi somente em 1911, durante a Presidência do Marechal Hermes da Fonseca, ex-aluno, que o educandário retomou seu nome original – Colégio Pedro II.

⁴¹ Foi instituído pela Portaria CPIL nº 3.031/2016, de acordo com o Art. 5º da Portaria MEC nº 1.291/2013 e mantém o atendimento exclusivo da primeira etapa da Educação Básica que compreende a creche, para crianças até três anos e onze meses, e a pré-escola para crianças de três a cinco anos de idade.

Práticas de Educação Básica. Além destes, há também os cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*⁴² contribuindo para a formação continuada de docentes.

As bibliotecas do Colégio Pedro II fazem parte da história da instituição e, nesse sentido, são fundamentais no processo de ensino aprendizagem dos discentes. Além disso, para garantir que a missão da escola alcance “ a educação de excelência, pública, gratuita e laica, por meio da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, formando pessoas capazes de intervir de forma responsável na sociedade” (CPII, 2020, p.1), a presença dos bibliotecários nesses espaços são essenciais para fomentar o gosto pela leitura e formar cidadãos críticos.

O autor Paulo Sérgio de Jesus (2015), em artigo denominado **“O papel da biblioteca escolar na formação do leitor crítico”** destaca que para ocorrer a formação de leitores críticos, é necessário que os recursos e os meios utilizados sejam eficientes. Reforça que, “entre os vários recursos educativos encontra-se a biblioteca escolar” (JESUS, 2015, p.2). De acordo com o autor, esse espaço é fundamental para a constituição do bom leitor e para o desenvolvimento do ensino aprendizagem do aluno.

Diante da importância das bibliotecas e dos bibliotecários na disseminação da informação e no processo de ensino aprendizagem dos alunos estimulando-os ao gosto e prazer da leitura, o presente trabalho destaca a atuação de um grupo de bibliotecárias do Colégio Pedro II, em quatro espaços distintos. Por essa razão, o capítulo por ora

42 Os cursos de Pós-Graduação Lato Sensu estão voltados para as seguintes áreas: Ensino de Artes Visuais, Ensino de Ciências e Biologia, Ciências Sociais e Educação Básica, Educação Matemática, Educação Psicomotora, Educação para as Relações Étnico-Raciais, Linguística e Práticas docentes em Espanhol, Ensino de Física na Educação Básica, Teorias e Práticas de Geografia Escolar, Ensino de História, Ensino de História da África, Ensino de Química, Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Práticas Musicais na Educação Básica e o Programa de Residência Docente.

apresentado será dividido em quatro atos: ações realizadas na Seção de Bibliotecas; no *Campus* Humaitá II, no *Campus* Realengo I e na Biblioteca Histórica, no *Campus* Centro.

2 PRIMEIRO ATO: AÇÕES REALIZADAS NA SEÇÃO DE BIBLIOTECAS

O ano de 2007 foi um período em que houve grande oferta de vagas para o cargo de Bibliotecário-Documentalista no Colégio Pedro II. As vagas para esse cargo eram disputadíssimas e, quase todos os concursos públicos para a área ofertavam pouquíssimas vagas – normalmente era uma vaga e/ou cadastro de reserva. No edital n.14/07, constavam cinco vagas para o cargo. Foi a chance de muitos candidatos que estavam se formando naquele período e que queriam ingressar no serviço público federal. Foi dessa maneira que entrei no Colégio Pedro II, tendo acabado de me formar na área. Esse foi um concurso atípico, em que das cinco vagas ofertadas, pelo menos quinze foram preenchidas, de um total de vinte e cinco aprovados. Foi, então, o início da renovação do quadro de bibliotecários do Colégio Pedro II.

Da lista de aprovados no ano de 2007, muitos fazem parte do atual quadro de bibliotecários da instituição e ocupam cargos de chefia nas bibliotecas dos diferentes *Campi*.

As quatro ações que serão aqui apresentadas fazem parte da atuação desse grupo de bibliotecárias que ingressaram no ano de 2008 no Colégio Pedro II, fruto do concurso anteriormente citado.

Havia um Conselho Técnico referente ao Sistema de Bibliotecas do Colégio Pedro II, criado através da Portaria nº 1236/2004, constituída de bibliotecários, técnicos e professores que trabalhavam nas respectivas unidades de informação.

Ao ingressarmos na instituição, no ano de 2008, não havia um software adequado às necessidades do Sistema de Bibliotecas. Existia um programa, que havia sido criado por

profissionais vinculados a área de TI (Tecnologia da Informação) do Colégio para a catalogação das obras da biblioteca, mas, ele não era adequado para a realização de nossas tarefas diárias e apresentava muitos erros. Várias reuniões foram realizadas entre os profissionais da área, através do Conselho existente no Sistema de Bibliotecas, a fim de determinar qual seria o melhor software a ser utilizado no Colégio, na tentativa de solucionar antigas questões, que envolviam, além do software, acervo, mobiliário, recursos humanos.

Muitos anos se passaram até que ações mais incisivas ocorressem em prol das bibliotecas. Uma dessas ações foi resultado da reunião com o Excelentíssimo Reitor do Colégio Pedro II no ano de 2013, no qual reivindicávamos melhorias para as diversas dificuldades que as bibliotecas apresentavam até então. Nesse mesmo ano foi realizado um novo concurso para o cargo de bibliotecário e auxiliar de bibliotecas, aumentando o quantitativo de servidores correspondente à área.

A partir do ano seguinte (2014), o Sistema de Bibliotecas do Colégio ficou centralizado na Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura, vinculada à Diretoria de Assuntos Estudantis e, respectivamente, à Pró- Reitoria de Ensino. A bibliotecária Márcia Feijão de Figueiredo foi designada para chefiar o respectivo cargo e, assim, as primeiras ações foram realizadas.

Iniciou-se um inventário de todo o acervo das bibliotecas escolares dos respectivos *Campi* e, todo o processo de formação e desenvolvimento de coleções foi elaborado. Vários procedimentos para compra de mobiliários e aquisição de acervos foram, também, iniciados. As salas de leitura⁴³, que precisavam de acervos, layouts e mobiliários novos, foram devidamente contempladas e, outras duas

⁴³ As salas de leitura não recebem mais esse nome. Referem-se às bibliotecas destinadas ao ensino fundamental I, carinhosamente chamadas de “Pedrinhos”.

bibliotecas criadas: uma em Duque de Caxias (Biblioteca Aloysio Jorge do Rio Barbosa) e outra em São Cristóvão III.

Desde a criação da Seção, Márcia Feijão de Figueiredo trabalhou arduamente em prol do Sistema de Bibliotecas do Colégio Pedro II. Foi através do protagonismo dessa mulher que as bibliotecas dos diferentes *Campi*, contam, atualmente, com mobiliários e livros novos, e com uma equipe de trabalho, na qual auxiliares de bibliotecas e estagiários puderam fortalecer o quadro de funcionários da escola, proporcionando um melhor atendimento aos usuários. Além disso, as bibliotecas tornaram-se mais organizadas, climatizadas, e, finalmente, um software de automação foi implantado para atender as demandas dos próprios bibliotecários, bem como da comunidade escolar.

Foi, dessa maneira, que surgiu a automatização das bibliotecas do Colégio Pedro II. Uma vez que a Seção de Bibliotecas foi criada, Márcia Feijão fez várias parcerias com as respectivas Diretorias, das quais citamos a Diretoria Adjunta de Tecnologia da Informação, Diretoria de Legislação e Normas, Diretoria de Pesquisa e, com a Assessoria de Comunicação do Colégio, a fim de traçar metas em benefício das bibliotecas do Sistema. Todas as metas foram atingidas.

Com relação as parcerias, coube à Diretoria Adjunta de Tecnologia da Informação, o auxílio na automação das bibliotecas. Na época, duas frentes de trabalho foram apontadas: adquirir um software livre ou um particular. Sabendo que o custo envolvido na compra de um software seria alto, o Colégio optou pelo uso de um software livre. Dessa forma, Márcia Feijão iniciou um intenso estudo para implementar o software livre intitulado “*KOHA*” no Colégio. Um programa teste foi instalado e, assim, pouco a pouco, os resultados foram surgindo. Todos os bibliotecários e demais membros das equipes realizaram cursos de capacitação referente aos diferentes módulos existentes no sistema e, desde abril de 2015, o Koha⁴⁴ está implementado como o

⁴⁴ Para saber mais sobre as etapas de implementação do software no Colégio Pedro II, há dois artigos publicados pela Márcia Feijão,

software de automação do Sistema de bibliotecas do Colégio Pedro II.

Coube à Diretoria de Legislação e Normas auxílio no sentido de padronizar os documentos referentes à doação e descarte, além de um respaldo legislativo e hierárquico para a adoção de uma política de descarte de bens inservíveis na instituição.

A Diretoria de Pesquisa agiu na mediação com outros Institutos Federais, no sentido de incentivar a cultura através de acordos de cooperação técnica e, promoção e realização de eventos diversos, envolvendo as bibliotecas e o Centro de Documentação e Memória.

Por fim, a Assessoria de Comunicação, que passou a noticiar diversos eventos relacionados aos diferentes *Campi*, envolvendo, também, as respectivas bibliotecas e a atuação de seus funcionários em eventos intra ou extra muro escolar. Além das notícias serem publicadas no site oficial da escola, cada *Campi* possui o seu mural /blog, onde são publicados informes, eventos, sugestão de atividades, etc.

3 SEGUNDO ATO: AÇÕES REALIZADAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR HUMAITÁ II

O atual Campus Humaitá II já foi Seção Sul no passado e, posteriormente, Unidade Escolar Humaitá II. Criada em março de 1952, onde funcionava o Colégio Brasil América, teve, como seu primeiro administrador o professor catedrático de História Geral e do Brasil, João Batista de Mello e Souza. Após uma reestruturação administrativa, o então professor catedrático de História, de administrador da Seção Sul passou a ser o Diretor da mesma, assim permanecendo no cargo por

que podem ser encontrados nas seguintes fontes de informação: Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 253-264, dez./mar., 2016 e Revista Conhecimento em Ação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul/dez. 2017;

sete anos. Em sua homenagem, a Biblioteca do *Campus Humaitá II*⁴⁵ recebeu o seu nome.

Atualmente, a bibliotecária do *Campus Humaitá II* é a Maria da Conceição Novaes Dias. Ela é a segunda protagonista que desejo ressaltar no presente trabalho, pois, além de valorizar a classe de bibliotecários, atuando de forma plena para disseminar a informação, ela faz valer a 5ª Lei de Ranganathan: a biblioteca é uma organização em crescimento. Além da inclusão de novos assuntos, as ações praticadas por essa bibliotecária demonstram o quanto a biblioteca do *Campus Humaitá II* é viva e cresce a cada momento.

Desde que o *Campus* tinha sido criado, vários setores precisavam de reformas, pois, com o passar dos anos, há um desgaste nas instalações que podem comprometer o funcionamento de alguns espaços. Nesse caso, a biblioteca já vinha sofrendo com danos causados pelas chuvas, com a falta de equipe e novos mobiliários. Maria da Conceição lutou arduamente para conseguir melhorias e tornar a biblioteca escolar um espaço de todos, deixando-a mais dinâmica, mais organizada e mais prazerosa.

Assim, em 29 de outubro de 2018, a biblioteca João Batista de Mello e Souza foi reinaugurada, e se tornou um espaço pulsante, vivo, democrático e inclusivo.

A partir de então, a bibliotecária Maria da Conceição tem realizado uma série de atividades no novo espaço. Além de contar com um acervo atualizado, a biblioteca recebeu novos mobiliários e uma nova equipe de trabalho. Há uma conexão entre a bibliotecária e os professores das diferentes disciplinas do *Campus*, que, utilizam a biblioteca e suas coleções para a execução de projetos de iniciação científica, exposições, entre tantas outras atividades que estimulam o gosto e o prazer pela leitura, tornando-se peças fundamentais no processo de ensino aprendizagem dos alunos.

⁴⁵ O *Campus Humaitá II* atende os alunos do segundo segmento do ensino fundamental e médio, predominando a faixa etária que vai dos 11 aos 17 anos de idade.

A biblioteca é frequentada por funcionários, alunos e ex-alunos da instituição e estes últimos a deixam bem povoada. Alguns ex-alunos, inclusive, escolheram a Biblioteconomia como carreira, inspirada na atuação de Maria da Conceição, que ama e se dedica de corpo e alma à sua profissão.

Desde a reinauguração, vários eventos têm ocorrido dentro da biblioteca, e, são os próprios alunos os responsáveis pela organização do evento, que contam com a colaboração dos docentes e da bibliotecária Conceição e sua equipe de trabalho.

Para despertar o interesse e o prazer pela leitura, Conceição vem realizando várias ações, que se desdobram em eventos comemorativos, mesas redondas, “caça ao tesouro” e muitas outras dinâmicas que garantem não só o elo entre os docentes e os bibliotecários, mas também promovem nos alunos o gosto e o prazer da leitura, de estar na biblioteca, não por obrigação, mas por lazer e diversão. Nesse sentido, Maria da Conceição é criativa, proativa e cativa seus diferentes usuários, estimulando-os à leitura e fomentando-os à cultura.

4 TERCEIRO ATO: AÇÕES REALIZADAS NA BIBLIOTECA REALENGO I

De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional do Colégio Pedro II, Realengo I foi inaugurado em 2010, sob a designação de Unidade Realengo I⁴⁶.

Realengo, assim como Niterói, são os *Campus* mais recentes do Colégio Pedro II, sendo implantados a partir do ano 2000. A atual bibliotecária do *Campus* Realengo I é a Cristiane Lopes Carvalho Nickel, terceira protagonista do presente capítulo.

Antes de ingressar em Realengo I, Cristiane atuou na Biblioteca escolar de Niterói, onde exerceu todas as etapas de

⁴⁶ Realengo I refere-se às turmas de 1º ano de ensino fundamental, predominando a faixa etária de 6 a 10 anos.

implementação de uma biblioteca, uma vez que o *Campus* Niterói ainda estava sendo erguido e, com ele, a biblioteca. A bibliotecária Cristiane acompanhou todo o processo de obras da mesma até a sua finalização, quando então, após algum tempo de efetivo exercício, foi movimentada para o *Campus* Realengo I, atendendo o disposto na Lei 12.244/2010⁴⁷. Com essa Lei, que trata da universalização das Bibliotecas Escolares, os *Campi* destinados aos anos iniciais do Ensino Fundamental I sofreram modificações. Sob a designação de “Salas de Leitura”, seus responsáveis eram docentes do primeiro segmento. Após a aprovação da Lei citada, todas as “salas de leitura” existentes nos diferentes *Campi* do Colégio Pedro II receberam a designação de bibliotecas escolares e, conseqüentemente, todas as bibliotecas estão sendo dirigidas por bibliotecários, atendendo ao disposto na Lei acima citada.

Inaugurada em 25 de maio de 2018, a Biblioteca Escolar Liga da Leitura está sendo atualmente dirigida pela bibliotecária Cristiane Lopes Carvalho Nickel. Assim como a já citada bibliotecária Maria da Conceição Novaes, do *Campus* Humaitá II, Cristiane faz um ótimo trabalho com as crianças do Ensino Fundamental I, desenvolvendo ações e projetos em parceria com os docentes do *Campus*, com o intuito de fomentar à leitura, dinamizar a biblioteca e incentivar diferentes pesquisas escolares.

Através de apresentações musicais e teatrais, que contaram com a participação de diferentes docentes, as iniciativas para estimular e seduzir os alunos vem rendendo muitos frutos, assim como o projeto denominado “React Biblioteca”, em parceria com as professoras de Informática Educativa e Língua Portuguesa. Este projeto, conforme descrito no site do *Campus*, “tem o objetivo de estimular a leitura e a escrita dos alunos, resultando na reação destes em

⁴⁷ A Lei regulamenta que toda instituição de ensino, seja pública ou privada, deverá ser dotada de Biblioteca, tendo o prazo de 10 anos para adequação em todas as escolas. Logo, esses lugares devem ser ocupados por bibliotecários de formação.

produção de tecnologias”. O Projeto atualmente está voltado para alunos do 4º ano do ensino fundamental. Os discentes utilizam o acervo da Biblioteca do *Campus* e produzem suas reações a partir das leituras lá realizadas.

Em uma primeira etapa do projeto, foram produzidos podcasts e, posteriormente, eles foram apresentados e sonorizados pelos alunos em software próprio, após leitura de poemas na biblioteca. É um projeto bem diferente e conta com a criatividade e iniciativa não só dos docentes, como também, dos bibliotecários. Essa união entre esses dois profissionais têm sido a chave do sucesso de diversas parcerias e iniciativas intra e extra muros do Colégio Pedro II.

5 QUARTO ATO: AÇÕES REALIZADAS NA BIBLIOTECA HISTÓRICA

A Biblioteca Histórica do Colégio Pedro II, localizada no *Campus* Centro, corresponde a Biblioteca do Externato do Imperial Colégio de Pedro II, sendo fundada no mesmo ano que o Imperial Colégio de Pedro II foi instituído. Sua menção pode ser localizada no Regulamento n. 8, de 31 de janeiro de 1838, que contém vários estatutos para o Colégio. Dentre eles, o artigo 146, que aponta: “Haverá no Colégio uma biblioteca composta de livros escolhidos pelo Reitor, com a aprovação do Ministro do Império” (BRASIL, 1838, p. 83).

Constituído por obras raras e/ou preciosas, que refletem a influência humanística na formação do corpo docente e discente do Colégio Pedro II, desde a sua fundação, seu acervo abrange obras de assuntos gerais, nos diversos ramos do conhecimento, sendo grande parte escrita em francês. Além disso, esse acervo reúne, também, livros e periódicos do século XVI ao século XX, perfazendo um total aproximado de 20.000 volumes. Incluem-se aí textos e coleções que fundamentam a educação no Brasil desde o século XIX.

A Biblioteca Histórica, assim como o Centro de Estudos Linguísticos e Biblioteca Antenor de Veras Nascentes

pertencem ao Centro de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (CEDOM).

A criação do CEDOM ocorreu por meio da Portaria n. 4231, de 4 de agosto de 2014, com o intuito de reunir os setores que concentram um acervo documental sobre a memória/história do Colégio existentes na instituição.

Desde a fundação da Biblioteca Histórica até meados do século XX, o cargo de bibliotecário era ocupado exclusivamente por homens e, quem os nomeava ao cargo eram os Reitores/Diretores do Colégio⁴⁸.

Conforme mencionado anteriormente, o Colégio Pedro II passou por várias Reformas Educacionais e, o nome da instituição foi modificado inúmeras vezes.

No início do século XX, em 14 de julho de 1909, um Decreto dava duplo nome ao antigo e unificado Imperial Colégio de Pedro II, nas duas seções, Externato e Internato. O Externato do Ginásio Nacional passou a ser denominado Colégio de Pedro Segundo e o Internato passou a ser chamado Colégio Bernardo de Vasconcellos.

Ao ser realizada consulta no Relatório de Justiça e Negócios Interiores, concernente ao ano de 1910-1911, encontramos o nome do Bacharel em Letras, Cecílio de Carvalho, que, servia de secretário interino de 10 de junho a 6 de outubro, sendo o mesmo nomeado conservador da Biblioteca em 8 de outubro. Até esta data ocupava o cargo interinamente Manoel Joaquim dos Santos. Estes nomes referem-se ao Internato Bernardo de Vasconcellos. Não encontramos no mesmo Relatório o nome de quem estava à frente da Biblioteca do Externato no mesmo período.

Em Relatório concernente ao ano de 1918, estava à frente da Biblioteca do Externato Dr. Eutropio Pereira de

⁴⁸ A presença feminina no Colégio Pedro II somente efetivou-se, no Período Republicano, a partir da década de 1920, quando o Diretor Geral do Departamento Nacional do Ensino, Juvenil da Rocha Vaz, autorizou a matrícula de uma menina, de nome Yvonne Monteiro da Silva, no Externato do Colégio Pedro II, em 13 de janeiro de 1925 (ALVES, 2009, p. 4-5).

Faria, sendo-o substituído por Cecílio de Carvalho, que, na época, lhe cabia a função de inspetor de alunos. No Internato, a biblioteca estava sob o comando do bibliotecário Elpidio Trindade. Até o ano de 1922, os dois bibliotecários mencionados como responsáveis pela Biblioteca do Externato e Internato permaneceram inalterados.

Como podemos observar, o cargo de bibliotecário era ocupado por pessoas sem a devida formação. Ao que tudo indica, somente Elpidio Trindade tinha a formação requerida para ocupar o cargo.

Em meados do século XX, até o seu fim, a Biblioteca Histórica passou a ser administrada pelas bibliotecárias Carolina Lane Cortes Brasília e Maria de Fátima Prôa Melo. Além delas, uma equipe as ajudava a manter o acervo organizado.

Durante o Governo Collor, Carolina participou do plano de demissão voluntária (PDV) e a biblioteca ficou sendo administrada somente por Maria de Fátima, que, ainda era responsável, também, pela Biblioteca escolar do *Campus* Centro.

Com o seu falecimento, em 25 de dezembro de 2017, assumiu a Biblioteca Histórica a servidora, formada em Biblioteconomia, Elisabeth Monteiro da Silva, e, através das Portarias n. 1.457 e 1.458, de 2 de maio de 2019, a bibliotecária Tatyana Marques de Macedo Cardoso assumiu a responsabilidade tanto da Biblioteca Histórica, quanto da Biblioteca Antenor Nascentes.

Desde então, a Biblioteca Histórica tem passado por uma completa reformulação. As obras estão sendo higienizadas, catalogadas, classificadas, etiquetadas e o processo de formação e desenvolvimento de coleções também está sendo realizado. Como a quantidade de obras giram em torno de 40.000 mil, organizar e tornar as coleções novamente disponíveis à consulta para toda a comunidade escolar/acadêmica que tenha interesse em pesquisar esse vasto e rico conjunto documental, ainda vai levar tempo, pois, não há, até o momento, uma equipe de trabalho.

Para dar andamento ao trabalho na Biblioteca Histórica, consegui duas voluntárias para ajudar com todo o processamento técnico das coleções e, também, conseguimos o apoio dos próprios alunos da escola para auxiliar na revitalização desse “lugar de memória”. Foi assim que surgiu o Projeto intitulado “Bibliohope”.

Um dia eu estava higienizando os livros da Biblioteca e duas alunas do 2º ano do ensino médio entraram na sala e começaram a conversar comigo. Ficaram encantadas com a história da Biblioteca, com o trabalho que eu estava realizando e quiseram me ajudar de alguma forma. Nesse dia, elas foram até o Gabinete da Direção do *Campus* e conversaram com a Diretora sobre a possibilidade de criarmos um projeto em que os alunos pudessem se envolver para me ajudar na revitalização dessa biblioteca. Após a conversa com a Diretora do *Campus*, as alunas também se reuniram com a Coordenadora do CEDOM, na qual a Biblioteca Histórica está subordinada. Assim surgiu a primeira semente do projeto.

Em seguida, tivemos o apoio e a colaboração do Departamento de Sociologia do *Campus* Centro, através do professor Dr. Carlos Eduardo Oliva C. Rêgo e da professora Silzane Carneiro através dos ciclos de palestras promovidas pelo LAEDH (Laboratório de Educação em Direitos Humanos) e o CEDOM do Colégio Pedro II. Duas turmas do segundo ano e uma do terceiro foram contempladas com as palestras.

O Projeto foi iniciado em setembro de 2019, contando com a atuação de alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. São aproximadamente vinte alunos que ajudam na elaboração das etiquetas dos livros, na arrumação dos mesmos nas estantes, na pintura de letrinhas para sinalizar a coleção, ajudam na realização do inventário das coleções. Conseguimos, também, parceria com a Biblioteca Nacional e com o Arquivo Nacional. A primeira instituição foi até o Colégio Pedro II e nos prestou uma consultoria. Além disso, elaborou um relatório técnico apontando para algumas questões que nos servirão de guia para melhorias futuras. Já o Arquivo Nacional, além do relatório prestado, irá fornecer oficinas relacionadas ao acondicionamento dos diferentes

tipos de materiais lá encontrados. A oficina iria ocorrer no início de março, no retorno das atividades escolares, mas, por conta da pandemia pelo qual estamos passando nesse momento, está temporariamente suspensa, assim como as atividades escolares.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente capítulo, procuramos apresentar quatro ações advindas de quatro bibliotecárias lotadas em diferentes *Campi* do Colégio Pedro II, com o intuito de tornar a biblioteca um espaço democrático, prazeroso e dinâmico. Gostaria de ressaltar que há inúmeras outras belas iniciativas realizadas em outros *Campi*, por outros bibliotecários (homens e mulheres)⁴⁹, porém, não caberiam nestas páginas todo o trabalho realizado pelo grupo. Escolhi estes por considerá-los pioneiros, não só em termos de benfeitorias prestadas à comunidade escolar como um todo, melhorias para o próprio grupo de bibliotecários da casa, mas, também, por se tratar de diferentes iniciativas praticadas por mulheres, para tipos de públicos distintos. Mulheres essas que têm muito amor pela profissão, garra e iniciativa. Além disso, todas essas ações ressaltaram que as bibliotecas são espaços dinâmicos e, se houver a integração entre o corpo docente e os bibliotecários do Colégio, as diferentes atividades e projetos a serem realizados terão mais chances de dar frutos. Esse é o caminho. A associação entre esses dois profissionais faz diferença na formação dos alunos e não a disputa entre eles, pelas antigas salas de leitura, como ainda ocorre em alguns *Campi*, por exemplo.

Com a centralização das atividades exercidas pelos bibliotecários do Colégio Pedro II em uma Seção exclusiva,

⁴⁹ Atualmente, somos dezoito bibliotecários no quadro de servidores do Colégio Pedro II, sendo a maioria do sexo feminino. Além dos bibliotecários, o Colégio ainda conta com trinta auxiliares de bibliotecas, lotados nos diferentes *Campi* da instituição (CPIL, 2020, p.1).

vários resultados foram alcançados, fortalecendo a união e o compromisso de todo o grupo com o Sistema de Bibliotecas do Colégio. Além disso, o Colégio Pedro II tornou-se referência dentro dos Institutos Federais de Ensino na implantação de um software livre para ser utilizado em bibliotecas *multicampi*.

Por ser a chefe da Seção, uma bibliotecária, nossas demandas puderam ser ouvidas, entendidas e todo um esforço para torná-las concretas foi realizado. A força de vontade e a união do grupo de trabalho fazem a diferença na materialização dos resultados, e, conseqüentemente, na obtenção do sucesso alcançado.

Termino o capítulo com a citação de Lourenço Filho, educador eminente, conhecido por sua atuação no Movimento dos Pioneiros da Escola Nova, que diz:

Ensino e biblioteca são instrumentos complementares [...], ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a alternativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto (LOURENÇO FILHO, 1946, p. 3-4).

REFERÊNCIAS

ALVES, Rosana Llopis. **José Veríssimo Dias de Mattos**: um crítico na direção do Gymnasio Nacional: 1892-1898. 2006. 266 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2006.

ALVES, Rosana. Trajetórias femininas no Colégio Pedro II. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: 2009 ANPUH, 2009.

BRASIL. Regulamento n. 8, de 31 de janeiro de 1838. **Coleção das Leis do Império do Brasil**: Rio de Janeiro, 1838.

BRASIL. **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brazil pelo Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores Dr. Rivadávia da Cunha Correa.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1911.

COLÉGIO PEDRO II. **Plano Político Pedagógico Institucional do CPII.** [2020]. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2018/JUL/PPPI%20N OVO.pdf>. Acesso em: 22 abr.2020.

COLÉGIO PEDRO II. **Plano de Desenvolvimento Institucional: 2019-2023** [2020]. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2019/Outubro/pdi/1.%20Plano%20de%20Desenvolvimento%20Institucional.pdf>. Acesso em: 22 abr.2020.

COLÉGIO PEDRO II. Pró-Reitoria. Gestão de Pessoas. **Quadro de Referência por Classe.** [2020]. Disponível em: http://cp2.g12.br/images/comunicacao/2019/JULHO/quadro_REFERENCIAL.pdf. Acesso em: 22 abr. 2020.

COLÉGIO PEDRO II. **Relatório concernente aos anno lectivo de 1918 apresentado ao Ex.mo Snr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores pelo Dr. Carlos de Laet, director do mesmo Collegio.** Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1919.

COLÉGIO PEDRO II. **Relatório concernente aos anno lectivo de 1922 apresentado ao Ex.mo Snr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores pelo Dr. Carlos de Laet, director do mesmo Collegio.** Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1923.

JESUS, Paulo Sérgio de. O papel da Biblioteca Escolar na formação do leitor crítico. **Educação, Gestão e Sociedade:** Revista da Faculdade Eça de Queirós, Jandira, São Paulo, ano 5, n.17, fev. 2015

LOURENÇO FILHO, Manoel. **O ensino e a biblioteca.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

MULHERES NA ADMINISTRAÇÃO DA BIBLIOTECA NACIONAL BRASILEIRA

Luciana Grings



1 INTRODUÇÃO

Embora a biblioteconomia seja hoje percebida como uma profissão eminentemente feminina, em sua gênese ela foi exercida majoritariamente por homens. Foram os nomes masculinos que passaram para a história como bibliotecários da Antiguidade: da Biblioteca de Alexandria, foram eternizados nomes como Calímaco, Zenódoto, Aristófanos de Bizâncio e Aristarco da Samotrácia (FONSECA, 2007). Na Roma antiga, também só encontramos referências masculinas aos chamados “procuradores das bibliotecas” (RODRÍGUEZ-ARAGÓN, 2011). Fonseca (1979, 2007), em suas breves notas históricas sobre bibliotecas e bibliotecários na Antiguidade, no Renascimento e no Iluminismo, não aponta nenhum nome feminino.

Em nosso país, o patrono da biblioteconomia brasileira é um homem. O dia do bibliotecário no Brasil é dedicado ao aniversário de Manuel Bastos Tigre (1882-1957), considerado o primeiro bibliotecário concursado do país. Como muitos de sua época, Bastos Tigre teve atuação em inúmeras áreas, tendo especial destaque na publicidade; contudo, prestou concurso para exercer o cargo de bibliotecário no Museu Nacional em 1915, quando iniciou uma carreira a que se dedicou por 40 anos (BASTOS TIGRE, 2019).

Entretanto, o cenário de um mercado de trabalho global ocupado basicamente por homens mudou drasticamente em decorrência de dois momentos: a Revolução Industrial e o período das grandes guerras mundiais. Se inicialmente as mulheres foram aceitas como trabalhadoras por constituírem mão de obra mais barata, durante as guerras foram elas as responsáveis por manter o mercado de trabalho em funcionamento. Assim, as mulheres passaram a exercer outras funções que não as de cuidado doméstico e começaram a desenvolver-se enquanto profissionais (LEAL, 2016) – mantendo-se, contudo, em áreas “intimamente ligadas às tarefas de cuidar e zelar” (PIRES; DUMONT, 2016, p. 161).

Na primeira escola de biblioteconomia da América Latina, a da Biblioteca Nacional (BN), os primeiros anos foram dedicados principalmente à formação dos funcionários já em atividade na própria Biblioteca. Em 1915, ano da efetiva instalação do curso (que fora fundado em 1911), os 27 alunos matriculados tiveram aulas com quatro professores, todos homens (SOUZA, 1916, p. 366). No relatório de funcionamento do curso de biblioteconomia de 1932, dos 31 alunos, apenas dez eram mulheres, e as duas disciplinas oferecidas foram ministradas por professores homens (GARCIA, 1939).

A realidade foi drasticamente alterada num curto período: dez anos depois, em 1942, não só a procura pelo primeiro ano do curso foi imensamente aumentada para 170 alunos, como destes apenas 14 eram homens (GARCIA, 1944). Quanto ao quadro docente, só admitiu mulheres como professoras auxiliares a partir de 1943, na disciplina de Bibliografia, e titulares no ano seguinte.

Apesar de, historicamente, a maior parte do contingente de bibliotecários formados no Brasil ser de profissionais mulheres – Pires e Dumont (2016) apontam que cerca de 85% dos graduados em biblioteconomia são do sexo feminino –, essa predominância não se reflete na ocupação de cargos de administração de bibliotecas. Poderíamos dizer mais: não se reflete na “vida cultural do Brasil”. Segundo Gilberto Vilar de Carvalho, na sua **Biografia da Biblioteca Nacional**, dos trinta funcionários e dirigentes que julgou terem “posição relevante na vida cultural do Brasil”, apenas cinco eram mulheres: Cecília Meirelles (professora dos cursos da Biblioteca Nacional na década de 40) e as bibliotecárias Lygia Cunha, Maria Alice Barroso, Mercedes Reis Pequeno e Suzana Vargas.

Mas foquemos na Biblioteca Nacional do Brasil, onde apenas cinco mulheres exerceram o papel de dirigentes da bicentenária instituição; dessas, quatro eram bibliotecárias e todas essas o fizeram antes da constituição da Fundação

Biblioteca Nacional, em 1990⁵⁰. Longe de propor um amplo panorama biográfico dessas mulheres, a ideia aqui é a de prestar homenagem e rememorar as bibliotecárias que alcançaram o cargo mais alto da administração da Biblioteca Nacional do Brasil: a pioneira Jannice Monte-Mór, Celia Ribeiro Zaher, Maria Alice Barroso e Lia Temporal Malcher.

Trazemos ainda a memória de outras bibliotecárias cujo trabalho foi fundamental para a consolidação da Biblioteca Nacional como instituição de referência, não só como responsável pela preservação do patrimônio bibliográfico nacional, mas pela difusão de informação especializada em diferentes áreas: Lygia Cunha, especialista em iconografia, e Mercedes Reis Pequeno, bibliotecária e musicóloga, responsável pela constituição da Seção de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional. Além delas, ícones da biblioteconomia especializada, lembraremos também do trabalho fundamental de Marina Monteiro de Barros Roxo, formada pelo curso de Biblioteconomia da BN, que foi durante décadas chefe da Divisão de Administração da Biblioteca.

2 AS BIBLIOTECÁRIAS DA BIBLIOTECA NACIONAL

Como já comentamos, as sete mulheres lembradas neste artigo são bibliotecárias de formação; a maioria se graduou nos cursos da Biblioteca Nacional (exceção feita a Celia Zaher e Mercedes Reis Pequeno). Nesta seção, contudo, falaremos especificamente das “bibliotecárias” numa acepção um pouco obsoleta do termo, em que o “bibliotecário” é simplesmente o encarregado da biblioteca. Foi assim na Biblioteca Nacional do Brasil no período imperial e, em alguns países, como Nova Zelândia e África do Sul, esse ainda é o nome do cargo do gestor da biblioteca nacional. Nos Estados Unidos, existe a figura do “Bibliotecário do Congresso” da

⁵⁰ A quinta mulher a exercer o cargo de dirigente máximo da Biblioteca Nacional foi a advogada Helena Severo, Presidente da FBN de 2016 a 2019.

Library of Congress, que faz às vezes de biblioteca nacional do país.

2.1 JANNICE MONTE-MÓR

Nascida em Osasco (SP) em 1927, Jannice de Mello Monte-Mór graduou-se nos cursos de biblioteconomia da Biblioteca Nacional em 1947. Logo no início da carreira, trabalhou na Câmara dos Deputados (à época, ainda no Rio de Janeiro) e na PUC-Rio. Em 1949, foi professora assistente de catalogação e classificação nos cursos da BN, exercendo a mesma função no curso especial de formação em biblioteconomia promovido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em 1951.

Em 1952, por indicação de Edson Nery da Fonseca e Maria Elvira Meirelles (seus colegas de curso na BN), Jannice viajou aos Estados Unidos e Europa, acompanhada de Lydia de Queiroz Sambaquy. As duas, patrocinadas pela Unesco e FGV, tinham como objetivo a prospecção de ideias para a implantação de um sistema de cooperação bibliográfica no Brasil (ODDONE, 2005). Esse movimento foi o embrião da criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Entre 1964 e 1965, Jannice foi diretora da Divisão de Bibliotecas e Documentação do Estado da Guanabara.

Mas foi no início da década de 70 que obteve o cargo que lhe daria projeção nacional no âmbito da biblioteconomia. Em 1971, quando era bibliotecária do Grupo de Estudo para Integração de Política de Transportes do Ministério dos Transportes, Jannice foi convidada pelo ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho, para assumir a direção-geral da Biblioteca Nacional. Seu nome foi uma indicação da amiga e diretora do Instituto Nacional do Livro (INL), Maria Alice Barroso.

Sua gestão à frente da maior biblioteca da América Latina foi marcada por ações de pioneirismo e engajamento técnico. Ciente das recomendações da Unesco relativas às

bibliotecas nacionais (em particular as emanadas da Conferência Geral de 1970), Jannice se esforçou para que a BN do Brasil estivesse à altura das grandes bibliotecas mundiais e assumisse seu papel de biblioteca “de última instância” (MONTE-MÓR, 1975, p. 451). Tratou de trazer para a Biblioteca Nacional a Agência Nacional do ISBN; incluiu a Biblioteca no grupo de estudos do formato Calco (Catalogação Legível por Computador); montou o laboratório de microfilmagem da instituição; promoveu inventário das diversas seções e divisões especializadas; atualizou as publicações periódicas da Biblioteca (Boletim Bibliográfico e Anais); investiu na pesquisa em conservação e restauração de documentos, dentre outras realizações.

A despeito de seus esforços, ela – como todos os antecessores e sucessores - não pôde dar conta de resolver a “tríade da falta” da Biblioteca Nacional⁵¹: escassez de recursos, de espaço e de pessoal. Ela deixou a direção da BN em abril de 1979, depois de oito anos na instituição. Em 1985, recebeu a Medalha Biblioteca Nacional, na mesma cerimônia que premiou Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, Affonso Arinos de Melo Franco e o também ex-diretor da BN Josué Montello.

Jannice Monte-Mór ainda voltou à Biblioteca em 1990, para ser assessora de Affonso Romano de Sant’Anna no início de sua gestão como presidente da recém-constituída Fundação Biblioteca Nacional. Faleceu no Rio de Janeiro em 2005.

2.2 CELIA ZAHER

Celia Ribeiro Zaher graduou-se em biblioteconomia pela Columbia University e teve o diploma revalidado no curso da Biblioteca Nacional em 1962, enquanto cursava em paralelo a faculdade de Direito na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Teve destacada

⁵¹ A esse respeito, ver (GRINGS, 2020).

atuação na docência e na estruturação do IBBD, ao lado de Lydia Sambaquy (CORRÊA; OLIVEIRA, 2018).

Sua gestão como diretora-geral da Biblioteca Nacional, sucedendo a Plínio Doyle, durou de fevereiro de 1982 a março de 1984 - quando deixou a Biblioteca nas mãos de outra bibliotecária, Maria Alice Barroso. Ao assumir a BN, Celia Zaher vinha de uma prestigiosa temporada de uma década de trabalho na Unesco. Seu trânsito internacional rendeu parcerias com diversas instituições em diferentes países, em particular na área de conservação e restauração.

No âmbito regimental, foi durante a sua gestão que a BN foi efetivamente incorporada à Fundação Pró-Memória, criada no final de 1981. Em sua perspectiva, se fazia necessário que a instituição passasse por uma reestruturação administrativa, e assim foi feito. Em 1982, portanto, o cargo de gestor da Biblioteca Nacional passou a ser o de diretor-geral e foi criada uma diretoria-adjunta. Coube à gestão de Celia Zaher, também, uma ampla reforma do prédio sede, com adequação geral dos espaços. Como parte das ações de mitigação do crônico problema de falta de espaço, fez-se a transferência da Seção de Música e Arquivo Sonoro e do Escritório de Direitos Autorais para o Palácio Gustavo Capanema.

Celia Zaher também mostrou grande preocupação com os acervos raros, e atuou em duas principais frentes nesse sentido: primeiramente, criou um subprojeto interno para processamento de um acervo histórico de grande vulto, estocado nos armazéns da BN; e, em 1983, colocou a BN como gerente do recém-criado Planor (Plano Nacional de Obras Raras), plano de identificação e tratamento dos acervos raros existentes no país. É provável, contudo, que o legado definitivo dela seja o início da automação do processamento técnico na Biblioteca Nacional, iniciado ainda em 1982 com quatro microcomputadores, e a adesão efetiva da instituição à rede Bibliodata/Calco, agora em operação.

Ao deixar a BN, em 1984, Celia Zaher recebeu a Medalha Biblioteca Nacional e regressou à Unesco como diretora-geral adjunta em comunicação. Em 1997, ela retornou à Biblioteca

Nacional para exercer o cargo de diretora do Departamento de Processos Técnicos, em que se manteve até 2005. Nesse período, impulsionou de maneira definitiva a criação de uma Biblioteca Nacional Digital brasileira, que foi oficialmente lançada em 2006, mas desde 2001 estava empenhada em projetos de digitalização de importantes coleções documentais da Biblioteca Nacional. Como consequência dessa experiência, o Brasil foi o único país lusófono a participar como membro fundador da Biblioteca Digital Mundial, lançada em 2009.

2.3 MARIA ALICE BARROSO

Antes de exercer o cargo de diretora-geral da Biblioteca Nacional, a bibliotecária e romancista Maria Alice Giudice Barroso Soares (1926-2012) foi diretora do Instituto Nacional do Livro. Sua influência na BN, contudo, já vinha de muitos anos: como já comentamos, sua proximidade com o Ministro da Educação e Cultura lhe permitiu indicar a amiga Jannice Monte-Mór para a direção da BN no início dos anos 1970 (A SEMANA..., 1973). Seu mandato durou de março de 1984 a abril de 1989 e sucedeu Celia Zaher, de quem foi assessora.

Formada pela Biblioteca Nacional em 1957, Maria Alice Barroso atuou principalmente em prol das bibliotecas públicas. Antes de assumir o INL, foi bibliotecária de referência da Biblioteca Regional de Copacabana e Bibliotecária-Chefe do Serviço de Discoteca e Documentação Fônica do Estado da Guanabara. Nesse cargo, firmou intercâmbio com as bibliotecas de música da República Federal da Alemanha. Foi membro de diferentes câmaras do Conselho Federal de Cultura em dois períodos: entre 1973 e 1975, quando foi nomeada em substituição a Ariano Suassuna, e entre 1981 e 1987. Em diferentes tempos, teve como colegas conselheiros outros ex-diretores gerais da BN: Adonias Filho, Celso Cunha, Josué Montello e Plínio Doyle.

Em seu discurso de posse na BN, proferido a 22 de março de 1984, Maria Alice Barroso deu seguimento às ideias

trazidas por Jannice Monte-Mór para a administração da casa e declarou:

Julgamos, portanto, oportuno, Senhor Secretário de Cultura, colocar, aqui e agora, a definição – simples mas não simplória – a nosso ver justa e adequada à Biblioteca Nacional: ela é uma biblioteca normativa e erudita – não é uma biblioteca escolar (BARROSO, 1987, p. 268)

No ano seguinte, desfez-se o regime militar no Brasil e uma das ações tomadas pelo presidente José Sarney foi a de constituir um Ministério da Cultura, ao qual a BN passou a ser subordinada. Para Maria Alice Barroso, foi um momento auspicioso, que talvez a tenha inspirado a fundar, ainda em 1985, a Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional – Sabin.

Ainda na gestão de Maria Alice Barroso foi dado um passo importante na direção do que se entendia ser a solução do problema da falta de espaço físico para o acervo: o início da aquisição, em 1988, do anexo de 16.000m² na zona portuária do Rio de Janeiro (hoje conhecida como Porto Maravilha). Entretanto, o acúmulo infindo de materiais faz parte da missão das bibliotecas nacionais e o enorme prédio serviu apenas como paliativo para o problema. Mais de trinta anos depois, o prédio ainda não foi adequadamente preparado para receber o acervo da Biblioteca e servir efetivamente como um anexo, sendo por enquanto não mais do que um depósito para parcela já considerável da coleção.

Maria Alice Barroso foi agraciada com a Medalha Biblioteca Nacional em 1989, seis meses depois de deixar a direção-geral da instituição. Assumiu o cargo sua diretora-geral adjunta, Lia Malcher, de quem falaremos a seguir.

2.4 LIA MALCHER

Lia Temporal Malcher acabou por assumir interinamente a direção-geral da Biblioteca Nacional já com a experiência de ter sido diretora-geral adjunta durante toda a gestão de Maria Alice Barroso. Foi nomeada em agosto de 1989 e, pouco menos de um ano depois, substituída por Ronaldo Menegaz.

Nascida em 1931, Lia Malcher não só foi bibliotecária (formada pela Biblioteca Nacional em 1955), mas também destacada arquivista. Esteve à frente do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro entre 1979 e 1984, e foi presidente da Associação dos Arquivistas Brasileiros em dois períodos: de 1981 a 1985 e de 1993 a 1997.

Lia ingressou no serviço público em 1955, como bibliotecária do município do Rio de Janeiro, lotada em Copacabana. Em 1975, assumiu a direção da Divisão de Bibliotecas do município e, pouco tempo depois, foi solicitada a acumular a função com a direção da Divisão do Patrimônio Histórico do Município. Durante sua gestão como diretora da Divisão foi construída e inaugurada (ainda inacabada) a sede do Arquivo Geral da Cidade, na Av. Presidente Vargas. Na ocasião, foi exonerada do cargo de diretora da Divisão e assumiu a direção do Arquivo.

Em fevereiro de 1984, Lia Malcher foi aposentada como servidora do município do Rio de Janeiro. No mês seguinte, Celia Zaher, então diretora da Biblioteca Nacional, deixava o cargo para retornar à Unesco e Maria Alice Barroso assumia a BN. Lia foi, então, convidada por Maria Alice a ser sua diretora-adjunta, e permaneceu na BN por seis anos.

Sua gestão como diretora-geral da Biblioteca Nacional foi curta, mas de ações relevantes e momentos difíceis. Coube a ela efetivar a aquisição do prédio anexo da BN e intensificar a luta pela melhoria das condições salariais do quadro de pessoal da Biblioteca, então integrante da Fundação Pró-Leitura. Em 1989, Lia Malcher representou a Biblioteca Nacional do Brasil na fundação da então Associação de

Bibliotecas Nacionais da Ibero-América (Abinia)⁵², e foi a primeira presidente do Conselho de Diretores da entidade.

Sua exoneração, efetivada em julho de 1990, se deu a pedido; segundo ela própria, por discordar frontalmente da demissão sumária de 52 profissionais da casa e da colocação “em disponibilidade” de mais uma centena, promovida pelo presidente Fernando Collor:

Eles foram demitidos em maio, abril, e eu, em junho, apresentei meu pedido de demissão, porque não tinha condições de continuar tendo colegas dos quais me orgulhava tanto, exonerados por um *Diário Oficial* (MALCHER, 2011, p. 314).

Seguindo a tradição de sucessão na direção-geral da Biblioteca, ela foi substituída por Ronaldo Menegaz, servidor que já trabalhava como seu assessor e que fora diretor adjunto na gestão de Maria Alice Barroso. A ele coube administrar a crise pelos cinco meses que restavam até a constituição da Fundação Biblioteca Nacional, no final de 1990.

3 AS BIBLIOTECÁRIAS NA BIBLIOTECA NACIONAL

Uma vez que já recordamos as bibliotecárias que ocuparam o posto mais alto da administração da Biblioteca Nacional, falaremos agora de outras bibliotecárias cuja atuação profissional foi de suma importância para a BN em áreas distintas. Dentre as três, duas já são bastante lembradas nas comunidades específicas a que serviram: Lygia Cunha é sempre citada como fonte obrigatória na área de informação iconográfica, enquanto Mercedes Reis Pequeno continua sendo a referência brasileira na área de informação em

⁵² Atualmente Associação de Estados Ibero-americanos para o Desenvolvimento das Bibliotecas Nacionais da Ibero-América, um organismo internacional.

música. Marina Roxo, entretanto, parece ter sua atuação pouco lembrada por nunca ter estado à frente de uma área finalística da Biblioteca; apesar disso, como veremos, foi de fundamental atuação na administração da maior biblioteca do país.

3.1 MARINA ROXO

Marina Monteiro de Barros Roxo (1910-1989) foi a primeira mulher a ser nomeada como diretora substituta da Biblioteca Nacional; antes dela, somente homens ocuparam o posto (CARVALHO, 1994). Ingressou no órgão em 1948, como assistente do diretor-geral Josué Montello; posteriormente, foi promovida a chefe de seção e, depois, chefe da Divisão de Administração, quando essa foi criada. Foi diretora substituta nas gestões de Celso Cunha (1956-1961) e Jannice Monte-Mór (1971-1979), assumindo a direção da Biblioteca em três ocasiões: de março a junho de 1959, de abril a julho de 1960 e em novembro de 1976.

Encontrar referências a Marina Roxo, mesmo na documentação da Biblioteca, não é tarefa das mais fáceis. Dos **Anais da Biblioteca Nacional**, sabe-se que concluiu o curso de biblioteconomia da BN em 1933, obtendo nota 9 nos exames finais do primeiro ano e 9,5 no segundo. Além da graduação em biblioteconomia, fez especialização em administração no Dasp (Departamento de Administração do Serviço Público).

Foi nomeada protocolista do Ministério da Educação em 1934, e bibliotecária do Ministério da Fazenda em 1940 – essa última, uma nomeação em caráter interino com efeito de apenas dois meses. Vinte anos depois, num de seus períodos como diretora interina da BN, manifestou-se em favor da criação de uma “biblioteca didática” que complementasse o acervo da BN e atendesse as necessidades do público estudantil (LIMA, 1960). Depois das menções ao seu histórico escolar, o nome de Marina volta a aparecer nos **Anais** no volume editado em 1962, na gestão de Adonias Filho, quando

ela já ocupava o cargo de chefe da Divisão de Administração, criada em 1960.

Como responsável pela administração da Biblioteca, coube a Marina Roxo a implantação da reforma administrativa federal imposta pelo Decreto-Lei 200, de 25 de fevereiro de 1967. Foi através desse ato que se definiram as bases da administração pública direta e indireta e se estabeleceram os princípios fundamentais da administração pública federal: planejamento, coordenação, descentralização, delegação de competência e controle.

Muito embora a intenção da legislação fosse a de descentralizar atividades, as entidades – particularmente as da administração indireta - não tinham estrutura própria para que a esperada reforma ocorresse de fato. A chefe da Divisão de Administração pontuou as dificuldades, observando em seus relatórios que a BN não tinha as necessárias condições para executar atividades que, anteriormente, eram de competência do Dasp ou do DAC (Departamento de Atividades Culturais), a que a BN era vinculada.

Marina participou da comissão designada para elaborar o programa de construção do prédio anexo da BN, em 1975, num tempo em que se trabalhava com a hipótese da construção de um edifício contíguo à sede projetado por Lúcio Costa. Foi condecorada com a Medalha Biblioteca Nacional em 1987, na mesma ocasião em que receberam a medalha o ex-diretor da BN Celso Cunha e o ex-ministro da Educação Jarbas Passarinho.

3.2 LYGIA CUNHA

Uma precursora da pesquisa em biblioteconomia e gravura, Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha nasceu no Rio de Janeiro em 1922 e graduou-se no curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional em 1940 – na mesma turma da pioneira Lydia de Queiroz Sambaquy.

Seu ingresso no serviço público deu-se pela nomeação, em 1941, como bibliotecária-auxiliar da biblioteca do Museu Nacional. Efetivada por concurso do Departamento de

Serviço Público (Dasp), foi promovida em 1946 e de lá saiu para assumir a chefia da Seção de Contribuição Legal (antigo Depósito Legal) da Biblioteca Nacional.

Quatro anos depois, foi nomeada chefe substituta da Seção de Iconografia da BN, sendo efetivada como titular no ano seguinte. Exerceu o cargo por mais de 25 anos, e sua dedicação lhe deu a possibilidade de publicar diversos trabalhos e exposições e ministrar vários cursos. A curiosidade profunda de pesquisadora fez com que nunca deixasse de ser uma estudiosa e buscasse constante qualificação. Em 1957, concluiu com louvor o curso de museus do Museu Histórico Nacional. Desenvolveu estudos em diversas instituições no Brasil e no exterior, em várias áreas do conhecimento humanístico: pesquisou sobre restauração, cartografia, metodologia de pesquisa, história da arte e da gravura.

Ainda como chefe da seção de Iconografia, Lygia se preocupou em disseminar o conhecimento adquirido, ministrando diversos cursos nas áreas em que se especializou. Chamou a atenção para o conhecimento necessário na atividade bibliotecária e defendeu que o trabalho não fosse somente técnico, mas humanista, permeado por outras formações que dessem profundidade à atuação profissional:

A maioria dos leitores que se aproveita daquelas coleções [...] nem sempre avalia o quanto demorou para ser realizado o trabalho preparatório que se completa com a simples inserção de uma ficha datilografada nos respectivos fichários. É de se desejar que, além do treinamento técnico adquirido nos Cursos de Biblioteconomia, as bibliotecárias dedicadas a este setor, [sic] se aprofundem em outros ramos do conhecimento, sobretudo história do Brasil, história da arte (em especial história da gravura), geografia e cartografia antigas. (CUNHA, 1966, p. 4)

Deixou a chefia da seção para tornar-se responsável pela Divisão de Referência Especializada, em 1976, e de lá só saiu aposentada, já no ano 2000. Tamanha dedicação a tornou “praticamente sinônimo da Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional, não só pelo tempo em que permaneceu ligada à instituição, mas por seu nível de conhecimento” (SANTOS, 2010, p. 18).

Além de diversas honrarias recebidas ao longo da carreira, foi agraciada com a Medalha Biblioteca Nacional nos anos 1990. Faleceu em 2009, deixando inestimável contribuição à biblioteconomia e à pesquisa especializada.

3.3 MERCEDES REIS PEQUENO

Mercedes de Moura Reis Pequeno foi bibliotecária e musicóloga de ampla experiência internacional. Ela nasceu no Rio de Janeiro em 1921, e sua primeira formação foi de musicista, graduada pela Escola Nacional de Música da UFRJ em 1937. Sua formação em biblioteconomia se deu através do curso intensivo do Dasp, no início da década de 40.

Ingressou na carreira de bibliotecário do Instituto Nacional do Livro em 1942. Em 1947, foi convidada para trabalhar como assistente de Charles Seeger, diretor da Seção de Música da União Pan-Americana, e lá permaneceu por dois anos. Ao voltar ao Brasil, teve a oportunidade de comentar com Eugenio Gomes sua vontade de “garimpar o material de música da Biblioteca Nacional” (PEQUENO, 2010, p. 182).

O escritor assumiu a direção-geral da Biblioteca Nacional em 1951 e prontamente foi convidá-la a pôr em prática suas ideias. Em 1952 é oficializada a seção de Música (e posteriormente também Arquivo Sonoro) da Biblioteca Nacional, e Mercedes foi chefe dela até se aposentar, em 1990. A organização da Seção foi um trabalho solitário e intenso, de pesquisa, seleção e organização das peças localizadas nos acervos da BN – além da compra, em 1953, da biblioteca de 19 mil itens do bibliófilo Abraão de Carvalho.

Ao longo dos quase cinquenta anos em que foi responsável pelo acervo sonoro e musical da BN, Mercedes

empenhou-se não só na organização do acervo como também na divulgação dele. Produziu inúmeras exposições e quase duas dezenas de catálogos ricamente ilustrados, fundamentais para a consolidação da seção como o maior acervo musicológico da América Latina.

Teve importância incontestável na divulgação da produção bibliográfica sobre música no Brasil, colaborando na edição da **Bibliografia Musical Brasileira 1820/1950** e na redação do verbete sobre bibliotecas do prestigioso *Grove's Dictionary of Music*, edição de 1970. A musicóloga e bibliotecária também contribuiu como membro correspondente do **Boletim Interamericano de Música** da Organização dos Estados Americanos (antiga União Pan-Americana) de 1950 a 1973.

Mercedes foi também vice-presidente da Associação Internacional de Bibliotecas, Arquivos e Centro de Documentação em Música (IAML/AIBM) entre 1965 e 1974. Já em 1965, informou em seu relatório anual ao diretor-geral da BN sobre seu engajamento na contribuição brasileira ao **Repertório Internacional de Fontes Musicais (RISM)**, um dos quatro repertórios mais importantes da área de musicologia. Também foi a responsável pela compilação das obras brasileiras incluídas no **Repertório Internacional de Literatura Musical (RILM)**.

Dentre inúmeras condecorações recebidas ao longo da frutífera carreira, recebeu a Medalha Biblioteca Nacional, em 1990. Ocupou a cadeira n. 7 da Academia Brasileira de Música (ABM). Faleceu no Rio de Janeiro em 2015, aos 94 anos, um mês depois de ver a biblioteca da ABM inaugurada com seu nome.

4 CONCLUSÃO

Ao revisitar brevemente a trajetória dessas sete bibliotecárias, fica evidente que a Biblioteca Nacional e a biblioteconomia brasileira têm uma grande dívida de gratidão para com essas mulheres. São profissionais de destacadas atuações e profundo respeito à instituição, agora bicentenária, de cuja história são parte fundamental.

Juntas, as sete somam quase 150 anos de experiência e dedicação a mais importante biblioteca do país e da América Latina. Sete mulheres que contam a história da Biblioteca Nacional do Brasil na segunda metade do século XX. Um legado cuja memória não pode mais ser apagada.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, M. A. Relatório da Diretora-Geral 1984. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 104, 1987. p. 253-284.
- BASTOS TIGRE. *In*: Wikipedia. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bastos_Tigre. Acesso em: 19 mar. 2020.
- CARVALHO, G. C. de. **Biografia da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1994.
- CORRÊA, E. C. D.; OLIVEIRA, A. C. D. C. de. Pelas Mãos Femininas de Lydia Sambaquy e Celia Zaher: as origens da CI brasileira. *In*: SILVA, F. C. G. da; ROMEIRO, N. L. (Org.). **O Protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis: ACB, 2018. p. 17-44.
- CUNHA, L. F. F. da. A Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, n. 194, p. 4, 22 maio 1966.
- FONSECA, E. N. da. **A Biblioteconomia Brasileira no Contexto Mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília, DF: INL, 1979.
- FONSECA, E. N. da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. Ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2007.
- GARCIA, R. A Biblioteca Nacional em 1932. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do M. E. S., v. 54, p. 3-18, 1939.
- GARCIA, R. A Biblioteca Nacional em 1942. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, v. 64, p. 277-307, 1944.
- GRINGS, L. **O leigo e a especialista**: memórias da administração da Biblioteca Nacional nas décadas de 1960 e 1970. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2020. No prelo.

LEAL, J. Inserção da mulher no mercado de trabalho foi passo importante para novas configurações sociais. **AUN USP**, São Paulo, ano 49, ed. 20, 25 fev. 2016. Disponível em: <http://www.usp.br/aunantigo/exibir?id=7501&ed=1302&f=23>. Acesso em: 19 mar. 2020.

LIMA, R. de. Biblioteca: Didática completa Nacional. **O Metropolitano**, Rio de Janeiro, 3 jul. 1960, p. 2.

LYRA, M. de L. V. Perfil Biográfico de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. *In*: SANTOS, R.; RIBEIRO, M. V.; LYRA, M. de L. V. **O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional**: estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010. p. 25-32.

MALCHER, L. T. Entrevista concedida a Beatriz Kushnir e Sandra Horta, em 29 de outubro de 2007, no Arquivo Geral da Cidade, Rio de Janeiro. *In*: KUSHNIR, Beatriz; HORTA, Sandra (Org.) **Memórias do Rio**: o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro em sua trajetória republicana. Rio de Janeiro: Imago, 2011. p. 297-318.

MONTE-MÓR, J. A Biblioteca Nacional em 1975. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 95, t. 2, p. 443-457, 1976.

ODDONE, N. Lydia de Queiroz Sambaquy e a ciência da informação no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2005.

PEQUENO, M. R. Mercedes Reis Pequeno, pioneira na biblioteconomia musical do Brasil. [Entrevista concedida a Maria Celina Machado]. **Revista Brasileira de Música**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 181-189, 2010.

PIRES, H. A. C.; DUMONT, L. M. M. Relações de Gênero e a Profissão Bibliotecária no Brasil. **Cadernos BAD**, n. 1, p. 157-171, jan./jun. 2016.

RODRÍGUEZ-ARAGÓN, M. P. **Breve história de los bibliotecários romanos**. S.l., 2011. Disponível em: <https://superfurrylibrarian.wordpress.com/2011/12/30/breve-historia-de-los-bibliotecarios-romanos/>. Acesso em: 19 mar. 2020.

SANTOS, R. A Imagem como Evidência Histórica: algumas considerações sobre o trabalho de Lygia Cunha. *In*: SANTOS, R.; RIBEIRO, M. V.; LYRA, M. de L. V. **O Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional**: estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010. p. 17-24.

A SEMANA Nacional da Biblioteca. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 1, n. 1/3, p. 21-35, 1973.

SOUZA, A. L. de. A Bibliotheca Nacional em 1915. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 38, p. 350-372, 1916.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AGCRJ Completa 40 Anos na Cidade Nova! Rio de Janeiro: AGCRJ, 2019. Disponível em:

<https://www.facebook.com/AGCRJ/photos/a.111280712283611/2067478113330518/?type=3&theater>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ANAIS da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 1876- . Anual.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 1901-1974. 1940.

DIRETORES da Biblioteca Nacional 1810-1984. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 104, 1984.

GUIA da Biblioteca Nacional: sesquicentenário – 1810-1960. [Rio de Janeiro]: Biblioteca Nacional, 1960.

MOURA, M. G. de; DAHÁS, S. C.; WEITZEL, S. da R. **O Livro dos Egressos da Escola de Biblioteconomia da Unirio**. Rio de Janeiro: Unirio, 2016.

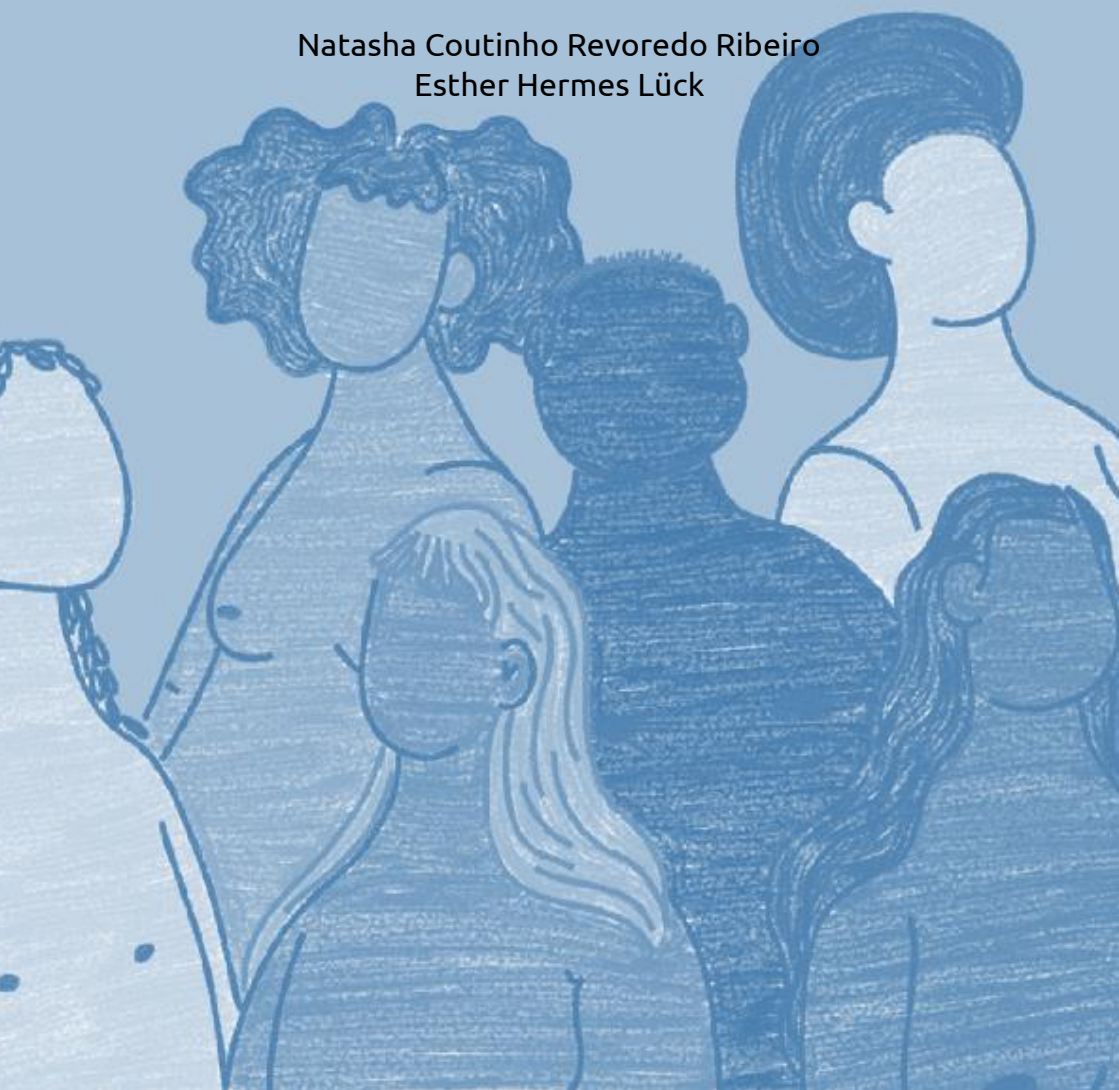
QUEM é quem na Biblioteconomia e Documentação no Brasil. Rio de Janeiro: IBBD, 1970.

WEITZEL, S. R. Desenvolvimento de Coleções no Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (1915-1949). **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 130, p. 111-220, 2010.

ZAHER, C. R. Entrevista: Celia Ribeiro Zaher. [Entrevista concedida a Rosali Fernandez de Souza.] **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 24, n. 1, 1995.

BIBLIOTERAPIA APLICADA A PACIENTES HOSPITALIZADOS: UM DESTAQUE PARA A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DE BIBLIOTECÁRIAS BRASILEIRAS

Natasha Coutinho Revoredo Ribeiro
Esther Hermes Lück



1 INTRODUÇÃO

Grande parte das alas que compõem o ambiente hospitalar é impregnada pelo medo e pela angústia causada pela doença. O desalento de se estar internado, longe da família e em meio a profissionais que, usualmente, agem com distanciamento, têm grandes impactos sobre a vida dos pacientes.

Em meio a esse quadro, o uso de métodos que possam humanizar o ambiente hospitalar é de essencial importância, podendo inclusive ajudar na recuperação do paciente.

Nesse contexto, a biblioterapia tem se mostrado uma importante aliada devido à sua contribuição terapêutica, responsável “[...] por minimizar os sentimentos de angústia, isolamento, fragilidade física e emocional decorrentes da internação”. (RIBEIRO, 2006, p. 113)

Dessa forma, o presente capítulo busca apresentar, a partir de trabalhos elaborados por bibliotecárias brasileiras, os benefícios que podem ser alcançados com a aplicação da biblioterapia a pacientes hospitalizados, além de demonstrar o destaque que a produção de bibliotecárias possui na área de biblioterapia.

O presente texto compreende as seguintes sessões:

- Breve histórico da biblioterapia e sua conceituação;
- Biblioterapia aplicada a pacientes hospitalizados;
- A biblioterapia e o bibliotecário
- Metodologia
- Apresentação e discussão dos dados
- Considerações finais

Espera-se que este trabalho possa servir de incentivo aos bibliotecários e bibliotecárias que desejam trabalhar com o lado social da profissão.

2 BIBLIOTERAPIA: BREVE HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO

A ideia dos livros como bálsamo para o espírito vem de longa data. Há milênios, o faraó egípcio Ramsés II mandou gravar no frontispício de sua biblioteca a inscrição: "Remédios para a alma". (ALVES, 1982).

Também entre os romanos encontra-se essa ideia enraizada. No primeiro século, Aulus Cornelius Celsus proferia "[...] palavras de estímulo ao uso da leitura e discussão dos preceitos dos grandes oradores como forma terapêutica." (ALVES, 1982, p. 55). Também na Idade Média, na abadia de São Gall, podia-se encontrar a inscrição: "Tesouro dos remédios da alma". (ALVES, 1982, p. 55)

Por volta de 1800, a biblioterapia começou a ser utilizada nos Estados Unidos. Em seu livro, *Medical inquiries and observations upon the diseases of the mind*, Benjamim Rush aconselha usar a leitura "[...] como forma de apoio à psicoterapia, não só para doentes mentais, mas para pessoas portadoras de conflitos internos, melancolia, medos, manias ou, mesmo, para idosos." (ALVES, 1982, p. 55)

Porém, segundo Ratton (1975), foi apenas no século XX que a biblioterapia se difundiu nos EUA, interessando em especial aos encarregados de bibliotecas hospitalares.

Em 1942, a pesquisadora Ilse Bry publicou seu trabalho **Aspectos Médicos da Literatura: um esboço bibliográfico** e em 1949 Sofie Lazarsfeld publicou um artigo intitulado **O uso da ficção na psicoterapia**. Ainda, em 1949, surge o primeiro Ph.D. em Biblioterapia, com Caroline Shrodes e sua tese **Biblioterapia: um estudo teórico e clínico-experimental** (FERREIRA, 2003).

Em 1951, surge o segundo Ph.D., Esther A. Hartman, da Universidade de Stanford, com a tese **A literatura imaginativa como uma técnica projetiva: um estudo de Biblioterapia** (FERREIRA, 2003).

Apesar do uso ao longo da história, o termo biblioterapia só foi definido em 1941 no Dicionário Médico

Dorland's Illustrated Medical Dictionary como "o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais" (ALVES, 1982, p. 55)

O **Webster's Third International Dictionary** foi o primeiro dicionário não especializado a abarcar essa palavra. Seu registro foi realizado em 1961 e foi definida como: "uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia", assim como "guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida". Esse conceito de biblioterapia foi adotado futuramente como definição oficial pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições (ALVES, 1982, p. 55; RATTON, 1975, p. 199).

Etimologicamente, o termo biblioterapia se origina da fusão de dois termos gregos *biblion* – livro e *therapeia* – tratamento, o que a caracteriza como tratamento através dos livros (CALDIN, 2001). Apesar disso, o escopo da biblioterapia se expande para além do suporte livro, abarcando a leitura de forma geral e outros métodos lúdicos, como a música, a dramatização, entre outros.

Segundo Ratton (1975, p. 199-200) a biblioterapia engloba a

seleção e prescrição de livros de acordo com as necessidades dos pacientes, condução da terapia baseada em comentários de leitura e avaliação dos resultados. Sua utilização é considerada atualmente na profilaxia, educação, reabilitação e na terapia propriamente dita em indivíduos nas diversas faixas etárias, com doenças físicas ou mentais (RATTON, 1975, p. 199-200).

Baseando seus estudos na tese de Caroline Shrodes, Caldin (2001, p. 36) definiu a biblioterapia

[...] como leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus

sentimentos: os receios, as angústias e os anseios. [...] Entendeu a biblioterapia como catarse, que vale-se da identificação (pela projeção e pela introjeção), da introspecção e do humor." (CALDIN, 2001, p. 36)

Nesse enunciado, Caldin relaciona os componentes biblioterapêuticos: a catarse, a identificação, a projeção, a introjeção, a introspecção e o humor, os quais são resumidos a seguir.

A "[...] catarse pode ser entendida como pacificação, serenidade e alívio das emoções" (CALDIN, 2001, p. 39). Muitas vezes é difícil entender as emoções e colocá-las em ordem a fim de resolver os problemas. Nesses momentos, um olhar de fora seria de muita ajuda, pois observar determinadas questões como expectador e não personagem abre uma nova perspectiva. E os livros permitem isso; permitem que o leitor veja suas próprias emoções em um personagem, o que retira a nocividade das mesmas.

Caldin (2001) busca em Freud apoio para conceituar o humor. Dessa forma o apresenta como uma possibilidade de terapia, pois transforma o objeto de dor em objeto de prazer, atuando como uma proteção do superego sobre o ego.

A identificação tem seu início na infância e é fator determinante para formação da personalidade do indivíduo. É definida como "um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro". (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 226 *apud* CALDIN, 2001, p. 39).

A introjeção está intrinsecamente ligada à identificação. Na introjeção "o sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de 'fora' para dentro', objetos e qualidades inerentes a esses objetos" (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 248 *apud* CALDIN, 2001, p. 39).

Diametralmente oposta e aliada a introjeção está a projeção que seria a transferência aos outros de nossas ideias.

Caracteriza-se como “[...] operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo ‘objetos’ que lê, desconhece, ou recusa nele.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 374 *apud* CALDIN, 2001, p. 39).

Por fim, a introspecção leva o indivíduo a um mergulho em si mesmo que o permite refletir sobre seus sentimentos, o que pode acarretar uma mudança comportamental (CALDIN, 2001). A introspecção pode levar o indivíduo a um *insight*, que pode ser visto como o momento em que ocorre uma verdadeira iluminação na sua mente que esclarece uma situação permitindo que ele possa resolver os seus problemas.

Todo esse processo é possível devido ao caráter terapêutico da leitura. Segundo Fonseca (2014), a leitura é capaz de favorecer a reflexão, comunicação e (auto) conhecimento para melhor entender a vida e solucionar os problemas. Assim, pode-se afirmar que “[...] a leitura nos proporciona benefícios terapêuticos em busca do equilíbrio mental, além de oferecer fatores determinantes para a boa formação humanista.” (FONSECA, 2014, p. 9).

A leitura tem a capacidade de fazer a pessoa viajar sem sair do lugar. É um momento em que o indivíduo se desloca de sua realidade para um lugar seguro em que pode ficar um momento sem se preocupar com seus próprios problemas. Em geral, a leitura ficcional é a mais indicada para esse propósito.

Mas, a leitura também pode colocar o indivíduo frente a frente com seu problema. Para isso, é necessário escolher uma obra em que o leitor possa se identificar com um personagem e com os seus problemas. Isso pode dar uma nova perspectiva à pessoa, a partir da qual passa a observar seus infortúnios com outros olhos, o que pode ajudá-la na solução de seus problemas. Com esses fins, pode-se optar também por uma leitura ficcional ou por uma leitura didática, quando se deseja explicar determinadas situações ainda inteligíveis para a pessoa.

Referente à face terapêutica da leitura, Caldin (2001, p. 36) expõe que “A leitura implica uma interpretação – que é em si mesma uma terapia, posto que evoca a idéia [sic] de liberdade – pois permite a atribuição de vários sentidos ao texto.” Dessa forma, a biblioterapia contemplaria, para além da leitura, o comentário gerado a partir dela, ou seja, a interpretação realizada por cada um.

Assim, as palavras se seguem umas às outras – texto escrito e oralidade, o dito e o desdito, a afirmação e a negação, o fazer e o desfazer, o ler e o falar – em uma imbricação que conduz à reflexão, ao encontro das múltiplas verdades, em que o curar se configura como o abrir-se a uma outra dimensão (CALDIN, 2001, p. 36).

Ao ler um texto, a interpretação a ser realizada reflete a bagagem de vida do leitor; as interpretações são múltiplas e variadas e a sua troca pode ampliar o horizonte dos envolvidos, uma vez que ouvir visões de mundo diferente das próprias é uma forma de quebrar a bolha social, emocional e cultural em que cada pessoa vive. A troca constitui um processo de crescimento e desenvolvimento de ambas as partes. “Dessa forma, essa relação com o livro – a leitura – permite ao homem compreender o texto e se compreender. O leitor, ao interpretar, passa a fazer parte do texto interpretado” (CALDIN, 2001, p. 36).

Ratton (1995) enumera alguns dos benefícios provenientes da leitura: sentir e conhecer novas experiências sem correr riscos; mobilidade espacial para diversos ambientes; ampliação da visão, a partir do conhecimento de outros pontos de vista; diminuição da timidez pelo aumento da autoestima, ao se observar que os problemas humanos são universais; clareamento dos problemas do indivíduo ao observarem os mesmos de maneira impessoal; desenvolvimento de atitude social a partir da escolha de valores identificados com personagens de livros adequados;

estimulação da criatividade; aumento da capacidade de crítica, entre outros.

Assim, pode-se destacar como objetivos da biblioterapia: ajudar na adaptação à vida hospitalar; melhorar a autoestima; aliviar as tensões diárias; amenizar a ansiedade e o estresse; ajudar a lidar com os sentimentos negativos, como a raiva e a frustração; conduzir ao riso; preservar a saúde psicológica; favorecer a socialização pela participação em grupo (VALENCIA; MAGALHAES, 2015).

Entre o escopo de aplicação da biblioterapia pode-se destacar seu uso em “[...] hospitais, prisões, asilos, e no tratamento de problemas psicológicos em crianças, jovens, adultos, deficientes físicos, doentes crônicos e viciados.” (CALDIN, 2001, p. 39). Seu largo escopo de atuação faz dela uma atividade interdisciplinar que pode ser desenvolvida em parceria com a Biblioteconomia, Educação, Literatura, Psicologia, Medicina e Enfermagem. (CALDIN, 2001, p. 42).

Como visto, a biblioterapia foi amplamente utilizada em hospitais a partir do século XX e, ainda hoje, este é um dos principais campos de aplicação da técnica. Isso porque segundo Ratton “A biblioterapia é particularmente indicada para aqueles que deverão manter-se no leito por vasto período de tempo, sem exercerem qualquer atividade.” (RATTON, 1975, p. 206). Esse assunto será mais bem discutido na próxima sessão.

3 BIBLIOTERAPIA APLICADA A PACIENTES HOSPITALIZADOS

Antes de abordar a biblioterapia em si é importante observar em quais momentos da prática médica ela pode se fazer presente. Na Figura 1 destaca-se os elementos da prática e suas relações com o sujeito e com as diversas facetas da ciência:

Figura 1 - Relações da prática médica com seu objeto/sujeito e as ciências



Fonte: CINAEM, 2000, p. 287 *apud* BUENO; CALDIN, 2002, p. 167

Nesse sentido, a biblioterapia pode estar presente no ato de acolher, sendo o biblioterapeuta aquele “[...] que está disposto a falar e a ouvir, a brincar, a educar e aliviar as tensões através do livro”; no ato de significar, sendo aquele “[...] que avalia as necessidades e procura na leitura dirigida explorar as questões pessoais”; e no ato de intervir, quando afeta socialmente e culturalmente o paciente (BUENO, CALDIN, 2002, p. 168).

Além disso, ao trabalhar com as relações humanas do paciente, a biblioterapia irá influenciar o trabalho do profissional da saúde também no significar e intervir. Significar seria no âmbito das necessidades envolvidas no processo saúde-doença e intervir seria o “planejamento, escolha e execução de métodos e técnicas de intervenção, sejam elas clínicas cirúrgicas, sanitárias, epidemiológicas, sociais, culturais, acadêmicas, políticas, etc.” (BUENO, CALDIN, 2002, p. 168).

Dessa forma é possível perceber que a biblioterapia pode ser de grande auxílio à prática médica, ajudando na

humanização desta. Segundo Bortolin e Silva (2016) métodos como a biblioterapia são importantes para ambos os lados, tanto para os enfermos quanto para os profissionais da saúde.

A aproximação que se ocasiona através da utilização deste método faz com que, de um modo geral, estes profissionais tratem os pacientes de forma mais humanizada, visto que com a rotina de trabalho este olhar acaba se perdendo e, os pacientes, por muitas vezes, se tornam somente diagnósticos e estatísticas (BORTOLIN, SILVA, 2016, p. 54).

A biblioterapia também opera benefícios nos profissionais da saúde, pois estes, muitas vezes, acabam perdendo a sensibilidade devido ao atendimento de inúmeros casos complexos no seu dia a dia. Assim as atividades de biblioterapia que os envolvam com os pacientes fazem com que seus problemas sejam vistos por um ângulo mais subjetivo e

Lidar com o lado subjetivo é oportunizar ao indivíduo o encontro com sonhos, isto é, com a fantasia. A biblioterapia contribui com todas essas ações promovendo uma humanização entre os prestadores de serviços voltados a área da Saúde [...] (BORTOLIN; SILVA, 2016, p. 64).

Relativamente aos pacientes, além de tornar o ambiente mais agradável, a biblioterapia torna-se uma importante fonte de recreação, e o livro pode ser também útil “[...] para informação sobre tratamentos especiais ou cirurgias a que tenham que se submeter.” (RATTON, 1945, p. 205-206).

Os livros têm o poder de teletransportar as pessoas para um outro ambiente sem que elas precisem sair do lugar. Assim, mesmo estando presa a um leito, uma pessoa pode

através das páginas viajar para outros mundos e isso é um sopro de liberdade em meio ao sofrimento.

Relativamente a isso, Caldin (2004, p. 86) explica que a identificação com um personagem permite que se vivenciem situações muitas vezes impossíveis na vida real. “Assim é que uma criança hospitalizada, com a capacidade motora e funções vitais comprometidas, pode participar das aventuras da personagem selecionada [...]”.

Bortolin e Silva (2016) reiteram essa questão ao afirmarem que é um feito dos livros, filmes e músicas proporcionar um “novo mundo” às pessoas que estão presas aos seus leitos.

A biblioterapia também pode ser benéfica aos acompanhantes das pessoas internadas, pois é um momento de lazer perante a preocupação. Nesse momento de descontração, elas podem inclusive se tornar ainda mais próximas, interagindo e esquecendo por alguns instantes a realidade.

A fim de ilustrar os benefícios que a biblioterapia pode acarretar ao ambiente hospitalar serão apresentados alguns estudos que foram realizados por bibliotecárias brasileiras.

3.1 ALGUNS CASOS DE APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA A PACIENTES HOSPITALIZADOS

As autoras Bortolin e Silva (2016) realizaram um estudo no Hospital Universitário (HU) da Universidade Estadual de Londrina e a população alvo foram os membros do projeto Sensibilizarte, focado na Frente Contação de Histórias. O objetivo do estudo foi “Investigar, na perspectiva dos integrantes do projeto Sensibilizarte, como a biblioterapia pode ajudar pessoas que estão hospitalizadas.” (BORTOLIN; SILVA, 2016, p. 52).

No estudo, elas puderam verificar que a leitura “[...] consegue ser um tratamento para o espírito, visto que as palavras têm poder de emocionar, convencer, cativar e influenciar os indivíduos.” (BORTOLIN; SILVA, 2016 p. 59).

Apontaram, também, que o momento da Contação de Histórias permitiu que as pessoas estivessem em lugares diferentes do ambiente hospitalar, funcionando como uma válvula de escape diante da impotência em que estavam. Além disso, o momento da Contação fez com que os pacientes tivessem uma recuperação mais tranquila e ao final da atividade os pacientes sempre aparentavam melhora.

Bueno e Caldin em artigo publicado em 2002 respaldado pelo Curso de Biblioterapia, ministrado pela professora Clarice Fortkamp Caldin, desenvolveram atividades na ala pediátrica do Hospital Universitário em Florianópolis, com crianças enfermas de idades variadas. “Objetivou-se desenvolver a introjeção, a projeção, a identificação, a catarse, a imaginação, a introspecção, a criatividade, e a reabilitação no público-alvo das atividades biblioterapêuticas” (BUENO; CALDIN, 2002, p. 158). Utilizou-se juntamente com a leitura a contação e a dramatização.

As autoras observaram que a biblioterapia aplicada a crianças enfermas ajudou a aliviar suas angústias e medos, além de desenvolver a imaginação, favorecer a introspecção e a catarse. Também relataram que foram observadas mudanças culturais nas crianças, exemplificadas pelo crescimento do hábito de leitura, uma vez que elas passaram a procurar os livros infantis na sala de recreação, além dos brinquedos. Outro benefício relatado foi que o profissional que exerce a biblioterapia pode “[...] fornecer subsídios ao profissional da saúde no processo complementar da história clínica ou no processo saúde-doença como fonte de captar sinais.” (BUENO; CALDIN, 2002, p. 166-167).

Seitz (2000), em sua dissertação, realizou um estudo no Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina – HU/UFSC, que teve como objetivo “Investigar o nível de aceitação da Biblioterapia, como atividade de lazer, pelos pacientes internados nas Clínicas Médica do HU/UFSC.” (SEITZ, 2000, p. [5]).

A autora concluiu em seu estudo que a prática biblioterapêutica com pacientes internados em Clínicas Médicas demonstrou ser útil no processo de hospitalização;

na interação biblioterapeuta/paciente/enfermagem; como fonte de informação; como atividade de lazer; e no processo de socialização.

No processo de hospitalização, ela atua tornando a hospitalização menos agressiva e dolorosa.

Quando o paciente lê, cria um universo independente, como se mergulhasse em um mundo novo de aventuras e fantasias. Esta viagem provoca um desligamento dos problemas, das angústias, do medo e das incertezas, proporcionando um alívio das tensões emocionais, contribuindo para o bem-estar mental do paciente (SEITZ, 2000, p. [55]-[56])

Na interação biblioterapeuta/paciente/enfermagem, a leitura pode auxiliar o paciente a verbalizar seus problemas, ajudando no entendimento de sua enfermidade.

Como fonte de informação, materiais de leitura como jornais e revistas atuam como um elo com o mundo exterior permitindo que fiquem informados “[...] sobre os acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais, contribuindo para que continuem se sentindo parte da sociedade, o que poderá agir como estímulo à recuperação” (SEITZ, 2000, p. [56]).

Como atividade de lazer a leitura proporciona tranquilidade e prazer ajudando a reduzir a ansiedade, o medo, o tédio e a angústia intrínseca à hospitalização e à enfermidade.

No processo de sociabilização, a leitura permite que os pacientes conversem entre si e com os próprios profissionais que ali estão. “O conhecimento da existência de outras pessoas com problemas semelhantes, ou piores aos seus, pode dar mais coragem para enfrentar seus próprios problemas [...]” (SEITZ, 2000, p. [56]).

Apesar de esses trabalhos terem sido desenvolvidos por bibliotecários ainda hoje existem muitos questionamentos

sobre o papel que esse profissional pode/deve exercer na biblioterapia. Esse assunto será trabalhado na próxima sessão.

4 A BIBLIOTERAPIA E O BIBLIOTECÁRIO

A biblioterapia é considerada um ramo da Biblioteconomia desde 1914. Apesar disso alguns autores acreditam que aos bibliotecários cabe somente a escolha do material a ser empregado. Outros, por sua vez, acham que, devido ao seu “background”, estão gabaritados para aplicar a prática, faltando apenas um treinamento especial (ALVES, 1982, p. 55)

Em seu trabalho publicado em 1982, Alves aponta o surgimento do termo “the clinical librarian” (o bibliotecário clínico) para designar o profissional com conhecimento de relações humanas e psicologia especialmente treinado para a biblioterapia.

Porém, o termo bibliotecário clínico ganhou uma conotação diferente da proferida por Alves. O bibliotecário clínico, nos Estados Unidos, é o profissional que atua em equipes de Medicina Baseada em Evidências (MBE). O trabalho desse profissional possui “[...] a finalidade de recuperar e acessar o conhecimento e registros de conhecimento da medicina para prover informações necessárias no atendimento do paciente.” (FERNANDES, 2015, p. 16).

Assim, o bibliotecário clínico proposto por Alves (1982) ainda não é a solução para a pergunta de qual profissional deveria exercer a prática biblioterapêutica.

Para Ferreira (2003) o biblioterapeuta pode ser um psicólogo, educador, bibliotecário ou assistente social. Este profissional seria responsável por prescrever material a uma pessoa a fim de ajudá-la a solucionar seu problema.

Caldin (2009) entende que o aplicador da biblioterapia não precisa ter uma única face. A autora justifica que a biblioterapia pode ser realizada por diferentes profissionais, dependendo do tipo a ser adotado: biblioterapia clínica ou de

desenvolvimento. Caldin (2009) afirma, ainda, que a Biblioteconomia é uma área atuante da produção bibliográfica no Brasil referente à biblioterapia, seguida da Psicologia.

Segundo Caldin (2009) a biblioterapia de desenvolvimento é desenvolvida por bibliotecários. Nessa tipologia são predominantemente utilizados textos literários. Quando realizada em hospitais, casas de repouso e asilos conta com a colaboração de profissionais da área da saúde; quando realizada em creches, escolas e orfanatos conta com a ajuda de profissionais da educação; e quando realizada em prisões e centros comunitários conta com assistentes sociais, o que ressalta o caráter interdisciplinar da prática.

Apoiando-se em Witter (2004, p.181), Caldin (2009, p. 57-58) aponta que

[...] muito embora os psicanalistas e fenomenologistas tenham se interessado pelas possibilidades clínicas da biblioterapia, as técnicas educacionais de que se valem os aplicadores da biblioterapia de desenvolvimento, “por meio de um trabalho sistemático de leituras”, voltam-se para “o desenvolvimento do ser em aspectos os mais variados que vão do conhecimento de si mesmo ao desenvolvimento de competências e habilidades específicas tais como cidadania, cognição, memória, afetividade (CALDIN, 2009, p. 57-58).

Assim, os aplicadores da biblioterapia utilizam o cuidado com enfoque educacional “[...] dando ênfase no desenvolvimento do ser total valendo-se da leitura como fonte de prazer em creches, escolas, orfanatos, asilos, presídios e hospitais, entre outros espaços institucionais” (CALDIN, 2009, p. 58).

Nessa modalidade, os aplicadores da biblioterapia deixam ao cargo do leitor/ouvinte/espectador a

interpretação dos textos de acordo com suas emoções. Assim como as demais terapias não psíquicas, a biblioterapia limita-se a estimular a criatividade do público-alvo de modo a favorecer tanto o surgimento das emoções quanto a produção ficcional decorrente delas. “Não se trata de analisar estruturas ou hipóteses psíquicas que estejam envolvidas ou possam explicar a produção ou o surgimento daquelas emoções.” (CALDIN, 2009, p. 59).

A biblioterapia clínica, por sua vez, é realizada por psicólogos clínicos. Citando Hasse (2004), Caldin (2009) aponta que a autora caracteriza como ciência a biblioterapia clínica, enfocando-a como coadjuvante na medicina psicoterápica

[...] cujo facilitador ou terapeuta (profissional da área médica) utiliza uma abordagem psicológica para, após um diagnóstico clínico, planejamento e conhecimento médicos, selecionar leituras como instrumentos terapêuticos, quer dizer, o analista intervém de maneira direta fazendo interpretações ao paciente” (HASSE, 2004 apud CALDIN, 2009, p. 58-59).

Assim, é possível perceber que não existe um consenso quanto ao papel que o bibliotecário deveria exercer na biblioterapia. Apesar de Caldin destacar que a biblioterapia clínica seja atribuição do psicólogo, opina-se que o bibliotecário é capaz de exercer com competência essa atribuição em conjunto com o psicólogo. Para tanto, como em toda a área que exige uma capacitação para além da formação em graduação, é necessário que ele se capacite na área, assim como obtenha um treinamento específico em mediação de leitura. Desta forma, e em parceria com o psicólogo, o bibliotecário pode ter uma atuação destacada na biblioterapia clínica pela formação humanista que lhe é característica, aliada às técnicas de mediação de leitura, que é seu mister.

Fonseca (2014, p. 8), nesse sentido, aponta que o bibliotecário que deseja trabalhar nessa vertente da Biblioteconomia deve “[...] buscar qualificação necessária, para aplicação da técnica em formação continuada para o exercício de biblioterapeuta.”

Assim, a biblioterapia se abre como um campo de trabalho para o bibliotecário que se identifica com o aspecto social da profissão e que deseja seguir uma vertente mais humanística.

5 METODOLOGIA

A metodologia que orientou o presente estudo se desenvolveu em dois momentos distintos: o primeiro foi a elaboração da pesquisa bibliográfica. Utilizou-se primordialmente artigos de periódicos coletados na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), que versavam sobre a aplicação da biblioterapia em pacientes hospitalizados. A escolha desta base se deu pelo fato de ser uma base de referência na área. O período incluído pelo levantamento foi de 1972 a 2020.

Durante a elaboração da pesquisa bibliográfica, verificou-se que as mulheres contribuíam de maneira significativa com a produção de conhecimento na área de biblioterapia com pacientes hospitalizados, como também na área que abrange a biblioterapia de maneira geral. Para verificar em que medida existia, realmente, esta prevalência, optou-se por usar a técnica da bibliometria ampliando, assim, a busca inicialmente realizada para a pesquisa bibliográfica. Para a localização de materiais referentes a biblioterapia utilizou-se como termo de busca *biblioterapia* obtendo um retorno de 67 artigos. Desses, um artigo estava duplicado, seis eram artigos produzidos por estrangeiros (pelo menos um dos autores não é brasileiro e/ou o artigo foi publicado fora do Brasil) e outros oito tratava-se de editoriais/prólogos. Após fazer esse primeiro filtro restaram 52 artigos os quais compõem a amostra de artigos em análise.

O segundo filtro estabelecido foi selecionar apenas textos escritos unicamente por mulheres. Constatou-se que 34 artigos foram escritos por esse público, enquanto 14 foram escritos conjuntamente por homens e mulheres e 4 apenas por homens.

Em seguida, buscou-se identificar em sites de currículo, como a Plataforma Lattes e outros, a área de formação dos autores (Biblioteconomia ou outras), com o intuito de desvendar esse conjunto em função dos objetivos da pesquisa. Além disso, cada um dos artigos da amostra foi analisado para a obtenção dos dados referentes ao seu conteúdo.

Apresenta-se, a seguir, os resultados obtidos, seguidos de sua interpretação.

6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dos 52 artigos que compõem a amostra, foram identificados, num primeiro momento, 28 artigos escritos por mulheres bibliotecárias e estudantes de Biblioteconomia, 5 artigos produzidos por bibliotecários de ambos os sexos, 4 artigos apenas por bibliotecários, 12 produzidos em parceria de bibliotecários com outras áreas e 3 artigos por outros profissionais que não bibliotecários. A Tabela 1 ilustra com maior detalhes esses dados e aponta para a prevalência das mulheres na produção de artigos sobre o tema biblioterapia.

Tabela 1 - Número de artigos produzidos sobre o tema **Biblioterapia** por sexo e profissão

Profissão	Mulheres	Homens e mulheres	Homens	Total
Bibliotecárias (os)	28	5	4	37
Bibliotecárias (os) e outros profissionais	4	8	0	12
Outros profissionais	2	1	0	3
Total	34	14	4	52

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Por um lado, ao se somar o número de artigos produzidos por mulheres bibliotecárias mais os produzidos por bibliotecários de ambos os sexos, ter-se-á um conjunto composto por 33 artigos os quais possuem participação feminina. Por outro lado, se forem somados o número artigos produzidos por bibliotecárias mais os produzidos em parceria com outros profissionais, ter-se-á um conjunto formado por 32 artigos com participação exclusiva de mulheres. E, ainda, se forem somados os dois conjuntos excluindo as interseções, teremos um total de 45 artigos com a participação feminina dos 52 que compõe a amostra de nosso estudo.

Em seguida, os dados foram organizados conforme a abordagem mais específica dos temas sobre biblioterapia tratados pelos artigos, uma vez que se estava buscando artigos específicos sobre a biblioterapia aplicada a pacientes hospitalizados e artigos sobre a biblioterapia abordada de forma geral, para compor o corpo teórico do trabalho.

Dos 52 artigos analisados, 21 abordam o tema de modo mais abrangente, incluindo artigos dedicados à revisão de literatura acerca da biblioterapia, sua relação com a Ciência da Informação e com outras áreas do conhecimento, o papel do bibliotecário na biblioterapia, entre outros. Dedicados à biblioterapia aplicada a pacientes hospitalizados foram encontrados 11 artigos, e 20 tratam de outras abordagens, como biblioterapia aplicada em escolas, bibliotecas, lar de idosos, no tratamento de problemas psicológicos, entre outros. A Tabela 2 apresenta esses dados com o detalhamento por sexo.

Tabela 2 – Número de artigos produzidos por abordagem da Biblioterapia por sexo

Abordagem	Homens e		Total
	Mulheres	mulheres Homens	
Biblioterapia geral	16	4	21
Biblioterapia com pacientes hospitalizados	8	3	11
Outras abordagens da biblioterapia	10	7	20
Total	34	14	52

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A partir da análise dessa tabela é possível perceber que a prevalência da produção continua sendo feminina em todos os aspectos. Em relação ao número de artigos sobre a aplicação da biblioterapia a pacientes hospitalizados, ele é significativo ao considerar que o grupo “outras abordagens da biblioterapia” engloba múltiplos contextos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da leitura, enquanto recurso terapêutico, tem sido explorado em vários contextos como hospitais, prisões, escolas. Sua multiplicidade de contexto implica que diversos profissionais trabalhem conjuntamente para que a prática seja eficaz, incluindo o bibliotecário. Mais que isso. A presente pesquisa revela uma expressiva participação deste profissional na área.

Também foi possível observar a prevalência feminina na produção de conhecimento sobre a biblioterapia e sobre sua aplicação em hospitais. Buscou-se aqui exemplificar essa produção através da apresentação dos trabalhos realizados pelas autoras Bortolin e Silva (2016), Bueno e Caldin (2002) e Seitz (2000), que realizaram experiências práticas de biblioterapia.

A partir desses trabalhos, foi possível perceber que o uso da biblioterapia em ambientes hospitalares é benéfico

para os pacientes, sendo um sopro de liberdade e um momento em que eles escapam de sua realidade para viver um momento paralelo. A prática da biblioterapia também se mostrou valiosa para seus acompanhantes e para os profissionais da área da saúde. Além disso, foi possível demonstrar a presença destacada da mulher na produção de conhecimento e divulgação de ações exitosas na área da biblioterapia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista brasileira de biblioteconomia e documentação**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 54- 61, 1982.
- BORTOLIN, Sueli; SILVA, Sandra da. Biblioterapia no âmbito hospitalar. **Informação@Profissões**, v. 5, n. 1, p. 52-74, 2016.
- BUENO, Silvana Beatriz; CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Santa Catarina, v. 7, n. 1, p. 157- 170, 2002.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 18, p. 72- 89, 2004.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- FERNANDES, Mariana Ribeiro. **Bibliotecário clínico: análise do perfil de um profissional dinâmico**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, v.4, n.2, p 35-47, 2003.

FONSECA, Karla Haydê Santos. A leitura dos clássicos, uma possibilidade biblioterapêutica: por um viver melhor. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Santa Catarina, v. 19, n. 1, p. 6-12, 2014.

RATTON, Ângela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 4, n. 2, p. 198-214, 1975.

RIBEIRO, Gizele. Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. **Revista digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 112-126, 2006.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, [Florianópolis], 2000.

VALENCIA, Maria Cristina Palhares.; MAGALHAES, Michelle Cristina. Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional. **BIBLOS: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, [Rio Grande], v. 29, n. 1, p. 5-27, 2015.

PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: APONTAMENTOS INICIAIS

Gisele Rocha Côrtes
Gracy Kelli Martins



1 INTRODUÇÃO

A participação feminina na carreira científica é uma trajetória perpassada de lutas, desafios e processos de resistência das mulheres, com vistas ao reconhecimento, à legitimidade e à visibilidade como sujeitos do conhecimento. A subordinação das mulheres fundamentada nas estruturas androcêntricas e racistas da sociedade, mais especificamente no Século XIX, teve profundas implicações no acesso feminino ao campo científico em diversas regiões do mundo e no Brasil. As desigualdades de poder, as discriminações e as limitações sociais persistem no cotidiano das práticas científicas das pesquisadoras brasileiras.

A ciência é um campo de poder, e a exclusão das experiências das mulheres marcou a história da ciência moderna ocidental. Nessa dinâmica, tem sido premente a legitimação dos princípios assentados na neutralidade, na objetividade e na enunciação de teorias universais.

Lélia Gonzalez (1988), Sueli Carneiro (2005), Londa Schiebinger (2008), Dona Haraway (2009), Sandra Harding (1993) e Cecília Sardemberg (2002) buscaram reinterpretar os pressupostos clássicos positivistas, explicitando a existência de categorias de pensamento androcêntricas, racistas e colonialistas na organização do conhecimento científico hegemônico a despeito do ideal de neutralidade. Dessa forma, problematizam as desigualdades de poder consubstanciadas no reconhecimento da humanidade, tendo como apanágio do sujeito universal abstrato o homem branco, pertencente às classes dominantes.

Nesse contexto, os temas e os inventos científicos refletiram, predominantemente, as experiências masculinas. Segundo Perrot (2017, p. 186), essa lógica influenciou as narrativas da história oficial, marcada pelo silenciamento sobre as experiências e a história das mulheres. Em geral, a mulher foi (é) descrita pelo homem:

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios desfeitos, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. Inicialmente, por ausência de registro. Na própria língua. A gramática contribui para isso. Quando há mistura de gêneros, usa-se o masculino plural: *eles* dissimula *elas* (PERROT, 2007, p. 21).

Cecília Sardemberg (1994) chama à atenção para o fato de que, nas décadas de 1960 e 1979, a problemática feminista, como questão intelectual, objetivou reinterpretar os discursos teóricos e as práticas científicas, em distintos campos disciplinares, que, historicamente, têm (re)produzido as desigualdades de gênero presentes no campo social. Para a autora, o viés androcêntrico da ciência moderna tem impactos no plano teórico-metodológico e expressa-se por meio do silenciamento e da 'invisibilidade da mulher'. Conforme Sandra Harding (1993, p. 13), "no exame da crítica feminista à ciência, devemos, portanto, refletir sobre tudo o que a ciência não faz, as razões das exclusões e como elas conformam a ciência precisamente pelas ausências, sejam reconhecidas ou não.

Londa Schiebinger (2008) assinala que a inclusão das mulheres na ciência conduz à problematização do *status quo* e à desconstrução de pressupostos da cultura, dos métodos e dos conteúdos da ciência tradicional.

O poder da ciência ocidental – seus métodos, suas técnicas e epistemologias – é celebrado por produzir conhecimento objetivo e universal, transcendendo as restrições culturais. Entretanto, no que diz respeito ao gênero, à raça e a muito mais, a ciência não é um valor neutro. Estudiosos

começaram a documentar como as desigualdades de gênero, construídas nas instituições científicas, influenciaram o conhecimento nelas produzido (SCHIEBINGER, 2008, p. 274).

Na dinâmica de (re)formulações epistemológicas, com o propósito de visibilizar as experiências das mulheres como sujeitos do conhecimento, é imprescindível trazer à tona as teorias e as experiências das teóricas feministas negras e ativistas dos movimentos sociais. Por vias múltiplas, elas problematizaram o colonialismo europeu e a insuficiência do uso da categoria mulher de forma genérica, essencializada e a-histórica.

Sueli Carneiro (2005) assevera que a ciência, em muitos momentos históricos, contribuiu com o processo de estruturação do racismo na sociedade, sustentando a suposta existência de uma hierarquia biológica entre as raças, que pontuava a supremacia intelectual da racialidade branca, anulando as/os negras/os da condição de sujeitos produtores de saber.⁵³ No Brasil, o dispositivo da racialidade configura-se como um eixo estruturador das relações raciais, opera por meio de vários núcleos, e o epistemicídio é um dos seus fundamentos.

O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de

⁵³ A racialidade é compreendida aqui como uma noção produtora de um campo ontológico, um campo epistemológico e um campo de poder, que conforma saberes, poderes e modos de subjetivação cuja articulação institui um dispositivo de poder (CARNEIRO, 2005. p. 56).

deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Nesse sentido, distintas são as estratégias de inferiorização intelectual da/o negra/o ou sua anulação como sujeito de e do conhecimento. Ao imbricar os marcadores sociais de raça e de gênero, vemos que, no campo científico, as desigualdades de poder têm sido mais profundas nas experiências das mulheres negras, no que tange às possibilidades de terem acesso ao espaço acadêmico, permanecer nele e serem reconhecidas.

O pensamento feminista negro, a partir da década de 1970, por meio da Academia e dos movimentos sociais, ressaltando-se as singularidades e as diferenciações históricas e espaciais, ampliou as perspectivas de análise e ofertou ferramentas conceituais e metodológicas às teorias sociais, em diferentes campos disciplinares, com destaque para a problematização da categoria mulher como unívoca e universal e a visibilização das diferenças intragênero. Evoca-se a reformulação do olhar, com vistas à análise interseccional entre os marcadores sociais de raça, gênero, classe, sexualidade na análise dos fenômenos sociais (CRENSHAW, 1989; CARNEIRO, 1995).

As considerações expostas nos possibilitam afirmar que as teorias críticas feministas produzem saberes insurgentes e oferecem elementos para visibilizar o protagonismo social de mulheres na produção de conhecimento. Nessa direção, este trabalho se coaduna com a perspectiva teórica de Dona Haraway (1995), que postula a objetividade científica baseada no conhecimento situado e corporificado, distanciando-se das premissas ideológicas da neutralidade. É sob esse olhar que a teórica crítica feminista concebe a prática científica como

ação produtora de saberes compromissados com mundos mais justos e igualitários. Pontua que a investigadora e o investigado são sujeitos reais e históricos, com desejos e interesses. As ações epistemológicas [...] são propostas a respeito da vida das pessoas; a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima [...] (HARAWAY, 1995, p. 30).

A partir de uma perspectiva "situada", este artigo objetiva abordar o protagonismo social das mulheres na Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB). Especificamente, pretendem-se identificar quantas e quais mulheres fizeram parte das diretorias da ANCIB, quais os períodos em que atuaram na gestão da Associação e as respectivas vinculações institucionais e formação profissional dessas pesquisadoras.

Em nossa concepção, é sobremaneira importante visibilizar o lugar das mulheres no campo da Ciência da Informação e identificar as que estiveram à frente da direção dessa associação científica assumindo o desafio da implementação, da gestão e da consolidação da ANCIB. Buscamos, com as aproximações iniciais deste estudo, visibilizar o protagonismo social das cientistas da informação, contribuir com a luta por mais inserção das mulheres como sujeitos no cenário científico e abrir caminhos para novas pesquisas.

2 AS RELAÇÕES DE GÊNERO E O CAMPO CIENTÍFICO

Na Ciência da Informação, em especial, na Biblioteconomia, a participação das mulheres é consideravelmente evidente. Historicamente, elas são protagonistas na construção da área e na produção de conhecimentos, mas não ficaram imunes a invisibilidades e preconceitos.

Nesse sentido, adotamos para este ensaio o conceito de protagonismo social, com base nos estudos de Henriette Ferreira Gomes (2019a, p. 10), que afirma que "O

protagonismo representa, em sua essência, uma ação de resistência contra a opressão, discriminação, apartheid social, rejeição, desrespeito e negação ao diferente”. Nessa perspectiva, o protagonismo está diretamente relacionado à “construção e à afirmação do espaço público”, a fim de superar a dimensão privada e resistir e sobreviver às ameaças direcionadas às dimensões pública e existencial (PERROTTI, 2017, p. 12). Expandindo esse entendimento, Gomes (2019b) ressalta que a ação protagonista envolve todas as esferas da vida e abrange suas diversas dimensões, como uma postura, uma conduta e um modo de existir que apresenta um caráter potencialmente transformador.

Protagonista é aquela(e) que assume um lugar em uma ordem, de forma visível e explícita, para demarcar sua posição na luta, que não se dá no âmbito oculto ou privado, mas à frente, no espaço público e no território relacional, para que todos/as enfrentem. Assim, a ação protagonista se configura no enfrentamento de antagonismos construídos no mundo social, a partir da estrutura relacional existente entre as dimensões pública, cultural, social, temporal, espacial e existencial dos sujeitos. “Daí que protagonistas assumem a luta pela construção, pela criação, como atitude face ao mundo. Lutar, mais que enfrentamento “contra”, é modo de ser e estar, de produzir e cuidar de um mundo comum, habitável e convivial” (PERROTTI, 2017, p. 15, grifos do autor).

Nesse ínterim, quando remetemos a ação protagonista para as mulheres, em diversos campos sociais (na acepção política do termo), ela é compreendida pelo desempenho de seu papel na vivência e na integração de sua atuação no espaço público com a produção e a ressignificação de identidades e representações de novos sentidos, abandonando o lugar de deuteragonista e assumindo uma posição de diálogo e de alteridade nos enfrentamentos sociais, como é possível observar historicamente (GOMES, 2019a; SOUZA, 2019; PERROTTI, 2017, PEDRO; GUEDES, 2010).

O protagonismo só existe na tomada de posição. Protagonistas assumem ações de liderança, se colocam contra obstáculos que representem ameaça ao coletivo, assumem embates pela construção de um mundo em favor do bem comum. Ser protagonista implica na tomada de posição de sujeito social ativo, que age e reage com e em relação ao outro (presente ou não na cena da ação). Enfim, o protagonista é aquele que age, que reage, que se ergue, que se coloca em relação aos interesses do coletivo (GOMES, 2019a, p. 13).

O referencial histórico que pauta o protagonismo social das mulheres, em especial, no âmbito acadêmico, entrelaça-se às demais esferas de luta e aponta a rígida estrutura de naturalização das diferenças entre mulheres e homens. Papéis designados e construídos para atender às necessidades socioeconômicas exigem enfrentamentos para a quebra de padrões e a ocupação de setores sob o prisma da equidade. A ocupação de espaços do fazer científico implicou a luta primeira pela garantia ao ensino superior e à formação profissional, bem como a inserção no mundo do trabalho e na ocupação de postos formais de trabalho. É o que chamamos de protagonismo profissional. Destacamos, no entanto, que, não falamos nesse primeiro momento do fazer profissional em si, mas no alcance das posições de liderança e conquista de representação política. “O protagonismo profissional carrega em seu ventre a semente germinada no coletivo profissional e que se volta para o coletivo social” (GOMES, 2019b, p. 202).

No decorrer dessas lutas, as mulheres romperam com vários obstáculos sociais, políticos, morais e econômicos para serem reconhecidas como sujeitos do conhecimento. Lea Velho e Elena León (1998), em discussão sobre os contextos e as condições de produção de mulheres e homens na Academia, disseram que é necessário trazer à cena os

processos de socialização, as prescrições sociais e os processos de discriminações adjacentes, atinentes aos papéis sexuais que mulheres e homens devem desempenhar, os quais influenciam as escolhas profissionais.

No Brasil, durante um longo período, na educação brasileira, os planos limitaram a educação das mulheres ao nível primário, com conteúdos destinados ao saber doméstico e ao aperfeiçoamento de atividades que propiciassem o bom funcionamento familiar e a educação dos/as filhos/as. As mulheres só ingressaram no ensino superior e passaram a participar das carreiras universitárias e científicas a partir do ano de 1970, depois de uma longa luta para conquistar o acesso à educação primária, à educação secundária e chegar à universidade, como referem Hildete de Melo e Lígia Rodrigues (2018, p. 44):

E o sucesso foi inegável, pois em 1991 assegurou-se definitivamente a vitória das mulheres na batalha educacional. Naquele ano, o censo demográfico mostrou que as mulheres brasileiras tinham mais anos de escolaridade que o sexo masculino. Todavia, a discriminação não foi vencida: persistiram desigualdades salariais e de acesso a carreiras profissionais e nas atividades científicas (MELO; RODRIGUES, 2018, p. 44).

Ressalte-se, no entanto, que, atualmente, por meio de alguns elementos apontados em estudos como os de Gilda Olinto (2011), Jacqueline Leta (2014) e Elsevier (2017), é possível analisar os desafios ainda existentes para a participação igualitária no campo científico, que remetem ao acúmulo de obrigações, tendo em vista que ainda persiste uma partilha não igualitária na responsabilidade, no trabalho doméstico e no cuidado com os/as filhos/as, que gera dificuldades de conciliar a vida doméstica com a vida

profissional, sustentada pelo imaginário coletivo de que a atividade doméstica é apanágio exclusivo das mulheres.

Vanderlan Bolzani (2017, p. 58) enuncia que as mulheres, em geral, deparam-se com mais obstáculos do que os homens para alcançar os postos de mais prestígio e o topo da carreira.

Um olhar sobre as bolsas de produtividade (PQ) do CNPq, considerada uma premiação ao mérito acadêmico, demonstra que, em 2011, havia 62,8% de homens PQ nível 2 (início de carreira) e 37,2 % de mulheres para o mesmo nível. Bolsas PQ nível 1A, concedidas a pesquisadores seniores de excelência nas áreas de atuação, totalizavam 77,7% para homens e 22,3% para mulheres. Em 2015, as mulheres representavam 24,6% dos bolsistas PQ nível 1A. O pequeno aumento percentual nesse nível altamente competitivo demonstra que o reconhecimento do mérito acadêmico das cientistas brasileiras ainda é bastante insignificante (BOLZANI, 2017, online).

No cenário atual, o acúmulo do trabalho doméstico e profissional, em específico, com o *home office* no âmbito da pandemia da Covid-19, tem agravado as já persistentes desigualdades de gênero que envolvem a vida das mulheres cientistas. Conforme estudos realizados pelo Projeto *Parent in Science*, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, 2020, online)⁵⁴, a produção das pesquisadoras tem sido impactada com o trabalho remoto e o estabelecimento das medidas de isolamento social, em proporção muito maior do que a dos homens. A divisão sexista do trabalho, que implica mais responsabilidades das mulheres com os afazeres domésticos, a lavagem de roupas e

⁵⁴ Disponível em: <https://www.parentinscience.com/>

alimentos, o cuidado de saúde com os/as familiares e filhos/as e o apoio às crianças em aulas remotas são alguns dos aspectos que evidenciam as contradições das condições de trabalho das mulheres em uma sociedade marcada pela desigualdade de gênero.

O último levantamento realizado pela Nature Index (plataforma de publicações científicas) mostra que a produção das economistas mulheres caiu em relação ao período anterior à quarentena. A redução foi de 12% no mês de março e atingiu os 20% em abril. Considera-se aqui tanto os estudos preliminares, quanto os que já passaram por revisão. “O universo das produções da área de economia não difere do restante das outras áreas. Com algumas pequenas variações, a tendência de queda é a mesma”, comenta Sabine Righetti, que trabalha diretamente com métricas científicas (FORSTER, 2020, online, grifos da autora)⁵⁵.

Nesse contexto, reforçam-se os símbolos e os códigos culturais, alguns muito sutis, outros mais explícitos, que tendem a reforçar a inaptidão feminina para a atividade científica. Contudo, é fundamental frisar que as pesquisadoras, individual e coletivamente, ao longo dos séculos, com estratégias e formas diversas, atuaram e atuam como protagonistas sociais, produtoras de conhecimentos, visando consolidar a igualdade de gênero no campo científico e conquistar e ampliar seus direitos

⁵⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/05/27/pandemia-acentua-disparidade-de-genero-no-mundo-cientifico>

3 FEMINILIZAÇÃO DA BIBLIOTECONOMIA E O PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Paradoxalmente, na Ciência da Informação, em especial, na Biblioteconomia brasileira, a participação das mulheres é expressiva. Historicamente, elas são protagonistas da construção do campo científico e da produção de conhecimentos, mas não ficaram imunes a preconceitos em seu tempo e na trajetória inicial da área. A invisibilidade das mulheres nesse percurso é evidenciada nas narrativas, que sempre apresentam os homens como responsáveis pelas descobertas e pelos feitos.

Em especial, na Biblioteconomia, o discurso social a direcionou para uma definição estereotipada de que esse era um campo de atuação feminina e, portanto, direcionado às mulheres. A história aponta marcos, mas é importante deixar claro que até os feitos promissores e que se destacam para inserir as mulheres na área eram marcados por interesses sexistas e opressores.

Em um artigo sobre a formação das/os bibliotecárias/os nos Estados Unidos, Jeannette Kremer (1983) destaca os dois grandes marcos da institucionalização profissional de bibliotecárias/os: a fundação da *American Library Association* (ALA), em 1876, e a criação do Curso de Biblioteconomia, em 1879, na *Columbia University*. Em ambos os momentos, destaca-se o empenho de Melvil Dewey, famoso por seu sistema de classificação "*Dewey Decimal Classification*" (CDD), tanto para a formação profissional quanto para o fortalecimento da área por meio da criação e da atuação na ALA. Esses marcos fortaleceram a formação em Biblioteconomia e, no fim do Século XVIII, a profissão começou a atrair as mulheres, que, em um período curto, passaram de minoria para maioria nos cursos, em contradição a uma realidade em que não eram admitidas nas universidades, e em muitas bibliotecas, não eram aceitas

sequer como leitoras, e suas atuações se restringiam a esses espaços em funções subalternas.

Dewey, visionário para a época, permitiu, como responsável pelo Curso de Biblioteconomia da *School of Library Economy* e contra as ordens expressas dos curadores da *Columbia University*, que mulheres fossem alunas do curso, somando 17 das/os 20 estudantes matriculadas/os na primeira turma. Por sua ousadia, foi demitido e reabriu, em 1889, sua escola na *University of the State of New York*, em Albany, mantendo a entrada para mulheres (KREMER, 1983).

Entretanto, recentemente, quase 80 anos depois de sua morte, o pai da Biblioteconomia moderna e pioneiro na criação de oportunidades de carreiras para as mulheres tem tido revelado seu lado de assediador e racista em uma série de reportagens realizadas pela *American Libraries Magazine* junto ao movimento #MeToo⁵⁶. Em 2018, Anne Ford, editora-geral das *American Libraries*, publicou um artigo em que questionava o legado atribuído a Dewey. Nele, Anne expõe uma série de acontecimentos e relatos sobre abusos sexuais com alunas, assistentes e colegas de trabalho, além de posturas e ações racistas do famoso bibliotecário (FORD, 2018, online).

Entre os relatos, Ford (2018) destaca que os assédios eram sempre dirigidos a mulheres subordinadas a ele e não há depoimentos detalhados do contexto da época, quando as mulheres se sentiam acuadas porque estavam propensas a ser discriminadas por esses atos. No entanto, Dewey só começou

⁵⁶ O **movimento Me Too** (ou **movimento #MeToo**), com uma grande variedade de nomes alternativos locais e internacionais, é contra o assédio e a agressão sexuais. Começou a se espalhar viralmente em outubro de 2017, como uma *hashtag* nas mídias sociais, na tentativa de demonstrar a prevalência generalizada de agressão sexual e assédio, especialmente no local de trabalho. Tarana Burke, uma ativista social estadunidense e organizadora comunitária, começou a usar a frase 'Eu também' ('Me too'), em 2006, que, mais tarde, foi popularizada pela atriz estadunidense Alyssa Milano, no Twitter em 2017. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Me_Too. Acesso em: 25 jun. 2020.

a ser denunciado como assediador em 1905, e devido ao seu comportamento, por causa de uma campanha feita por colegas da Associação, a ALA foi forçada a desligá-lo como sócio. Somando-se às denúncias já existentes, Dewey renunciou como bibliotecário do Estado de Nova York, sob pressão daqueles que se opunham às políticas racistas e antisemitas que ele pregava (FORD, 2018, online).

Não diferente, seu empenho em permitir a entrada das mulheres na universidade tinha, segundo Blakemore (2017, online), outras pretensões: “Dewey sabia que a sua proposta de bibliotecas modernas requeria trabalho barato e profissionais ávidas por atuação, e as poucas mulheres profissionais da geração, que estavam determinadas a serem reconhecidas em um mundo dominado por homens eram o ajuste perfeito.”

Isso nos leva a refletir sobre se a intenção de abrir Cursos de Biblioteconomia para mulheres já não indicava um projeto de mão de obra barata, acessível e vulnerável nos planos de inovação da Biblioteconomia moderna proposta por Dewey. “Suas inovações ajudaram a tornar possível a Biblioteconomia - mas nunca descobrimos quantas carreiras femininas ele terminou ou dificultou em sua busca pelo poder sexual” (BLAKEMORE, 2017, online, tradução nossa).

As desigualdades entre gêneros, sobretudo na esfera de trabalho, determinam os espaços de atuação profissional, ancoradas em determinismo biológico, o que estereotipou profissões em femininas e masculinas (PIRES, DUMONT, 2016). Defende-se que a formação bibliotecária não tenha assumido um *status* de profissão feminina pela “oportunidade” histórica de inserir as mulheres no primeiro curso criado, mas, para intencionalmente, como aponta Blakemore (2017), atender a interesses de um mercado de trabalho patriarcal que delegava/delega tal tarefa às mulheres na justificativa de que

focalizam esses estudos em crenças, valores e atitudes socialmente estabelecidos, que formam estereótipos sobre as habilidades diferenciadas entre homens e mulheres e influenciam as escolhas que as mulheres fazem cedo em sua existência, estabelecendo barreiras que limitam suas chances de vida. Dois tipos de mecanismos são geralmente identificados para descrever as barreiras enfrentadas pelas mulheres: a segregação horizontal e a segregação vertical (OLINTO, 2011, p. 69).

Essas segregações, divididas em horizontal e vertical, encontram-se no seio da sociedade e conduzem as escolhas e o direcionamento que as mulheres dão as suas vidas, incluindo as escolhas profissionais. Na segregação horizontal, há preceitos e regras que conduzem as mulheres a escolherem caminhos diferentes dos que são definidos para os homens, com significativa atuação da família e da escola para que se identifiquem com atividades compatíveis e adequadas para elas, por meio de mecanismos que condicionam suas escolhas profissionais segmentadas por gênero. A segregação vertical é mais sutil, mas está diretamente ligada à segregação horizontal, tendo em vista que conduz as mulheres para o exercício das profissões caracterizadas como femininas e que, conseqüentemente, são menos valorizadas no mercado de trabalho. Gilda Olinto (2011. p. 69) afirma que

[...] tanto a segregação vertical como a horizontal podem sugerir uma genuína diferença de características e habilidades entre os dois sexos, o que explicaria a exclusão das mulheres de algumas ocupações e a sua dificuldade em atingir posições de destaque na hierarquia ocupacional (OLINTO, 2011, p. 69).

A entrada das mulheres no mundo do trabalho exigiu que se ofertassem profissões que se aproximassem de seus perfis, como mães, esposas, cuidadoras de casa, de hortas e doentes, o que levou o sistema capitalista a enquadrá-las em profissões que, “em nível de senso comum, vão se justificando suas escolhas por Magistério, Enfermagem, Nutrição e Biblioteconomia, que, de alguma forma, são extensões das atividades domésticas” (FERREIRA, 2003, p. 195).

No Brasil, o ensino da Biblioteconomia chegou um pouco mais tarde, com a criação do curso no ano de 1911 e a implantação, no ano de 1915, na Biblioteca Nacional. De acordo com o Relatório da Biblioteca Nacional (BIBLIOTECA NACIONAL, 1916), o início do curso, no ano de 1915, contou com 21 alunos inscritos por solicitação e seis por indicação. Esse fato reflete o momento político e social da época com requerimentos realizados apenas por homens, tendo em vista que, mesmo com a promulgação do Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, que permitia às mulheres ingressarem em instituições de ensino, poucas tinham acesso à educação e às escolas, em sua maioria religiosas, estavam direcionadas à educação e formação da classe dominante (MULIN, 2012).

Não diferentemente, o curso criado na BN “[...] tinha feição nitidamente institucional”, sem finalidade social e, prioritariamente, buscava firmar “um projeto de elite dominante e [...] consolidar a Biblioteca Nacional em condições comparáveis àquelas mais importantes da Europa” (SOUZA, 1990, p. 34).

Retornando à história da Biblioteca Nacional, que, desde sua inauguração, é configurada como órgão de grande relevância cultural para a sociedade brasileira e constitui-se como um marco importante para a Biblioteconômica do país, reconhecemos esse espaço também como um espaço de hegemonia masculina (FELTRIN, 2018). A linha sucessória de seus dirigentes aponta, por meio da nomeação dos diretores, a manutenção de uma hierarquia de gênero, quando se observa que, depois de 161 anos, somente em 1971, a BN foi dirigida por uma mulher (SOUSA, 2014).

A hierarquia de gênero não se concentrava apenas na ocupação de cargos. De acordo com Elisabeth Martucci (1996) e Gilda Olinto (1997), a profissão é marcada por estereótipos construídos em relação às mulheres que nela adentraram. Essa aproximação, como já dito por Maria Mary Ferreira (2003), acontece por uma intencionalidade na adequação das atividades profissionais como extensão das tarefas domésticas. Nesse sentido, Elisabeth Martucci (1996) diz que, assim como a educação teve um desenvolvimento marcante no Século XIX, passando por processos de laicização, a biblioteca e, conseqüentemente, a Biblioteconomia também acompanharam esse desenvolvimento. Enuncia-se que a aproximação da escola e da biblioteca se dá pelas características de cuidado, afabilidade, tolerância, espírito de ordem, muito observados na criação e no comportamento das mulheres.

Londa Schiebinger (2008, p. 275), em análise a respeito dos estereótipos de gênero na ciência, discorre que é fundamental atentarmos para o fato de que os atributos de gênero comumente alocados às mulheres – “o cuidado, o cultivo de um sentimento para com os seres vivos ou o que mais que isso possa ser – datam do Século XVIII e foram produzidas na tentativa de manter as mulheres fora da ciência e da esfera pública [...]”.

É necessário enfatizar que as diferenças de gênero, historicamente atribuídas às mulheres, não podem servir de base epistemológica para novas teorias e práticas nas ciências e reconhecer que “não existem um ‘estilo feminino’ nem ‘maneiras de conhecimento das mulheres prontos para serem conectados à bancada do laboratório ou na cabeceira da clínica” (SCHIEBINGER, 2008, p. 275, grifos da autora).

No Brasil, o ingresso das mulheres nos Cursos de Biblioteconomia é marcado pela figura de Adelpha Figueiredo, no primeiro Curso do estado de São Paulo. Professora do Mackenzie College, assumiu a tarefa de organizar a Biblioteca dessa instituição, em 1926, e em 1929, participou, como aluna, da primeira turma do Curso de Biblioteconomia da Mackenzie, ministrado por Dorothy M.

Gedde, bibliotecária norte-americana. Depois de concluir o curso em 1930, concorreu nacionalmente a uma bolsa para ir para os Estados Unidos cursar Biblioteconomia na Columbia University e retornou ao Brasil, um ano depois, como a primeira bibliotecária de nível superior no país, assumiu a chefia do Curso na Mackenzie e formou uma turma de sete alunas (O NOTICIÁRIO MACKENZISTA, 1932, *apud* MULIN, 2012).

Adelpha esteve à frente da Mackenzie até 1936, quando, convidada pelo bibliófilo Rubens Borba de Moraes, assumiu o cargo de bibliotecária-chefe da Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura de São Paulo. No mesmo ano, a Divisão de Bibliotecas apresentou um projeto para um Curso de Biblioteconomia, que passou a funcionar ainda em 1936. Adelpha Figueiredo foi a primeira professora, ao lado de Rubens Borda de Moraes, a lecionar no curso. Eles estiveram à frente do funcionamento da escola por alguns anos. Entretanto, cabe aqui uma observação sobre a invisibilidade de Adelpha na literatura quando há claras menções sobre Rubens Borba de Moraes e/ou quando ela é citada apenas por seu sobrenome Figueiredo, o que não dá a evidência de ser mulher.

De acordo com a pesquisa de Mulin (2012), Adelpha foi uma mulher à frente do seu tempo que implementou, no estado de São Paulo, cursos de formação profissional, implantou sistemas de organização de acervos, realizou eventos da classe bibliotecária e construiu a Biblioteca Pública da cidade.

Podemos considerar Adelpha uma personagem transformadora, pois praticou ações que deram novos rumos à Biblioteconomia brasileira, tendo participado de importantes etapas que constituíram o impulso e consolidação de uma profissão [...] quase desconhecida na época (MULIN, 2012, p. 64).

As ocorrências históricas nos possibilitaram constatar que, assim como em outros países, no Brasil, os espaços de liderança nas bibliotecas eram ocupados por homens, nas condições de estudiosos e de eruditos. A feminilização da área aconteceu no final do Século XIX, acompanhando o processo educacional, que aproximou a biblioteca da sala de aula e somou-se à exigência de uma atuação mais técnica e aplicada, que evidenciava o perfil das mulheres para o exercício da profissão. A oferta dos cursos em períodos matutinos também era propícia para que ingressassem (PIRES, DUMONT, 2016).

Até a década de 1980, a presença de discentes mulheres era quase massiva nos cursos com uma relação de 100x1, em comparação com os homens. Esses dados também se refletem na estrutura acadêmica dos cursos que, entre 1939 e 1965 (RUSSO, 1966), contavam em seus quadros docentes com, em média, 63% de mulheres (CÔRTEZ, MARTINS, GARCIA, 2019).

Pires e Dumont (2016) fizeram uma pesquisa sobre relações de gênero na Biblioteconomia, a fim de identificar o que leva os homens a buscarem uma profissão majoritariamente feminina. Nos dados coletados, os autores asseveram:

Pena, Crivellari e Neves (2006) observaram que nos últimos anos, há maior procura de homens pelos cursos de Biblioteconomia. Os autores demonstram que entre 1994 e 2004, o número de bibliotecários do gênero masculino saltou de 13,02% para 23,87%. Em outra pesquisa, Oliveira e Crivellari (2011) utilizam dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e comparando a profissão de bibliotecário com a de contadores e analistas de TI, demonstram que há queda na feminização da profissão de bibliotecário entre os anos de 1985 e 2009, enquanto nas outras duas profissões estudadas há ligeiro aumento

nesse processo. Entretanto, as autoras ressaltam que, mesmo com essa queda significativa, a profissão de bibliotecário ainda pode ser considerada como altamente feminizada (PIRES; DUMONT, 2016, p. 6).

Não diferentemente, a atuação das mulheres foi estendida para consolidar a pesquisa em Biblioteconomia e em Ciência da Informação no país, marcada com a criação do IBBD em 1954. Nanci Oddone (2006, p. 46) refere que o Instituto se originou em meio a “transformações sociais e culturais por que passava a nação – a regularização do trabalho e do voto feminino, o crescimento da rede de escolas públicas, a criação de universidades, a fundação de academias e de associações de cientistas e educadores.” A criação do IBBD tinha o objetivo de formar e manter sólida uma infraestrutura científica e tecnológica voltada para “[...] a produção e a acumulação de informações bibliográficas, [que] constituíram um suplemento de força para os bibliotecários” (ODDONE, 2006, p. 46). Lydia de Queiroz Sambaquy, bibliotecária atuante e figura marcante nas discussões e nos debates da época sobre a atuação profissional em ciência e tecnologia, que originaram o projeto de criação do IBBD, esteve à frente da presidência de 1954 a 1965 e foi sucedida por “[...] bibliotecárias como Jannice Monte-Mór, Célia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha Gomes, discípulas e ex-companheiras, que deram ao IBBD os novos e promissores rumos de uma Ciência da Informação” (ODDONE, 2006, p. 53).

Em 1970, Célia Ribeiro Zaher e Hagar Espanha Gomes, presidente e vice-presidente do IBBD, na época, organizaram o primeiro Mestrado em Ciência da Informação no Brasil e deram início à consolidação do ensino de pós-graduação na área, que foi um marco histórico por ser reconhecido como “primeiro Curso de Mestrado em Ciência da Informação da América do Sul” (ODDONE, 2006, p. 45).

A partir da iniciativa do IBBD, depois do ano de 1970, novos cursos de pós-graduação foram criados e passaram a

adotar a denominação Ciência da Informação, como uma estratégia de mudança para atribuir um status científico à comunidade acadêmica.

De acordo com os dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES⁵⁷ (2020), a área conta hoje com 27 programas de pós-graduação, que somam 40 cursos entre Mestrado e Doutorado, distribuídos em 15 estados. Pinheiro (2007, p. 05) esclarece que, embora o primeiro curso mantivesse seu vínculo com o IBBD, tinha convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, posteriormente, com a Universidade Federal Fluminense (UFF). É oportuno identificar “a vinculação dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação na estrutura universitária, o que reflete a visão da área, no Brasil, que influencia sua concepção acadêmica.”

É pertinente observar que os cursos de pós-graduação no país foram promovidos por Universidades que ofertavam em suas graduações o Curso de Biblioteconomia e em seus respectivos corpos docentes atuavam/atuam professoras e professores com essa formação. Assim, podemos afirmar que a pesquisa em Ciência da Informação chega ao país por intermédio desses(as) profissionais da Biblioteconomia. “A ambiência da Biblioteconomia e Documentação no Brasil, diferentemente do resto do mundo, originou um contexto para a criação da Ciência da Informação que nasceu no nosso país vinculado ao campo da Biblioteconomia, seus princípios, suas técnicas e reflexões” (BARRETO, 2009, p. 10).

No início dos anos de 1980, com o apoio de agências de fomento, interessadas no desenvolvimento de políticas nacionais de ciência e tecnologia, os Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação passaram a realizar encontros, denominados de Encontro Nacional de Cursos de Pós-graduação em Biblioteconomia, Documentação e Ciência

⁵⁷ Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaConhecimento.jsf?areaAvaliacao=31> Acesso em: 20 jun. 2020.

da Informação, “para discutir sobre problemas comuns e procurar soluções para seu funcionamento e para uma fundamentação da área de conhecimento que nascia” (BARRETO, 2009, p. 13).

No X Encontro Nacional de Cursos de Pós-graduação em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, em 1989, foi realizada uma Assembleia Geral que aprovou o Estatuto de Criação da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ANCIB), dando início a um novo momento de discussão e compartilhamento da pesquisa em CI no âmbito nacional (BARRETO, 2009). Nessa Assembleia, instaurou-se uma Associação com o objetivo de discutir sobre os desafios e a consolidação da pesquisa científica em Ciência da Informação no país, por meio da reunião de vários/as pesquisadores/as que não só os/as vindos/as dos cursos de pós-graduação.

A fundação da ANCIB aconteceu em 23 de junho de 1989, durante o X Encontro Nacional de Cursos de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, quando a assembleia de pesquisadores, sob a Presidência da Professora Dinah Aguiar Población, aprovou o estatuto e a primeira Diretoria da Associação. A partir do I Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação em 1994, o modelo de grupos de trabalho reuniu os pesquisadores em torno das temáticas prioritárias para a evolução da área, e cuja discussão contou com a fundamental participação dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação (FREIRE; ALVARES, 2013, p. 02).

Assim, em 23 de junho de 1989, foi criada a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação – ANCIB. Quando foi fundada, a sigla também

compreendia a Pós-graduação em Biblioteconomia (Pós-graduação *Stricto sensu*), que foi extinta da área na década de 1990. A palavra Biblioteconomia foi retirada do nome da Associação, no entanto a sigla foi mantida⁵⁸ (SOUZA, 2012).

A Associação marcou um novo momento para a área, estimulando as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. Desde sua criação, tem se projetado, no país e fora dele, como uma instância de representação científica e política importante para se debater sobre as questões pertinentes à área de informação.

É mister destacar que todo percurso empreendido e protagonizado por mulheres, que caracterizou uma área pela feminização de seu corpo profissional, como a Biblioteconomia, não se estendeu à Ciência da Informação, que se direcionou para um quadro mais misto de pesquisadores(as), tendo em vista que abrangeu/abrange outras áreas do conhecimento devido à sua interdisciplinaridade. Ressalte-se, no entanto, que a constituição de sua comunidade de pesquisa nasceu dos esforços e das lideranças de mulheres que marcaram o protagonismo social feminino também na Ciência da Informação.

4 A ANCIB E UMA TRAJETÓRIA MARCADA PELO PROTAGONISMO SOCIAL DAS PESQUISADORAS

Como dito anteriormente, a área de Biblioteconomia influenciou significativamente a institucionalização da Ciência da Informação no país. Muitos dos nomes das mulheres que consolidaram a Biblioteconomia no Brasil também estiveram à frente na implantação da Ciência da Informação, na criação de cursos de pós-graduação, no fortalecimento da pesquisa pela formação de grupos de

⁵⁸ A manutenção do nome Biblioteconomia na sigla foi pertinente, porque, no ano de 2012, a UNIRIO passou a oferecer o Mestrado em Biblioteconomia seguida da UFCA em 2016.

trabalho na ANCIB e na promoção da comunicação científica na área.

Visando consolidar as discussões sobre informação, na perspectiva da Ciência da Informação, em 1994, a ANCIB deu início à realização de encontros nacionais que tinham a finalidade de divulgar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa da área e se configurou como um espaço importante de representação científica e política para o debate das questões pertinentes aos estudos informacionais dentro e fora do país.

O I Encontro de Pesquisa em Ciência da Informação (I ENANCIB) aconteceu em 1994 e, sequencialmente, foi promovido nos anos de 1995, 1997, 2000, 2003, 2005. A partir de 2005, passou a ser anual e realizou sua 20ª edição no ano de 2019. No entanto, a 21ª edição foi suspensa e transferida para 2021, devido à pandemia que assolou o mundo neste ano de 2020.

A ideia surgiu em reunião da ANCIB em março de 1992, durante o XII Encontro dos Cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia. Nessa reunião, a discussão teórica e política sobre as linhas de pesquisa e a constituição da área dominou a discussão administrativa. No final de uma das sessões de trabalho, quando discorria sobre modalidades de auxílio à pesquisa pelo CNPq, a professora Marlene de Oliveira sugeriu que a ANCIB promovesse um encontro periódico de caráter científico, sugestão aceita pelos participantes da reunião (FREIRE; ALVARES, 2013, p. 07).

Nesse percurso de 32 anos da Associação, foram eleitas 13 Diretorias, que conduziram/conduzem as discussões sobre a área e promovem a comunicação científica das/os associadas/os, consolidando a ANCIB como um espaço de

reflexão e de divulgação das investigações sobre Ciência da Informação, em âmbito nacional e internacional. Em busca de evidências para reforçar o reconhecimento e o protagonismo social das mulheres nesse processo de institucionalização da CI no país, esta pesquisa se debruçou sobre uma investigação quanti-qualitativa, de cunho exploratório-descritivo, utilizando-se da pesquisa documental, a fim de identificar, em um primeiro momento, as mulheres que conduziram a ANCIB e ocuparam cargos nas diretorias da Associação.

Para obter os dados, o campo para identificar as pesquisadoras foi o sítio eletrônico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB)⁵⁹, que reúne informações sobre o percurso histórico das diretorias que estiveram à frente da ANCIB nos últimos 32 anos.

Para análise dos dados foram coletados no site da ANCIB, registros referentes à composição das diretorias, desde a primeira, instaurada no ano de 1989, até a deste ano de 2020. Identificados esses dados, foram mapeadas as mulheres que exerceram mandatos na Diretoria e no Conselho Fiscal da ANCIB e registradas as respectivas titulações, a instituição à qual elas se vinculavam no momento do mandato e a formação acadêmica, por meio de consulta em seus Currículos *Lattes* e em pesquisas, utilizando o buscador do Google.

Na formação das diretorias, contando com os cargos de presidente, secretária(o) geral, secretária(o), tesoureira(o), representante docente e representante discente, atuaram na ANCIB 58 pesquisadoras(os) - 40 mulheres (68,96%) e 18 homens (31,03% do universo da pesquisa), como revela o quadro 01.

⁵⁹ <https://www.ANCIB.org.br/>

Quadro 01 – Diretorias da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação – ANCIB (1989 a 2020).

DIRETORIA – 1989 A 1991
<p>DIRETORIA Presidenta⁶⁰: Dr^a. Dinah Aguiar Población (USP) Vice-Presidenta: Dr^a. Tânia Mara Botelho (UNB) Secretário-Geral: Dr. Aldo de Albuquerque Barreto (IBICT) Secretária: Dr^a. Maria de Cléofas Alencar (EMBRAPA) Tesoureira: Dr^a. Johanna Wilhelmina Smit (USP)</p>
<p>CONSELHO FISCAL Representantes docentes: Dr^a. Wanda Maria Maia da Rocha Paranhos (UFPR) Representante docente: Dr. Eduardo José Wense Dias (UFMG) Representante discente: Dr^a. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque (UFPB)</p>
DIRETORIA – 1991 A 1993
<p>DIRETORIA Presidenta: Dr^a. Dinah Aguiar Población (USP) Vice-Presidente e Secretário Geral: Dr. Aldo de Albuquerque Barreto (IBICT) Secretária: Dr^a. Maria de Cléofas Alencar (EMBRAPA) Tesoureiro: Dr. Waldomiro de Castro Santos Vergueiro (USP)</p>
<p>CONSELHO FISCAL Representante docente: Dr^a. Wanda Maria Maia da Rocha Paranhos (UFPR) Representante docente: Dr. Eduardo José Wense Dias (UFMG) Representante discente: Dr^a. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque (UFPB)</p>

⁶⁰ A gramática, em geral, estabelece que palavras com os sufixos -ente são neutras, entretanto, utilizamos presidenta para denunciar a marca de gênero do masculino, utilizada como universal na língua portuguesa.

DIRETORIA - 1994 A 1996

DIRETORIA

Presidenta: Dr^a. Solange Puntel Mostafa (USP)
Vice-Presidente: Dr. Aldo de Albuquerque Barreto (IBICT)
Secretária: Dr^a. Bernadete Santos Campello (UFMG)
Tesoureira: Cecília Carmen Cunha Pontes (NL)
Secretário: Dr. Silas Marques de Oliveira (PUC)

CONSELHO FISCAL

Representante docente: Dr. Eduardo José Wense Dias (UFMG)
Representante docente: Dr^a. Eliany Alvarenga de Araújo (UFG)

DIRETORIA - 1997 A 2000

DIRETORIA

Presidente: Dr. Aldo de Albuquerque Barreto (IBICT)
Vice-Presidente: Dr. Edmir Perrotti (USP)
Secretária: Dr^a. Johanna Wilhelmina Smit (USP)
Primeiro Secretário: Dr. Emir José Suaiden (UNB)
Tesoureira: Selma Santiago (NL)

CONSELHO FISCAL

Dr. Carlos Henrique Marcondes de Almeida (UFF)
Me. Ilce Gonçalves Milet Cavalcanti (IBICT)
Dr. Luís Fernando Sayão (UNIRIO)

DIRETORIA - 2000 A 2003

DIRETORIA

Presidente: Dr. Aldo de Albuquerque Barreto (IBICT)
Vice-Presidente: Dr. Edmir Perrotti (USP)
Secretária: Dr^a. Johanna Wilhelmina Smit (USP)
Primeiro Secretário: Dr. Emir José Suaiden (UNB)
Tesoureira: Selma Santiago (N.L.)

CONSELHO FISCAL

Dr. Carlos Henrique Marcondes de Almeida (UFF)
Me. Ilce Gonçalves Milet Cavalcanti (IBICT)
Dr. Luís Fernando Sayão (UNIRIO)

DIRETORIA - 2003 A 2006

DIRETORIA

Presidenta: Dr^a. Regina Maria Marteleto (IBICT)
Vice-Presidenta: Dr^a. Marilda Lopes Ginez de Lara (USP)
Secretária: Dr^a. Eliany Alvarenga de Araújo (UFG)
Primeira Secretária: Dr^a. Ana Maria Pereira Cardoso (FUMEC)
Tesoureira: Dr^a. Marta Pinheiro Aun (N.L.)

CONSELHO FISCAL

Representante docente: Dr^a. Lídia Alvarenga (UFMG)
Representante técnica: Juliana do Couto Benfica (NL)
Representante discente: Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo (UFMG)

DIRETORIA - 2006 A 2008

DIRETORIA

Presidenta: Dr^a. Marisa Brascher (UFSC)
Vice-Presidente: Dr^a. Lígia Café (UFSC)
Secretária: Dr^a. Henriette Ferreira Gomes (UFBA)

CONSELHO FISCAL

Representante docente: Dr^a. Edna Lúcia da Silva (UFSC)
Representante docente: Dr^a. Lílian Maria Araújo de Rezende Alvares (UnB)
Representante discente: Me. Hélio de Sousa Chaves Ramos (IBICT)

DIRETORIA - 2008 A 2010

DIRETORIA

Presidenta: Dr^a. Joana Coeli Ribeiro Garcia (UFPB)
Vice-Presidente: Dr. Valdir José Morigi (UFRGS)
Secretária: Dr^a. Maria das Graças Targino (UFPI)

CONSELHO FISCAL

Representante docente: Dr^a. Gilda Olinto (UFRJ)
Representante docente: Me. Sandra de Fátima Santos (UFPR)
Representante discente: Dr^a. Izabel França de Lima (UFPB)

DIRETORIA - 2011 A 2012

DIRETORIA

Presidenta: Dr^a. Isa Maria Freire (UFPB)

Vice-Presidenta: Dr^a. Silvana Aparecida Gregório Vidotti (UNESP)

Secretária: Dr^a. Maria Isabel de Sousa Barreira (UFBA)

CONSELHO FISCAL

Representante docente: Dr^a. Marisa Bräscher Basílio Medeiros (UFSC)

Representante docente: Dr^a. Marlene de Oliveira Teixeira de Melo (UFMG)

Representante discente: Dr^a. Cláudia Bucceroni Guerra (UFRJ)

DIRETORIA - 2013 A 2014

DIRETORIA

Presidenta: Dr^a. Isa Maria Freire (UFPB)

Vice-Presidenta: Dr^a. Lilian Maria Araújo de Rezende Álvares (UnB)

Secretária: Dr^a. Maria Isabel de Sousa Barreira (UFBA)

CONSELHO FISCAL

Representante docente: Dr^a. Marisa Bräscher Basílio Medeiros (UFSC)

Representante docente: Dr^a. Júlia Gonçalves da Silveira (UFMG)

Representante discente: Dr^a. Alegria Célia Benchimol (UFPA)

DIRETORIA - 2015 A 2016

DIRETORIA

Presidenta: Dr^a. Renata Maria Abrantes Baracho Porto (UFMG)

Vice-Presidente: Dr. Guilherme Ataíde Dias (UFPB)

Secretária: Dr^a. Simone da Rocha Weitzel (UFRJ)

CONSELHO FISCAL

Representante docente: Dr. Valdir José Morigi (UFRGS)

Representante docente: Dr. Rogério Mugnaini (USP)

Representante discente: Dr. José Carlos Sales dos Santos (UFBA)

DIRETORIA - 2017 A 2018

DIRETORIA

Presidenta: Dr^a. Henriette Ferreira Gomes (UFBA)

Vice-Presidente: Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo (UFMG)

Secretário: Dr. Fernando César Lima Leite (UnB)

CONSELHO FISCAL

Representante docente: Dr^a. Marta Lígia Pomim Valentim (UNESP)

Representante docente: Dr^a. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque (UFPB)

Representante discente: Me. Igor Soares Amorim (UFSC)

DIRETORIA - 2018 A 2020

DIRETORIA

Presidente: Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (UEL)

Vice-Presidente: Dr. Henry Poncio Cruz de Oliveira (UFPB)

Secretário: Dr. Rodrigo Rabello da Silva (UnB)

CONSELHO FISCAL

Representante docente: Dr^a. Marta Lígia Pomim Valentim (UNESP)

Representante docente: Dr^a. Henriette Ferreira Gomes (UFBA)

Representante discente: Me. Anna Cristina Caldeira de Andrada Sobral Brisola (UFRJ)

Fonte: Site da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (2020).

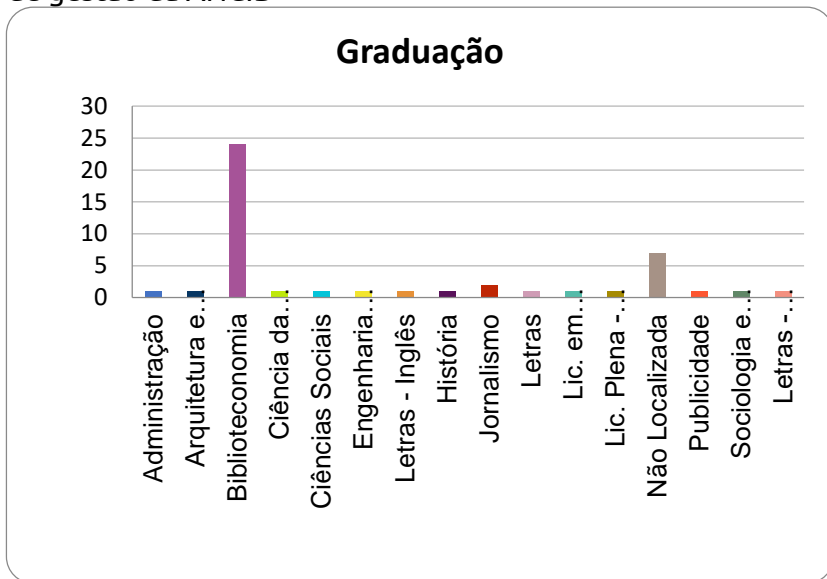
Ao observar os dados, a primeira Diretoria da ANCIB evidencia o protagonismo anteriormente identificado, com a ocupação da presidência pela Professora Dinah Aguiar Población (USP), em 1989, e de sua vice-presidente, Tânia Mara Botelho (UNB). A Diretoria também era composta pelo secretário geral, Aldo de Albuquerque Barreto (IBICT), a secretária Maria de Cléofas F. de Alencar (PUC-Campinas) e a tesoureira Johanna Wilhelmina Smit (USP). O Conselho Fiscal contava com os representantes docentes Wanda Paranhos (UFPR) e Eduardo Wense Dias (UFMG) e Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque (UFPB), como representante discente.

Ainda no quadro 01, é possível acompanhar a linha sucessória das Diretorias responsáveis pela ANCIB, ao longo dos últimos anos, com destaque para a presença das mulheres nessa trajetória e seu protagonismo social também na liderança, tendo em vista que elas estiveram presentes em todas as gestões e presidiram 10 das 13 diretorias eleitas. Ressalta-se, nessa dinâmica, que as pesquisadoras são mediadoras conscientes da informação, tendo a “mediação consciente da informação como categoria fundante do trabalho informacional, que favorece o desenvolvimento do protagonismo profissional e social” (GOMES, 2019a, p.187).

Ainda sob uma perspectiva quantitativa, dos 13 mandatos da Associação, dez foram presididos por mulheres, e as Diretorias dos períodos de 2006-2008, 2011-2012 e 2013-2014 foram gestões formadas somente por mulheres. Esses dados apontam a interferência da mediação consciente dessas mulheres como impulsionadora de compromissos e articulações dialógicas, como “fazer profissional em favor do desenvolvimento do protagonismo social”, como postula Gomes (2019a, p.187).

Continuando com a discussão, considerando a atuação das mulheres e a ligação direta da Biblioteconomia com a CI, em específico, sobre as mulheres que deram início aos estudos de pós-graduação e à Associação, consideramos pertinente demonstrar a formação acadêmica das 40 pesquisadoras que compuseram as Diretorias e o Conselho Fiscal da ANCIB, nos cargos de Presidenta, Vice-Presidenta, Secretária, Representante docente e discente, evidenciando a efetiva atuação da Biblioteconomia nesse processo, conforme explanado no gráfico 1:

Gráfico 01 – Área de formação em nível de graduação das pesquisadoras que compõem e/ou já compuseram os quadros de gestão da ANCIB



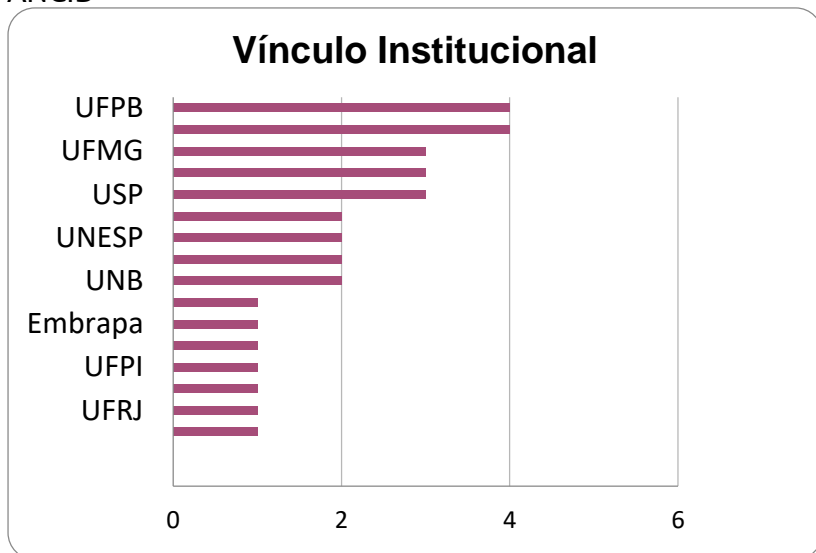
Fonte: Dados da pesquisa (2019-2020).

Os dados do gráfico 01 reforçam a ligação da Biblioteconomia com a Ciência da Informação e apontam que, entre as 40 pesquisadoras que compuseram as Diretorias da ANCIB, 25 são formadas em Biblioteconomia, o que reflete a predominância de mais de 60% das mulheres bibliotecárias.

Ademais, a categoria 'não localizada' incluiu seis pesquisadoras, cuja formação acadêmica não foi possível recuperar: Tânia Mara Botelho, Bernadete Santos Campello, Cecília Carmem Cunha Pontes, Selma Santiago, Marta Pinheiro Aun e Juliana do Couto Benfica.

A fim de observar a quais instituições essas mulheres se vinculavam/vinculam, mapeamos seus vínculos institucionais para verificar suas representações no âmbito da ANCIB. As instituições mapeadas estão dispostas no gráfico 01:

Gráfico 2 – Vinculação institucional das pesquisadoras da ANCIB



Fonte: Dados da pesquisa (2019-2020).

Quanto à vinculação, não foi possível identificar o vínculo institucional de sete pesquisadoras, porque não havia nenhum registro em seu **Currículo Lattes**. A partir do quantitativo identificado, inferimos que as instituições com o maior percentual de vinculação foram o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com quatro pesquisadoras vinculadas. Verificamos, no tocante à distribuição geográfica das instituições por região, que a maior parte das pesquisadoras está vinculada às instituições localizadas nas Regiões Sudeste, com dezesseis pesquisadoras; Nordeste, com sete; Centro-Oeste e Sul, com quatro, e Norte, com uma.

Para fazer um recorte mais preciso neste primeiro momento, concentramos a análise nas presidências da ANCIB, para elencar as cientistas que assumiram esse posto de destaque, apesar dos desafios para o acesso à Academia, da igualdade no campo científico e da ocupação do cargo da alta

gestão da Associação. Os dados estão expostos no quadro 02, em que se destacam as instituições às quais estão vinculadas e o período em que presidiram a ANCIB.

Quadro 02 – Instituição de vínculo, pesquisadoras(es), posição ocupada no Conselho Fiscal e período de mandato

Instituição	Pesquisadoras/es	Categoria	Período
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC)	1 - Dinah Aparecida de Mello Aguiar Población	Presidenta	1989-1991
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC)	2 - Dinah Aparecida de Mello Aguiar Población	Presidenta	1991-1993
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC)	3 - Solange Puntel Mostafa	Presidenta	1994-1996
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)	4 - Aldo de Albuquerque Barreto	Presidente	1997-2000
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)	5 - Aldo de Albuquerque Barreto	Presidente	2000-2003
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	6 - Regina Maria Marteleto	Presidenta	2003-2006
Universidade de Brasília (UnB)	7 - Marisa Brascher Basílio Medeiros	Presidenta	2006-2008
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	8 - Joana Coeli Ribeiro Garcia	Presidenta	2008-2010
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	9 - Isa Maria Freire	Presidenta	2011-2012

Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	10 - Isa Maria Freire	Presidenta	2013-2014
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	11 - Renata Maria Abrantes Baracho Porto	Presidenta	2015-2016
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	12 - Henriette Ferreira Gomes	Presidenta	2017-2018
Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP); Fundação para o Desenvolvimento do Ensino, Pesquisa e Extensão (FUNDEPE)	13 - Oswaldo Francisco de Almeida Júnior	Presidente	2018-2020

Fonte: Dados da pesquisa (2019-2020).

Como demonstrado no quadro 02, em trinta e dois anos de mandato, somente dois homens (3,44%) ocuparam a presidência da ANCIB. Tal dado evidencia o protagonismo social das mulheres.

A história da Biblioteconomia, com sua influência direta, também impactou na história da Ciência da Informação, tendo em vista que as duas áreas foram institucionalizadas pelo empenho de um grupo de mulheres que, por atuar em um campo feminizado, ocuparam um espaço legítimo e assumiram posições de liderança.

Assim, a presença das mulheres na Ciência da Informação é resultante de uma longa luta e de conquistas. De acordo com Oliveira e Bufrem (2019, p. 3), as mulheres têm

buscado exercer o papel de pesquisadoras e produtoras de conhecimento, porém sua visibilidade e reconhecimento na condição de cientistas “[...] têm sido ratificados a partir de estudos específicos, que evidenciam e disseminam as práticas culturais e informacionais da comunidade feminina”.

Concordamos com o pensamento de Crippa (2011) sobre a importância das mulheres como mediadoras da informação, tendo em vista a capacidade que a informação tem de promover o empoderamento das pesquisadoras em um conjunto de circulação de saberes institucionalizados. Elas são sujeitos da ação protagonista, e seus fazeres impactam no campo científico, construindo novos sentidos e significados na Ciência da Informação (GOMES, 2017).

Este artigo faz parte de um projeto mais amplo, conduzido pelas pesquisadoras, para visibilizar o protagonismo das mulheres na CI, de forma qualitativa, e abre perspectivas para refletir sobre um outro ponto – saber se esse mesmo percentual significativo de mulheres que lutaram/lutam pela consolidação institucional da área se reflete em seu reconhecimento teórico, no tocante aos aspectos de participação dessas mulheres nos indicadores de produtividade científicos, não só como autoras, mas também a partir de indicadores bibliométricos de citação nas comunicações acadêmicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa versou inicialmente sobre o protagonismo social das mulheres, no contexto da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, e apresentou concepções teóricas a respeito do protagonismo social, da informação e das relações de gênero, objetivando visibilizar e reconhecer o protagonismo das mulheres no escopo da Ciência da Informação.

Muitos avanços, no que concerne à participação das mulheres na sociedade, foram auferidos historicamente, porém ainda há muito para ser alcançado no que diz respeito à igualdade de gênero, em distintos âmbitos sociais, como,

por exemplo, no campo científico. As ações empreendidas pelos movimentos feministas, salvaguardando as especificidades históricas e sociais, foram (são) fundamentais para que as mulheres tivessem direito ao voto, ao acesso ao mercado de trabalho e à educação. Acessar as instituições de ensino superior brasileiras e atuar em igualdade de condições nesse espaço ainda é um desafio para muitas mulheres, em especial, quando se articulam os marcadores sociais de gênero, raça e classe social.

Assim, postulamos que as pesquisadoras que compuseram a diretoria da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação são sujeitos da ação protagonista, foram (são) mediadoras conscientes da informação, o que impactou a produção de conhecimentos na CI e subverteram sistemas de poder, alicerçadas em representações, discursos e signos pautados na invisibilidade e na suposta falta de capacidade cognitiva das mulheres para o exercício das atividades científica, administrativa e política. As práticas das pesquisadoras caminharam em direção contrária às normas hegemônicas de gênero, porque construíram e compartilharam processos de resistência.

É imprescindível frisar que o protagonismo social das mulheres na Ciência da Informação não se materializa unicamente na diretoria da ANCIB. Há décadas, em diferentes campos da CI, pesquisadoras têm atuado subvertendo padrões hegemônicos de gênero que dificultam a presença igualitária das mulheres no campo científico. Considera-se, entretanto, que ocupar a diretoria de uma associação importante da área configura-se como uma conquista significativa que deve ser visibilizada, pois as práticas da direção da associação, consensuadas com a comunidade científica da CI, impactam a consolidação e a estruturação do campo científico.

Outros aspectos relevantes sobre os quais se deve refletir articulam-se ao fato de que muitos são os estudos que delineiam a informação como uma ação transformadora das relações e dos problemas sociais, mas ainda são poucas as produções que articulam a CI com os marcadores sociais da

diferença, assim como é importante refletir sobre a caracterização étnico racial das pesquisadoras. Portanto é fundamental propagar a reflexão sobre as categoriais sociais gênero, raça, classe social e regionalidade, em interface com o fenômeno informacional, assim como sua inclusão como disciplinas dos Cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.

Por fim, salienta-se que esta pesquisa é uma aproximação inicial na caminhada para visibilizar o protagonismo social das pesquisadoras na Ciência da Informação. Salvaguardando as especificidades, as histórias e as trilhas de cada pesquisadora, que serão temas de futuras pesquisas, concebe-se que sua *práxis*, seus desafios e sua resiliências para se constituírem como sujeitos de direitos no campo científico contribuíram muito para a construção e a consolidação da Ciência da Informação e inspiram reflexões para novos estudos.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Olhar sobre os 20 anos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p.3-28, jan./dez. 2009.

BIBLIOTECA NACIONAL. Relatório em que o Sr. Dr. Carlos Maximiliano Pereira dos Santos Ministro da Justiça e Negócios Interiores apresentou, em 7 de abril de 1916, o diretor geral interino, Dr. Aurélio Lopes de Souza. **Annaes da Bibliotheca Nacional**. Rio de Janeiro, v. 38, p. 348-372. 1916.

BLAKEMORE, Erin. The father of modern libraries was a serial sexual harasser. **History**, 2018. Disponível em: <https://www.history.com/news/the-father-of-modern-libraries-was-a-serial-sexual-harasser>. Acesso em: 25 jun 2020.

BOLZANI, Vanderlan da. 'Mulheres na ciência: por que ainda somos tão poucas?'. **Ciência e Cultura** 69, v. 4, p. 56–59, 2017.

CARNEIRO. Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CÔRTEZ, Gisele Rocha; MARTINS, Gracy Kelli. O protagonismo social das mulheres no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba. *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima. **Protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2019. p. 61-82.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, 1989, pp. 139-167.

CRIPPA, Giulia. O pensamento da diferença e a mediação da informação institucional em bibliotecas públicas: considerações teóricas sobre mediação de gênero. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 4, n 1, 2011.

ELSEVIER. **Gender in the Global Research Landscape**. Online: Elsevier, 2017. Disponível em: https://www.elsevier.com/__data/assets/pdf_file/0008/265661/ElsevierGenderReport_final_for-web.pdf. Acesso em: 30 abr. 2020.

FELTRIN, Tascieli; BATISTA, Natália Lampert; CORREA, Guilherme Carlos; BECKERL, Elsbeth Léia Spode. O Século XX para o Feminismo no Brasil. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 4, fev. 2018.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 189-201, 2003.

FORD, Anne Bringing Harassment out of the History Books: addressing the troubling aspects of Melvil Dewey's legacy. **American Libraries**, 2018.

FOSTER, Paula. Pandemia acentua disparidade de gênero no mundo científico. **CNN Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/05/27/pandemia-acentua-disparidade-de-genero-no-mundo-cientifico>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FREIRE, Isa Maria; ALVARES, Lillian. 25 anos da ANCIB: relatos sobre sua história e contribuição para a área de Ciência da Informação no Brasil. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v.6, n.2, jul./dez. 2013.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação consciente da informação: categoria fundante ao protagonismo profissional e social. *In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês; ROMEIRO, Nathália Lima (Orgs.). O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação*. Florianópolis, SC: Ed. Rocha, 2019a. p. 187-205.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo Social e Mediação da Informação. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5 n. 2, p.10-21, mar./ago. 2019b.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e protagonismo social: relações com vida activa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. *In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira. (Orgs.). Informação e protagonismo social*. Salvador: EDUFBA, 2017. cap. 2, p. 27-44.

GONZALEZ, Lélia. "A categoria político-cultural de amefricanidade". **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

HARAWAY, Dona. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p. 7-41. 2009.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Estudos Feministas**, São Paulo, v. 1, p. 7-31. 1993.

KREMER, Jeannette Marguerite. A formação dos bibliotecários nos Estados Unidos. **Palavra-chave**, São Paulo, n.3, p.17-19, 1983.

LETA, Jacqueline. Mulheres na ciência brasileira: desempenho inferior? **Feminismos**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 139-152, set./dez. 2014.

MARTUCCI, Elisabet Márcia. A feminização e a profissionalização do Magistério e da Biblioteconomia: **perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 2, 1996.

MELO, Hildete Pereira de; RODRIGUES, Ligia. Pioneiras da ciência no Brasil: uma história contada doze anos depois. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 70, n. 3, p. 41-47, jul. 2018.

MULIN, Rosely Bianconcini. **Cultura e bibliotecas em São Paulo: o pioneirismo de Adelpha Figueiredo**. 2012. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

ODDONE, Nanci. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a Ciência da Informação no Brasil. **Ciência da Informação**. Brasília, v.35, n.1, p.45-56, jan./abr., 2006.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, DF, v. 5, p. 68-77, 2011.

OLIVEIRA, Ana. Lúcia Tavares; BUFREM, Leilah, Santiago. Visibilidade da mulher como fonte de informação: mapeamento das produções científicas apresentadas no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (2009 – 2018). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC; ancib, 2019.

PEDRO, Cláudia Bragança; GUEDES, Olegna de Souza. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. *In*: SIMPÓSIO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 1., 2010, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. *In*: GOMES, Henrriete Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira. (Org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11-26.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Relações de gênero e a profissão bibliotecária no Brasil. **Cadernos BAD (Portugal)**, n. 1, p. 157-171, 2016.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Cenário da Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil: influências e tendências. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação; UFBa 2007.

RAGO, Margareth. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? *In*: COSTA, Ana Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Barcelar. (Orgs.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR); Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), Universidade Federal da Bahia, 2002. v.8. (Coleção Bahianas).

SCHIEBINGER, Londa. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. Apresentação de Maria Margaret Lopes. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v. 15, 2008

SOUZA, Beatriz Alves de. **O gênero na Biblioteconomia**: percepção de bibliotecárias/os. 2014. 270 p. Tese (Doutorado em estudos de gênero) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

SOUZA, Conceição. **Feminização das migrações**: o protagonismo social das mulheres migrantes. 2019. Disponível em: <https://www.lacon.uerj.br/novo/index.php/2019/05/24/feminizaca-o-das-migracoes-o-protagonismo-social-das-mulheres-migrantes/>

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990.

VELHO, Lea, LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 10, p. 309-344, 1998.

PROFISSIONAIS BRASILEIRAS DA BIBLIOTECONOMIA NO CONTEXTO DAS *STARTUPS*

Priscila Machado Borges Sena
Ana Clara Cândido
Ursula Blattmann



1 INTRODUÇÃO

Startups podem ser compreendidas como um tipo de empresa inovadora que busca solucionar problemas, mesmo sem sucesso garantido (INOMATA, 2017; SENA, 2020), ou seja, iniciativas novas sem histórico anterior de operações (BALA SUBRAHMANYA, 2015; BALA SUBRAHMANYA; 2017; SENA, 2020). Assim, se apresentam em busca de um modelo de negócios viável, repetível e escalável (BLANK, 2007).

Pesquisas sobre o contexto das *startups* têm aumentado nas diferentes áreas do conhecimento. De acordo com Sena (2020), como fenômeno social, a temática ganha maior enfoque a partir de 2004, destacando-se em 2018 e 2019, anos que tanto mundialmente como nacionalmente o índice de publicações chegou a 22 e 23 artigos respectivamente. Número que reflete o anseio do corpo científico em compreender e disseminar conhecimentos que permitam a análise do fenômeno em suas inúmeras esferas.

Nessa perspectiva, a temática também tem ganhado ascensão em estudos na área de Ciência da Informação no Brasil, pois verifica-se que de 2016, ano que consta a primeira pesquisa focada em *startups*, no maior evento nacional da área, Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), a 2019, ocorreu o aumento de um para dez trabalhos disseminados (SENA, 2020).

Diante disso, este capítulo apresenta o estudo em que se propôs o objetivo de identificar profissionais brasileiras da área de Biblioteconomia, presentes no contexto das *startups*, tanto no que concerne a publicações científicas, quanto no que diz respeito a atuação em *startups* como integrantes ou empreendedoras.

Para o alcance do objetivo proposto descreve-se na seção a seguir o percurso metodológico realizado para a obtenção dos dados teóricos, bem como a distribuição de questões no instrumento elaborado e utilizado para a coleta dos empíricos. Logo após, apresenta-se os resultados por meio da abordagem das pesquisas relacionadas a *startups*,

realizadas por bacharelas em Biblioteconomia, e a atuação destas em *startups*.

Destaca-se que neste capítulo as terminologias profissionais da e bacharelas em Biblioteconomia são atribuídas às mulheres graduadas ou com graduação em andamento no curso de Biblioteconomia, independentemente de estar ou não com registro ativo em um Conselho Regional de Biblioteconomia. Essa decisão foi tomada, devido muitas profissionais, embora graduadas na área não serem contratadas efetivamente como bibliotecárias.

Posto isso, aborda-se as atividades e competências mais comuns observadas entre as participantes da pesquisa, sendo a construção do instrumento de coleta dos dados pautada em pesquisas e atuação de bacharelas em Biblioteconomia no contexto das *startups*. E por fim, são descritas as considerações finais deste estudo.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Classifica-se esta pesquisa como exploratória e descritiva, de natureza aplicada, com análises quantitativas e qualitativas de dados bibliográficos e empíricos por meio de estudo de campo.

Deste modo, em um primeiro momento realizou-se buscas em bases de dados nacionais, com a finalidade de encontrar produção científica de bacharelas em Biblioteconomia relativa a *startups* no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação. E em um segundo momento se aplicou questionário, com vistas a identificar profissionais da área atuantes no contexto das *startups*.

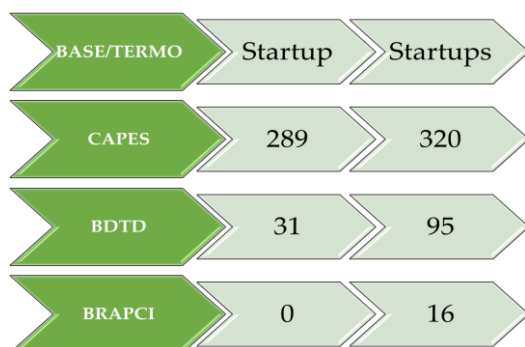
2.1 DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Os dados da produção científica sobre *startups* foram obtidos em: Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI); Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e; Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES).

A primeira por permitir a recuperação abrangente no cenário brasileiro de documentos da área de Ciência da Informação e as demais por viabilizar encontrar pesquisas consideradas de literatura cinzenta.

A busca foi realizada em 11 de abril de 2020, com a utilização dos termos **startup** e **startups**. O total de documentos recuperados constam na Figura 1.

Figura 1 – Quantidade de documentos recuperados por base de dados referentes aos termos **startup** e **startups**



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

O número de documentos recuperados na CAPES e na BDTD relacionou-se a não estar restringidos a área de Ciência da Informação. Quando se restringiu, o total de documentos caiu para sete em ambas bases, sendo que os recuperados com o termo **startup**, constaram nos que retornaram ao termo **startups**.

No que concerne aos documentos recuperados na BRAPCI, optou-se após a busca por restringir aos que foram publicados em revistas científicas. Ou seja, excluiu-se trabalhos oriundos de eventos devido na maioria das vezes apresentarem somente andamentos de pesquisas, e não pesquisas completas.

Dessa forma, o portfólio abarcou 7 teses e dissertações (Quadro 1) e 7 artigos (Quadro 2), em um total de 14 pesquisas.

Quadro 1 – Teses e dissertações recuperadas na CAPES e na BDTD, relativas a *startups* no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil.

Autoria	Título	Grau	Instituição	Ano
BRUNO, Luciana	Empreendedores de <i>startups</i> e trabalho imaterial no capitalismo cognitivo	Mestrado	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)	2018
FERREIRA, Eric de Paula	A influência do ambiente político-legal sobre a cadeia de valor da inovação do ecossistema de <i>startups</i> de Minas Gerais	Doutorado	Universidade FUMEC	2019
FONSECA, Flavia de Souza Magalhaes	Uso de fontes de informação por gestores de <i>startups</i>	Mestrado	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	2017
FONSECA, Kleber Netto	A relação da inovação, do empreendedorismo corporativo e da gestão do conhecimento com o desempenho organizacional sob a percepção dos empreendedores de	Mestrado	Universidade FUMEC	2017

Autoria	Título	Grau	Instituição	Ano
	<i>startups</i> de tecnologia da informação			
INOMATA, Danielly Oliveira	Redes Colaborativas em ambientes de inovação: uma análise dos fluxos de informação	Doutorado	Universidade Federal de Santa Catarina	2017
SILVA, David Augusto	Compartilhamento do conhecimento, inovação e desempenho organizacional: um estudo com empreendedores de empresa de base tecnológica	Mestrado	Universidade FUMEC	2018
SILVA, Elaine Drumond Pires	Criação de valor em organizações financeiras: uma análise a partir da relação entre tecnologia de informação, gestão do conhecimento e inovação	Mestrado	Universidade FUMEC	2017

Dados da pesquisa (2020).

Quadro 2 – Documentos recuperados na BRAPCI, relativas a *startups* no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil.

Autoria	Título	Ano	Fonte
BARRETO, Laís Karla da Silva; VEIGA NETO, Alípio Ramos; VASCONCELOS, Francisca Simonely de; COSTA, Raquel Priscyla da Silva	<i>Startups</i> e o consumo de comunicação: possibilidades por variáveis de influência em redes sociais digitais	2017	Comunicação & Informação
BATTISTI, Anselmo; QUANDT, Carlos Olavo	A influência da inovatividade e do financiamento sobre o resultado em web <i>startups</i> brasileiras	2018	Revista P2P e INOVAÇÃO
FONSECA, Flávia de Souza Magalhães; BARBOSA, Ricardo Rodrigues; PEREIRA, Frederico César	Uso de fontes de informação por gestores de <i>startups</i>	2019	Perspectivas em Ciência da Informação
SENA, Priscila Machado Borges; BLATTMANN, Ursula; TEIXEIRA, Clarissa Stefani	Ecossistema de <i>Startups</i> em Florianópolis: possibilidades para profissionais da Biblioteconomia	2017	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
SENA, Priscila Machado Borges; VIANNA, William Barbosa; BLATTMANN, Ursula	Aproximações conceituais entre informação, tecnologia e inovação no contexto das <i>startups</i> : desafios interdisciplinares para Ciência da Informação	2019	Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação

SILVA, Eduardo Graziosi; COLETTA, Teresinha das Graças; LAROCCA, Ana Paula Camargo	Guia de fontes de informação para <i>startups</i>	2019	Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação
SILVA, Mariana Pereira da; GABIATTI, Larissa Lara; MACEDO, Marcelo; GERGES, Nina Rosa Cruz	Gestão do conhecimento e inovação em <i>startups</i> Catarinenses	2019	Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Quadro 3 – Autoras com formação em Biblioteconomia identificadas na produção científica brasileira relativa a *startups* no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Nome	Instituição da graduação	Ano de conclusão	Grau atual	Atuação
Danielly Oliveria Inomata	Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	2005	Doutora	Docente/Pesquisadora
Priscila Machado Borges Sena	Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)	2009	Doutora	Pesquisadora
Teresinha das Graças Coletta	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	1982	Mestra	Assessora Administrativa
Ursula Blattmann	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	1986	Doutora	Docente/Pesquisadora

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Contudo, para a análise da produção científica, nas teses e dissertações selecionou-se aquelas que foram realizadas por autoras com formação em Biblioteconomia, bem como nos artigos, aqueles que apresentaram ao menos uma autora com formação na referida área no corpo de autores. Assim, visualiza-se no Quadro 3 as autoras identificadas.

Diante dos resultados obtidos, seguiu-se para a elaboração do questionário para a coleta dos dados empíricos, conforme detalha-se na próxima subseção.

2.2 DOS DADOS EMPÍRICOS

Para a coleta dos dados empíricos elaborou-se um questionário pautado nas pesquisas oriundas das pesquisadoras identificadas da área de Biblioteconomia, bem como em pesquisas basilares para abordagem e detalhamento de conceitos e práticas específicas.

Encaminhou-se um pré-teste do questionário com vistas a checar sua receptividade e possíveis correções e ou melhorias a serem realizadas, entre os dias 25 e 28 de abril de 2020. Três profissionais atuantes em setores relacionados a inovações tecnológicas responderam e deram seus *feedbacks*, que de maneira geral foram positivos e sem demarcação de grandes alterações.

Na sequência o questionário foi disponibilizado online por meio do serviço Formulários Google⁶¹, com o título “Profissionais da Informação em *Startups*” e o seguinte texto de abertura:

Este questionário foi elaborado com o objetivo de identificar profissionais da Arquivologia, Biblioteconomia, Gestão da Informação, Museologia, e Ciência da Informação como um todo, do Brasil atuantes no contexto das *startups*.

⁶¹ Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>.

Dessa forma, está dividido em quatro seções, a saber:

SEÇÃO 1/4 – Localidade e formação com cinco questões.

SEÇÃO 2/4 – *Startup* de atuação com seis questões.

SEÇÃO 3/4 – Competências com sete questões.

SEÇÃO 4/4 – Características pessoais com três questões.

- As questões que apresentarem asterisco (*) são de resposta obrigatória para o término de uma seção e início da próxima.

- As questões que apresentarem escala são de resposta obrigatória em todas as opções.

- O tempo aproximado para responder ao questionário é de 10 minutos. Ao responder, você concordará com sua participação nesta pesquisa.

- O navegador recomendado para uma melhor visualização do questionário é o Google Chrome.

Agradecemos a sua atenção e colaboração!

Observa-se que no questionário buscou-se informações mais amplas que o corpus da pesquisa abordada neste capítulo, pois entendeu-se que este necessitava ser situado no todo para uma análise mais aprofundada da atuação das profissionais da Biblioteconomia em *startups*. Deste modo, a partir dos dados obtidos, nas próximas seções são realizadas as discussões dos resultados pertinentes ao objetivo desta pesquisa.

3 PESQUISAS RELACIONADAS A *STARTUPS*

Inicia-se esta seção com a pesquisa realizada por Inomata (2017) em sua tese de doutorado, que embora não tenha tratado diretamente de *startups*, abordou as redes colaborativas em ambientes de inovação para a gestão da informação. Dessa maneira, o resultado alcançado pela pesquisadora reverbera para a busca de maior qualidade no processo de incubação de *startups* em ambientes de inovação, por meio dos produtos e serviços gerados por esse tipo de empresa a serem usufruídos pela sociedade.

Sena, Blattmann e Teixeira (2017) no artigo ecossistema de *startups* em Florianópolis: possibilidades para profissionais da Biblioteconomia, buscaram fornecer as competências necessárias aos profissionais da Biblioteconomia para atuarem em ecossistemas de *startups*, à luz das Competências para Profissionais da Informação da *Special Libraries Association* (SLA, 2016). Assim, detalharam seis competências pertinentes a ecossistemas de *startups*.

Já em um artigo mais recente de Sena, Vianna e Blattmann (2019), constou a busca por realizar aproximações conceituais entre informação, tecnologia e inovação no contexto das *startups*, como desafio à Ciência da Informação. A partir desta análise visualiza-se este desafio, ainda mais quando verificado em um corpo crescente de publicações, e produção empírica incipiente. Entretanto, como de forma geral a temática tem abordagem científica também recente, espera-se que a Biblioteconomia e Ciência da Informação possa se aprofundar mais em pesquisas relacionadas a *startups*.

Pesquisas que relacionem técnicas e serviços existentes a nova lógica das *startups* e seus ecossistemas, como a de Silva, Coletta e Larocca (2019) que abordaram um guia de fontes de informação para *startups* com as fontes de informação de acesso aberto e de acesso institucional disponíveis na Universidade de São Carlos. A partir da identificação das fontes de informação, o guia foi constituído

e distribuído em formato impresso e eletrônico para as *startups*, universidades e interessados.

Fica evidente nesses quatro artigos o entrelaçamento de teoria e prática realizado pelas autoras e suas redes de colaboração. Ademais, é possível verificar que embora distintas por objetivos e abordagens, as pesquisas têm em comum direta e indiretamente o anseio de compreender teoricamente e na prática a importância de uma cultura pautada em inovação.

Principalmente na inovação entendida como colaborativa, atendendo ao movimento da sociedade atual. No campo da inovação, a abordagem é caracterizada por meio do modelo de Inovação Aberta, no qual defende-se que as organizações podem e devem se beneficiar de ideias, tecnologias advindas do ambiente externo da mesma forma como a disponibilização dos seus para os parceiros estratégicos (CHESBROUGH, 2003). Esta troca e interação possibilita múltiplas atuações e fortalecimento das capacidades.

Este aspecto facilmente pode ser analisado sob prisma dos profissionais da informação que podem e poderão assumir posições de intermediadores no processo colaborativo entre organizações, sejam estas empresas privadas, públicas, universidades, clientes, fornecedores e assim por diante, conforme verifica-se na atuação específica das profissionais oriundas da Biblioteconomia no contexto das *startups*.

4 ATUAÇÃO DE BACHARELAS EM BIBLIOTECONOMIA EM STARTUPS

O dinamismo do ambiente das *startups* reforça a necessidade de um profissional proativo, com habilidades que vão além daquelas exigidas para o desempenho da função tecnicamente, neste caso, as *soft skills*, ganharam espaço no debate sobre a formação do profissional atuante no contexto da transformação digital.

As habilidades para o relacionamento interpessoal, resiliência, proatividade estão entre as características esperadas como perspectivas mais gerais no preenchimento de uma vaga.

Portanto, para além do que a universidade pode preparar por meio do currículo dos seus cursos, essas habilidades também se mostram cada vez mais pertinentes. Não apenas uma necessidade para os profissionais da informação, mas para os vários campos profissionais. No entanto, ressalta-se aqui o papel pertinente que as *soft skills* podem ter para complementar o conjunto de habilidades técnicas desempenhadas pelos profissionais da informação. Sendo esta uma combinação que poderá despontar ainda mais as potencialidades deste profissional no ambiente das *startups*.

Nesta seção é apresentado o mapeamento resultado desta pesquisa sobre a atuação dos profissionais da informação em *startups*, em específico as profissionais oriundas da Biblioteconomia. Os resultados logo demonstram o quanto tem se estado próximo do contexto, mas ainda não devidamente sinalizado pela área de Ciência da Informação no sentido de promover este ambiente como um campo de atuação profissional, tendo em vista este estudo ser o primeiro a realizar a análise.

Outro aspecto levantado na pesquisa é o tema da atuação feminina nos ambientes tecnológicos e do empreendedorismo. Uma matéria de novembro de 2019, do ecossistema de inovação Distrito (MULHERES..., 2019), evidenciou a baixa presença das mulheres entre fundadores de *startups*, segundo os dados da pesquisa abordada não há predominância de fundadoras mulheres em nenhum dos setores analisados. Os dados utilizados são baseados numa pesquisa conduzida pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) que verificou que apenas 36% das mulheres são donas de negócios no país. Ao longo dos anos várias iniciativas de empreendedorismo feminino têm surgido, com o intuito de gerar uma rede de apoio e promover mais o assunto no ambiente dos negócios, como é

o caso da iniciativa Mulheres ACATE da Associação Catarinense de Tecnologia (MULHERES ACATE, 2018), sediada em Florianópolis.

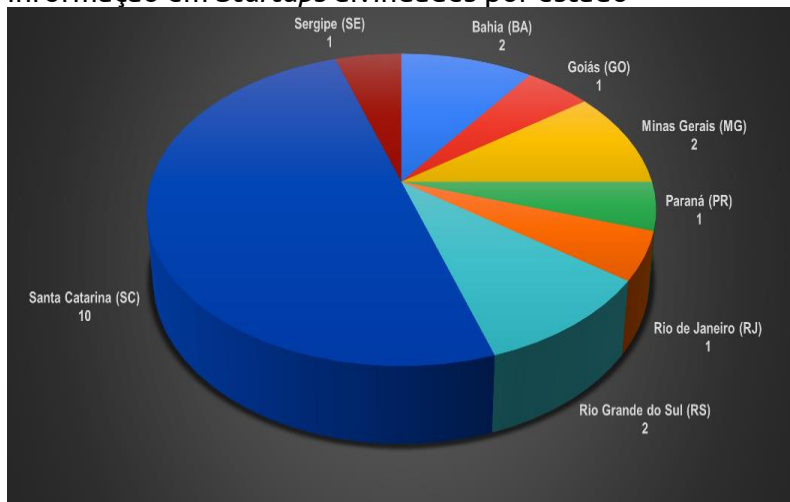
4.1 LOCALIDADE E FORMAÇÃO

Até o início da análise de dados deste capítulo, 11 de junho de 2020, havíamos obtido 29 respostas ao questionário lançado em 06 de maio de 2020. Sendo que, destas duas respostas foram excluídas devido não representar o corpus almejado.

Na Figura 2, identifica-se que a maioria das respondentes são atuantes na região Sul com o total de 13, seguidas da região Sudeste e Nordeste, com três cada. A região Centro Oeste também consta com uma respondente. Dessa forma, a única região em que não se obteve respondente foi a Norte.

O fato de grande parte das respondentes atuarem na região Sul, em específico em Florianópolis pode ter relação com as diversas iniciativas de fomento à inovação desenvolvidas na cidade e estado de Santa Catarina como um todo. Conforme *Ranking Connected Smart Cities*, desenvolvido pela Urban Systems verifica-se que Florianópolis consta na segunda posição no que concerne aos indicadores tecnologia e inovação, e economia (URBAN SYSTEMS, 2019).

Figura 2 – Respondentes do questionário Profissionais da Informação em *Startups* divindades por estado

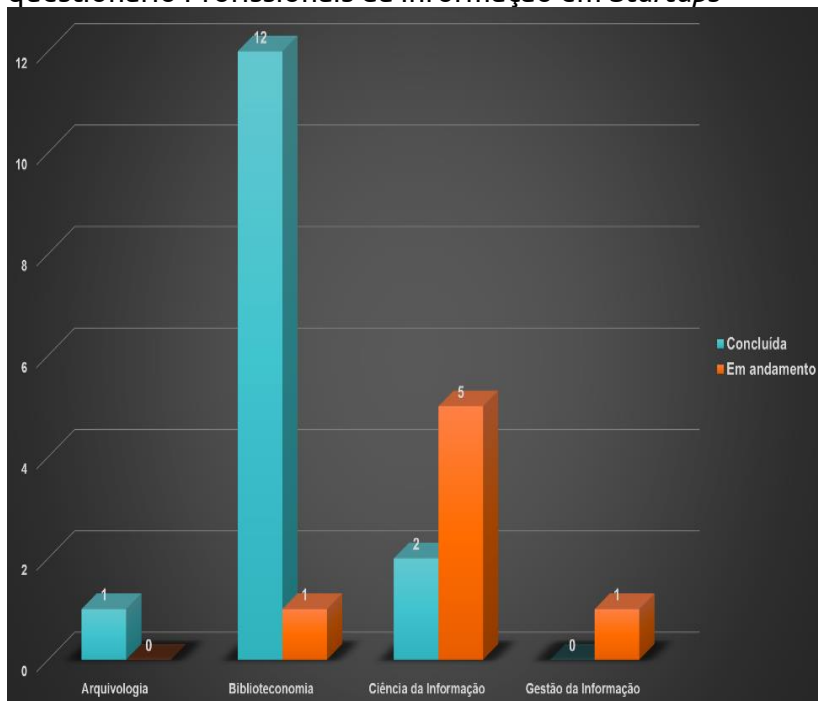


Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Quando se restringe as respostas as bacharelas em Biblioteconomia, o número reduz para 13 profissionais, sendo elas distribuídas pelas cidades: Florianópolis (4), Caxias do Sul (1), Três de Maio (1), Feira de Santana (1), Salvador (1), Goiânia (1), Belo Horizonte (2), Rio de Janeiro (1), Aracaju (1). Torna-se pertinente mencionar o número maior obtido em capitais, esta situação pode ser justificada pela incidência maior dos polos tecnológicos nesses ambientes e consequentemente uma presença mais acentuada de *startups*.

Em relação as graduações, visualiza-se na Figura 3 que o número de respondentes maior é originado da área de Biblioteconomia, quando comparado as outras áreas compreendidas como integrantes da Ciência da Informação. O que lança luz a um possível desconhecimento sobre a possibilidade de atuar em *startups*, bem como sobre o conceito desse tipo de empresa.

Figura 3 – Cursos de graduação das respondentes do questionário Profissionais da Informação em *Startups*



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

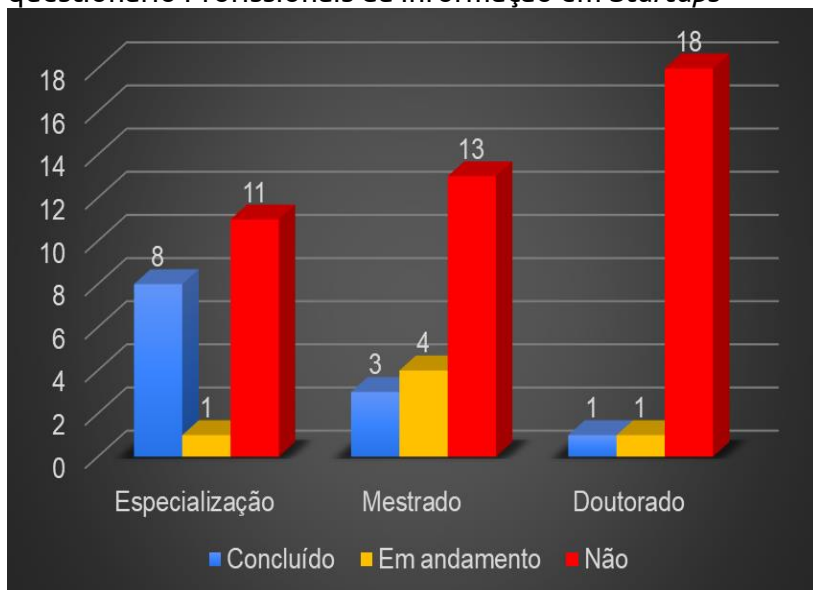
Sobre as **instituições** onde realizaram a graduação estão: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) 10; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) 2; Universidade Federal da Bahia (UFBA) 2; Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) 1; Universidade Federal do Paraná (UFPR) 1; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) 1; Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) 1; Universidade Federal de Goiás (UFG) 1; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) 1.

Ressalva-se que das respondentes da Biblioteconomia, duas apresentaram graduação em andamento e uma concluída em Ciência da Informação, uma graduação em andamento em Letras Língua Portuguesa e Literatura

Brasileira, e uma graduação concluída em Administração Tecnólogo.

Em relação aos cursos de pós-graduação quando do corpus abrangente, visualiza-se na Figura 4 a distribuição.

Figura 4 – Cursos de pós-graduação das respondentes do questionário Profissionais da Informação em *Startups*



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Quando se trata especificamente das bacharelas em Biblioteconomia têm-se descritos no Quadro 4 os cursos e instituições. Informa-se que o destaque em azul é para uma visualização mais rápida dos níveis de pós-graduação.

Quadro 4 – Detalhamento dos cursos de pós-graduação das respondentes do questionário Profissionais da Informação em *Startups*

Especialização	Mestrado	Doutorado	Curso	Instituição
Concluído	Em andamento	Não		Borges de Mendonça Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Concluído	Não	Não	Marketing	Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)
Concluído	Concluído	Não	Especializações Mestrado	Faculdades Integradas de Jacarepaguá (FIJ) Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC AC) Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Concluído	Não	Não	Metodologia do Ensino Superior Gestão da Inovação Tecnologia	Instituição de Ensino Superior (IES) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMG)
Concluído	Não	Não	Educação profissional	Instituto Associação da Vila Militar (AVM)
Concluído	Concluído	Concluído	Mestrado em Ciência da Comunicação	Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP)

Especialização	Mestrado	Doutorado	Curso	Instituição
			Doutorado em Ciência da Informação	
Concluído	Não	Não	Leitura e Produção Textual	Universidade de Caxias do Sul (UCS)
Concluído	Não	Não		ComSchool: Cursos de Marketing Digital e E-commerce
Em andamento	Não	Não	Gestão de Documentos e Informação	Faculdade Unyleya
Não	Concluído	Em andamento	Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Não	Em andamento	Não		Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Não	Em andamento	Não	Ciência da Informação	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Não	Em andamento	Não	Gestão da Informação	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Nota-se que todas as respondentes apresentaram algum curso de pós-graduação, seja uma especialização, mestrado ou doutorado concluídos ou em andamento. Já em nível doutorado constou uma com concluído e uma em andamento.

Quanto aos cursos e instituições mais frequentes das pós-graduadas, identifica-se que o mais frequente é o de Ciência da Informação. Em relação as instituições, as que mais aparecem são UFSC, UDESC e UFMG, com duas respondentes cada.

4.2 *STARTUPS* DE ATUAÇÃO

Sobre a função que ocupam, as participantes responderam: Bibliotecária (3); Consultora (1); CEO/Idealizadora e Coproprietária (2); Líder Técnica (1); Monitoramento (1); Analista de dados (1); *Product Manager*(1); Orientação a busca de dados (1); *Product Owner*(1); Especialista em Gestão Estratégica de Informação e Conhecimento (1).

As *startups* da CEO/Idealizadora e Coproprietária, têm até dois anos de existência, com no máximo cinco pessoas fazendo parte. Das participantes, oito atuam em *startups* com mais cinco anos de existência. Trabalham com equipes na grande maioria com até 10 pessoas, seguidas de equipes com mais de 40 pessoas, e entre 11 e 30 pessoas.

Dos principais **modelos de negócios** das *startups*, os mais frequentes são SaaS (Software as a Service) e B2B (*Business to business*) com **seis** cada, B2C (*Business to Consumer*) com **quatro**, social com **dois**.

Considera-se que constaram outros modelos também, como: **B2G – Business to Government**, em que as transações são realizadas entre uma determinada empresa e o governo, caracterizando um perfil de relacionamento que segue normas e regras, por exemplo, normalmente realizadas por meio de licitação. **Depende do cliente e do produto que vamos elaborar**, onde o escopo de atuação é mais amplo e as atividades são desenhadas seguindo o perfil do cliente

(atendendo escopos para clientes mais exigentes ou clientes iniciantes, por exemplo). **Fiscalização, Incubadora de Empresas de Base Tecnológica das Engenharias**, sendo este um campo interessante pela diversidade de assuntos e áreas que circulam e que o profissional da informação poderá contribuir seja no aspecto genérico ou no atendimento de forma personalizada.

Sobre o campo aberto para comentários, obteve-se:

Respondente 3: Faço monitoramento de *startups* incubadas e pre incubadas.

Respondente 6: No ramo da Agricultura

Respondente 7: O principal produto hoje é o Software, porém atualmente também trabalhamos com Consultoria de Marketing.

Respondente 10: Creio que seja típico dos profissionais de informação se dedicar ao empreendedorismo em start-ups do tipo B2B + B2G, que se preparam para trabalhar com atividades-meio em outras empresas ou para se engajar em concorrências públicas, em editais de órgãos públicos. Isso ocorre devido ao fato de que as atividades propostas são geralmente "atividades-meio".

Respondente 12: Fiscaliza o exercício da profissão médica

Em relação aos mercados das *startups*, a maioria se destina à educação, mas constaram: varejo e-commerce; agricultura e agropecuária; tecnologia; saúde; engenharias; organizações administrativas. No espaço aberto para comentários, registrou-se:

Respondente 10: Como nos dedicamos geralmente à atividades-meio, o segmento se torna mais importante em algumas especialidades que não se encontram elencadas na questão 10, como: Direito,

Ensino Superior, Preservação e Memória, Pesquisa e Desenvolvimento. A Gestão da Informação e do Conhecimento pode também trabalhar a partir de modelos mais genéricos, em outros tipos de empresas e organizações, pela predominância de documentos administrativos e dossiês tipificados na relação governo/empresa/cidadão.

Respondente 11: Nós desenvolvemos soluções para todo tipo de empresa

As bibliotecárias na função de CEO/Idealizadora e Coproprietária listaram como atividades: Desde elaboração de metodologias para organização da informação até elaboração de textos; Gerência de atividades relacionadas à preparação para o processo seletivo, tais como: entrevista com a pessoa candidata buscando entender suas aspirações; contato diário com as pessoas que recebem suporte; elaboração de síntese do edital; suporte na preparação da pessoa para prova escrita, via grupo de estudos; suporte e revisão de escrita de projetos; suporte no cumprimento de cronograma elaborado; contato com os prestadores de serviços; preparação da pessoa candidata para entrevista.

Sobre as motivações que as levaram a constituir uma *startup*, elas responderam:

Respondente 1: A ideia partiu da demanda que tínhamos para **auxiliar as pessoas negras** a entrarem no mestrado e/ou doutorado. [...] Assim, a [...] nasceu para dar esse suporte e trazer um atendimento que fosse personalizado, no qual cada pessoa e sua especificidade são tratadas com a devida atenção, respeitando o tempo de cada pessoa e seguindo um cronograma de planejamento de estudos, horários de leituras, entre outros.

Respondente 2: Já trabalhava há anos com consultoria. A **demissão** em um trabalho fez com que abrisse o negócio.

Quanto ao conhecimento da vaga/função na e para as *startups*, as respondentes registraram: em sua maioria que foram indicadas, devido sua atuação profissional (4); por meio da universidade (2); *startup weekend* (1); sites de empresas de tecnologia (2); instituição onde trabalha (2); recrutamento no LinkedIn (1).

Em relação as atividades que desempenham, constaram:

Respondente 3: Trabalho junto aos nossos clientes, desde a fase inicial, para alcançar os resultados desejados por eles através do Product Cloud, com foco na satisfação e na criação de novas cases de sucesso; proponho novas funcionalidades e produtos internos a partir do entendimento das necessidades dos clientes, usuários e stakeholders; faço consulta e análise exploratória de dados no Azure Databricks, com o uso de Spark SQL; realizo a priorização do backlog e escrita das job stories, além do planejamento das sprints e KR's de acompanhamento do time, compartilhando a visão do produto; gerenciamento técnico de equipes, visando a progressão e levantamento de novas lideranças.

Respondente 4: Alinhamento, estratégias, monitoramento, mídias.

Respondente 5: Analista de dados... melhoria de produto... programação... design de produto.

Respondente 6: - Definir a Estratégia de Produto e a Visão de longo prazo

- Priorização de backlog considerando mercado, concorrência e melhorias contínuas
- Realizar pesquisas com usuários utilizando protótipos
- Trabalhar com o time de engenharia de software e UX"

Respondente 7: Orientação a pesquisa e sites confiáveis e formatação segundo normas da ABNT

Respondente 8: "As atribuições de um Product Owner, Construir, aperfeiçoar e manter o Backlog da equipe;

Coordenar e gerenciar reuniões de planejamento de Sprints;

Ser a maior fonte de informações sobre as prioridades do projeto;

Indicar claramente os itens necessários do Product Backlog;

Encomendar os itens do Product Backlog e ajudar a atingir as metas;

Assegurar que o Product Backlog esteja visível, claro e transparente a todos;

Otimizar o valor do trabalho entregue pelo time de desenvolvimento;

Assegurar a qualidade da entrega do produto."

Respondente 9: Não trabalho. Conheço e forneço subsídio informacional para a *Startup* através da biblioteca (bases de dados).

Respondente 10: Coordenação

Respondente 11: Ao conhecer as instalações da empresa, seus espaços físicos, sua setorização, suas atividades-fim e sua cultura informacional, faço o diagnóstico das melhores soluções e passos para a implantação de modelos mais avançados e ergonômicos da Gestão da Informação e do Conhecimento. Minhas

prioridades, além da óbvia implantação do triptico TTD/PCD/Norma, é a construção de uma relação entre os produtores de informação, os suportes, o manejo e sua tramitação pelas idades. As soluções, quando implantadas, sempre deixaram as pessoas felizes, pois também proponho a explicitação de conhecimentos tácitos pela valorização das funções individualizadas e experiências de vida.

Respondente 12: Mapeamento de processos; Elaboração de POPs; Elaboração de tabelas de gestão informacional

Respondente 13: Levantamento de legislação na área da saúde como: portarias, pareceres, resoluções, leis, decretos, literatura, etc.

Algumas das atividades descritas foram mencionadas inclusive por Paula Azevedo Macedo em uma *live* transmitida pelo Web Conferência de Ciência da Informação e Biblioteconomia (WEBCONCIB), via rede social Instagram. Nesta, Macedo (2020) trouxe parte de sua trajetória até chegar ao cargo de *Head of UX Research* na Nubank, a única *startup* entre os nove unicórnios⁶² brasileiros com uma mulher entre seus fundadores (MULHERES...,2019).

4.3 COMPETÊNCIAS

Sobre os conhecimentos, habilidades e atitudes descritos, verifica-se consideração positiva para todos, de acordo com os Quadros 5, 6 e 7. O que comprova na prática as competências necessárias aos profissionais da Biblioteconomia para atuarem em ecossistemas de *startups*, à luz das Competências para Profissionais da Informação da

⁶² Para saber mais sobre *startup* unicórnio acesse: <https://blog.nubank.com.br/startup-unicornio/>.

Special Libraries Association, abordadas por Sena, Blattmann e Teixeira (2017).

Assim, têm-se com totalidade como “Concordo totalmente” e “Concordo” os **conhecimentos** b, d, h e j. Das **habilidades** constam a b e a f. E quanto as **atitudes**, as das letras b, c, d, e, f, h, i, j e l.

Apresentaram “Nem concordo, nem discordo” ou “Não se aplica”, os **conhecimentos** a, c, e, f, g, i, k, m, n, o. Quanto as **habilidades** constaram em b, c, d, h, i. Das **atitudes**, as das letras a, d, g, k.

E com alguma consideração negativa como “Discordo” e “Discordo totalmente”, os **conhecimentos** a, l; e as **habilidades** e, f, h.

Quadro 5 – Grau de consideração dos conhecimentos necessários a realização de atividades por profissionais da Biblioteconomia no contexto das *startups*

Conhecimentos	CT	C	NCND	D	DT	NA
a) Atendimento às necessidades de informação e conhecimento das organizações e comunidades.	8	3	1	1	0	0
b) Fornecimento de uma diversidade de serviços baseados na compreensão do comportamento da informação humana.	9	4	0	0	0	0
c) Avaliação holística da comunidade ou organização.	5	6	2	0	0	0
d) Uso tecnologias de informação e comunicação de forma eficaz para atender às necessidades de informação e conhecimento de suas comunidades e organizações.	12	1	0	0	0	0
e) Conhecimento profundo dos recursos de conteúdo (tipos de fontes e mídia) disponíveis para atender às necessidades das comunidades que servem.	7	4	1	0	0	1
f) Avaliação sistemática de recursos com potencial valor, priorizando a aquisição de recursos com base no julgamento do valor de cada recurso para a comunidade.	4	5	4	0	0	0

Conhecimentos	CT	C	NCND	D	DT	NA
g) Monitoramento do mercado de informações, negociando efetivamente com fornecedores de informações e fornecedores de conteúdo.	6	5	2	0	0	0
h) Identificação e obtenção de informações efetivamente, conforme necessário.	9	4	0	0	0	0
i) Aplicação de ferramentas e métodos de análise de informações para extrair significado e insights acionáveis das informações recuperadas.	11	1	1	0	0	0
j) Organização e gerenciamento recursos de dados, informações e conhecimento, de modo que sejam consideráveis, utilizáveis e acessíveis ao longo da vida definida.	7	6	0	0	0	0
k) Estabelecimento de políticas para a organização, preservação e retenção desses ativos, levando em consideração a missão e as necessidades operacionais de sua instituição.	5	6	2	0	0	0

Conhecimentos	CT	C	NCND	D	DT	NA
l) Estabelecimento de requisitos e procedimentos para metadados, com avaliação e adaptação dos padrões da indústria para sistemas de classificação e categorização, armazenamento e preservação, localização e conectividade para garantir que os ativos sejam devidamente gerenciados.	8	4	0	1	0	0
m) Integração de um forte fundamento moral e ético com um alerta para questões que comumente emergem no trabalho relacionado à informação e ao conhecimento.	7	4	2	0	0	0
n) Conhecimento e concordância com os padrões de conduta profissionais formulados por associações e organizações profissionais.	7	5	1	0	0	0
o) Conhecimento e concordância com o código de ética de seu empregador.	8	4	1	0	0	0

Fonte: Dados da pesquisa (2020). Legenda: Concordo Totalmente = CT, Concordo – C, Nem concordo, nem discordo = NCND, Discordo – D, Discordo Totalmente – DT, Não se aplica – NA.

Nos comentários abertos, obteve-se o seguinte:

Respondente 10: Sobretudo, a ética e o respeito à cultura são de vital importância. Toda inovação que não respeita a dignidade humana e retira o protagonismo de partes interessadas, na verdade torna-se pernicioso ao

desenvolvimento da sociedade. Quando falamos de gestão da informação e do conhecimento, não estamos buscando "1984", mas sim a criação de um ambiente no qual a espiral do conhecimento gire em favor de um ambiente corporativo que sirva à comunidade.

Quadro 6 – Grau de consideração das habilidades necessárias a realização de atividades por profissionais da Biblioteconomia no contexto das *startups*

Habilidades	CT	C	NCND	NC	DT	NA
a) Pensamento crítico, incluindo o raciocínio qualitativo e quantitativo	11	2	0	0	0	0
b) Iniciativa, adaptabilidade, flexibilidade, criatividade, inovação e resolução de problemas	11	1	1	0	0	0
c) Comunicação oral e escrita eficaz, incluindo habilidades de influência	11	0	1	0	0	1
d) Construção de relacionamentos, redes e colaboração, incluindo a capacidade de promover o respeito, a inclusão e a comunicação entre indivíduos diversos	9	3	1	0	0	0
e) Marketing	5	7	0	1	0	0
f) Liderança, gerenciamento e gerenciamento de projetos	7	5	0	1	0	0
g) Aprendizagem ao longo da vida	9	4	0	0	0	0
h) Desenho e desenvolvimento instrucional, ensino e orientação	7	3	1	1	0	1
i) Ética de negócios	8	4	1	0	0	0

Fonte: Dados da pesquisa (2020). Legenda: Concordo Totalmente = CT, Concordo – C, Nem concordo, nem discordo = NCND, Discordo – D, Discordo Totalmente – DT, Não se aplica – NA.

Nos comentários abertos, obteve-se o seguinte:

Respondente 10: De todas as habilidades e competências comentadas, talvez a ética seja a mais escassa e nebulosa. Enfrento profissionalmente o grande desafio de ministrar conteúdos de ética e deontologia. Sinto-me muitas vezes frustrada, pois os discentes que serão meus futuros colegas de profissão demonstram que o "pragmatismo" e a "empregabilidade" são mais importantes na escala de valores de sua geração, do que as boas práticas, cordialidade, urbanidade, respeito à dignidade humana. Parece que a vida se tornou a adoração de um grande "cifrão", é a nova religiosidade que substitui aquele discurso também tolo da ciência agnóstica. Agora, todos adoram o dinheiro e o sucesso e tudo se torna lícito para obtê-los.

Quadro 7 – Grau de consideração das atitudes necessárias a realização de atividades por profissionais da Biblioteconomia no contexto das *startups*

Atitudes	CT	C	NCND	NC	DT	NA
a) Altruísmo	6	5	2	0	0	0
b) Bom relacionamento interpessoal	11	2	0	0	0	0
c) Comprometimento	12	1	0	0	0	0
d) Curiosidade	10	2	1	0	0	0
e) Disposição	10	3	0	0	0	0
f) Empatia	11	2	0	0	0	0
g) Ousadia	6	3	4	0	0	0
h) Proatividade	12	1	0	0	0	0
i) Resiliência	11	2	0	0	0	0
j) Respeito	13	0	0	0	0	0
k) Temperança	9	3	1	0	0	0
l) Trabalho em equipe	13	0	0	0	0	0

Fonte: Dados da pesquisa (2020). Legenda: Concordo Totalmente = CT, Concordo – C, Nem concordo, nem discordo = NCND, Discordo – D, Discordo Totalmente – DT, Não se aplica – NA.

Nos comentários abertos, obteve-se o seguinte:

Respondente 10: Creio que, num ambiente corporativo tão individualista, o trabalho em equipe seja a atitude mais enigmática... Tenho visto o trabalho em equipe sendo confundido com a obediência cega ao chefe (que não é líder e nada explica), e a confiança dando lugar à servidão descomprometida.

A questão da ética apontada nos comentários da respondente 10 em relação as competências e habilidades, seguindo da importância do trabalho coletivo como uma importante atitude.

Quando indagadas sobre se as suas competências (conhecimentos + habilidades + atitudes) tiveram suporte do conteúdo abordado na graduação, as respostas foram:

Respondente 1: O curso **deixou** um pouco **a desejar** sobre a questão de entendimento da população que estou prestando serviços (**pessoas negras**, por exemplo) e suas especificidades (**vulnerabilidades e dificuldades**).

Respondente 2: Não. Na minha percepção, a graduação acaba sendo **uma bolha acadêmica**, com uma **teoria** muito tradicional e **pouco aplicada ao mercado de trabalho**, principalmente se tratando de organizações que não sejam bibliotecas.

Respondente 3: **Algumas disciplinas** orientam, contudo, experiência em empresa júnior, centro acadêmico, estágios auxiliaram a colocar em prática.

Respondente 4: **Um pouco**..vejo que na prática que a coisa pega.

Respondente 5: **Não**, faz muitos anos que formei (2012) e a profissão de

product manager estava no início. Minha **graduação foi focada em biblioteca**, eu utilizo quase nada do que aprendi em Biblioteconomia.

Respondente 6: Sem dúvida **principalmente as competências**.

Respondente 7: **Não**, os conhecimentos adquiridos foram através de cursos e meetup externos. São poucos **docentes acadêmicos atualizados** com as novas tendências do mercado de trabalho.

Respondente 8: Na **graduação não**, suporte na pós-graduação, principalmente na Especialização em Gestão da Inovação Tecnológica.

Respondente 9: **Poucas habilidades** em conhecimentos teóricos.

Respondente 10: [...] saí da graduação **muito bem capacitada**, com carga de criticidade profissional e uma significativa rede de contatos. Fui tão bem sucedida que servi de inspiração para outras pessoas. [...] Creio que existem **dois tipos de desafios** para os docentes da atualidade: um se refere aos **recursos informacionais** em relação às **competências informacionais dos discentes**; o outro se refere à **identificação dos discentes com a profissão** da informação e seus fazeres.

Respondente 11: De certa forma, a graduação **nos prepara de uma forma muito geral**, mas nos dá a possibilidade de criar novos caminhos, por assim dizer, o **network que eu tive com professores** foi de muita valia no que eu atuo hoje.

Respondente 12: O conteúdo abortado na graduação **não me deu suporte adequado**. **Faltou muito** conteúdo a ser abordado que infelizmente fizeram

muita falta e prejudicou muito minha profissionalização.

Respondente 13: Muito sobre o que aprendemos, realmente **adquirimos no decorrer da experiência profissional** (estágios e empregos) e a vivência da própria vida.

Em relação a quais competências adquiridas na formação poderiam ser consideradas diferenciais para a atuação no contexto das *startups*, verifica-se as seguintes respostas:

Respondente 1: Preparação de **projetos de pesquisa**; Saber **buscar, utilizar e interpretar** fontes de informação.

Respondente 2: **Raciocínio lógico**

Respondente 3: Talvez o conhecimento sobre **linguagens de indexação**, onde há uma noção de ambiguidade, termos proibidos e **tesauros**.

Respondente 4: **Gestão do conhecimento**

Respondente 5: **Resiliência**, educação, empatia, **organizar**, comunicação.

Respondente 6: Eu acredito que o conceito de focar nas **necessidades do usuário** é utilizado quando trabalhamos com produtos digitais.

Respondente 7: Bases para **pesquisa científica** da Biblioteconomia.

Respondente 8: **Organização** da informação e do conhecimento, técnicas de **pesquisa**, **espírito investigativo**, **Gestão** de Unidades de informação.

Respondente 9: Conhecimento das **Tecnologias de informação e comunicação**, em **Propriedade intelectual**, **Pesquisa** em bases de dados.

Respondente 10: **Proatividade**. Trabalho em equipe. Respeito. **Pontualidade**, dentre outras.

Respondente 11: Creio que, além dos conhecimentos especializados, a **prática de ontológica** seja meu maior trunfo. Quem me chama já sabe que vou trabalhar com equipes multidisciplinares, valorizar a contribuição de todos profissionais, defender a presença dos graduados nas especialidades requeridas, disseminar o conhecimento e explicitar (registrar+disseminar) as soluções locais e a cultura institucional.

Respondente 12: O **pensamento crítico** do uso da Informação, as questões voltadas as **classificações e indexação, estudos de usuários.**

Respondente 13: **Comprometimento, Empatia, Proatividade** e Trabalho em equipe.

Quando indagadas sobre se sentiram dificuldades para trabalhar no contexto das *startups* e solicitadas a descrevê-las se sim, ou detalharem informações de suas possíveis boas inserções, a maioria das respondentes (10) registraram que não, sendo que a respondente 10 detalhou:

Respondente 10: **Tenho contato** com a área de **tecnologia** desde o segundo período da graduação por meio de estágios profissionais. Logo, **tenho experiência** com as dinâmicas, metodologias, processos e linguagens.

Sobre as respondentes que registraram sim, as respostas que constaram:

Respondente 1: Dificuldades de **precificar serviços**, já que presto serviços para uma população em vulnerabilidade econômica, social e educacional. Dificuldades em **oferecer serviços**

personalizados quando todos querem que se crie um modelo de negócios que seja replicado para vários lugares.

Respondente 10: Termos **técnicos** adequados.

Respondente 13: Falta de conhecimento da área e dos materiais com a qual a unidade de informação trabalhava.

Concorda-se com Paletta e Moreiro-González (2020), ao abordarem que em uma economia alicerçada no capital intelectual e de relacionamento, torna-se essencial a realização de pesquisas para avaliar como a inovação, progresso científico e transformações tecnológicas podem contribuir na criação de valor e na definição de fatores de desempenho – potencial aporte da Ciência da Informação.

No processo de formação cada pessoa possui um repertório sociocultural e ao agregar com a experiência profissional os desdobramentos evoluem para a educação continuada, a flexibilidade e adaptabilidade aos contextos políticos, econômicos e educacionais. Observa-se a importância de um currículo em compasso da atualidade e sua pluralidade para facilitar o entendimento da sociedade, e principalmente de um mercado de trabalho mutante.

Na Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho (CBO) são descritas as atividades dos Profissionais da Informação, família do agrupamento 2612 (BRASIL, 2002). No Quadro 8 apresenta-se um compilado das informações da CBO, devido sua importância e possibilidade de registrar a consonância com áreas e atividades descritas pelo Ministério do Trabalho.

Quadro 8 – Compilado das Atividades dos Profissionais da informação da família ocupacional 2612 da Classificação Brasileira de Ocupações

Areas	Atividades
A - DISPONIBILIZAR INFORMAÇÃO EM QUALQUER	A.1 - Localizar informações A.2 - Recuperar informações A.3 - Prestar atendimento personalizado A.4 - Elaborar estratégias de buscas avançadas A.5 - Intercambiar informações e documentos A.6 - Controlar circulação de recursos informacionais A.7 - Prestar serviços de informação on-line A.8 - Normalizar trabalhos técnico-científicos

<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">B - GERENCIAR UNIDADES, REDES E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO</p>	<p>B.1 - Elaborar programas e projetos de ação</p> <p>B.2 - Projetar custos de serviços e produtos</p> <p>B.3 - Implementar atividades cooperativas entre instituições</p> <p>B.4 - Administrar o compartilhamento de recursos informacionais</p> <p>B.5 - Desenvolver planos de divulgação e marketing</p> <p>B.6 - Desenvolver políticas de informação</p> <p>B.7 - Projetar unidades, redes e sistemas de informação</p> <p>B.8 - Automatizar unidades de informação</p> <p>B.9 - Desenvolver padrões de qualidade gerencial</p> <p>B.10 - Controlar a execução dos planos de atividades</p> <p>B.11 - Elaborar políticas de funcionamento de unidades, redes e sistemas de informação</p> <p>B.12 - Controlar segurança patrimonial da unidade, rede e sistema de informação</p> <p>B.13 - Controlar conservação do patrimônio físico da unidade, rede e sistema de informação</p> <p>B.14 - Avaliar serviços e produtos de unidades, redes e sistema de informação</p> <p>B.15 - Avaliar desempenho de pessoas em unidades, redes e sistema de informação</p> <p>B.16 - Desenvolver planos de segurança ambiental</p> <p>B.17 - Controlar a aplicação do plano de segurança ambiental</p> <p>B.18 - Elaborar relatórios</p> <p>B.19 - Buscar patrocínios e parcerias</p> <p>B.20 - Contratar assessorias</p> <p>B.21 - Elaborar manuais de serviços e procedimentos</p> <p>B.22 - Participar da elaboração de planos e carreiras</p> <p>B.23 - Analisar tecnologias de informação e comunicação</p> <p>B.24 - Administrar consórcios de unidades, redes e sistemas de informação</p>
---	---

Áreas	Atividades
	B.25 - Administrar recursos orçamentários B.26 - Implantar unidades, redes e sistemas de informação
C - TRATAR TÉCNICAMENTE RECURSOS	C.1 - Registrar recursos informacionais C.2 - Classificar recursos informacionais C.3 - Catalogar recursos informacionais C.4 - Elaborar linguagens documentárias C.5 - Elaborar resenhas e resumos C.6 - Desenvolver bases de dados C.7 - Efetuar manutenção de bases de dados C.8 - Gerenciar qualidade e conteúdo de fontes de informação C.9 - Gerar fontes de informação C.10 - Reformatar suportes C.11 - Migrar dados C.12 - Desenvolver metodologias para geração de documentos digitais ou eletrônicos

Áreas	Atividades
D - DESENVOLVER RECURSOS INFORMACIONAIS	D - DESENVOLVER RECURSOS INFORMACIONAIS D.1 - Elaborar políticas de desenvolvimento de recursos informacionais D.2 - Selecionar recursos informacionais D.3 - Adquirir recursos informacionais D.4 - Armazenar recursos informacionais D.5 - Avaliar acervos D.6 - Inventariar acervos D.7 - Desenvolver interfaces de serviços informatizados D.8 - Descartar recursos informacionais D.9 - Conservar acervos D.10 - Preservar acervos D.11 - Desenvolver bibliotecas virtuais e digitais D.12 - Desenvolver planos de conservação preventiva
E - DISSEMINAR INFORMAÇÃO	E.1 - Disseminar seletivamente a informação E.2 - Compilar sumários correntes E.3 - Compilar bibliografia E.4 - Elaborar clipping de informações E.5 - Elaborar alerta bibliográfico E.6 - Elaborar boletim bibliográfico

Áreas	Atividades
F - DESENVOLVER ESTUDOS E PESQUISAS	F.1 - Fazer sondagens sob demanda informacional F.2 - Coletar informações para memória institucional F.3 - Elaborar dossiês de informações F.4 - Elaborar pesquisas temáticas F.5 - Elaborar levantamento bibliográfico F.6 - Acessar bases de dados e outras fontes em meios eletrônicos F.7 - Realizar estudos cientométricos, bibliométricos e infométricos F.8 - Elaborar trabalhos técnico-científicos F.9 - Analisar dados estatísticos F.10 - Coletar dados estatísticos F.11 - Elaborar estudos de perfil de usuário e comunidade F.12 - Desenvolver critérios de controle de qualidade e conteúdo de fontes de informação F.13 - Analisar fluxos de informações F.14 - Elaborar diagnóstico de unidades de serviço

Áreas	Atividades
G - PRESTAR SERVIÇOS DE ACESSORIA E	G.1 - Prestar assessoria técnica a publicações G.2 - Subsidiar informações para tomada de decisões G.3 - Assessorar no planejamento de espaço físico da unidade de informação G.4 - Participar de comissões de normatização G.5 - Realizar perícias G.6 - Elaborar laudos técnicos G.7 - Realizar visitas técnicas G.8 - Assessorar a validação de cursos G.9 - Participar de atividades de biblioterapia G.10 - Preparar provas para concursos G.11 - Participar de bancas de concursos
H - REALIZAR DIFUSÃO CULTURAL	H.1 - Promover ação cultural H.2 - Promover atividades de fomento à leitura H.3 - Promover eventos culturais H.4 - Promover atividades para usuários especiais H.5 - Organizar atividades para a terceira idade H.6 - Divulgar informações através de meios de comunicação formais e informais H.7 - Organizar bibliotecas itinerantes H.8 - Promover atividades infanto-juvenis

Áreas	Atividades
I - DESENVOLVER AÇÕES EDUCATIVAS	I.1 - Capacitar o usuário I.2 - Capacitar recursos humanos I.3 - Orientar estágios I.4 - Elaborar serviços de apoio para educação presencial e à distância I.5 - Ministrar palestras I.6 - Realizar atividades de ensino I.7 - Participar de bancas acadêmicas
Z - DEMONSTRAR COMPETÊNCIAS PESSOAIS	Z.1 - Manter-se atualizado Z.2 - Liderar equipes Z.3 - Trabalhar em equipe e em rede Z.4 - Demonstrar capacidade de análise e síntese Z.5 - Demonstrar conhecimento de outros idiomas Z.6 - Demonstrar capacidade de comunicação Z.7 - Demonstrar capacidade de negociação Z.8 - Agir com ética Z.9 - Demonstrar senso de organização Z.10 - Demonstrar capacidade empreendedora Z.11 - Demonstrar raciocínio lógico Z.12 - Demonstrar capacidade de concentração Z.13 - Demonstrar pró-atividade Z.14 - Demonstrar criatividade

Fonte: Brasil (2002). Observação: Elaborado pelas pesquisadoras (2020)

Diante dos dados e abordagens apresentadas, verifica-se convergência no que concerne as competências esperadas e requeridas de profissionais da Biblioteconomia. Pois nota-se mais mudanças nas nomenclaturas atribuídas e inovações tecnológicas disponíveis que nas próprias competências. Reflexão que pode ser pertinente nas atualizações dos currículos dos cursos de graduação, no sentido de pensar uma formação para profissionais que atendam a sociedade e tornem-se protagonistas nas constantes mutações do mercado.

4.4 CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

Em relação a cor/raça das respondentes, a maioria se reconhece como branca, no total de **dez**, assim têm-se somente **uma** representante negra, **uma** parda e **uma** amarela. Nenhuma se reconheceu como indígena.

Quanto às faixas etárias verifica-se uma distribuição diversificada, embora evidencie-se que as respondentes em sua maioria estão com idades entre 21 e 40 anos. Deste modo, **quatro** responderam estar entre 21 e 30 anos, **quatro** entre 31 e 40 anos, **três** entre 41 e 50 anos, e **duas** entre 51 e 60 anos.

Sobre deixar registrado algum comentário adicional, obteve-se dois:

Respondente 7: O fato de ser focado em *startup*, acaba deixando de fora alguns profissionais da informação atuando em grandes empresas. Acredito que se fosse falado no contexto de tecnologia poderia captar mais profissionais.

Respondente 10: Gostei da organização dos indicadores e espero que os índices obtidos sejam bem aproveitados no desenvolvimento das hipóteses ou premissas estudadas. Foi muito agradável participar.

Conforme o objetivo na pesquisa macro Profissionais da Informação em *Startups*, e o objetivo neste capítulo, almejou-se propositalmente somente o público atuante no contexto das *startups*. Dessa forma espera-se que este capítulo contribua para embasar o quanto esse cenário vem sendo apropriado pela Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Quando indagadas se gostariam de receber os resultados da pesquisa, apenas quatro assinalaram negativamente. O que permite inferir que as profissionais da Biblioteconomia têm interesse em contribuir e conhecer mais sobre essa atuação em teoria e prática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificar profissionais brasileiras da área de Biblioteconomia, presentes no contexto das *startups*, tanto no que concerne a publicações científicas, quanto no que diz respeito a atuação em *startups* como integrantes ou empreendedoras tratou-se do objetivo que norteou a pesquisa abordada neste capítulo. Porém, mesmo com a descrição dos resultados centrada no público mulheres, a coleta dos dados possibilitou a participação de outros profissionais no campo da Ciência da Informação.

Centrando-se na atuação das graduadas em Biblioteconomia nas *startups* os resultados evidenciam a participação mais acentuada destas profissionais em atividades de desenvolvimento de produtos e interação com o cliente no sentido de identificar necessidades e potenciais soluções. Este *insight* da pesquisa aproxima-se ao desempenho da área de gestão da informação, sendo estas atividades marcadas pelas etapas do modelo processual da informação do Choo (2003). Este resultado é evidenciado nas respostas sobre os conhecimentos necessários para a atuação no ambiente em causa, tendo um grau de incidência significativo nas respostas por meio de “Concordo totalmente” e “Concordo”.

Por outro lado, a contribuição destas profissionais também é percebida no que tange à identificação e melhor

uso das fontes de informação, sendo um dos grandes ganhos das equipes de trabalho contar com esta expertise. Torna-se importante mencionar neste ponto que a habilidade com as fontes de informação, característica marcante pela formação de base destas profissionais, atrelada ao ambiente tecnológico das *startups* corresponde uma personalização e adaptação no cenário em causa.

Entre as atitudes consideradas pelas profissionais no cenário das *startups*, foram principalmente mencionados o trabalho em equipe, respeito, proatividade e comprometimento. Quando se considera as *soft skills* esperadas para os profissionais adaptarem-se às mudanças do ambiente e do mercado é notável um alinhamento com a realidade já percebida pelas profissionais respondentes.

Além disso, estas atitudes corroboram com o caráter de interdisciplinaridade da atuação de profissionais da informação, na qual muitas vezes desempenham funções de suporte às várias equipes e setores de uma organização.

Por fim, a necessidade de ampliar a visão sobre a atuação de profissionais oriundos da Biblioteconomia ficou evidente nas respostas das entrevistadas, na qual mencionam a formação acadêmica com pouca permeabilidade com o mercado empresarial. No caso da Biblioteconomia, as aplicações práticas provavelmente estejam ainda centradas diretamente ao ambiente das bibliotecas. E aqui defende-se não uma alteração na formação e atuação bibliotecária, mas sim uma ampliação do campo de visão. Um resultado interessante deste exercício será a maior presença da área no ambiente das *startups* ou mesmo em ecossistemas de inovação & tecnologia, compondo um elo importante com profissionais de áreas mais técnicas, como é o caso da Computação e Sistemas de Informação.

REFERÊNCIAS

BALA SUBRAHMANYA, Mungila Hillemane. New generation start-ups in India: what lessons can we learn from the past. **Economic and Political Weekly**, v. 50, n. 12, p. 56-63, mar. 2015.

BALA SUBRAHMANYA, Mungila Hillemane. Comparing the entrepreneurial ecosystems for technology *startups* in Bangalore and Hyderabad, India. **Technology Innovation Management Review**, v. 7, n. 7, jul. 2017.

BLANK; Steve; DORF; Bob. **The startup owner's manual**: the step by step guide for building a great company: the customer development Manifesto. [s. l.]: K & S Ranch, 2012.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações. CBO 2002**. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CHESBROUGH, Henry. The logic of open innovation: managing intellectual property. **California Management Review**, v. 45, n. 3, p. 33-58, 2003.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac São Paulo, 2003.

INOMATA, Danielly Oliveira. **Redes colaborativas e ambiente de inovação**: uma análise dos fluxos de informação. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Florianópolis: Universidade Federal de Santa, 2017.

MACEDO, Paula Azevedo. Arquitetura da Informação e Experiência do Usuário. **Web Conferência de Ciência da Informação e Biblioteconomia**, 2 jun. 2020.

MULHERES ainda são minoria entre os fundadores de *startups*. **Distro**, São Paulo, 19 nov. 2019. Business.Dataminer. Disponível em: <https://distrito.me/mulheres-minoria-fundadores-startup/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MULHERES ACATE. **O que é o programa**. 2018. Disponível em: <https://www.acate.com.br/programas/mulheres-acate/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

PALETTA, Francisco Carlos; MOREIRO-GONZÁLEZ, José Antonio. A informação e o entorno digital: competências e habilidades do profissional da informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 13, n. p. 327-338, jan. 2020.

SENA, Priscila Machado Borges. **Fontes de informação no ecossistema de startups de Florianópolis**. 2020. 323 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Florianópolis: Universidade Federal de Santa, 2020.

SENA, Priscila Machado Borges; BLATTMANN, Ursula; TEIXEIRA, Clarissa Stefani. Ecossistema de *startups* em Florianópolis: possibilidades para profissionais da Biblioteconomia. **RBBB**: Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 13, p. 2571-2588, 2017.

SENA, Priscila Machado Borges; VIANNA, William Barbosa; BLATTMANN, Ursula. Aproximações conceituais entre informação, tecnologia e inovação no contexto das *startups*. **RDBCI**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 17, p. 1-19, 2019.

SILVA, Eduardo Graziosi; COLETTA, Teresinha das Graças; LAROCCA, Ana Paula Camargo. Guia de fontes de informação para *startups*. **RDBCI**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 17, p. e019022-e019022, 2019.

URBAN SYSTEMS. **Ranking connect smart cities**. 2019. Disponível em: <https://www.urbansystems.com.br/rankingconnectedsmartcities>. Acesso em: 20 abr. 2020.

AS MULHERES BIBLIOTECÁRIAS E AS ESTRATÉGIAS PARA ATRAIR OS NÃO-USUÁRIOS INTERNOS DA BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS – MMFDH⁶³

Flor de María Silvestre Estela

⁶³ Registro minha gratidão à gestora da biblioteca do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (MMFDH), Márcia Rocha de Aguiar, cujas leituras e contribuições em versões prévias deste capítulo foram inestimáveis para sua realização. Também registro meus agradecimentos ao Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (Ibict), na pessoa de Milton Shitanku, a cargo da Coordenação de Articulação, Geração e Aplicação de Tecnologia (Cotec), que fez possível migrar os sistemas integrados de gestão de bibliotecas. Desnecessário dizer que os erros que, por ventura, permanecem na versão final do capítulo são de minha inteira responsabilidade.



1 INTRODUÇÃO

O presente estudo de caso foi desenvolvido no contexto do estabelecimento da Biblioteca Especializada em Direitos Humanos no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (BMMFDH). O estudo foi dividido em duas etapas: a primeira etapa dedicou-se ao processo de estruturação e a segunda às ações de publicitação da BMMFDH. Após a conclusão da primeira etapa, que previa o processo de organização e automação dos acervos, se fez necessário identificar estratégias de *marketing* a fim de colocar em prática a segunda fase, que consiste em dar visibilidade e difundir os produtos e serviços ofertados pela BMMFDH a seus potenciais usuários internos e externos.

Surgiram as seguintes perguntas “Como se comunicar com os usuários da Biblioteca da BMMFDH?”, “Como conquistar a sua atenção para os produtos e serviços oferecidos?”. Considerando que a BMMFDH foi criada recentemente, o seu público alvo é constituído de potenciais usuários que desconhecem a sua existência, aos quais Estela (2019) define como aqueles que nunca foram à biblioteca, não conhecem os serviços e produtos e não sabem se esses recursos poderão servir para satisfazer as suas necessidades de informação. Os potenciais usuários são denominados como não-usuários internos, ou seja, os servidores e colaboradores do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH).

Nesse contexto cabe pensar em quais estratégias utilizar para dar projeção aos serviços de informações da Biblioteca do MMFDH e novas perguntas surgem: A criação de um *site* para biblioteca e a utilização de redes sociais conseguirão a visibilidade desejada junto aos não-usuários? Quais estratégias utilizar para suscitar o interesse desse público em utilizar os serviços da BMMFDH? Acredita-se que a adoção de ações de *marketing*, com as estratégias adequadas, é possível ajudar os gestores de bibliotecas, a avaliar o seu ambiente, seus produtos e serviços e assim projetar a imagem das unidades de informação.

Sendo assim, foi proposto um desafio às bolsistas do projeto de pesquisa, bibliotecárias e estudantes de biblioteconomia, que atuam na estruturação da BMMFDH. Foi solicitado que fizessem uma reflexão sobre os produtos ofertados e quais seriam as novas ideias ou projetos que poderiam ser implementados a fim divulgar os serviços da Biblioteca. Foi utilizada a metodologia de pesquisa exploratória e qualitativa, com a aplicação de um questionário com perguntas semiestruturadas, com o objetivo de levantar insumos para subsidiar a tomada de decisão em relação às ações que podem ser desenvolvidas com o intuito de suscitar o interesse dos não-usuários internos em considerar os serviços e produtos oferecidos pela BMMFDH, como fonte de informação a ser consultada.

Assim sendo, esse estudo teve por objetivo descrever as estratégias e ferramentas de *marketing*, levantadas pelas bolsistas, que os gestores da Biblioteca do MMFDH poderão utilizar para atrair os não-usuários internos da Biblioteca.

O estudo de caso, é de caráter descritivo, de abordagem qualitativa e se deu por meio de aplicação de questionário a 9 (nove) profissionais da área de biblioteconomia que atuam no projeto de estruturação da Biblioteca do MMFDH, semiestruturadas. Para a análise dos dados foi adotada a técnica de análise de conteúdo. No transcorrer deste capítulo será descrito o processo de formação da biblioteca e da equipe de trabalho, predominantemente feminina, assim como serão descritos as 4 Ps do *marketing mix* focado no componente de promoção.

O primeiro passo a ser executado após a criação de uma biblioteca é torná-la visível para a instituição a qual pertence, neste caso o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. A BMMFH foi constituída com o objetivo de gerir a memória técnica do Ministério e atuar como prestadora de serviços informacionais para o MMFDH e Secretarias vinculadas.

2 A PRESENÇA FEMININA NO PROJETO DA BIBLIOTECA DO MMFDH

A biblioteconomia, ao longo de seu desenvolvimento, sempre foi associada a uma atividade essencialmente exercida por mulheres. Nas últimas décadas o país passou por importantes transformações demográficas, culturais e sociais que tiveram grande impacto sobre o trabalho feminino, conseqüentemente no trabalho das bibliotecárias, que nesse processo de transformação contribuíram para a construção e desenvolvimento da área como ciência e profissão. O propósito deste artigo é apresentar a contribuição feminina na estruturação da Biblioteca Especializada de Direitos Humanos do MMFDH.

Após finalização dos trâmites de estabelecimento do projeto voltado a sistemas para a gestão da informação, foram selecionados bolsistas para o desenvolvimento dos trabalhos no projeto. Por meio de contatos com professores da Faculdade de Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UNB), que atuam com consultoria para o IBICT, foram indicados profissionais qualificados para serem entrevistados.

Durante a primeira seleção de bolsistas, foi possível constatar o “domínio” das profissionais do gênero feminino na área de Gestão da Informação, uma vez que apenas mulheres atenderam à convocatória. Nesse processo foram selecionadas uma doutora em Ciência da Informação e uma graduada em Biblioteconomia, ambas formadas na UNB, que se juntaram à servidora do MMFDH e a uma mestranda em Ciência da Informação, proveniente de projeto anterior com o IBICT. Desta forma, no primeiro núcleo de trabalho estabelecido, é possível perceber o protagonismo feminino, uma vez que a equipe foi constituída 100% por mulheres.

Por meio de convocatórias realizadas na escola de Biblioteconomia da UNB e *posts* divulgados nas redes sociais de alunos e professores, bibliotecários e estudantes de biblioteconomia participaram de novas seleções que

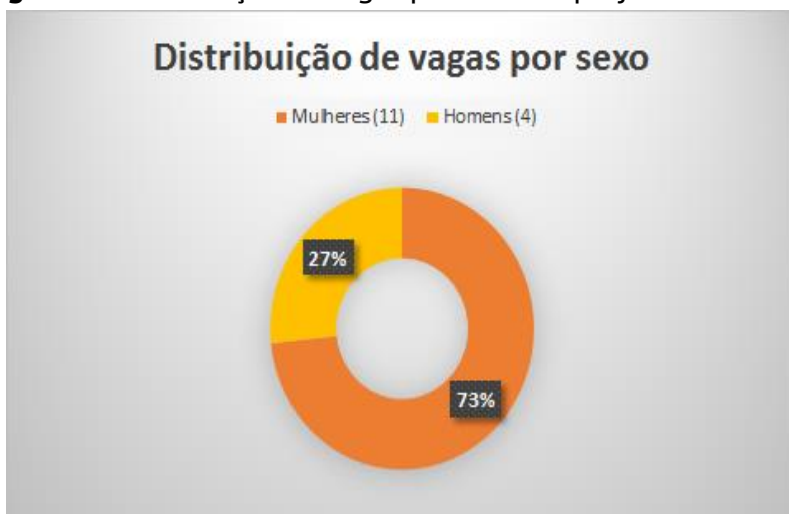
ocorreram ao longo dos primeiros meses do projeto para a constituição da força de trabalho.

Atualmente a equipe é constituída de 15 (quinze) profissionais da área de Biblioteconomia. Uma servidora do MMFDH, com especialização em Inteligência Competitiva, com ênfase em Gestão do Conhecimento e 14 (quatorze) bolsistas do IBICT, com as seguintes formações:

- 1 (uma) Doutora em Ciência da Informação;
- 1 (um) Doutorando em Ciência da Informação;
- 1 (uma) Mestranda em Ciência da Informação;
- 2 (duas) Graduadas em Ciência da Informação;
- 9 (nove) Graduandos em Biblioteconomia, sendo 6 (seis) mulheres e 3 (três) homens.

Observa-se na Figura 1 que as vagas do projeto estão distribuídas 73% (11) para mulheres e 27 % (4) para homens, corroborando para a imagem construída historicamente da Biblioteconomia ser uma profissão eminentemente feminina.

Figura 1 - Distribuição de vagas por sexo no projeto



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Historicamente o profissionalismo é representado em estruturas institucionais masculinizadas onde tem se perpetuado o controle masculino das estruturas de poder. Golub (2009), em estudo sobre o mercado de trabalho dos profissionais da Ciência da Informação nos Estados Unidos, constatou que, embora seja uma carreira predominantemente feminina, nota-se cada vez mais a presença masculina nos cargos de gestão. Apesar de representarem uma minoria, os bibliotecários, do sexo masculino, assumem posições de níveis mais elevados ao longo da carreira, de modo a se sobressair galgando cargos de coordenador de seção, até de diretor da biblioteca.

Essa situação não ocorre no contexto desse projeto de pesquisa, mas auxilia na reflexão da hierarquia de gênero na profissão, demarcando o lugar que o homem e a mulher devem ocupar. Dessa forma é possível pensar de que as mulheres deverão continuar sendo a maioria na profissão nos próximos anos, uma vez que continuam a representar a maioria dos estudantes de Biblioteconomia.

Por meio das análises do perfil da equipe do projeto de pesquisa, para este estudo de caso, é possível aferir que esse ambiente reflete a realidade do mercado de trabalho, onde a Biblioteconomia continua a figurar entre as 'profissões ditas femininas'.

Na Biblioteconomia, entendemos a predominância feminina como um dos fatores que contribuem para ser uma carreira que não corresponde aos padrões sociais de uma profissão reconhecida, bem remunerada e de prestígio; portanto, tem o gênero como elemento estruturador de suas práticas. (...) Desse modo, vale apenas ressaltar a importância de se utilizar a categoria gênero para estudar determinadas profissões. (SOUSA, 2014, p. 234)

Com a incorporação das tecnologias na biblioteconomia, mudou o perfil dos bibliotecários, especificamente da mulher bibliotecária que agora se desmitifica e assume funções de liderança e empreendedorismo na área.

3 AS 4 PS DE MARKETING COMO ESTRATÉGIAS PARA BIBLIOTECAS

Ao pensar em estratégias de comunicação orientada para conquistar atenção para os serviços de gestão da informação em uma instituição, definitivamente é pensar em *marketing* da informação para as bibliotecas. Sendo assim, o *marketing* da informação pode ser considerado um instrumento gerencial da unidade de informação, que a partir de estratégias, e planos criteriosos e criativos, irá divulgar a prestação de serviços especializados e personalizados da biblioteca, visando suprir as necessidades de informação dos usuários internos e externos interessados nas temáticas.

Amaral (2008), ao fazer referência ao *marketing* da informação, indica que as bibliotecas, comprometidas com a oferta de produtos e prestação de serviços de informação, são considerados unidades de informação por se tratarem de organizações e sistemas que integram suas organizações mantenedoras e não existem de forma independente do seu órgão mantenedor. As autoras apresentam os exemplos de uma videoteca de uma empresa privada e a biblioteca de um hospital público, que atendem respectivamente, a funcionários da empresa e a equipe hospitalar. Nesse contexto a BMMFDH presta serviços personalizados aos funcionários do Ministério, que é seu mantenedor.

Marketing Mix

Há controvérsia com relação à origem do termo *marketing mix*, embora tenha sido Neil Borden, em 1949, o autor que acunhou as 12 (doze) atividades principais de

marketing: planejamento de produto, preço, canal de distribuição, propaganda, promoção, marca, embalagem, exposição, manejo físico, serviço, venda pessoal e análise dos fatos, foi McCarthy (1960) quem reduziu as 12 (doze) variáveis nas 4 (quatro) clássicas e criou o amplamente conhecido conceito de *marketing mix* ou 4 Ps: **P**roduto, **P**reço, **P**raça e **P**romoção popularizando-se o conceito como os 4 Ps de *Marketing*.

O *marketing mix*, também conhecido como, composto de *marketing*, 4 Ps de *marketing* ou *marketing* mercadológico, poderá ser aplicado uma vez que se tenha definido o segmento do público a ser atendido. A respeito, Amaral (2004) esclarece que a aplicação das técnicas de *marketing* pressupõe que, definidos os mercados e os seus segmentos a serem atendidos, após análise dos consumidores desse mercado, pode ser desenvolvido o composto de *marketing*, também conhecido como composto mercadológico ou *marketing mix* e que é composto por quatro elementos, conhecido como os "4 Ps". São eles: Produto, Preço, Praça Promoção".

Produto

De acordo com Kotler (1998), o produto caracteriza-se como a "oferta tangível da empresa para o mercado, que inclui qualidade, *design*, característica, marca e embalagem", tudo aquilo que pode ser oferecido aos clientes com o propósito de um benefício.

Preço

Segundo Kotler (1998), preço é o volume de dinheiro cobrado por um produto ou serviço, é a soma dos valores que os consumidores trocam pelo benefício de possuírem ou usarem um produto ou serviço. O único elemento do composto de *marketing* que gera receita, os outros elementos geram custos.

Praça

Local de distribuição. É a maneira de disponibilizar os produtos ou serviços aos consumidores ou usuários. Em relação aos canais de distribuição, também é preciso pensar na logística, como tornar o produto visível no mercado, etc. Para Kotler (2005), quanto maior o número de canais disponíveis para uma organização distribuir os seus produtos, maior será o número de utilizadores alcançados.

Promoção

São formas de comunicar, convencer e lembrar aos clientes sobre os produtos. Kotler (2003), para tornar seus produtos ou serviços disponíveis ao público-alvo, cada empresa deve estudar o mercado e definir como atingí-lo, da melhor maneira e ao menor custo possível, definindo assim o tipo de comunicação a ser utilizada: publicidades, propaganda, relações públicas, atmosfera, contato pessoal e incentivo.

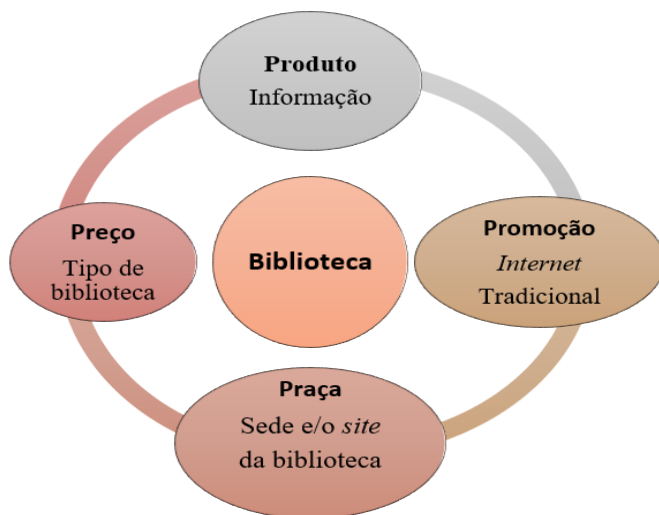
3.1 OS 4 Ps DO *MARKETING MIX* NAS BIBLIOTECAS

O *marketing mix* também é aplicado às bibliotecas, sendo que os 4 (quatro) componentes estão presentes nos processos de uma biblioteca.

- **Produto** - No caso das bibliotecas o produto é a informação, que é um artigo intangível, constituído através de atendimento de necessidades reais.
- **Preço** - refere-se ao valor a ser pago pelos usuários para utilizar um serviço ou produto da biblioteca. Os serviços de informação, em alguns dos casos são pagos e em outros são ofertados gratuitamente, isto varia em relação ao tipo de biblioteca, no caso da BMMFDH os serviços são gratuitos e a instituição mantenedora é o MMFDH, responsável por todos os custos do funcionamento da biblioteca.

- **Praça** - Com o avanço da tecnologia, que trouxe novos formatos para disponibilização de conteúdo, como plataformas de bases de dados e bibliotecas digitais, o local de acesso às informações da biblioteca deixa de ser espaço físico e passa a ser o ambiente da *internet*.
- **Promoção** - Trata-se da divulgação dos produtos e serviços da biblioteca, utilizando estratégias para estimular os usuários e usuários potenciais (não-usuário) a conhecerem o que a biblioteca disponibiliza.

Gráfico 1 – Os 4 Ps nas bibliotecas.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Neste texto será aprofundado o componente “Promoção”. Como explicado anteriormente, a BMMFDH está em processo de constituição e necessita dar visibilidade dos seus serviços e produtos à instituição a qual pertence, a fim de atuar em sintonia e sincronia com a missão, visão de futuro e objetivos estratégicos do Ministério e das Secretarias Nacionais vinculadas.

Os 4 Ps do *marketing*, se apresentam como alternativa para repensar as nossas estratégias, sendo que podem ser desenvolvidas de forma individual para fins do presente estudo abordaremos o quarto P, que trata de promover a divulgação, é oportuno para dar visibilidade a BMMFDH. Sendo assim, foi aplicado um questionário, com perguntas semiestruturadas, para levantar possíveis estratégias que podem ser utilizadas para atrair os não-usuários internos, compostos por servidores e colaboradores do Ministério e Secretarias Nacionais vinculadas.

4 ESTRATÉGIAS LEVANTADAS PELAS BIBLIOTECÁRIAS DO MMFDH

Para identificar possíveis estratégias que podem ser implementadas no plano de *marketing* da BMMFDH, foi aplicado um questionário a 9 (nove) profissionais da área de biblioteconomia, sendo 3 (três) bibliotecárias e 6 (seis) estudantes.

O questionário é um instrumento desenvolvido cientificamente, composto de um conjunto de perguntas ordenadas de acordo com um critério predeterminado, que deve ser respondido sem a presença do entrevistador (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 100) e cuja função é levantar dados de um determinado grupo. Na pesquisa em administração de empresas, esse instrumento é utilizado para obter informações sobre empresas, indivíduos, eventos, etc. (HAIR et al., 2004, p. 159). Para o presente estudo foi utilizado um questionário semiestruturado, aplicado no dia 18 de maio de 2020, mês em que a equipe executava sua atividade em regime de teletrabalho, em função do isolamento social devido ao Covid-19⁶⁴.

64 A COVID-19 é uma doença causada pelo Coronavírus, que surgiu no final de 2019, foi reconhecida como pandemia pela Organização Mundial da Saúde no início de 2020. Devido a sua acentuada taxa de transmissão e à inexistência de vacinas e tratamentos efetivos

O questionário foi enviado por *e-mail* ao grupo de bibliotecárias e assistentes de pesquisa. O instrumento foi constituído de 7 (sete) perguntas: 2 (duas) de múltipla escolha e (5) cinco abertas. Com relação aos questionários encaminhados, foi obtido 100% de respostas.

Para os fins do presente documento serão analisadas a pergunta n.3 e a sua sub pergunta, que se referem às propostas para atrair não-usuários internos, respondidas por profissionais dos gêneros feminino e masculino. O questionário foi aplicado com o escopo mais amplo, com levantamentos de propostas de ações de *marketing* para atrair não-usuários interno e externo.

Pergunta 3 - Quais estratégias utilizaria para atrair os não-usuários internos da BMMFDH?

A partir dessa pergunta o respondente é direcionada para a sub-pergunta.

- Se pudesse implantar apenas **uma** das estratégias, indicadas na questão 3, qual escolheria e por que da sua escolha?

Analisando as sugestões apresentadas, foi identificado como principal estratégia para impulsionar a divulgação dos serviços e produtos, o uso de redes sociais e outras ferramentas institucionais, como *sites*.

Para melhor visualização, as sugestões foram divididas em três grupos:

- i. Divulgação por meio de *internet*,
- ii. Divulgação no espaço físico da biblioteca,
- iii. Divulgação com material impresso.

i) Promoção - Divulgação por meio de *internet*

A *internet* é um aliado primordial para as bibliotecas, as páginas *web* institucionais das bibliotecas e contas nas redes

governos adotaram medidas de isolamento social a fim de evitar o colapso do sistema hospitalar.

sociais, tem sido utilizadas para divulgar seus serviços e interagir com seu público. Agora, mais que nunca, é necessário a presença das bibliotecas nas redes.

Nas respostas obtidas sobre indicação de meios para difundir os serviços por intermédio de ferramentas da *internet*, observa-se que as redes sociais foram citadas por todas as entrevistadas, conforme Tabela 1.

Quadro 1 – Divulgação pela *Internet*

Canais de divulgação	Frequência
Redes sociais (comunicar e divulgar)	9
<i>Instagram</i>	3
<i>Site</i> (Biblioteca e Ministério)	3
<i>E-mail</i> institucional	2
<i>Intranet</i>	2
<i>Internet</i>	2
<i>Facebook</i>	1

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A utilização de prestação de serviço por rede social, apresenta-se como a principal alternativa para a divulgação dos serviços da biblioteca, seguido de um *site* da biblioteca e *Instagram*, uma rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, com 3 (três) respostas cada. Divulgação dos serviços utilizando de *e-mail* institucional, *internet* e *intranet* foram apresentadas 2 (duas) vezes cada.

Tais atividades de divulgação podem ser executadas por meio de avisos e informativos sobre: oficinas da escrita de livros e artigos, oficinas de normas da ABNT e seu uso, treinamentos aos usuários, apresentação dos serviços da biblioteca, boletim de novas aquisições e informativo temático.

ii) Divulgação de atividades no espaço físico da biblioteca

Os respondentes indicaram um conjunto de atividades que podem ser desenvolvidas no ambiente da biblioteca, considerando que, em dezembro de 2019, a BMMFDH foi transferida da Esplanada dos Ministérios para o Setor Bancário Sul (SBS), onde passou a contar com um espaço maior e de fácil acesso, tendo em vista que está no térreo. O espaço organizado é um atrativo para os servidores que trabalham ou frequentam a unidade administrativa do SBS. A nova localização favorece a realização de atividades nas instalações da biblioteca, o que proporciona mais visibilidade para os usuários internos. Observa-se na tabela 2 as sugestões dos respondentes.

Quadro 2 – Atividades sugeridas para o espaço da Biblioteca

Atividades na biblioteca	Frequência
Lançamentos de publicações	2
Palestras das temáticas do Ministério	2
Eventos do Ministério	1
Exposição temática de datas comemorativas	1
Eventos literários	1
Roda de leitura com convidados	1
Minicursos	1

Fonte. Dados da pesquisa (2020)

Além de dar prioridade à promoção da biblioteca por meio das redes sociais, os respondentes também indicaram o desenvolvimento das atividades tradicionais da biblioteca, tais como lançamentos de publicações editadas pelo Ministério e Secretarias Nacionais vinculadas e a disponibilização do espaço para palestras das temáticas da Pasta.

A importância da capacitação dos usuários surge como um alerta na pesquisa, reforçando a necessidade de oferecimento de treinamento à comunidade de usuários do

MMFDH, com demonstração dos serviços disponíveis, tais como acesso à Biblioteca Digital, atribuição de n. ISBN, elaboração de ficha catalográfica, normalização, levantamentos bibliográficos, dentre outros. A respondente D, indica a importância da capacitação dos usuários.

“Oferecer treinamentos e capacitação aos usuários para utilização dos serviços disponíveis na biblioteca. Por se tratar de um público interno do MMFDH é possível que os servidores e funcionários se interessem em saber mais sobre os serviços da biblioteca e como ela pode contribuir na realização do seu trabalho, por meio do acervo físico e digital os materiais disponíveis poderão ajudar na criação de novas ideias e projetos dentro do Ministério”. **Respondente D.**

Sendo assim, os termos mais presentes nas respostas são apresentados na nuvem de palavras, abaixo.

Nuvem 1 - Estratégias para serem desenvolvidas na biblioteca



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Observa-se que as respostas do item (i) - Divulgação por meio de *internet* e (ii) - Divulgação no espaço físico da biblioteca complementam-se, demonstrando que a Biblioteca é vista como um ambiente que hospeda coleções físicas e virtuais e ao mesmo tempo se apresenta como uma fonte de recurso informacional no processo de elaboração do material técnico do MMFDH. A utilização do espaço para o desenvolvimento de atividades culturais, ligadas às temáticas, é bem vista.

A sua divulgação pelas redes sociais e *e-mail* institucional é oportuna, considerando o perfil dessa nova geração de usuários imersos no mundo tecnológico, além disso é bom lembrar que as áreas que compõem o MMFDH encontram-se distribuídos em 4 (quatro) unidades administrativas. Esse fato pode dificultar o acesso ao espaço físico, podendo ser uma razão para que usuários potenciais converterem-se em não-usuários involuntários como menciona Estela (2019), não-usuários que, por razões de vulnerabilidade e integridade pessoal, distância da sede da biblioteca, não tem tempo disponível para usá-la, ainda que tenham interesse em usar o seu espaço.

iii) Promoção - Divulgação através de mídias impressas

Conforme Dominguez (2000), nestes tempos de rápidas mudanças, globalização e grande competição, as empresas necessitam buscar estratégias de comunicação que propiciem vantagens competitivas em ambientes de negócios crescentemente complexos e dinâmicos. Em se tratando de transmissão de informações é indiscutível que a utilização da *internet* e das redes sociais são as principais formas de comunicação. Porém as tradicionais mídias impressas ainda têm um papel no processo de divulgação de informações.

O *folder* é um recurso com um grande potencial de comunicação a partir de um pequeno investimento. Nele é possível abordar os pontos principais da Biblioteca de forma direta e breve, para oferecer ao usuário uma noção inicial do que ele pode usufruir dos seus produtos e serviços. Ele é

versátil, podendo ser distribuído ou disponibilizado em diversas situações e ambientes.

5 ESTRATÉGIA PARA ATRAIR AOS NÃO-USUÁRIOS INTERNOS DA BMMFDH

Considerando que a BMMFDH se encontra na etapa final de organização da sua coleção física e digital, é necessário planejar estratégias para dar visibilidade aos serviços e produtos oferecidos, primeiro dentro da Pasta e num segundo momento no âmbito externo.

A biblioteca, encontrar-se alocada em uma das 4 (quatro) sedes do MMFDH, considerando as demais unidades que compõem a Pasta estão instaladas em outras 3 (três) sedes⁶⁵, as estratégias foram pensadas para atrair os servidores e colaboradores que trabalham ou frequentam a unidade administrativa do Setor Bancário Sul, bem como os servidores que trabalham nas outras sedes.

Disseminação da informação

Ciente do seu papel, a BMMFDH trabalha com informação especializada nas temáticas relacionadas aos Direitos Humanos, visando suprir as necessidades de informação dos usuários internos e com o objetivo de preservar e promover a visibilidade nacional e internacional da produção técnica da Pasta. Se pensar a Biblioteca como uma empresa que oferece um serviço a um público para resolver uma necessidade, é necessário que a sua forma de gerir o processo de trabalho acompanhe as mudanças de desejos desse público. As empresas foram deslocando seu foco da visão interna de melhoria de seus processos para a abordagem voltada para o mercado, objetivando atender as necessidades e desejos de consumidores e entregar resultados que tenham valor para os clientes. Sendo assim é

65 Edifício Parque Cidade, Bloco A da Esplanada dos Ministérios e Ed. Sede II na Asa Norte

necessário que a Biblioteca trabalhe a partir das necessidades do usuário, pois é ele quem determina o valor do produto ou serviço. Assim é possível visualizar necessidades de usuários internos e serviços que uma biblioteca especializada pode disponibilizar para auxiliar.

Quadro 3 - Necessidades dos usuários – serviços da biblioteca

Necessidade do Usuário	Serviços oferecidos pela Biblioteca do MMFDH
<p>Informações para subsidiar a estruturação de um novo programa, projeto ou ação.</p>	<p>Resgatar o histórico, como também os resultados dos trabalhos desenvolvidos, tais como ações, programas, atividades, projetos e demais conteúdos produzidos para auxiliar na análise e reflexão crítica de iniciativas anteriores de forma a propor novos rumos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Medida do grau que objetivos e metas foram atingidos; • Avaliação de Processos (cobertura do projeto e o grau em que o mesmo alcançou a população beneficiária); • Avaliação de Impacto (alcance do propósito ou missão); • Iniciativas similares adotadas; • Comparação de resultados de um período com o obtido em períodos anteriores.
<p>Editoração de publicações produzidas, editadas ou apoiadas pelo Ministério e suas Secretárias de vinculação.</p>	<p>Processos internos para assegurar o cumprimento das legislações: Lei nº 10.753 de 31/10/2003, que institui a Política Nacional do Livro e Leis N. 10.994, de 14/12/2004 e 12.192, de 14/01/2010, referentes ao Depósito Legal.</p> <ul style="list-style-type: none"> • ISBN, • Ficha catalográfica, • Normalização das referências e citações, • Depósito Legal ...).
<p>Durante as tarefas diárias.</p>	<p>Informação pontuais para tomada de decisão.</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Para que seja reconhecida como uma Biblioteca Especializada em Direitos Humanos é necessário que os materiais nela reunidos sirvam para a compreensão do aprimoramento das ações desenvolvidas em prol dos direitos fundamentais do homem, sobretudo com relação às Políticas Públicas Brasileiras, implementadas em todos os segmentos de atuação do MMFDH.

Promoção - Divulgação da biblioteca e através de mídias impressas e mídias sociais

Os usuários de uma biblioteca mudam o grau de importância dos atributos de valor à medida que sua relação com a Biblioteca aumenta. Ajudá-lo a localizar um livro na estante pode ser bom, mas pode ser tornar dispensável, uma vez que com poucos cliques o usuário tem a possibilidade de ter um livro em sua tela. A satisfação do usuário pode ser definida pela capacidade de atendimento da expectativa daquele momento.

Para a aproximação dos não-usuários internos, a aplicação de estratégias de *marketing* adequados, pode ser um instrumento apropriado para a Biblioteca ficar conectada com os usuários. Abaixo algumas sugestões de atividades que podem ser implementadas.

Quadro 4 – Estratégias: biblioteca do MMFDH

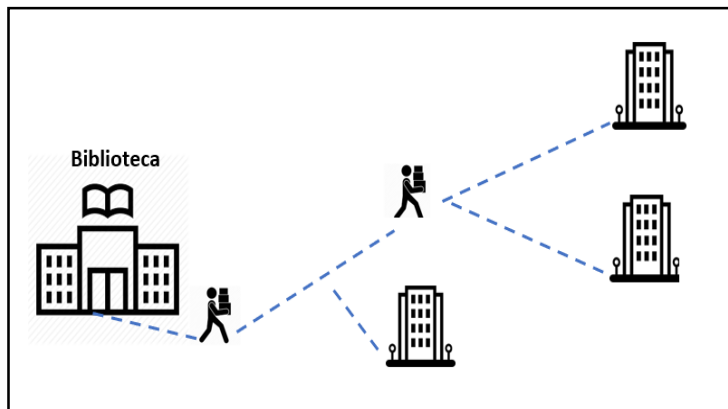
Mídias impressas	Internet	Espaço físico
Criação da identidade visual da BMMFDH. Para utilização em <i>folder</i> promocional	Incrementarão da página da <i>intranet</i> BMMFDH e criação da versão para a <i>internet</i> . Criação de contas nas redes sociais como <i>Facebook</i> , <i>Instagram</i> e <i>WhatsApp</i> . Criação de alertas informativas para divulgação pelo <i>e-mail</i> institucional.	Disponibilização do espaço da Biblioteca para que as SN o utilizem para exposição. Estruturação de treinamento para servidores e prestadores.

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Delivery de livros

A estrutura do Ministério é distribuída em 4 (quatro) unidades administrativas, com distâncias entre si, que fazem com que os servidores e colaboradores necessitem de tempo para locomoção até a sede da biblioteca, tempo esse não disponível para muitos, em função de compromissos e meios de transporte. Assim é necessário facilitar o acesso dos servidores de outras unidades administrativas ao seu acervo de livros. Uma estratégia que poderia ser utilizada é a criação do serviço de envio de livros até unidades de trabalho dos usuários, aproveitando os serviços de mensageria existentes no Ministério. A proposta é um serviço “*delivery* de livros”, que ofereça um atendimento dinâmico e personalizado aos usuários da BBMFHD.

Gráfico 2 - Delivery de livros



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Os funcionários que trabalham nas diferentes sedes poderiam fazer os seus pedidos por meio de *e-mail* institucional ou por telefone.

6 CONCLUSÕES

Realizada a pesquisa e analisadas as respostas, os objetivos foram alcançados, e as sugestões das profissionais da área de informação quanto aos mecanismos de aproximação da Biblioteca com os não-usuários internos foram identificadas. O resultado, de forma geral, destacou a *internet* e as redes sociais como principais ferramentas disseminadoras de informações.

É importante ressaltar que para a criação e implementação de ações de *marketing* na BMMFDH foi necessário se ter em mente que os processos relacionados à gestão da informação estão se organizando na biblioteca e, portanto, são desconhecidos para a maioria dos servidores e colaboradores do MMFDH. Sendo assim a participação da equipe da biblioteca foi desencadeante para a formulação de estratégias focadas busca de visibilidade da biblioteca. Pelo qual a partir das sugestões apresentadas no questionário, são propostas 3 (três) estratégias a serem implementadas sendo: (i) dar foco na disseminação seletiva da informação para a tomada de decisões, (ii) divulgação da biblioteca através de mídias impressas e mídias sociais e (iii) *delivery* de livros. Todas as estratégias pensadas na visibilidade da biblioteca, dos serviços e produtos que ela disponibiliza.

Outro fato importante identificado é a presença feminina na biblioteconomia, isto pode ser observado na distribuição das vagas dos profissionais envolvidos no projeto de pesquisa, onde 73% (11) são mulheres e 27 % (4) são homens. Esses dados demonstram e reforçam a forte presença e o protagonismo da mulher na Biblioteconomia. É importante destacar o envolvimento de todas as bolsistas no processo de identificação de estratégias para atrair os não-usuários internos, mostrando que mulheres, enquanto atuantes na área e produtoras de conhecimento, influenciam na criação e na consolidação de espaços de gestão da informação cultural, científica e técnica, conscientes do compromisso ético da profissão com o primado do livre acesso aos registros do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, S. A. **Marketing da informação na internet: ações de promoção**. Campo Grande: UNIDERP, 2004.
- AMARAL, S. A. Marketing da informação: abordagem inovadora para entender o mercado e o negócio da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, n. 1, jan./abr. 2011.
- AMARAL, S. A. Marketing da informação: entre a promoção e a comunicação integrada de marketing. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 1, p. 31-44, jan./abr. 2008.
- BORDEN, N. H. The concept of the marketing mix. **Journal of Advertising Research**, United Kingdom, v. 2, p. 7-12, sept. 1984.
- DOMINGUEZ, S. V. O valor percebido como elemento estratégico para obter a lealdade dos clientes. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 7, n. 4, out./dez. 2000.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- HAIR, J. F. *et al.* **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- KOTLER, P. **Administração de marketing: a edição do novo milênio**. 10. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000.
- KOTLER, P. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle**. São Paulo: Atlas, 2011.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SILVESTRE ESTELA, F. M. **Não-usuário de bibliotecas universitárias: um estudo de caso na Universidade de Brasília**. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- SOUSA, B. A. **O gênero na biblioteconomia: percepção de bibliotecários/os**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

EXPERIENCIA Y LIDERAZGO EN GESTIÓN DE INFORMACIÓN EN SALUD: LAS MUJERES DE LA BIBLIOTECA VIRTUAL DE SALUD EN COLOMBIA

Marisol Goyeneche Reina
Ana Lorena Niño Téllez



1 INTRODUCCIÓN

La bibliotecología en Colombia tradicionalmente ha sido representada por mujeres, la formación académica y el liderazgo en las unidades de información es preponderante por el género femenino, si bien, el hombre se ha destacado por sus aportes a la carrera, la mujer bibliotecóloga tiene gran responsabilidad en la evolución y el ejercicio profesional. Un claro ejemplo es la contribución en la creación, desarrollo y mantenimiento del proyecto Biblioteca Virtual de salud en Colombia – BVS Colombia.

La Biblioteca Virtual de Salud es un modelo internacional descentralizado en los países de la región de América Latina y el Caribe, y surge como resultado de la masificación de internet y la necesidad de democratizar la información, el acceso al conocimiento, y la toma de decisiones en salud soportadas. Estrategia que en Colombia la mayor parte del tiempo ha sido liderada por mujeres y que representativamente han acompañado y aportado novedosas y significativas experiencias para el bienestar, el acompañamiento y el desarrollo del proyecto en el país.

El objetivo del escrito es reconocer la labor de la mujer profesional en Ciencia de la Información-Bibliotecología y su contribución a la cooperación técnica y científica de la producción técnico científica en salud del país, a través del modelo BVS Colombia.

Evidenciando la labor e intervención de la mujer profesional en Ciencia de la Información-Bibliotecología y el papel que ha desempeñado dentro del proceso de planeación, ejecución y seguimiento de la Biblioteca Virtual de Salud en Colombia; se hace mención a las mujeres que han participado, construyendo una estrategia libre y organizada, siguiendo las normas y estándares para la democratización de la información y el apoyo a los profesionales en la toma de decisiones soportadas.

2 BIBLIOTECA VIRTUAL DE SALUD EN COLOMBIA: DEMOCRATIZACIÓN DE LA INFORMACIÓN

En el marco del IV Congreso Regional de Información en Ciencias de la Salud reunido en San José de Costa Rica en 1998, donde se emite la declaración «Hacia la Biblioteca Virtual de Salud», con el compromiso de renovar la entrega y procesamiento de la información científico-técnica producida en la región, resultado de los cambios tecnológicos y la posibilidad de hacer uso de ellos para dar visibilidad a la información producida en cada país; Colombia no fue ajena a esta iniciativa y en 1999 iniciaron las conversaciones con el Dr. Abel Laerte Packer Director de BIREME OPS/OMS.

Después de asistir a la capacitación sobre los componentes de las Biblioteca Virtual en Salud y conformado alianzas necesarias para el desarrollo de la misma, en el mes de abril del 2000 y en cabeza de la profesional Yolanda Ruan de la Carrera se hace el lanzamiento formal de la BVS Colombia, una reunión coordinada por la OPS/OMS Colombia y a la cual fueron invitados todos los organismos del sector salud, educación, bibliotecas y centros de documentación, planteando el nuevo paradigma en el acceso a la información, atendiendo las exigencias de Internet (Ruan de la Carrera, 2019)

Como resultado de esta reunión en el mes de mayo se crea el Comité Consultivo Nacional, órgano indispensable para el buen ejercicio de la BVS, cuyo objetivo establecido fue: “Contribuir a la entrega de la cooperación técnica mediante el nuevo paradigma tecnológico informacional de producción y creación descentralizada de fuentes textuales y en multimedia de información en ciencias de la salud, conectadas en red, con acceso directo y universal, sin limitaciones geográficas ni de tiempo.” (RUAN DE LA CARRERA, 2019)

A partir del lanzamiento de la BVS Colombia, varias instituciones han coordinado el proyecto en el país, la OPS/OMS regional Colombia, el Ministerio de Salud, la

Universidad Nacional, entre otros, liderados en su mayoría por mujeres.

Una de las profesionales destacadas es Carolina Suarez Medina, quien organizó junto al grupo de Unidades de Información de la Región Central en Salud – UNIRECS la primera semana de la BVS Colombia realizada en Bogotá entre el 8 y el 12 de marzo de 2010 en la Hemeroteca Nacional Universitaria.

Presentaciones sobre el modelo de la BVS Colombia y sus componentes, talleres de capacitación sobre escritura científica, ponencias sobre evidencias en salud y su impacto en las decisiones institucionales y políticas y en la práctica clínica, panel sobre el manejo de información en situaciones de emergencia y experiencias en telemedicina, fueron algunas de las actividades que formaron parte del programa del evento, que logró reunir a profesionales en ciencias de la salud, bibliotecólogos, estudiantes, investigadores, periodistas y editores científicos.

La participación destacada de ponentes nacionales e internacionales fue en definitiva, el componente más importante para una Semana académica exitosa. Profesionales en distintas áreas, compartieron sus conocimientos en el uso y manejo de la información en salud, aprovechamiento de nuevas tecnologías para la localización y recuperación de fuentes de información altamente confiables e identificación de experiencias exitosas relacionadas con la gestión del conocimiento, redes colaborativas y bibliotecas virtuales.

Cinco días de visitas institucionales, capacitación, divulgación de productos y servicios de la BVS y espacios de discusión e intercambio de experiencias, que permiten hoy identificar los retos que se deben afrontar de aquí en adelante para fortalecer el trabajo en red de la BVS Colombia y la participación de todas las instituciones colombianas relacionadas con información en salud.

En el marco del evento se realizó la presentación del nuevo portal de la BVS Colombia, un sitio web renovado de coordinación e integración de la red específica de fuentes de

información en el ámbito nacional. El Centro Coordinador de la BVS Colombia, el Instituto de Salud Pública, era el responsable de la operación de este portal.

Al cierre del evento, el Dr. Roberto Sempertegui, Coordinador del programa de Gestión de Conocimiento, Seguridad Sanitaria y Evidencias en Salud de la Organización Panamericana de la Salud, Colombia y el Dr. Carlos Agudelo, Director del Instituto de Salud Pública de la Universidad Nacional de Colombia, presentaron las principales recomendaciones que guiarán el desarrollo de la BVS en el país (UNIRECS, 2010)

Actividades y jornadas donde trabajaron por el mantenimiento, la actualización y capacitación de los centros cooperantes y colaboradores del modelo. Sin embargo, en el 2014 la OPS/OMS Colombia hace un diagnóstico del estado de la BVS en el país y por razones que se desconocen el modelo y el portal se encuentran inoperables.

3 LA BIBLIOTECA VIRTUAL DE SALUD EN COLOMBIA Y SU NUEVA ETAPA

La OPS/OMS Colombia lanzó en el año 2015 la convocatoria para el fortalecimiento y reestructuración de la BVS Colombia en manos de una nueva institución coordinadora. La institución coordinadora de la BVS Colombia obtiene el reconocimiento por su liderazgo en la gestión del sistema de información científica de salud de Colombia, contribuyendo de forma esencial a ampliar la visibilidad y mejorar la calidad de la producción científica y técnica nacional, además de responder al llamado de la Organización Panamericana de la Salud-OPS para la promoción del uso del conocimiento científico en los procesos de decisión en salud del país (WATSON, 2015)

Para esta convocatoria se presentaron instituciones públicas y privadas, interesadas en liderar el modelo en el país y contribuir con la gestión de la información en salud; después de una valoración de propuestas, la OPS/OMS Colombia

otorgo a la Fundación Universitaria de Ciencias de la Salud – FUCS la Coordinación de la BVS Colombia como instancia única para el país, asumiendo el reto de ser la primera y única institución privada que asume el liderazgo de una BVS Nacional.

Es así como, en 2016 dos mujeres profesionales de la información-bibliotecología, representando la Fundación Universitaria de Ciencias de la Salud, asumen la coordinación y el liderazgo del modelo, soportado a través del acuerdo de cooperación técnica para la consolidación y el posicionamiento de la BVS Colombia por un periodo de 3 años con posibilidad de renovación.

3 EXPERIENCIA Y LIDERAZGO EN GESTIÓN DE INFORMACIÓN EN SALUD LAS MUJERES DE LA BIBLIOTECA VIRTUAL DE SALUD EN COLOMBIA

La participación de las mujeres en el campo de la bibliotecología en Colombia ha sido predominante a través de los años, como lo indica Delgado (2005) se evidencia un hecho común en varias investigaciones, en relación con el género, el 82% son mujeres y el 18% son hombres (Zapata Cárdenas, 2007), es evidente, que la mujer ha sido el símbolo representativo en la bibliotecología, la ciencia de la información y la gestión del conocimiento del país.

En Colombia, desde 1942, se han formado expertos en bibliotecología, sin embargo, durante mucho tiempo la tendencia fue de pocos profesionales y personal calificado respondiendo a las necesidades de información, se formaron en su mayoría mujeres, que a pesar de los estereotipos y las ideas preconcebidas de una labor simple y sin fundamentación, han demostrado que va más allá de organizar libros en un estante para el préstamo a los usuarios. La ciencia de la información ha evolucionado y ha tenido cambios, no solo en su nombre y estructura temática, si no en los contenidos, los servicios, las tareas y la manera de acercarse al usuario.

Gracias a ello, podemos contar ahora con estrategias dinámicas, organizadas, colaborativas y al alcance de todos, para satisfacer la necesidad de información 24/7 en un lugar confiable; una de ellas y que representa el trabajo de la mujer profesional es la Biblioteca Virtual de Salud en Colombia – BVS Colombia, un modelo internacional y descentralizado para América Latina y el Caribe que a través de su portal ofrece información en salud con criterios de calidad y acceso libre.

Democratizar la información y construir una red de colaboración, son propósitos de la Biblioteca Virtual de Salud que, desde su inicio en Colombia, ha hecho un llamado a las instituciones del país productoras de información en salud para ser partícipes del trabajo colaborativo a través de la construcción de una red de centros cooperantes que apoyen al coordinador líder del proyecto en dar visibilidad a la producción de información técnico científica en salud del país.

Dando alcance a este propósito, se reconoce que de la mano de las instituciones coordinadoras en cada periodo del proyecto, se han destacado profesionales en Ciencia de la Información-Bibliotecología, en su mayoría mujeres, que representan la experiencia y el liderazgo del género femenino en la gestión de información en salud a través de la BVS Colombia, a continuación, conoceremos un poco más de ellas y el resultado de su labor.

3.1 YOLANDA RUAN DE LA CARRERA

Nacida en Colombia, inicio su experiencia en el área de la Bibliotecología en el año 1962 a través del Adiestramiento en servicio en la Biblioteca del CEDE de la Universidad de los Andes. Graduada de la Pontificia Universidad Javeriana como Bibliotecóloga en el año 1990, Especialista en ética y pedagogía de valores, Especialista en Bioética, Magister en educación y Magister en Bioética.

Docente, madre, esposa, compiladora y editora; Con experiencia y dedicación Yolanda es la mujer que da inicio a la BVS en Colombia, impulsadora de la red de cooperantes, el

comité consultivo nacional, capacitó durante varios años a profesionales de la información en el uso de las metodologías BVS, entre ellos el proyecto currículo vitae de América Latina y el Caribe (CvLACS), el descriptor en ciencias de la salud (DeCs) y la plataforma LILDBI-WEB para la base de datos LILACS, muy reconocidos en la región.

Para la bibliotecóloga Yolanda “la BVS Colombia ha sido y debe ser la forma de responder a las nuevas exigencias que plantea el desarrollo científico y técnico del modelo de cooperación técnica, promoviendo la producción y operación descentralizada de fuentes de información conectadas en red con acceso directo y universal, sin limitación geográfica ni de tiempo” (Ruan de la Carrera, 2019)

Una mujer que dedico su experiencia y formación académica, para ofrecer a la comunidad acceso al conocimiento, siempre mostro el modelo BVS en su ejercicio profesional, aportando constantemente al desarrollo de metodologías que aporten a la gestión de información y faciliten el uso y recuperación de la misma, a través de canales oficiales y de calidad, como lo es la BVS Colombia.

No obstante, Yolanda ha recibido una serie de reconocimientos a nivel nacional, que demuestran la constancia en su trabajo, el profesionalismo y el interés por mostrar al mundo el valor de la profesión:

- 2002 – Reconocimiento de la Organización Panamericana de la Salud, por su contribución al desarrollo de la Biblioteca Virtual en Salud para Colombia.
- 2004 – Reconocimiento de la Organización Panamericana de la Salud, por su labor al frente del Centro de Documentación durante los 10 años que duró mi gestión en la OPS.
- 2006 – Premio Nacional de Bibliotecología “Rubén Pérez Ortiz” otorgado el 1 de junio del 2006 por la Asociación Colombiana de Bibliotecólogos en la ciudad de Cartagena en el marco del 8 Congreso Nacional de Bibliotecología.

- 2006 – Reconocimiento por mi gestión y apoyo a la Red de Bibliotecas Medicas “UNIRECS”, otorgado el 30 de junio del 2006.
- 2011 – Premio “VIDA Y OBRA” otorgado por la Asociación de Bibliotecólogos Javerianos el día 4 de mayo del 2011.

3.2 CAROLINA SUÁREZ MEDINA

Nacida en Colombia, ahora residente en Brasil; Licenciada en Bibliotecología, Profesora, Periodista y Traductora; Esposa, madre y trabajadora polifacética. Ha tenido labores en instituciones reconocidas por su carácter innovador que le dieron la valiosa oportunidad de trabajar en equipos multidisciplinarios y conocer culturas y países diferentes.

Carolina, fue parte del área de gestión del conocimiento y comunicaciones de la OPS/OMS Oficina Colombia, como aporte a la BVS Colombia participo, organizo y lidero un ejercicio de visibilidad, divulgando el proyecto en diferentes escenarios.

Gracias a la participación de la BVS Colombia en actividades académicas Carolina indico “todos están realmente interesados en visibilizar la producción científica que se genera a través de los diferentes centros de investigación y universidades, y esta es una buena opción para hacerlo”(Red BVS, n.d.)

3.3 MARISOL GOYENCHE REINA

Nacida en Colombia, Profesional en Ciencia de la Información-Bibliotecología de la Pontificia Universidad Javeriana, Especialista en Administración de Empresas, Candidata a Maestría en Desarrollo Humano. Docente, madre, esposa, directora y representante en gremios de bibliotecólogos como presidenta y participante activa; una

mujer que ha trabajado incasablemente por mostrar a la sociedad el gran valor que tiene la profesión en el país.

Presidenta (2012-2018) del Colegio Colombiano de Bibliotecología – ASCOLBI, trabajo en pro del crecimiento y desarrollo de la profesión de bibliotecología en Colombia, a través del cumplimiento de la misión de agremiar, representar y fortalecer a los profesionales y estudiantes de Ciencia de la Información y Bibliotecología de Colombia, liderando la reflexión ética, disciplinar, el debate académico, científico, social y de política pública; la actualización profesional, el intercambio y generación de conocimiento con el fin de mejorar los procesos de adquisición, clasificación, descripción, conservación, acceso y apropiación social de la información y el conocimiento.

Desde el 2009 y en la actualidad es presidenta del Grupo de Unidades de Información de la Región Central en Salud - UNIRECS, pretendiendo impulsar programas cooperativos entre las unidades de información del área biomédica, para brindar recursos bibliográficos, productos y servicios que apoyen la labor académica, científica y de investigación en el sector salud.

3.4 ANA LORENA NIÑO TÉLLEZ

Nacida en Colombia, Archivista, Profesional en Ciencia de la Información-Bibliotecología de la Universidad del Quindío, Especialista en innovación educativa. Capacitadora y madre de Luisa, Alejandra y la BVS Colombia. Desde su nombramiento como líder del proyecto ha dedicado su experiencia y formación en fortalecer el modelo y seguir posicionando la BVS Colombia nacional e internacionalmente.

Ana Lorena ha procurado dar visibilidad al modelo BVS participando en eventos nacionales e internacionales de gestión de la información y el conocimiento, para ella el proyecto además de generar beneficio a la producción científica del país, es de suma importancia para el trabajo cooperativo de toda la región de Latinoamérica y del Caribe, construyendo y fortaleciendo un acervo de información en

salud; pertenecer a este modelo no solo implica la participación colaborativa, si no la responsabilidad social de aportar a la información para la toma de decisiones sanitarias en el país (Niño Téllez, 2016)

Para Ana Lorena la BVS Colombia debe ser el canal de comunicación y divulgación de información en salud para la toma de decisiones soportadas y actualización de la producción científica del país; como un bien público de acceso abierto, cuenta con los criterios de calidad y las metodologías específicas para cada necesidad de información, pensando en la “equidad para todos”; y como ejercicio profesional ha sido un gran reto que le enriquece profesionalmente y personalmente, pues cada día hay algo nuevo que aprender y que contar.

4 RESULTADO DE LA BIBLIOTECA VIRTUAL DE SALUD EN COLOMBIA

Para estas cuatro mujeres la BVS Colombia ha representado la participación, integración y gestión del ejercicio profesional, han dejado una huella, que prolonga su contribución al modelo.

4.1 EL AVE FÉNIX DE LA BVS COLOMBIA

Marisol Goyeneche desde su amplia experiencia y en aras de seguir trabajando por la agremiación, presenta a las directivas de la Fundación Universitaria de Ciencias de la Salud – FUCS el modelo BVS y los impulsa a ser partícipes de la convocatoria lanzada en el 2015 por la OPS/OMS Colombia, para el fortalecimiento y reestructuración de la BVS del país; motivando a la institución a liderar un proyecto que aporta y trabaja en pro de la salud, la investigación y la academia. Gratamente y reconociendo la experiencia de la FUCS, le fue otorgada la Coordinación de la BVS Colombia por un periodo de tres años (2016-2019) un tiempo maratónico para el

trabajo de recuperación y fortalecimiento de un modelo que le aporta mucho al país.

Después de algunas reuniones y el diagnóstico del modelo en ese momento, la FUCS inicia su proceso de recuperación, construyendo un espacio dentro de las instalaciones del Sistema de Bibliotecas y decide contratar una persona dedicada a darle alas al proyecto; se firma el acuerdo de cooperación en un acto protocolario y académico, donde representantes de las partes interesadas, dentro de ellas directivas la FUCS, BIREME, OPS/OMS y por supuesto Marisol, presentan en sociedad nuevamente al modelo BVS Colombia.

Al recibir la BVS Colombia en el 2016, se encontró una pérdida de esfuerzos colaborativos, ese trabajo que las anteriores coordinaciones habían hecho con tanta dedicación perdió el interés de quien las tenía a cargo y dejó en estado de coma el proyecto. Una Biblioteca Virtual sin portal, sin plataforma de gestión de información y una red desarticulada por falta de apoyo y soporte. Aquí empieza Ana Lorena a trabajar de la mano del área de gestión del conocimiento de la OPS Colombia en la reconstrucción de todas las herramientas necesarias para contar nuevamente con un modelo acorde a los estándares de la región.

Después de unir esfuerzos profesionales y económicos, inicia el proceso de actualización de la plataforma de gestión capacitada por BIREME, se hace el llamado a las revistas de salud de Colombia nuevas y que ya pertenecían al modelo para que nuevamente ingresen sus registros a la plataforma; sin embargo, la oficina de la BVS Colombia se encuentra en la capital del país y se evidencia la necesidad de llegar a todas las regiones, así que se programa una gira nacional, con el propósito de capacitar a los cooperantes, hacer invitación a las nuevas revistas e invitar a las instituciones a ser parte del Comité Consultivo nacional, ente de gobernanza necesario para la estrategia BVS.

Paralelamente con esta actualización, es necesario contar con un portal que le de visibilidad a la información y que sea adecuado a las necesidades tecnológicas del

momento y a las características del público meta; así que se empieza la construcción de arquitectura de información para el portal, un ejercicio de arduo trabajo que hoy en día tenemos a la luz pública. La BVS Colombia presenta en un portal dinámico y en constante actualización, que muestra las herramientas del modelo, bases de datos e información de interés en salud, se puede consultar en www.bvscolombia.org.

La BVS Colombia es un modelo a seguir para la región, paso de ser un modelo al borde del cierre total a una de las Bibliotecas Virtuales en Salud más reconocidas de América Latina y el Caribe.

Gracias al trabajo de actualización y capacitación, y al esfuerzo colaborativo de las instituciones cooperantes, en el año 2017 Colombia logro 8 becas para asistir al 10 Congreso regional de información en ciencias de la salud - CRICS10 y la 7 reunión de coordinación regional BVS –BVS7; Ana Lorena como líder el modelo, fue invitada como ponente en la 7 reunión de coordinación regional BVS y representante para Hispanoamérica en la mesa de apertura del evento.

El modelo cuenta con un comité de pares evaluadores, con más de 40 profesionales en ciencias de la salud, y de manera voluntaria apoyan el proceso de evaluación para nuevas revistas, demostrando que la BVS Colombia bajo el liderazgo de la Fundación ofrece respaldo y credibilidad en el país. Adicionalmente, se reconocen la base de datos LILACS dentro de la lista de SIREs seleccionados, como uno de los “Criterios de obligatorio cumplimiento para la evaluación” bajo el nuevo modelo de clasificación de las revistas en pubindex.

5 CONSIDERACIONES FINALES

Estas cuatro mujeres, desde sus oportunidades y participaciones en el modelo, han demostrado la importancia de trabajar por la gestión del conocimiento, y aún más en el área de la salud.

Es notable la dedicación e interacción de experiencia y formación, para mostrar que en Colombia la mujer representa la fuerza y diligencia en sus actividades; y aún más las bibliotecólogas, que constantemente demuestran la participación activa en la gestión del conocimiento y el apoyo a la academia y la investigación.

Figura 1 - De izquierda a derecha: Ana Lorena Niño – coordinadora BVS Colombia, Yolanda Ruan de la Carrera – consultora y primera coordinadora de la BVS Colombia, Marisol Goyeneche- directora del sistema de bibliotecas FUCS y el Dr. Darío Cadena Rey - vicerrector de planeación y proyectos especiales FUCS.



Fonte: As autoras.

REFERENCIAS

NIÑO TÉLLEZ, A. L. Editorial Biblioteca virtual de salud. **Revista Repertorio de Medicina y Cirugía**, 25(4), p. 201–202. 2016.

RED BVS. OPS Colombia realiza capacitación en acceso a bases de datos científicas y manejo de la BVS. (n.d.). Disponible en: BVS Colombia website: <http://red.bvsalud.org/es/tag/bvs-colombia-es/>

RUAN DE LA CARRERA, Y. **Biblioteca Virtual de Salud Colombia - BVS Colombia: Informe 2016- 2019**. Bogotá. 2019.

UNIRECS. XVII Jornada de Actualización de Bibliotecas Médicas: éxito en la Primera Semana de la BVS. 2010. Disponible en: <http://red.bvsalud.org/es/tag/bvs-colombia-es/>

WATSON, G. D. **Convocatoria para elección del coordinador de la Biblioteca Virtual de Salud en Colombia**. Bogotá. 2015.

ZAPATA CÁRDENAS, C. A. La oferta formativa en bibliotecología en Colombia: análisis actual del sector. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, 30(2), p. 165–188. 2007.

AS MULHERES NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE BIBLIOTERAPIA NO ÂMBITO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: UM OLHAR A PARTIR DA LITERATURA

Rayssa Thaynara Madeira Correia Miguez
Elton Mártires Pinto



1 INTRODUÇÃO

A produção do conhecimento na Ciência da Informação (CI), tem se reformulado quanto às tendências em suas linhas de pesquisa, passando de um caráter majoritariamente técnico a também uma produção do conhecimento de caráter social, o que toca também, em discussões de caráter político. Segundo Capurro (2003), a CI tem por base a informação, o que a leva ao objetivo de analisar as relações entre os discursos, as comunidades, documentos, bem como a interação e interpretação que emana desses conjuntos, buscando assim sua solidificação frente à comunidade científica, de modo a trabalhar no fortalecimento de seus objetos de estudo, como, por exemplo, a pesquisa das relações nas mais diversas áreas do saber e os discursos provenientes das mesmas.

Atualmente, vivencia-se o que se acredita ser o ápice da consciência política e social na luta pelos direitos das minorias, isto é, grupos que vivem à margem de partes da construção de sociedade que tem ganhando espaço, destaque e lugar de fala em suas representações. Pode-se utilizar como exemplo as mulheres, que têm buscado desde a década de 1960 igualdade social, política e econômica entre os gêneros, mesmo no ápice de todo desenvolvimento científico no século XXI.

Atualmente é crescente a porcentagem de mulheres ocupando espaço na produção científica. Além disso, mulheres não têm se limitado à formação básica ou até superior em nível de graduação, principalmente nas ciências humanas e sociais, tornando expressiva sua presença em todos os níveis de Pós-Graduação.

Os estudos sobre a mulher se iniciaram ainda nos anos 1960, mas somente nos anos 1970 ganharam maior notoriedade. Em 1980, diante de uma postura crítica a respeito da posição das mulheres, inúmeras áreas passaram a questionar os papéis sociais, as desigualdades de poder e sua relação com o sexo, afirma Sardenberg (2014). Na Biblioteconomia, desde de 1990, é possível encontrar artigos

que versam sobre gênero sob diferentes enfoques, tais como: formação acadêmica (RASCHE, 1998), mediação da informação (CRIPPA, 2011), na literatura da área (BUFREM; NASCIMENTO, 2012), desigualdades no mercado de trabalho (FERREIRA *et al.*, 2013) ou sobre o trabalho em bibliotecas (SOUZA; AFONSO, 2014).

Neste capítulo, pretende-se evidenciar a produção preponderantemente feminina, no campo da Biblioterapia (prática que propõe a leitura como método terapêutico), no âmbito da CI, identificando a contribuição das mulheres no tocante a produção intelectual sobre o tema.

Estudo derivado do trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília.

2 A BIBLIOTERAPIA NA CI

A CI, como área do conhecimento, originou-se da necessidade de organizar, controlar, recuperar, disseminar e usar a informação, após a Segunda Guerra Mundial, devido à explosão informacional juntamente com a inserção de novas tecnologias no cotidiano social (SMIT; TÁLAMO, 2007).

Ao desenvolver seu estudo, que tem por objeto a informação, chegou-se ao entendimento da interdisciplinaridade da área e da forma em que atua na sociedade, fundamentando-se como social, cognitiva e interdisciplinar (GUEDES; BAPTISTA, 2013). Caracterizando-se de forma social, como afirma Le Coadic (2004) pela preocupação em suprir a necessidade do indivíduo sobre determinada demanda informacional e localizando-se no campo das ciências sociais, onde há busca de entendimento da realidade cultural e social. Afirma Le Coadic (2004) também sobre o aspecto interdisciplinar da CI, ressaltando a cooperação de diversas áreas entre si para a construção de seu estudo e fundamento, dentre elas a Sociologia, Psicologia, Linguística, Informática e Matemática.

Saracevic (1996, p. 47) aponta como áreas de concentração de problemas para a pesquisa e a prática

profissional na CI: efetividade, comunicação humana, conhecimento, registros do conhecimento, informação, necessidades de informação, usos da informação, contexto social, contexto institucional, contexto individual e tecnologia da informação. Justificando assim, que para vários problemas, existiriam formas de tratá-los em vários campos, por isso, a caracterização de um campo interdisciplinar.

Assim, no sentido de reunir várias áreas do conhecimento, originaram-se diferentes segmentos dentro dentro da CI, visando seu desenvolvimento e produção científica. A Biblioterapia, é classificada por diversos autores como um campo interdisciplinar Rattton (1975), Caldin (2001), Ferreira (2003), Castro (2005), Lucas (2006), Fonseca (2014), e multiprofissional (PINTO, 2005). Há consenso entre os autores como um campo propício para atuação do profissional bibliotecário.

Nesse contexto, a Biblioterapia se caracteriza em uma visão mais ampla nas pesquisas da CI, pois apesar de seu aspecto terapêutico, a base de seu processo é oriunda da comunicação e mediação da informação, buscando o compartilhamento e interpretação de informações para atender ao usuário, como defendem Lucas, Caldin e Silva (2006).

A origem da leitura como terapia é datada desde as primeiras civilizações (egípcia, grega e romana). Ainda no primeiro século existem registros de como as sociedades antigas tinham a comum característica de associar bibliotecas a locais sagrados, de cura, ou até “remédios para alma” (ALVES, 1982).

Caldin (2010, p. 13), cita o valor terapêutico da leitura como processo antigo, apontando que

Na Grécia antiga e na Índia recomendava-se a leitura individual como parte do tratamento médico e, desde o século XIX, nos Estados Unidos da América se utiliza leitura individual em hospitais como

coadjuvante no processo de recuperação do doente (CALDIN, 2010, p. 13).

Nos séculos XIX e XX, também se relata como a medicina acreditou na leitura como parte do plano terapêutico dos pacientes, sendo pontuada historicamente também na Primeira e Segunda Guerra Mundial. Segundo Pinto (2005), a leitura era utilizada como auxílio para a recuperação de pacientes feridos, quando bibliotecários leigos da Cruz Vermelha ajudaram na construção de bibliotecas nos hospitais do Exército, durante a Primeira Guerra Mundial. Já na Segunda Guerra Mundial, a corporação soviética aconselhou a população a ler, como forma de se distrair e automaticamente pensarem em algo além da miséria que enfrentavam, em virtude do domínio Alemão, que impediu a entrada de alimentos à cidade Russa de Stalingrado.

Nos anos 1970, procurou-se uma base para o desenvolvimento da Biblioterapia como campo, incluindo cursos sobre a técnica, enquanto que nos anos 1980 o investimento nesta área foi de preparação de profissionais, com padrões e certificados para biblioterapeutas treinados, não se esquecendo da busca constante de teorias e da necessidade de pesquisas e métodos (PEREIRA, 1996, p. 45-46). Artigos publicados nos Estados Unidos, no período de 2001 a 2012, apontam o estudo da Biblioterapia no atendimento de todo tipo de distúrbio, tanto emocional quanto social, validando-o no âmbito da Psicologia. Atualmente, as pesquisas acrescentam a tendência de desenvolverem a auto aplicação da Biblioterapia, como um processo de autoajuda, como indicam as publicações recentes sobre o tema, nos Estados Unidos. No Brasil, entretanto, ainda se busca o entendimento da realização desta atividade em grupo, principalmente no ponto de vista da Biblioteconomia, identificando a vertente tanto científica como prática.

A interação do homem com a literatura não é recente, no seio da sociedade, foi abordada por vários filósofos e pensadores ainda no século XX. Ao longo dos anos, tais

posicionamentos acerca da existência e psique humana, tomaram grandes proporções na sociedade, fazendo com que a literatura ganhasse uma importância ímpar no tratamento de enfermidades, além de sua contribuição cultural e educacional.

A Biblioterapia nasceu dos termos derivados das palavras latinas *biblion* (livros) e *therapein* (tratamento), segundo Caldin (2001). Ouaknin (1996) ressalta que o objeto central da Biblioterapia é o ser humano em contínuo movimento, onde o fortalecimento psíquico advém do processo interpretativo e narrativo da leitura, logo, o entendimento do texto lido possibilita a terapia reafirmada nas interações entre o texto e o indivíduo, de forma a trabalhar o emocional da pessoa enferma juntamente com os tratamentos tradicionais.

Na literatura os conceitos de Biblioterapia se assemelham tanto nos profissionais da área de informação como nos profissionais da área de educação, de psicologia e de medicina, porém há discrepâncias em como ela é definida para estudo, se é uma área do conhecimento, um campo de atuação ou uma técnica (SILVA, 2005). Na literatura os conceitos de Biblioterapia se assemelham tanto aos profissionais da área de informação como aos profissionais da área de educação, de psicologia e de medicina, porém há discrepâncias em como ela é definida para estudo, se é uma área do conhecimento, um campo de atuação ou uma técnica (SILVA, 2005).

No Brasil, os primeiros estudos acerca da Biblioterapia, datam 1975, com Ângela Maria Ratton, ao tornar público o seu artigo "Biblioterapia", no qual ressalta os benefícios da leitura. E em 1982, Maria Stela Orsini ao publicar o artigo "O uso da literatura para fins terapêuticos".

3 O PAPEL DA MULHER NA CIÊNCIA E NA CI

A CI enquanto ciência social possui como um de seus objetivos atender as necessidades de informação de grupos e indivíduos. Ao considerar a informação como fonte de saber e

poder visa contribuir no processo de produção, organização, acesso e disseminação de conteúdos informacionais, buscando a diminuição das desigualdades vivenciadas pelas minorias.

Nesta pesquisa, ao mensurar a produção bibliográfica por gênero, parte-se da perspectiva teórica de Joan Scott (1990, p. 14) sobre gênero, que o entende como um componente constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo a primeira forma a significar às relações de poder.

A ciência reflete sobre gênero desde o final dos anos 1960. O domínio está tradicionalmente atrelado às pesquisas em Ciências Sociais, sendo abordada pela Sociologia, Psicologia, Educação, entre outros. O conceito moderno do termo gênero surgiu no final dos anos 1960, quando o psiquiatra Robert Stoller – ao pesquisar sobre problemas anatômicos em meninas e meninos, que ocasionavam uma criação como se fossem do sexo oposto – definiu a diferença entre sexo e gênero. Partindo desta pesquisa⁶⁶, Stoller percebeu que existiam duas características: uma biológica – qual demonstraria que o ser humano, como espécie, precisa de diferenciação sexual para se reproduzir -, consistindo assim no sexo, e outra psicológica – que se definiriam como os comportamentos atribuídos e esperados de cada gênero – , consistindo em gênero (MATOS, 2015).

O movimento feminista na década de 1960 trouxe um conjunto de ideologias. As mulheres queriam ser vistas pela sociedade como sujeito e editar novas regras sócio culturais. Explica Saboya (2013, p. 1-2) a respeito do movimento feminista da época:

De um lado, o feminismo, por meio de suas lutas específicas, chamou a atenção para a desigualdade política, jurídica, social e econômica das mulheres; de outro, foi a

⁶⁶ Pesquisa publicada no livro *“Sex and gender: on the development of masculinity and femininity”*.

fundo em suas reflexões sobre a desigualdade, possibilitando o aparecimento de trabalhos sobre relações de gênero e mulher, pondo em xeque argumentos historicamente tomados como naturais (SABOYA, 2013, p. 1-2).

Os estudos sobre a mulher se iniciaram ainda nos anos 1960, mas somente nos anos 1970 ganharam maior notoriedade. Em 1980, diante de uma postura crítica a respeito da posição das mulheres, inúmeras áreas passaram a questionar os papéis sociais, as desigualdades de poder e sua relação com o sexo, afirma Sardenberg (2014). Isso ocorreu também pelos movimentos que pediam igualdade de direitos entre homens e mulheres, o que acabou facilitando a entrada delas na educação e carreira científica, antes áreas ocupadas apenas por homens.

Outro aspecto relevante nas mudanças propostas pelo movimento feminista se dá pelas grandes mudanças na estrutura familiar, como o de emancipação feminina. Segundo Espírito Santo (2008), esses movimentos influenciaram substancialmente o meio acadêmico, principalmente nos Estados Unidos e Europa.

De acordo com Louro (1994, p. 31), acompanhando um movimento internacional, surgiram no Brasil na década de 1970, grupos de estudo no meio acadêmico, destinados a discutir as questões da mulher, que levando em conta a realidade em que se encontrava o país, lutavam não só por igualdade de direitos, mas por questões sociais, como anistia, aumento do custo de vida, etc.

Seguindo este movimento, a introdução da mulher no meio científico, no século XX, também ocorreu pelo fato de que:

A Ciência passou a receber duras críticas, o que permitiu o ingresso das mulheres nas atividades acadêmicas, [...] vale ressaltar, que se continuava a desconsiderar as relações de gênero quanto à metodologia,

o conteúdo da pesquisa e a distribuição das posições de poder entre homens e mulheres (SILVA, 2008, p. 137).

Estudar gêneros é também verificar através da história, a posição das mulheres na sociedade, como elas são vistas e quais são os problemas culturais que ainda impedem sua visibilidade aos olhos da Ciência, ou do mercado de trabalho em geral. Segundo explica Silva (2008, p. 134):

Para se entender o problema que existe entre a ciência e as mulheres é preciso, inicialmente, se entender que se trata de um problema de relações sociais de gênero, uma vez que a ciência tem se caracterizado como masculina, ora excluindo as mulheres, ora negando seus feitos científicos (SILVA, 2008, p. 134).

Na Biblioteconomia, desde de 1990, é possível encontrar artigos que versam sobre gênero sob diferentes enfoques, tais como: formação acadêmica (RASCHE, 1998), mediação da informação (CRIPPA, 2011), na literatura da área (BUFREM; NASCIMENTO, 2012), desigualdades no mercado de trabalho (FERREIRA *et al.*, 2013) ou sobre o trabalho em bibliotecas (SOUZA; AFONSO, 2014).

Segundo Leta (2003), somente a partir da década de 1980 e 1990 que a participação feminina aumentou no âmbito científico. Dados mais recentes demonstram que a desigualdade na ciência e tecnologia ainda persiste, bem como a hierarquização administrativa que favorece os homens, tornando necessário o incentivo à participação de mulheres em pesquisas, desde a educação básica.

4 METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa, com caráter documental e propósito descritivo. Segundo Braga (2007, p. 25), “esse tipo de pesquisa não tem o objetivo de testar uma

hipótese, mas de procurar padrões”, portanto não será uma pesquisa com resultados conclusivos, mas norteará pesquisas futuras.

O presente trabalho foi desenvolvido fundamentalmente por análise documental, buscando mostrar a importância da presença feminina na produção a respeito da Biblioterapia no contexto da CI, no Brasil. Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva, que tem como objetivo identificar a produção sobre Biblioterapia realizada por mulheres no campo da Ciência da Informação, por meio da trajetória metodológica de levantamento das informações.

Para o alcance dos objetivos dessa pesquisa foi realizado um estudo, a partir da produção de Trabalhos de Conclusão de Curso, Teses e Dissertações, e também em artigos de periódicos da área de Biblioteconomia, encontrados na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e em repositórios institucionais referentes ao tema Biblioterapia, no qual se realizou um levantamento dos mesmos. Desta seleção resultou um corpus documental constituído pelos artigos publicados sobre Biblioterapia, a partir da análise da palavra-chave “Biblioterapia na Biblioteconomia”. Os resultados da pesquisa serão apresentados na seção 5. Por meio de fontes de informação, tais como artigos de periódicos e textos acadêmicos (monografias, dissertações e teses), encontrados na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e em repositórios institucionais, o trabalho foi desenvolvido a partir da busca geral pelo assunto “Biblioterapia na Biblioteconomia”.

Em todo o material foi feita uma análise conceitual e histórica da Biblioterapia, e de produções comuns sobre o tema, realizadas exclusivamente por profissionais da Biblioteconomia, destacando a autoria feminina. Compilaram-se então, somente artigos de periódicos e trabalhos acadêmicos visando a produção temporal e contínua para seleção da bibliografia, onde não foi considerada a produção

bibliográfica de livros a respeito do tema. Devido ao caráter expressivo das duas áreas, essas foram relacionadas tendo em vista a relevância da produção sobre Biblioterapia no âmbito da CI, realizada por mulheres. A escolha dos termos foi atribuída em relação ao termo geral da pesquisa e a pesquisa do material bibliográfico foi realizada nas referências publicadas no período de 1975 a 2019.

5 RESULTADOS

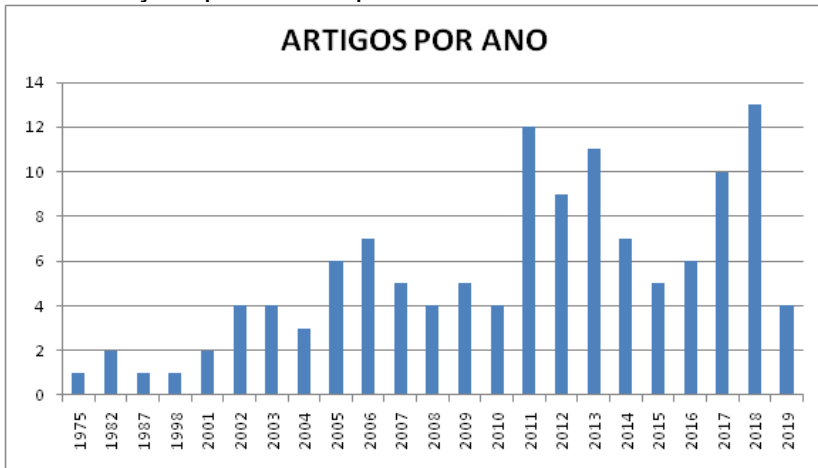
Ao todo, foram levantados 62 artigos produzidos no Brasil, publicados em periódicos da Ciência da Informação, principalmente no campo da Biblioteconomia sobre o tema: Biblioterapia de autorias predominantemente femininas, cobrindo o período compreendido entre 1975 – data da primeira publicação periódica sobre o tema -, até o ano de 2019.

Referente aos produtos gerados nas Universidades (monografias, teses e dissertações), foram levantadas no total 70 produções acadêmicas, em repositórios institucionais (variando entre os níveis de Graduação, Mestrado e Doutorado), produzidos no Brasil, de autoria feminina, publicados em Repositórios Institucionais, no campo de Biblioteconomia sobre o tema: Biblioterapia. Cobrindo o período compreendido entre 1987 – data da primeira monografia sobre o tema -, até o 1º Semestre letivo de 2019 (1/2019), recuperados por meio dos repositórios institucionais das Universidades.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De acordo com os dados obtidos na pesquisa realizada, é possível **indicarmos** e **datarmos** os anos de produção acentuada sobre o tema, como demonstra o gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Número de Artigos Científicos, Monografias, Teses e Dissertações publicados por ano no Brasil.



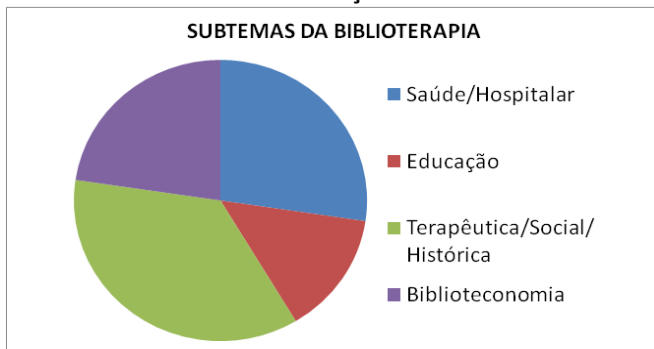
Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Fundamentando-se nos artigos recuperados, criou-se o Gráfico 1, que data a produção sobre o tema de Biblioterapia tanto em Periódicos quanto nas formações acadêmicas de nível superior no Brasil, no Campo da Ciência da Informação.

Ao relacionar a produção a respeito da Biblioterapia, dentro da Biblioteconomia, com as linhas de pesquisa já existentes sobre o tema, pode-se categorizar e reunir os dados de acordo com um subtema pré-existente.

Pode-se afirmar que as produções sobre Biblioterapia no campo da Ciência da Informação, dividem-se majoritariamente nas áreas da saúde, educação, prática terapêutica e quanto a atuação do Bibliotecário na área, como pode ser notado nas produções levantadas e organizadas conforme o direcionamento da pesquisa, como é demonstrado a seguir no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Subtemas das Produções a certa de Biblioterapia:



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Constatou-se a presença constante de mulheres na preocupação do desenvolvimento da parte social da CI. É notória a dedicação na pesquisa e produção científica para o crescimento da área de atuação na Biblioterapia, por bibliotecárias. A visão social do papel que pode ser desempenhado por profissionais da informação, é ligada ao estímulo da leitura e assiduidade nas Bibliotecas, sejam elas públicas e/ou comunitárias, escolares, hospitalares ou especializadas.

As bibliotecárias vislumbram a atuação na mediação da biblioterapia. Em relação ao papel social de mediador, conforme Almeida Júnior e Bortolin (2007, p. 3) enfatizam que o profissional mediador pode interferir eticamente no cotidiano da pessoa, fomentando a busca de informação e de leituras, e, por meio destas, um conhecimento adquirido se torna uma construção constante da vida.

Os resultados apresentados no Gráfico 2, apontam a maior produção entre os artigos levantados a respeito da função social, terapêutica e histórica da Biblioterapia, incluindo a realização da Biblioterapia como ocupação para idosos e casas de recuperação e ressocialização. Seguindo, tem-se os estudos a respeito da humanização em processos hospitalares e contribuições para recuperação de pacientes em tratamentos de saúde, infantis e adultos, e a crescente

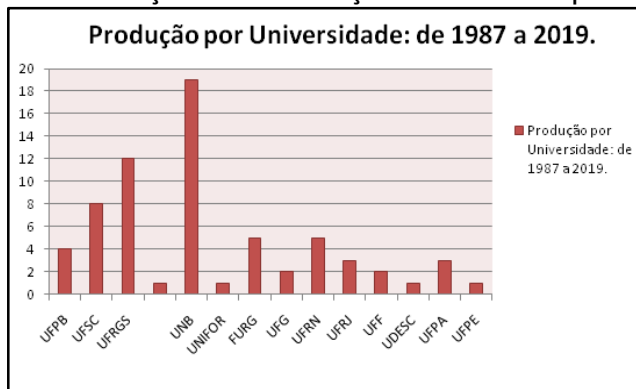
criação de bibliotecas hospitalares para realização da atividade terapêutica da leitura, não somente desempenhada como prática de entretenimento. Em terceiro lugar, está a preocupação dos profissionais da Biblioteconomia quanto a sua própria atuação na Biblioterapia, e esta no campo da Ciência da Informação.

É notória a popularização da Biblioterapia por profissionais bibliotecários e instituições e unidades de informação, é crescente principalmente entre recém formados, a visão de mediador no processo de Biblioterapia.

Por fim, dentre os dados levantados estão os estudos da Biblioterapia voltados para a área da Educação, aplicados em escolas e até em práticas lúdicas, principalmente na fase da educação infantil e básica, visando estimular o desenvolvimento da criança, gosto pela leitura e facilidade na socialização dos estudantes.

Outra análise possível, mediante o levantamento dos dados, é a produção acadêmica da Biblioterapia por Universidade, o que demonstra a concentração de estudantes e pesquisadores a respeito da temática, visando contribuir e ampliar a atuação do profissional bibliotecário na Biblioterapia, como demonstra o Gráfico 3, a seguir.

Gráfico 3 – Produção Por Instituição de Ensino Superior



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

No âmbito acadêmico, cabe ressaltar as produções de Clarice Fortkamp Caldin, pesquisadora de grande renome na Biblioterapia para a Ciência da Informação. Dentre os dados levantados, Caldin acumula um total de 15 produções, sendo 13 artigos científicos publicados nos periódicos da CI listados no quadro 5, e 2 produções acadêmicas, a nível de Mestrado e Doutorado. Tendo em vista a temática levantada neste trabalho, Caldin merece ainda mais destaque, como mulher na CI, produzindo sobre a Biblioterapia e orientando estudantes em suas produções acadêmicas em grande número na região Sul, principalmente na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A dedicação de bibliotecárias à Biblioterapia na CI se reafirma nesta pesquisa, buscando não somente desenvolver a pesquisa acadêmica, mas também destacar a Biblioterapia como uma possível atuação para as profissionais bibliotecárias.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Biblioterapia pode ser entendida como uma leitura dirigida para o tratamento de diversas questões, de modo terapêutico, visando contribuir para o desenvolvimento do indivíduo desde sua infância. A Ciência da Informação abrigou a Biblioterapia de maneira singular, possibilitando a profissional bibliotecária a atuação de forma social no desenvolvimento desta atividade com seus usuários, nos mais diversos ambientes. Mesmo não sendo a única Ciência a estudar a Biblioterapia – pois esta é interdisciplinar –, a atividade teve sua realização facilitada pelo ambiente das bibliotecas, centrais na Biblioteconomia e Ciência da Informação. A presente pesquisa objetivou-se a destacar o fundamentalismo no papel das mulheres sobre a produção de conhecimento no âmbito da Biblioterapia, uma vez que realizou-se o levantamento de aproximadamente 40 anos, desde datadas as primeiras produções sobre Biblioterapia no contexto da Ciência da Informação em âmbito nacional, e salienta-se, que a maior parcela do conhecimento produzido

é de autoria feminina. O desenvolvimento da Biblioterapia relaciona-se com a responsabilidade social, mudança cognitiva, comunicação informacional e método terapêutico, o que permite a profissional bibliotecária uma atuação brilhante, tendo em vista características que aproximam a Ciência da Informação da Biblioterapia.

Neste contexto, consideramos as contribuições da produção das mulheres no tocante a Biblioterapia de grande valia, representando não somente o crescimento de um novo segmento de pesquisa e trabalho (observando o emprego desta na área terapêutica e social; de ressocialização; no trato com idosos e crianças órfãs; na área hospitalar; no campo da educação e também no campo da atuação bibliotecária e quanto à especialidade do estudo na Ciência da Informação), mas um ato político em ocupar o espaço científico e profissional. Acredita-se que a predominância feminina esteja relacionada também a crescente participação das mulheres na contribuição da produção do conhecimento científico, fenômeno que vem em expansão aproximadamente desde a década de 60, com os primeiros movimentos feministas, e que atualmente destacam-se com a ocupação de cargos políticos por mulheres que visam investir em políticas públicas que viabilizem a participação de mulheres nos espaços de produção do conhecimento acadêmico e científico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em ciência da informação. *In*: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p.17-38 (Série Ciência da Informação e da Comunicação).

BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna Silva do. A questão do gênero na literatura em Ciência da Informação. **Em questão**, Porto Alegre, v. 18, Edição Especial, p. 199-240, 2012.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Idéias, 2010. 199 p.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 6, n. 12, 2001.

CRIPPA, Giulia. Currículo do sistema currículo Lattes. [Brasília], 20 mar. 2018. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2986616715435331>. Acesso em: 17 set. 2019.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão**. Porto Alegre, v.14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008.

FERREIRA, Maria Mary; VEIGA, Marcos Aurélio Pereira; TEIXEIRA, Rafaela Pereira.; EVANGELISTA, Raimunda Lima. Relações de classe e de gênero no mercado de trabalho do profissional bibliotecário no estado do Maranhão. **Múltiplos olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, 2013.

GUEDES, Mariana Giubertti; BAPTISTA, Sofia Galvão. Biblioterapia na Ciência da Informação: Comunicação e Mediação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 18, n. 36, p. 231-253, jan./abr., 2013.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LETA, Jaqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, v. 49, set./dez. 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero**. Projeto História (PUCSP), São Paulo, v. 11, p. 31-46, nov. 1994.

LUCAS, Elaine R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectiva em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v.11, n.3, p. 398-415, set./dez. 2006.

MATOS, Marlise. Gênero. In: FLEURY-TEIXEIRA, Elizabeth; MENEGHEL, Stela N. (Org.). **Dicionário feminino da infâmia: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015. p.153-155.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, Marília M. Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, abr. 2005.

RASCHE, Francisca. Papéis de gênero e sua influência na formação acadêmica de mulheres estudantes de Biblioteconomia em Santa Catarina. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 3, n. 3, 1998.

SABOYA, Maria Clara Lopes. Relações de gênero, ciência e tecnologia: uma revisão da bibliografia nacional e internacional. **Educação, gestão e sociedade**: revista da faculdade Eça de Queirós, v. 3, n. 12, nov. 2013.

SARDENBERG, Cecilia M. B. **Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista**. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>> . Acesso em 18 jun. 2020.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da biblioterapia como campo de atuação profissional no Brasil**. 2005. 122 f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SMIT, Johanna W; TÁLAMO, Maria de Fátima G. Moreira. Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna? *In*: Lara, Marilda Lopes de; Fujino, Asa; Noronha, Daisy Pires (Org.).

Informação e contemporaneidade: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. p. 27-46

SOUZA, Maria A. R. de; AFONSO, Lúcia H. R. O trabalho em bibliotecas: desafios para a construção de novas relações de gênero. **Observatório em Debate**, v. 1, 2014.

LUGAR DE MULHER É NAS CIÊNCIAS: ANÁLISE DA CRIAÇÃO DE UMA DISCIPLINA DE GÊNERO NO CAMPO INFORMACIONAL ⁶⁷

Sofia Frahlich Cavalleiro
Jacqueline Ribeiro Cabral

⁶⁷ Texto baseado na pesquisa realizada para a elaboração do trabalho de conclusão de curso de mesmo título, defendido por Sofia Frahlich Cavalleiro em 2019 sob a orientação de Jacqueline Ribeiro Cabral.



1 INTRODUÇÃO

Muito se avançou para que a mulher se inserisse na vida pública, na universidade, nas ciências, no mercado de trabalho, etc., antes mesmo dos movimentos feministas. Entender e reconhecer essas lutas é primordial para que se avance ainda mais. Isto é, ainda com todas as mudanças que ocorreram, ainda há muito a ser feito para que se alcance a equidade.

As ciências ainda apresentam diversas questões em relação a gênero a serem discutidas. Como exemplo, a forte presença de mulheres em áreas relacionadas ao cuidado maternal, como a Saúde e a Educação, bem como a Biblioteconomia, em contraposição à forte presença masculina em áreas de tecnologia e exatas. Soma-se a isso o fato delas não ocuparem cargos de prestígio. Algumas áreas do conhecimento são desvalorizadas justamente por serem femininas, como é o caso da Biblioteconomia. Portanto, discutir gênero em todas as áreas é primordial, para que se possa entender seu papel tanto como área masculina como feminina, e realizar ações de forma a melhorar esse quadro.

Os estudos de gênero na Biblioteconomia ainda são escassos, então destaca-se a importância dessas pesquisas devido exatamente ao que foi discutido nos parágrafos anteriores. Isso pode ser explicado pela ausência do debate de gênero no currículo e de uma disciplina que trate especificamente dessas questões.

A partir disso, o presente capítulo apresentará, inicialmente, os objetivos. Num segundo momento, discute-se a trajetória da inserção das mulheres na Biblioteconomia, como também apresentar esse processo nos dias de hoje. Por fim, propõe-se a criação de uma disciplina de gênero na Ciência da Informação através de um questionário aos alunos do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (UFF), e discute-se os resultados.

Traçou-se como objetivo geral: Analisar o interesse dos alunos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense (UFF) na

oferta de uma disciplina que inclua o debate sobre gênero no campo informacional.

Foram traçados como objetivos específicos:

- Relatar como se deu a feminização de certas áreas do conhecimento, sobretudo na Biblioteconomia;
- Analisar a receptividade dos alunos acerca da disciplina através de um questionário.

2 MULHERES NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA

Cada vez mais tem se tornado perceptível a inserção da mulher no mercado de trabalho, porém “a maior parte [...] está nas chamadas profissões femininas, consideradas como tal pela proporção de mulheres em seus quadros” (FERREIRA, Maria, 2003, p. 190)⁶⁸. E como exemplo temos as empregadas domésticas, secretárias, professoras, assistentes sociais, enfermeiras e bibliotecárias.

Tanto a Biblioteconomia como a Ciência da Informação (CI) estão inseridas nos níveis que representam máxima ou extrema feminização, tendo um percentual de mulheres acima de 80% (OLINTO, Gilda, 1997 *apud* FERREIRA, Maria, 2003). A partir desses dados, torna-se importante discutir os conceitos de segregação horizontal e vertical.

Gilda Olinto (2011) explica que na segregação vertical, as mulheres tendem a se manter em posições mais subordinadas, ou seja, elas não avançam em suas carreiras. Em relação a isso, alguns estudos falam do ‘teto de vidro’ (também chamado de ‘teto de cristal’), um termo que ilustra os aspectos no ambiente de trabalho que favorecem os homens, e que “impede as cientistas mulheres de ascenderem

⁶⁸ Embora existam regras de citações e referências bibliográficas para trabalhos científicos (e tenho imenso respeito a elas), decidiuse, juntamente com a orientadora, que, o presente trabalho, uma vez que trata da visibilidade de mulheres na ciência, citará o prenome e sobrenome das autoras consultadas. Assim, as mulheres não ‘desaparecem’ atrás de sobrenomes.

[...] [e] as deixam fora dos postos de maior poder e responsabilidade em ciência e tecnologia” (LINO, Tayane; MAYORGA, Cláudia, 2016, p. 103). É importante ressaltar que essas diferenças são mais demarcadas nos níveis ocupacionais mais altos e de maior prestígio, em qualquer tipo de atividade, não só a científica.

Apesar de estarem inseridas na ciência e na esfera pública, “as mulheres não perdem a responsabilidade com o cuidado da casa e dos filhos, em outras palavras, [...] [isso] não resulta em uma nova divisão sexual do trabalho doméstico e familiar” (LINO, Tayane; MAYORGA, Cláudia, 2016, p. 104). Assim, a mulher se encontra numa jornada excessiva, precisando balancear suas três realidades: a acadêmica, pessoal e familiar. Para que cumpram todas essas jornadas, exploram o trabalho de outras mulheres que, muitas vezes, também são trabalhadoras, mães e esposas.

Discute-se então a segregação horizontal, marcada pela escolha de carreira baseada no gênero, isto é, as inclinações das mulheres são levadas de forma que sejam marcadamente diferentes das dos homens. Com a influência externa (principalmente da família e da escola), as meninas se avaliam mais capazes para o exercício de certas atividades e estabelecem “para si mesmas estratégias de vida mais compatíveis com o que consideram [...] como mais adequados para elas” (OLINTO, Gilda, 2011, p. 69). Isso ocorre porque as mulheres “foram associadas [às] características como delicadeza, zelo, afetividade [...] que excluem e estigmatizam a mulher no cenário científico” (GROSSI, Márcia, et al, 2016, p. 18).

Dessa forma, este capítulo terá como foco a feminização da Biblioteconomia e da CI, traçando um breve histórico e mostrando como a área se apresenta nos dias de hoje.

2.1 TRAJETÓRIA FEMININA NA BIBLIOTECONOMIA

É preciso rever os valores presentes na história do curso de Biblioteconomia no Brasil, e entender como ocorreu sua

inserção nas profissões chamadas femininas, que as relações de gênero, hierarquizadas, têm “colocado as mulheres em situação de desprestígio social, principalmente naquelas profissões onde há o predomínio do sexo feminino” (FERREIRA, Maria, 2003, p. 190).

Apenas no século XX que a Biblioteconomia é estabelecida como uma profissão feminina, pois anteriormente era relacionada com o conhecimento e a sabedoria, sendo então ocupada por homens, os bibliófilos.

Os bibliotecários gozavam de certo prestígio pois o eram por complementaridade, sendo também cientistas e eruditos [...], em razão da atuação no campo de determinada disciplina e pela necessidade de investigações daquela especialidade (ROGGAU, Zunilda, 2006 *apud* PIRES; DUMONT, Lígia, 2016, p. 3).

O que mudou esse quadro foi a maior tecnicidade da profissão (influência norte-americana), juntamente com a entrada das mulheres no mercado de trabalho (um mercado regido pelas relações de gênero) e a proximidade com a Educação, sendo este último tópico abordado por Elisabeth Martucci (1996), pois estas áreas se caracterizam como extensões da vida doméstica, onde a mulher apresentaria virtudes inatas como amor às crianças, paciência, espírito maternal, bons costumes, etc. Não obstante a insatisfação inicial da classe bibliotecária a respeito de uma formação menos erudita, “o perfil de formação de bibliotecários mais técnicos acabou se difundindo, a princípio nos Estados Unidos, e, mais tarde, em outros países” (PIRES, 2016 *apud* PIRES; DUMONT, Lígia, 2016, p. 4), incluindo o Brasil.

Na época da presença dos jesuítas no Brasil, as bibliotecas tinham função de contribuir com as atividades religiosas, cabendo aos homens da Igreja Católica cuidar do espaço e administrá-lo. Houve um crescimento na quantidade

de bibliotecas públicas e escolares no país, em razão da vinda da família real portuguesa e a independência do Brasil. Nessa época, ser bibliotecário estava relacionado a homens da aristocracia, e tal profissão se estabeleceu no Brasil “com uma questão de gênero forte, uma vez que os requisitos para a contratação não permitiam o acesso das mulheres e das pessoas de classes sociais inferiores” (SOUSA, Beatriz, 2014 *apud* PIRES; DUMONT, Lígia, 2016, p. 5).

No Brasil, a área propriamente dita surge no início do século XX, tendo como marco inicial a criação do curso de Biblioteconomia na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1911, com o objetivo de contratar pessoas capacitadas para trabalhar neste espaço. Francisca Rasche (1998, p. 77) aponta os homens como sujeitos de tal processo, devido aos seguintes aspectos: “acesso à educação bem como a livros, privilégio de homens, brancos, de elite econômica e cultural”, coisas que as mulheres demoraram a possuir.

A inserção das mulheres na Biblioteconomia se dá no século XX (levando em consideração que elas só começam a ocupar o mercado de trabalho entre os séculos XVIII e XIX), no final da década de vinte. A institucionalização dos cursos de Biblioteconomia no país coincide com a procura de mulheres por cursos de fácil entrada e por serem, em grande parte, oferecidos em turnos matutinos, sendo assim ‘perfeitos’ para ‘moças de boa família’ (FERREIRA, Maria, 2003).

Sua inserção também se deu pelo fato de que as bibliotecas brasileiras já estavam sendo construídas junto às escolas, possuindo um papel educativo (MARTUCCI, Elisabeth, 1996). Uma vez que são as mulheres que se dedicam à casa, aos filhos, ao marido e cuidam dos doentes e das hortas, “o sistema capitalista tinha, portanto, que engajá-las em profissões afinadas com essas tarefas” (FERREIRA, Maria, 2003, p. 195). O trabalho feminino “não pode ser pensado como uma decisão individual, mas como um reflexo do mercado de trabalho disponível” (MARTUCCI, Elisabeth, 1996, p. 237).

Além disso, o curso de Biblioteconomia era visto da mesma maneira que o de Pedagogia, como cursos ‘espera

marido'. "Quem fazia biblioteconomia, [...] o fazia dado o curso ser mais curto (três anos), o que facilitava a profissionalização das jovens, que naquele período se casavam mais cedo" (FERREIRA, Maria, 2003, p. 197).

O perfil de estudantes, no período inicial dos cursos de Biblioteconomia, era de moças 'bem-nascidas', porém, com o passar do tempo, sofreu alterações, atraindo "estudantes das camadas populares da sociedade" (PIRES; DUMONT, Lígia, 2016, p. 6), porém apresentando ainda alta feminização. A explicação é que estes estudantes se interessaram pela área devido à oferta de empregos formais, destacando-se concursos públicos, e à "baixa concorrência no vestibular, o que permitiria aos oriundos das classes menos favorecidas pleitear o acesso à universidade" (PIRES; DUMONT, Lígia, 2016, p. 6).

Depois de 1980, foi observado que os homens estavam buscando mais pelos cursos de Biblioteconomia, e algumas justificativas são a proximidade da área com outras consideradas masculinas, como a Administração e Ciência da Computação, e o "movimento da sociedade no sentido de rompimento de barreiras da divisão sexual do trabalho" (PIRES; DUMONT, Lígia, 2016, p. 3). Uma pesquisa (PENA; CRIVELLARI, Helena; NEVES, 2016) mostrou que dos anos 1994 a 2004, a quantidade de bibliotecários homens aumentou de 13,02% a 23,87%. No caso das mulheres houve uma queda, de 86,98% a 76,13%. Mesmo com esses dados, é importante ressaltar que a área ainda é considerada fortemente feminina.

Conforme Pires e Lígia Dumont (2016, p. 3), a constituição da profissão bibliotecária "como uma 'profissão feminina' influenciou o status que a atividade tem, bem como os estereótipos associados pela sociedade à profissão."

Os estereótipos são abordados por Maria Walter e Sofia Baptista (2007, p. 30), e descrevem a visão popular em relação às bibliotecárias: além de associarem a profissão a mulheres, elas são "em geral idosas e, especialmente, com dois adereços principais, como uma espécie de marca registrada, que são os indefectíveis óculos e o famigerado coque nos cabelos", e

uma postura pouco receptiva aos usuários, como o famoso gesto pedindo silêncio. As autoras, citando Hinton (2000), também tratam da vestimenta utilizada pelas profissionais, sendo imaginada como conservadora e introvertida.

Os homens bibliotecários também apresentam estereótipos, relacionados à orientação sexual e ao valor tradicional dado aos homens: “muitos bibliotecários demonstram receio em ser confundidos com homossexuais” (SOUSA, Beatriz, 2014 *apud* PIRES; DUMONT, Lígia, 2016, p. 7). Eles não querem ser comparados com os estereótipos femininos, mas sim “excluir-se das características sexuais que o pensamento popular caracteriza as bibliotecárias” (SABLE, 1969, p. 749 *apud* WALTER, Maria; BAPTISTA, Sofia, 2007, p. 35).

É importante salientar que os homens costumam preferir as áreas ‘mais masculinas’, relativas ao gerenciamento da informação e do conhecimento:

as relações de gênero e os papéis que os homens devem desempenhar na sociedade estão tão arraigados, que mesmo em uma profissão feminilizada, eles optam [...] por atividades comumente ligadas ao masculino (PIRES; DUMONT, Lígia, 2016, p. 11).

A Ciência da Informação, mesmo sendo uma área jovem que ainda busca sedimentação na comunidade científica (CAPURRO, 2003 *apud* BUFREM, Leilah; NASCIMENTO, Bruna, 2012), também apresenta o mesmo quadro de feminização, e na sua história há certo protagonismo masculino, pois facilmente nos lembramos de muitos pesquisadores homens importantes para a área, e o mesmo não ocorre em relação às pesquisadoras mulheres (CORRÊA, Elisa; OLIVEIRA, Ana, 2018).

Por esse motivo, faz-se necessário direcionar novos olhares à construção da CI sob o viés dos estudos de gênero, a fim

de ressignificar o protagonismo feminino e sua evidente contribuição histórica para a área, uma vez que são grandes as potencialidades dessa categoria nas análises sobre os atributos e os papéis/expectativas associados, historicamente, a homens e mulheres, sobretudo no que diz respeito aos lugares e espaços considerados 'masculinos' e 'femininos' (CORRÊA, Elisa; OLIVEIRA, Ana, 2018, p. 18).

2.2 ESTUDOS DE GÊNERO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA

É importante pesquisar sobre estudos de gênero na Ciência da Informação porque, de acordo com Capurro (2003 *apud* ESPÍRITO SANTO, Patrícia, 2008, p. 318), o objetivo da área é estudar as relações entre os discursos, áreas de conhecimento e documentos “em relação às possíveis perspectivas ou pontos de acesso de distintas comunidades de usuário. Entre essas comunidades [...], destacamos as mulheres.”

Esses estudos devem ser estimulados em nossa área, porque estão relacionados com análises de relações de poder, sendo a informação um importante elemento na eliminação de desigualdades e no aumento da conscientização sobre as possibilidades políticas, principalmente em relação às questões de desequilíbrios sociais e de gênero, no que tange às esferas da política, das instituições e das organizações (BUFREM, Leilah; NASCIMENTO, Bruna, 2012).

As autoras também defendem que a aplicação da bibliometria, ou seja, a mensuração da produção científica sobre um tema, “pode significar um melhor entendimento acerca de como a questão do gênero está sendo abordada pela CI, além de conferir maior visibilidade” (BUFREM, Leilah; NASCIMENTO, Bruna, 2012, p. 203).

As pesquisas que abordam mulher e gênero ainda são bem limitadas, dificultando a discussão dessas temáticas, uma vez que “as profissionais da informação, em geral, não relacionam a desvalorização social da profissão com o fato dela ser uma categoria predominantemente feminina” (FERREIRA, Maria, 2003, p. 193). A Ciência da Informação tem muito a contribuir para “a inclusão da dimensão gênero como indicador de recursos humanos, [...] fundamental para identificar a adaptação do Brasil à sociedade do conhecimento” (OLINTO, Gilda, 2006 *apud* ESPÍRITO SANTO, Patrícia, 2008, p. 320).

A autora afirma ainda que a inclusão de estudos de gênero no escopo da CI vai além de publicar artigos que concluem que a participação feminina no campo é pequena. É necessário também investigar as causas que mantêm as mulheres “ainda hoje menos produtivas que os homens, dentro dessa que é uma área historicamente feminina” (ESPÍRITO SANTO, Patrícia, 2008, p. 327).

Nota-se, dessa forma, que os estudos de gênero ainda não estão completamente consolidados no campo da Biblioteconomia. Segundo Maria Ferreira (2003, p. 190), a dificuldade de tratar esse tema só poderá ser entendida quando assumida uma posição crítica, e:

[...] repensando o trabalho feminino nessas áreas, buscando as causas de sua desvalorização e apontando saídas para que a profissional da informação reavalie sua inserção no mundo do trabalho e os conflitos advindos das relações sociais e de gênero (FERREIRA, Maria, 2003, p. 190).

Conclui que as relações de gênero, de classe e etnia, penetradas na sociedade, necessitam “ser revistas, estudadas e incorporadas nos conteúdos dos programas dos Cursos de Biblioteconomia” (FERREIRA, Maria, 2003, p. 193), com o objetivo de questionar a realidade e transformá-la.

A partir do que foi mostrado nessa seção, pensou-se que é importante dar visibilidade e espaço para os debates de gênero no campo informacional. Isso deve ser discutido já na graduação, por meio de uma disciplina, mas destaca-se a importância de se tratar esse assunto de forma transversal em todo o currículo. Portanto, decidiu-se conhecer e avaliar a opinião dos alunos do Departamento de Ciência da Informação da UFF quanto a oferta dessa matéria no currículo de Biblioteconomia e Arquivologia nas próximas seções.

3 METODOLOGIA

Para avaliar o interesse dos alunos graduandos do departamento de Ciência da Informação da UFF numa disciplina que trate das relações de gênero na área, optou-se pelo questionário, “instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva, 2010, p. 184). Aplicou-se através do Google Forms, onde foram feitas sete perguntas, sendo três fechadas e quatro abertas. As perguntas fechadas, também chamadas de limitadas, correspondem àquelas que a pessoa escolhe sua resposta entre as opções ali fornecidas. Já as abertas, ou livres, possibilitam que o informante responda livremente, sem a presença de opções (MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva, 2010).

4 INTERESSE DOS ALUNOS DO GCI/UFF NA OFERTA DE UMA DISCIPLINA DE GÊNERO

O público-alvo do questionário aplicado pertence ao Departamento de Ciência da Informação (GCI), que é subordinado ao Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS), localizado na Rua Prof. Lara Vilela, 126, São Domingos, Niterói – RJ. O GCI abarca os cursos de Arquivologia e Biblioteconomia e Documentação.

O curso de Arquivologia na UFF iniciou suas atividades em 1979, e faz parte da Coordenação do Curso de Graduação em Arquivologia (GGA), subordinada ao GCI e chefiada pelos professores Clarissa Schmidt e Renato de Mattos. Tem duração mínima de 8 e máxima de 12 semestres (COORDENAÇÃO..., 2018a; DEPARTAMENTO..., 2019). Dos 418 matriculados no curso, 278 são mulheres e 140 são homens, que representam em porcentagem 67% e 33%, respectivamente⁶⁹.

O curso de Biblioteconomia e Documentação na UFF iniciou suas atividades em 1973, e faz parte da Coordenação do Curso de Graduação em Biblioteconomia e Documentação (GGB), subordinada ao GCI e chefiada pelas professoras Julietti de Andrade e Fátima Justiniano. Tem duração mínima de 7 e máxima de 14 semestres (COORDENAÇÃO..., 2018b; DEPARTAMENTO..., 2019). Dos 385 matriculados no curso, 259 são mulheres e 126 são homens, que também representam em porcentagem 67% e 33%, respectivamente³.

4.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O questionário intitulado 'Análise de interesse dos alunos do Departamento de Ciência da Informação (UFF) na oferta da disciplina Gênero e Ciência da Informação' ficou aberto para respostas do dia 20 a 27 de setembro de 2019, totalizando sete dias. Foi feito com o *Google Forms*, disponibilizado nos *chats* do *Whatsapp* e no *Facebook* e obteve 33 respostas.

Para explicar o propósito do questionário aos respondentes, foi feita a seguinte descrição: "Olá, meu nome é Sofia Frahlich Cavalleiro, estudante de Biblioteconomia e Documentação na UFF. Esse questionário faz parte do meu TCC e é muito importante que você responda com atenção. Para responder, é necessário que você seja graduando do Departamento de Ciência da Informação (GCI) da UFF. Ou

⁶⁹ Disponível em: https://app.uff.br/transparencia/perfil_graduando. Acesso em: 27 set. 2019.

seja, você precisa estudar Arquivologia ou Biblioteconomia (não pode estar formado). Agradeço desde já!” Apresentou um total de sete perguntas abertas e fechadas, as quais se dão na tabela a seguir:

Tabela 1 – Perguntas do questionário

Pergunta	Tipo	Opções
Qual seu gênero?	Fechada	Feminino; Masculino; Prefiro não dizer
Qual sua idade?	Aberta	-
Qual seu curso?	Fechada	Arquivologia; Biblioteconomia e Documentação
Você está em qual período?	Aberta	-
Você se interessaria pela oferta da disciplina ‘Gênero na Ciência da Informação’?	Fechada	Sim; Não
Por que?	Aberta	-
Como essa disciplina poderia te ajudar na sua formação como bibliotecário(a)/arquivista?	Aberta	-

Fonte: Questionário aplicado pela autora no *Google Forms*

A ideia de descobrir o interesse por tal disciplina surgiu na leitura do artigo de Daniella Alves et al. (2018), onde é feita uma análise da disciplina Gênero em Ciência da Informação ofertada na Universidade Federal da Paraíba, apresentando como foi a experiência do curso na visão dos discentes que o ministraram. Neste estudo, as autoras defendem a tentativa do Departamento de Ciência da Informação em criar espaços que prestigiem “a memória e a experiência das mulheres como produtoras e usuárias da informação, assim como desconstruir a imagem do sujeito masculino universal” (p. 222).

No questionário, houve a intensão de manter a privacidade dos respondentes, portanto não tiveram campos para preencher o nome ou o *e-mail*. As respostas foram

completamente anônimas, e as porcentagens foram aproximadas em valores absolutos.

Na primeira pergunta ('qual seu gênero?'), das 33 pessoas, 24 são do gênero feminino (73%) e oito do masculino (24%). Uma pessoa marcou a opção 'prefiro não dizer' (3%). Isso pode ser explicado pela maior presença feminina no Departamento, bem como pela natureza da pesquisa, demonstrada no referencial teórico.

Na próxima pergunta ('qual sua idade?'), a idade mais respondida foi 23 anos, com seis respostas (18%), seguido de 19 e 21 anos, com cinco respostas (15%) cada. Apenas três respondentes têm mais de 30 anos (9%), especificamente 31, 40 e 65 anos. Sendo assim, os outros 91% correspondem as pessoas na faixa de 18 a 30.

A terceira pergunta ('qual seu curso?') teve um total de 24 alunos de Biblioteconomia e Documentação (73%) e nove de Arquivologia (27%). Dos nove alunos de Arquivologia, cinco são homens (60%) e quatro são mulheres (40%). Já entre os 24 alunos de Biblioteconomia e Documentação, 20 são mulheres (83%), três são homens (13%) e uma pessoa marcou a opção 'prefiro não dizer' (4%). Sendo assim, conclui-se que a maior parte das respondentes do questionário são mulheres estudantes de Biblioteconomia, pois são 20 (59%) para um total de 34 respostas.

Em relação à pergunta 'você está em qual período?', houve uma peculiaridade: o questionário era voltado para estudantes da graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e Documentação, porém duas pessoas já formadas (6%) responderam. Mesmo não fazendo parte da amostra, optou-se por considerar as respostas.

Dez pessoas (30%) estão no oitavo período, sendo então a maioria, seguido pelo segundo, sexto e sétimo, com três pessoas (9%) cada, não levando em consideração as pessoas que responderam 7º/8º e 8º/9º (6%). O primeiro e quinto receberam duas respostas (6%) cada, e também com essa quantidade estão os que responderam Indefinido/Indeterminado. Por fim, o nono e o décimo têm uma pessoa (3%) cada.

Em 'você se interessaria pela oferta da disciplina Gênero na Ciência da Informação?', vinte e oito pessoas (85%) responderam que sim, e as outras cinco (15%) disseram que não. Das respostas 'não', uma é de Arquivologia (20%) e quatro são de Biblioteconomia e Documentação (80%). A mesma proporção acontece se analisarmos por gênero, onde uma resposta veio do gênero masculino (de Arquivologia) e quatro do gênero feminino (de Biblioteconomia). Das 28 respostas positivas, 20 são de Biblioteconomia e Documentação (71%) e oito de Arquivologia (29%). Em relação ao gênero, foi obtido: 20 mulheres (71%), sete homens (25%) e uma que preferiu não informar (4%).

A penúltima pergunta, 'Por que?' (o interesse ou desinteresse), por ser aberta, obteve variadas respostas. Em relação às respostas positivas (28), seis pessoas relacionaram explicitamente a disciplina à mulher, e num geral abordaram: a necessidade em entender o papel da mulher na CI; desejo de ter outras referências de mulheres; conhecer mais mulheres da área; estudar mais mulheres, uma vez que só os homens são estudados; entender como as questões de gênero influenciam a profissão; e, por fim, que o trabalho da mulher não é valorizado como o do homem.

Outras quatro pessoas explicaram que é um tema pouco abordado na área, pouco trabalhado pelas matérias e professores, e que é preciso discutir mais no curso e na profissão. Duas respondentes tocaram no tema da inclusão nas bibliotecas, sendo um espaço democrático e não exclusivo que deve acolher todos os gêneros.

Três mencionaram que a disciplina pode ampliar a visão do profissional, bem como ampliar conhecimentos, ao abranger o gênero dentro do campo da ciência. Ainda em relação ao profissional, uma pessoa respondeu que pode ajudar na construção do perfil social do bibliotecário, sendo assim um avanço para a graduação. Outra explicou que a CI, por ser um campo novo, quanto mais se trabalhar/estudar, melhor para a área. Oito afirmaram que a discussão de gênero na CI é importante, interessante, pertinente e moderna. Ainda sobre a discussão de gênero, uma pessoa disse ser importante

para qualquer área. Outra demonstrou interesse em aprender o assunto.

Por fim, uma pessoa disse que não poderia opinar muito por não ter conhecimento da ementa e não saber do que se trata, mas que qualquer disciplina pode agregar conhecimentos à formação e que os profissionais devem estar livres de preconceitos. Mencionou que ficaria feliz em ver a disciplina na grade.

Quanto às respostas negativas (cinco), cada uma apresentou um motivo diferente. Uma pessoa respondeu utilizando um *emoji* de uma moça com os braços para cima (figura 3), portanto é difícil entender o que ela realmente quis dizer com essa resposta.

Em outra resposta, o respondente disse não achar a temática tão relevante, e que existem disciplinas mais urgentes. Já um respondente não descartou a necessidade do tema, mas ele se interessa por outras áreas, como documentos digitais.

Na quarta resposta negativa, a pessoa expressa que teria que conhecer a ementa, uma vez que, apenas pelo nome, não se interessou. Por fim, a última resposta foi que essa temática deveria estar em toda a graduação, não apenas em uma disciplina, e que disciplinas optativas que abordassem responsabilidade social, por exemplo, poderiam tratar dessas questões.

A última pergunta, 'Como essa disciplina poderia te ajudar na sua formação como bibliotecário(a)/arquivista?', por ser aberta assim como a anterior, também obteve variadas respostas. Três pessoas não souberam responder e uma disse que não poderia ajudar.

Quatro pessoas mencionaram 'mulher' em suas respostas. A primeira disse que ajudaria a entender como as mulheres impactaram no desenvolvimento da CI. A segunda afirmou a importância em compreender o mercado de trabalho para as mulheres, e tratou da disparidade salarial entre os gêneros, concluindo que esse entendimento ajudaria na luta pelos direitos das mulheres. A terceira, como mulher, relatou que se sentiria representada e que seria fundamental

para sua formação. Além disso, também contribuiria na compreensão de como as questões de gênero se mostram na área e o que os profissionais podem fazer em relação a isso. A quarta respondeu que permitiria entender como as mulheres são tratadas na CI, bem como as pessoas LGBT.

Doze pessoas relacionaram suas respostas ao fazer profissional na prática e ao atendimento aos usuários nas unidades de informação. Outras respostas foram relacionadas a: maior visibilidade para o papel dos gêneros nas carreiras; descoberta de seu lugar na área; aprendizado das questões de gênero, raça e classe social que perpassam a ciência da informação, permitindo conhecer melhor a área; um ponto de vista mais abrangente (a pessoa ainda relatou que não domina a questão); uma visão em que não há o costume de se ter acerca da CI e a forma como o profissional pode lidar e ter um discurso mais abrangente e democrático; disseminação e desmitificação de muita coisa sobre gênero, visto que a divulgação da informação é o papel do profissional da informação; aprimoramento da natureza social do gênero na CI; maior representatividade; a importância de se pensar a questão de gênero em qualquer profissão, ainda mais quando se lida com informação e acesso; importância de se buscar conhecimentos, principalmente um assunto que merece estar em pauta; perceber essas questões nos arquivos; desenvolvimento em uma das questões que são relacionadas a responsabilidade social; e conscientização sobre o tema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração o que foi apresentado no presente trabalho, nota-se, portanto, que ainda existem nos dias de hoje áreas majoritariamente femininas, como as Ciências da Saúde e a Educação, bem como a Ciência da Informação, e que estas são desvalorizadas justamente por esse motivo. Além disso, também foi possível concluir que, na maioria das vezes, as mulheres não ocupam posições de prestígio.

Na Ciência da Informação e na Biblioteconomia, mesmo havendo um crescimento na produção de trabalhos sobre estudos de gênero, o número ainda é muito escasso. Logo, os profissionais e pesquisadores da área precisam se debruçar mais sobre o tema, de forma a entender como se deu o processo de feminização e desvalorização. A Ciência da Informação, como discutido, tem muito a contribuir nos estudos de gênero.

Mesmo com uma amostra pequena em relação a quantidade de alunos matriculados nos cursos, acredito que o objetivo geral foi alcançado com sucesso, uma vez que foi possível analisar o interesse dos alunos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense (UFF) na oferta de uma disciplina que incluía o debate de gênero na Ciência da Informação.

Concluiu-se, então, que a criação dessa disciplina mostrou-se relevante para a maioria dos alunos que respondeu o questionário (85%), porém ainda é necessário uma discussão mais aprofundada acerca da elaboração de uma ementa para explicar melhor os objetivos que essa disciplina deveria alcançar, levando em consideração a formação profissional e acadêmica que esse aluno gostaria de adquirir ao cursar essa disciplina. Isso poderá ser melhor abordado em pesquisas futuras, que envolvam os procedimentos de criação de ementas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Daniella. *et al.* Estudo de caso da disciplina gênero em ciência da informação na universidade federal da paraíba.

Convergência em Ciência da Informação, v. 1, n. 2, p. 218-225, 2018.

BUFREM, Leilah S.; NASCIMENTO, Bruna S. do. A questão do gênero na literatura em ciência da informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, set./dez. 2012. p. 199-214.

COORDENAÇÃO do curso de graduação em Arquivologia. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018a. Disponível em: <http://www.uff.br/?q=setor/coordenacao-do-curso-de-graduacao-em-arquivologia>. Acesso em: 27 set. 2019.

COORDENAÇÃO do curso de graduação em Biblioteconomia e Documentação. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018b. Disponível em: <http://www.uff.br/?q=setor/coordenacao-do-curso-de-graduacao-em-biblioteconomia-e-documentacao>. Acesso em: 27 set. 2019.

CORRÊA, Elisa C. D.; OLIVEIRA, Ana Claudia D. C. de. Pelas mãos femininas de Lydía Sambaquy e Celia Zaher: as origens da CI brasileira. In: SILVA, Franciéle C. G. da; ROMEIRO, Nathália L. (Org.). **O protagonismo da mulher na biblioteconomia e ciência da informação**. Florianópolis: ACB, 2018. p. 17-44.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero na ciência da informação. **Em questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 189-201, Ago. 2003.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro. *et al.* As mulheres praticando ciência no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 11-33, jan./abr. 2016.

LINO, Tayane Rogeria; MAYORGA, Cláudia. As mulheres como sujeitos da Ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, v. 7, n. 3, p. 96-107, 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010. 297 p.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. A feminização e a profissionalização do magistério e da biblioteconomia: uma aproximação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 225-244, jul./dez. 1996.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**. Brasília, v. 5, n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Relações de gênero e biblioteconomia: o que move o sexo masculino a ingressar em um curso majoritariamente feminino. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. [Anais]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016. 21 p.

RASCHE, Francisca. Papéis de gênero e sua influência na formação acadêmica de mulheres estudantes da biblioteconomia em Santa Catarina. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 77-95, 1998.

PENA, André de Souza; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi; NEVES, Jorge Alexandre. O mercado de trabalho do profissional da informação: um estudo com base na RAIS comparando os anos de 1994 de 2004. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília. **Anais...** Marília: UNESP, 2006.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 27-38, set./dez. 2007.

A REPRESENTAÇÃO DA URSA ROWENA NA LUTA CONTRA A DESINFORMAÇÃO SOBRE EXPLORAÇÃO DE ANIMAIS NA INDÚSTRIA DO ENTRETENIMENTO

Érica Quadros do Amaral



1 INTRODUÇÃO⁷⁰

O cenário apresentado em 2020, em função da repercussão da pandemia mundial da doença Covid-19 (VENTURA et al., 2020), posicionou o olhar científico e de toda sociedade para as atualizações informacionais acerca da saúde; entretanto, reverberam tanto conteúdos confiáveis, quanto informações truncadas, por vezes de maneira deliberada, como estratégia de manipulação dos indivíduos para propósitos no mínimo questionáveis.

Em resposta ao conflito de informações, o debate sobre temáticas relacionadas ao fenômeno da desinformação passa a ter maior relevância para a sociedade. O efeito de inadequação na avaliação da qualidade do conteúdo da informação é chamado de “zumbificação da informação” (LEITE; MATOS, 2017, p. 2339); para a “cura” deste mal, o desenvolvimento de habilidades de competência informacional surge como estratégia para formar sujeitos informacionais, com capacidades de gestão qualitativa da informação. Conforme apontado por Schneider (2019), competência informacional pode ser definida como a “habilidade de se localizar e fazer bom uso da informação adequada, de modo a atender determinada necessidade”, salientando a relevância de se acrescentar ao termo “competência informacional” a palavra “crítica”, formando a expressão “competência crítica em informação”, para reforçar a noção de que a avaliação acerca da qualidade da informação se dá por meio de aprendizado e reflexão (SCHNEIDER, 2019, p. 74). Nessa perspectiva, a competência crítica em informação é fundamental para a tomada de consciência sobre si e sobre os elementos ao redor, o que é primordial para administrar as disputas de narrativas do sistema capitalista, que tem por intuito “zumbificar” os indivíduos e

⁷⁰ Nota das organizadoras: este trabalho foi aceito para fazer parte desta obra, pois, além de ser uma autora brasileira latino-americana, ainda aborda uma temática até o momento de pouco enfoque no cenário biblioteconômico-informacional brasileiro.

persuadir a sociedade em busca da manutenção do pensamento hegemônico. A ideia de que animais não-humanos são “coisas” é uma das representações desse pensamento e reflete no *status* moral e no tratamento designado a esses seres, legitimando atos cruéis e o apagamento de suas subjetividades.

Ainda que existam diversas temáticas possíveis para o desenvolvimento de um debate sobre especismo⁷¹ e inclusão de animais não-humanos na esfera de consideração moral, o escopo da presente pesquisa será o uso de animais para fins de entretenimento⁷² humano, com recorte em atividades de circos e zoológicos, pois o fio condutor será a trajetória de Marsha,⁷³ a urso parda siberiana vítima de tráfico animal e de exploração laboral em atividade circense por 25 anos, residente do zoológico “Zoobotânico” em Teresina, Piauí, por sete anos. As condições climáticas incompatíveis à sua espécie, que é habituada a climas de baixa temperatura, e o preocupante estado físico e emocional chamaram a atenção da sociedade, fazendo sua situação ecoar nos meios de comunicação; a repercussão resultou na criação de um abaixo assinado solicitando sua transferência para o Rancho dos Gnomos, um santuário animal situado em região de clima mais ameno e com experiência em manejo de animais silvestres. Após disputas judiciais, “a urso mais triste do mundo”⁷⁴, teve seu nome modificado para Rowena, em um ato para

⁷¹ Conceito discriminatório que hierarquiza as espécies posicionando o ser humano acima de todas as outras (SINGER, 2013, p.11).

⁷² A instrumentalização de animais para fins de entretenimento é amplamente encontrada em nossa sociedade, como exemplos podemos citar, vaquejadas, parques aquáticos, indústria cinematográfica, turismo etc.

⁷³<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2018/09/21/urso-marsha-deixa-zoobotanico-de-teresina-e-embarca-com-destino-a-santuario-em-sao-paulo.ghtml>. Acesso em 9 jun 2016.

⁷⁴ Alcinha que recebeu pela mídia devido ao estado físico e emocional debilitado resultantes dos maus tratos.

simbolizar a ruptura com o passado de traumas e torturas no circo.

Rowena apresentou melhoria em sua saúde e aparência, contudo sua idade avançada e as consequências de anos de maus-tratos culminaram no seu falecimento, 10 meses após seu resgate. Entretanto, a visibilidade de seu caso e a resposta positiva à adaptação resultaram na criação do projeto *Irmãos Ursos*, voltado ao resgate de ursos vítimas de maus-tratos; em 2019 a operação transferiu do zoológico do Canindé, no interior do Ceará, os ursos Dimas e Kátia, renomeados como Verrú e Mizar⁷⁵. A narrativa de Rowena, portanto, é indissociável da controvérsia sobre circos e zoológicos.

2 JUSTIFICATIVA

Para fins de elaboração deste trabalho o objeto, será contextualizado de maneira a promover um diálogo entre os campos da Ciência da Informação e da Ética Animalista. Capurro e Hjørland (2007, p. 155) demonstram, ao definir que “o que é informativo depende das necessidades interpretativas e habilidades do indivíduo”. A relação dos sujeitos com a informação transcorre de forma variada; por esse viés, a bagagem informacional de cada indivíduo permeará todas as suas interações com o mundo e a formação do seu senso crítico, importante habilidade para entendimento das próprias demandas informacionais (BEZERRA; SCHNEIDER; BRISOLA, 2017, p. 8).

O propósito de uma vida sem exploração animal recai sobre a humanidade de forma a promover uma sociedade isenta de exploração de animais humanos e não-humanos (OLIVEIRA, 2018, p. 49). A perspectiva moral que exclui animais não-humanos de sua esfera de consideração é uma

⁷⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2018/09/21/ursa-marsha-deixa-zoobotanico-de-teresina-e-embarca-com-destino-a-santuاريو-em-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 17 jun 2020.

das bases do pensamento hegemônico que conserva a dinâmica do metabolismo social do capitalismo, estimulando a objetificação de vidas. Portanto, a ruptura do paradigma da dinâmica de exploração de animais ressignifica as relações entre humanos e animais.

Em tempos de Antropoceno, definido por Léna e Issberner (2018, p. 203) como “momento histórico em que um espécie, o Sapiens, se tornou o equivalente de uma força geológica capaz de modificar parâmetros biofísicos do planeta”, pensar em uma sociedade em comunhão com a natureza é vital para a existência humana, uma vez que a sobrecarga gerada pela cultura do crescimento econômico pode levar o planeta a graves consequências por degradação ambiental. A investigação das fragilidades informacionais e controvérsias da exploração animal torna-se então pertinente tanto para animais humanos como para animais não-humanos, pois a exploração animal figura como parte significativa das práticas que colocam em risco o meio-ambiente.

3 O REFERENTE NÃO ESTÁ AUSENTE: A QUESTÃO INFORMACIONAL

O conceito de referente ausente de Carol Adams (2018) diz respeito à conversão do animal em carne, que certifica o esvaziamento de subjetividades do ser vivo, pois “o referente ausente nos permite esquecer o animal como uma entidade independente; além disso, nos capacita a resistir aos esforços para tornar presentes os animais” (ADAMS, 2018, p. 79). Por meio do corte do cadáver do animal em pedaços é desconstruída a noção de todo de um corpo que antes era vivo; dessa forma, o animal é renomeado como alimento. A premissa do referente ausente é um dos elementos que permite entender a aceitação do consumo de animais, porém não contempla a argumentação sobre o abuso de animais para fins de entretenimento humano, uma vez que a presença do animal é basilar para a estética do procedimento.

Animais antropomorfizados e expostos a situações incondizentes com sua espécie não transmitem informação suficiente para gerar o que Regan (2006, p. 28) chama de “mudança de percepção”, momento no qual o paradigma sobre o tratamento que é destinado ao animal não-humano é rompido e o sujeito passa a incluí-lo em sua esfera de consideração moral. Regan preconiza que esta assimilação do animal como ser senciente, ao qual denomina “consciência animal”, pode ser habilitada de três formas, categorizadas como: vincianos⁷⁶, aqueles que desde a infância são empáticos aos animais; os damascenos⁷⁷, que desenvolvem esta habilidade após uma experiência pessoal, por vezes traumática; e os relutantes, que se conscientizam à medida que são expostos a novos conteúdos informacionais. A formação de consciência que transcende a opressão exercida por seres humanos à animais é um processo semelhante ao que Hegel (2002) descreve sobre a percepção de consciência na interação entre senhor e escravo, ocorrida quando o “conceito do objeto se suprassume no objeto efetivo; a primeira representação imediata se suprassume na experiência, e a certeza vem a perder-se na verdade” (HEGEL, 2002, p. 135). Ao passo que o senhor distingue o sentido da escravidão, experimenta a satisfação de domínio e ao mesmo tempo a dependência dessa condição, uma vez que descobre que a submissão do escravo não se dá pela essência, mas pelo medo, revelando a sua própria fragilidade do temor de perder seu poder (HEGEL, 2002, p. 145).

A tríade apresentada por Regan nos leva ao ponto no qual o referente ausente é insuficiente para explicar o fenômeno do uso de animais no entretenimento, principalmente para os relutantes; as informações que circulam na sociedade e que prevalecem no senso comum legitimam a crueldade contra animais. Sem o entendimento

⁷⁶ Termo referente a Leonardo da Vinci, que foi vegetariano e crítico orgânico ao tratamento ético dispensado aos animais.

⁷⁷ Termo referente à passagem bíblica sobre o personagem Saulo e sua conversão ao cristianismo.

da sciência dos animais, eles são facilmente reificados e aproveitados como mercadoria e explorados em atividades laborais.

Por meio da reificação, o capitalismo fundamenta o uso do trabalho animal, convertendo-o em objeto e, posteriormente, em mercadoria, a despeito de sua sciência. Shukin (2009) se refere ao uso do trabalho animal nas atividades econômicas como “capital animal”; para a autora, o fetichismo da mercadoria aplicada à vida animal é basilar para a manutenção do capitalismo. Uma vez que o próprio conceito difuso do significado de “animal” se modifica ao longo do fluxo histórico, é conferido ao animal um atributo mimético que viabiliza a construção de narrativas que mascaram o tratamento antiético que lhe é dado e ao mesmo tempo, o transformam em um *alibi* para o discurso de poder e naturalização da violência (SHUKIN, 2009, p. 15). Nessa simbiose entre capital animal e discurso do capitalismo, se instaura no convívio social uma cultura de “verdades” que se sedimentam como senso comum e frequentemente fomentam a desinformação. Sobre o atributo volátil do conceito de animal, Ferraz et al (2019, p. 85) concordam com Shukin, ao acrescentarem que durante a maior parte da construção histórica da humanidade as subjetividades dos animais foram suprimidas, desconstituindo-os de vida interior, julgando-os incapazes de experienciar o mundo por meio da consciência ou da linguagem, e desobrigando sua inclusão em uma comunidade jurídica e moral.

Definir experiências humanas como modelo de identificação para eleger o que é digno de compaixão hierarquiza vidas, assim configurando uma agenda especista de domínio, na qual não só o direito à vida plena é concedido apenas ao ser humano, como também a ele é dado o poder de decisão acerca da vida e da morte de todos os seres vivos (SOARES, 2018, p. 130). Podemos observar a dinâmica dessa **necropolítica** ocorrer também entre seres humanos, diante dos mecanismos de discriminação que tornam violáveis todos os corpos que não pertençam ao padrão “homem-branco-heterossexual”.

A lógica da dominação apresentada por Warren (2000) prescreve que as relações de opressão são interconectadas, tornando-se uma característica inerente ao sistema opressor no qual um conceito discriminatório pode incidir em diferentes grupos; um exemplo é o uso do termo “cadela” para humilhar mulheres, que conseqüentemente subjuga animais não-humanos, ao aludir que tal termo é indigno e que torna corpos femininos (humanos e de animais) passíveis de abusos (SOARES, 2018, p. 133-134). Sendo assim, transpor a lógica da dominação pressupõe um viés interseccional para lidar com os conflitos sociais, no intuito de solucionar as divergências, partindo de um lugar comum que organiza o mundo de forma a rever os privilégios e entender o mecanismo por trás das opressões, em direção a um modo de vida sem exploração humana e não-humana (ROSENDO; ZIRBEL, 2019, p. 112; OLIVEIRA, 2018, p. 48-49).

O pensamento capitalista, ao monetizar vidas, impulsionar o consumo irresponsável e a acumulação de capital age de forma contundente na formação do senso comum. As classes em vantagem hierárquica terão invariavelmente o poder de determinar a ideologia norteadora da sociedade (MARX; ENGELS, 2009. p. 67). Bourdieu (2007) acrescenta que a ideologia das classes dominantes imiscuída ao pensamento científico delimitará, de acordo com seus interesses, aquilo que é pertinente a ser desenvolvido no campo científico, o que gerará reflexos na estrutura social, pois o conhecimento que reverberará entre seus partícipes será o norteador das interações e das escolhas morais (BOURDIEU, 2007, p. 35-36).

A desinformação se configura como estratégia contundente para a manutenção do *status quo*, interferindo na qualidade de informação e, por conseqüência, gerando uma demanda pouco fiável de informação. O conceito de desinformação é elencado na literatura em três principais abordagens; a que trata da ausência de informação e daquilo que se ignora, a que encara a desinformação como um conteúdo de baixo valor qualitativo, e a que tange o uso de artifícios de manipulação de informação, pela emissão de

conteúdo parcialmente ou inteiramente falso para deliberadamente confundir e causar insegurança informacional (BRITO; PINHEIRO; 2015, p. 6-7). Dessa maneira os indivíduos, apesar de despojados de informação qualitativa, enganosamente sentem suas necessidades informacionais atendidas. Para Bourdieu, entender a engrenagem de dominação e o senso que provoca é a forma mais viável de sobrepor a experiência imposta pela classe dominante (BOURDIEU, 2007, p. 37-38).

Pelo prisma da ética intercultural podemos enxergar a sociedade como um conjunto mediado por aparatos tecnológicos e trocas linguísticas (SCHNEIDER; SALDANHA; BEZERRA, 2017, p. 85); a exclusão do contexto de tecnologias da informação e comunicação provoca a segregação cultural do sujeito que fica mais vulnerável às manipulações da classe dominante (SCHNEIDER; SALDANHA; BEZERRA, 2017, p. 90). Portanto, a gestão informacional, por estar intimamente ligada às formas de acesso, pode ser vista como uma questão política, sobretudo em um país com marcador social que apresenta tantas desigualdades como o Brasil.

Contudo, o acesso à informação sem senso crítico não colabora com o enriquecimento informacional da sociedade, pois pode resultar em um efeito contrário ao esperado, tendo em vista que escassez informacional não é o único empecilho para se estar bem informado; de acordo com Leite e Matos (2017.) indivíduos expostos ao alto fluxo informacional se sobrecarregam e não conseguem lidar com esse volume de maneira funcional. Para Brisola e Romeiro (2018, p. 69-70), “a ética e a política são, portanto, fundamentais para alicerçar qualquer estudo sobre informação”, sendo assim, o desenvolvimento de habilidades de competência crítica da informação e do estímulo ao espírito político emergem como uma alternativa para transpor a lógica de dominação capitalista por meio da aprendizagem, assim contribuindo para que os sujeitos sejam capazes de agir criticamente diante da dimensão informacional. Para o desenvolvimento de Competência Crítica em Informação é preciso que o indivíduo estabeleça o método dialético entre o que se aprende e suas

vivências e conhecimentos da vida pregressa. (BRISOLA; ROMEIRO, 2018, p. 77).

A desinformação é um dos mecanismos que permite a legitimação da exploração de animais no entretenimento, uma vez que a subtração e disseminação de informações falsas sobre o manejo de animais oculta do público fatos que poderiam influenciar em suas escolhas sobre participar ou não desse tipo de lazer. Até mesmo a disputa jurídica que marcou o processo de soltura de Rowena foi atravessada por conflito de narrativas entre o santuário Rancho dos Gnomos e o zoológico; enquanto o santuário denunciava o zoológico por maus-tratos, o mesmo tentava reverter a opinião pública acusando as entidades de proteção animal envolvidas no apoio ao resgate de abusarem dos animais que já abrigavam.

A interferência do modelo capitalista na Ciência é um ponto primordial para a discussão sobre instrumentalização de animais; não se trata de uma concepção ingênua em busca da neutralidade da Ciência, visto que os saberes são constituídos e dinamizados por seres humanos, mas sim de uma avaliação crítica acerca do “efeito espelho”, no qual as crenças do pesquisador ou da pesquisadora são refletidas em seus estudos (BOURDIEU, 2001, p.15) , a fim de dirimir a influência do capital e das crenças pessoais de seus atores na elaboração do fazer científico, estimulando a investigação de controvérsias e a ruptura de paradigmas. Latour (2019) esclarece que no debate epistêmico acerca da natureza os campos científico e político não são dicotômicos; ao contrário, o diálogo entre os dois âmbitos resultará em uma concepção mais completa de ecologia política, equilibrando as subjetividades e objetividades próprias da discussão, para que não caia nem no romantismo, nem fique excessivamente condicionada aos fatos científicos que podem estar comprometidos por questões de poder e antropocentrismo.

4 ZOOLÓGICOS E CIRCOS COMO ESPAÇOS DE DOMÍNIO ESPECISTA

Os argumentos que defendem zoológicos como locais de aproximação entre humanos e natureza são falaciosos, pois romantizam uma dinâmica de poder que oprime animais, tal como a tentativa de respaldar a presença de animais em espetáculos circenses.

A conversão de animais silvestres em “artistas” circenses só é possível por meio de atos violentos, pela fome e pelo medo, pois diferente de animais domésticos, os animais silvestres não aprendem truques de forma orgânica e o processo de adestramento desassocia o animal de sua essência como espécie. Os maus-tratos compreendem toda a vivência do animal no circo; por meio de violência física e emocional, animais são persuadidos pelo uso de estratégias de privação de alimentação e liberdade e aparatos de tortura, como chicotes e bastões, além de frequentemente ser adotado um protocolo de mutilações, no qual são arrancadas garras e dentes para evitar ataques. (REGAN, 2006, p. 157-161; MÓL; VENANCIO, 2014, p. 85). Nos registros da vida laboral circense de Rowena, a urso é vista portando vestimentas e executando truques em um monociclo; a situação antropomorfa por si só é humilhante e a metodologia cruel empregada para obter tal resultado é um agravante de todo o cenário de abuso.

Os primeiros resquícios de atividades próximas ao que se tornou a prática circense datam de aproximadamente 5 mil anos atrás, oriundas da China; no entanto, o advento da profissão de domador é de responsabilidade dos egípcios, para entreter os faraós com a exibição de animais. Ao longo do percurso da história os espetáculos apresentaram diferentes modos expositivos, em arenas e praças públicas, com ou sem a presença de animais, sendo o ano de 1782 um marco para a atividade moderna, no qual Charles Hughes criou o “Circo Royal”, modelo que se tornou predominante até os dias atuais. (MÓL; VENANCIO, 2014, p. 81-83).

A coleção de animais em cativeiro sempre foi tida como uma forma de ostentar luxo e riqueza, sendo a estética de animais exóticos de grande porte um recurso atrativo para a comercialização desses animais. No século XIX o mercador de animais Carl Hagenbeck potencializou esse aspecto lucrativo e consagrou zoológicos como alternativa de lazer, ao criar métodos de confinamento com jaulas sem barras e adoção de uma estética que tornava o ambiente mais semelhante ao natural, assim aprimorando a função expositiva dos zoológicos e influenciando o modelo que perdura até os dias atuais. Torna-se pertinente ao raciocínio que estamos estabelecendo mencionar que o mercador também traficava humanos vindos da África e aborígenes australianos para expor nos zoológicos (FERRAZ et al, 2019, p. 837-838).

O cárcere e exibição simultânea de humanos e animais não-humanos é um fato relevante para a reflexão, pois dialoga com a lógica da dominação de Warren, ao passo que vemos interligadas condutas de opressão que subjagam ambos por um viés laboral. A correlação entre opressões pode ser percebida na análise sobre os primeiros avanços no sentido da formalização da proteção animal como objeto de debate no Brasil, ocorridos no mesmo período de efervescência da discussão sobre abolição da escravatura no país, tendo, ainda de forma incipiente, como um de seus primeiros representantes, José do Patrocínio (MÓL; VENÂNCIO, 2014, p. 21-22).

Para se desvincularem do histórico de exploração, os zoológicos passaram a se afirmar como unidades de conservação e educação ambiental; no entanto, o discurso não se sustenta diante da constatação de que “tais coleções nunca deram condições de vida adequadas, e os maus tratos sempre foram corriqueiros” (FERRAZ et al, 2019, p. 838). De fato, é questionável que tipo de ensinamento sobre vida ambiental pode ser transmitido por animais expostos a tantos traumas. O caso de Rowena ilustra como impossibilitar animais de agirem naturalmente de acordo com suas necessidades de espécie, pode desencadear prejuízos de ordem física e emocional, como comportamento

estereotipado⁷⁸. Ademais, zoológicos são estabelecimentos comerciais e a constante circulação de um alto número de pessoas estressa os animais, além de mercantilizar suas vidas.

A Lei 7.173/83, que trata da fiscalização dos zoológicos no Brasil, pouco aborda a integridade dos animais, já que regula uma organização de mercantilização de vidas, orientando, quais medidas devem ser adotadas para a comercialização de animais, legitimando a noção de zoológico atrelada a exposição de animais. Ainda assim, a infraestrutura de muitos zoológicos não atende aos requisitos da lei. O caso de Rowena e de tantos outros animais resgatados confirma o diagnóstico; as condições climáticas desfavoráveis do ambiente da urso eram apenas um dos elementos de uma vivência de tortura, já que sua alimentação era composta por ração canina, totalmente inadequada às necessidades nutricionais de uma urso parda onívora, que se baseia em alimentos como proteína animal, mel e frutas silvestres, o que se refletia no aspecto degradado de seu corpo e pelagem (FERRAZ et al., 2019, p. 849)

No Brasil não existe Lei Federal que proíba os espetáculos envolvendo o trabalho de animais não-humanos; atualmente tramita na Câmara dos Deputados o projeto de lei 857/2019, uma alteração do projeto de lei 7291/2006, que visava implementar medidas de viés bem-estarista para regularizar o uso de animais em circos; enquanto o atual intenciona o fim definitivo da prática de exploração animal em circos em todo território nacional. Em relação às legislações das unidades federativas, ao menos doze estados brasileiros possuem leis próprias que não permitem, em sentido amplo, a exibição de animais em espetáculos.

Existem propostas de zoológicos que, apesar de não resolverem o problema da privação de liberdade, oferecem condições mais dignas para os animais, o que poderia configurar como uma alternativa para animais que já foram expostos aos abusos e não podem ser reintroduzidos na

⁷⁸ Repetição obsessiva de movimentos, como balançar a cabeça ou o corpo, roer objetos, lambeduras, são alguns dos exemplos.

natureza; contudo, tais espaços não abolem a concepção mercadológica da exploração dos animais. Tais observações nos fazem resgatar a pertinência da citação de Regan, que, ao afirmar a necessidade de “jaulas vazias, e não mais espaçosas” (REGAN, 2006, p.12), coloca à reflexão se há possibilidade não exploratória na configuração destes espaços.

Em 2020, durante a pandemia de covid-19, foram noticiados três relatos sobre animais confinados em zoológicos que têm em comum o mesmo prognóstico sobre a inadequação dos espaços para os animais; o primeiro⁷⁹ narra a situação de 8 felinos selvagens, que apresentaram resultado positivo para a doença após contato com um tratador infectado. Apesar de não terem ido a óbito, a situação dos animais traz à luz os impactos e consequências da ação humana, que os priva de viverem em seus *habitats* naturais.

As duas notícias seguintes dizem respeito ao isolamento social decretado como medida sanitária de prevenção à pandemia e suas consequências nos comportamentos de animais em cárcere; no segundo cenário dois pandas⁸⁰ conseguiram acasalar pela primeira vez, após dez anos. Tal fato coloca em questão o aspecto de conservação de espécies dos zoológicos, ao passo que tais animais retomaram uma atividade natural após a interrupção parcial da circulação de pessoas. O terceiro e mais sombrio relato é sobre o zoológico alemão *Neumünster*⁸¹, que diante da crise financeira causada pela falta de visitantes ao estabelecimento, declarou a possibilidade de emitir uma lista de animais que serão abatidos para alimentar os demais, estabelecendo uma hierarquia que determina quais vidas têm

⁷⁹Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/04/22/tigres-e-leoes-de-zoologico-de-nova-york-sao-diagnosticados-com-coronavirus.htm>. Acesso em 27 maio 2020.

⁸⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52100140> Acesso em: 27 maio 2020.

⁸¹Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/04/16/zoologico-alemao-divulga-lista-de-abate-devido-a-pandemia.htm> Acesso em: 27 maio 2020.

mais valor que as outras. Tais cenários evidenciam a análise do princípio de valor inerente elaborado por Regan, que alega que nenhum ser deve ter sua vida submetida aos interesses de outro, pois todos possuem o direito à vida e de serem abarcados na concepção moral.

De acordo com Singer (2018, p. 85) um dos preceitos morais que atendem à prerrogativa de defesa de uma vida plena para seres humanos e não-humanos é o princípio de igualdade de interesses “ao aceitarmos o princípio de igualdade para seres humanos, também nos comprometemos a aceitar que ele se estende a alguns animais não-humanos”. Tais cenários evidenciam a análise do princípio de valor inerente elaborado por Regan, que alega que nenhum ser deve ter sua vida submetida aos interesses de outro, pois todos possuem o direito à vida e de serem abarcados na concepção moral. (OLIVEIRA, 2018, p. 38-40).

A vulnerabilidade, apesar de ser um traço comum a todos os seres vivos, é uma particularidade desprezada e associada à fraqueza em sistemas que estimulam a competição, como é o caso capitalista (ROSENDO; ZIRBEL, 2019, p. 118). Indivíduos que se encontram em vantagem na estratificação social e de espécies as utilizam como instrumento de coerção e opressão.

Os que defendem o alargamento moral e jurídico para fins de inclusão de animais não-humanos no Brasil, em termos gerais, recorrem ao cumprimento de leis de proteção animal, sobretudo ao artigo 225 da Constituição Federal de 1988, que em seu primeiro parágrafo prevê que animais não devem ser subjugados a tratamento cruel, porém na prática não garante que não sejam instrumentalizados (FERRAZ et al, 2019, p. 834; HACHEM; GUSSOLI, 2017 p. 156).

A ambiguidade encontrada no ordenamento jurídico sobre a noção de crueldade resulta em leis protetivas obscuras que não contemplam os animais como indivíduos. Apesar do reconhecimento de animais como seres sensíveis não ser concedido de forma ampla no Brasil, existem decisões judiciais que beneficiaram alguns animais silvestres e os reconheceram como seres capazes de experimentar sensações

físicas e emocionais, como na ocasião do *habeas corpus* emitido, no ano de 2005, em favor da chimpanzé Suíça⁸² decretando sua transferência do zoológico Zoobotânico Getúlio Vargas para o Santuário dos Grandes Primatas, e o caso de Pingo de compaixão⁸³, um porco do santuário Voz animal que teve sua individualidade juridicamente aceita como sujeito de direito, deixando de ser visto como animal de produção e sendo equiparado a animal de companhia. Contudo, como tais casos específicos são jurisprudências, nem todas as demandas similares são aceitas, pois dependem das interpretações dos juristas de cada caso.

5 CONCLUSÕES

A discussão sobre o encaminhamento de alternativas para o problema do especismo na sociedade encontra-se em estado embrionário na Ciência da Informação e não há a pretensão de resumir-la em um único trabalho de pesquisa; muitas são as formas de instrumentalização de animais em nossa sociedade, mas convergem no sentido de serem fonte de retroalimentação do sistema capitalista e de serem sustentadas por controvérsias informacionais. Apesar de o abuso de animais não surgir com o capitalismo, já que a relação de poder do ser humano subjugando animais está presente na narrativa do desenvolvimento da humanidade em diversos contextos temporais e políticos, o pensamento hegemônico de acumulação de capital agrava as relações de exploração, não só na dicotomia humano e animal, mas também no que diz respeito aos recursos ambientais e na interação entre humanos, pois é necessária uma produção em larga escala que sucede reificação de pessoas e animais para

⁸² SANTANA, *et al.* Habeas corpus em favor da chimpanzé Suíça na 9º vara criminal de Salvador (BA). **Revista do direito animal**, 2006.

⁸³ Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/12/14/porquinho-encontrado-na-beira-da-estrada-ganha-documento-de-identidade-em-eldorado-do-sul.ghtml> Acesso em: 18 jun 2020.

atender ao padrão de consumo desenfreado que é estimulado pelo capitalismo.

O trabalho dos animais sequer é reconhecido pelo senso comum como uma atividade laboral, ao passo que são reduzidos ao estatuto de coisas, ou máquinas com a finalidade de atender às expectativas humanas. Um exemplo relevante de tal aspecto residia na postura de Descartes, que percebia animais como máquinas e assim justificava a prática de vivissecção em animais sem aplicar nenhum tipo de anestésico, sob a justificativa de que seus gritos eram como os ruídos das engrenagens de um relógio (BRAS; SILVA, 2015, p.45)

Em virtude da presença do antropocentrismo no âmbito judiciário, o especismo é legitimado na sociedade, pois as leis de proteção animal não norteiam a sociedade de forma genuína a encarar animais como seres sencientes. A desconstrução do especismo precisa partir da ruptura do paradigma de exploração animal; para tanto, os processos de troca de informação e de mensuração de sua qualidade precisam ser revisados, sendo a competência da informação uma importante aliada à formação de sujeitos informacionais habilitados a distinguir padrões manipulativos.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne: uma teoria feminista-vegetariana**. São Paulo: Alaúde, 2018.

BEZERRA, Arthur; SCHNEIDER, Marco; BRISOLA, Anna. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 7 – 16, jan/ abr 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Vade Mecum, Universitário de Direito. 7ª ed. atual. São Paulo: Editora Jurídica Brasileira, 2008.

BRASIL, **Lei Federal nº 7.173, de 14 de dezembro de 1983**. Dispõe sobre o estabelecimento e funcionamento de jardins zoológicos e dá outras providências. Brasília, DF, 1983. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1980-1988/l7173.htm. Acesso em: 15 jun 2020.

BRAZ, Laura C. F S; SILVA, Tagore T A. O processo de coisificação animal decorrente da teoria contratualista racionalista e a necessária ascensão de um novo paradigma. **Revista Brasileira de Direito**, v. 11, n. 2, p. 44-52, jul/dez, 2015.

BRISOLA, Anna Cristina; ROMEIRO, Nathália Lima. A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v.14, n.3, p. 68- 87. set/dez, 2018.

BRITO, Vladimir, PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Poder informacional e desinformação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XVI, v. 8, n.2 jul/dez, 2015.

CAPURRO, Rafael, HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr, 2007.

FERRAZ, Iana de Paula Andrade e, *et al.* A violação dos direitos dos animais na lei nº 7.173/83: a história da urso “Marsha”. **Revista RJBL**, ano 5, n. 3, 2019.

HACHEM, Daniel Wunder; GUSSOLI, Felipe Klein. Animais são sujeitos de direito no ordenamento jurídico brasileiro? **Revista de Direito Animal**, v, 12, n 3. P. 141-172, 2017.

HEGEL, George W. F. **Fenomenologia do espírito**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza: como associar as ciências à democracia**. São Paulo. Unesp, 2019.

LEITE, Leonardo Ripoll Tavares; MATOS, José Claudio Morelli. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, v. 13, n. esp, 2017

LÉNA, Philippe; ISSBERNER, Liz-Rejane. Antropocene in Brazil. In: ISSBERNER, Liz-Rejane; LÉNA, Philippe (eds). *In: **Brazil in the Antropocene: conflicts between predatory development and environmental policies***, Routledge environmental humanities. London; New York: Routledge, 2017.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MÓL, Samylla; VENACIO, Renato. **A proteção jurídica aos animais no Brasil: uma breve história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. (Coleção FGV de bolso. História; 37).

OLIVEIRA, Fabio A G. O lugar do cuidado na construção de um veganismo crítico-interseccional. *In: OLIVEIRA, A G Fabio; DIAS, Maria Clara (Orgs). **Ética Animal: um novo tempo***. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018.

REGAN, Tom. **Jaulas vazias**. São Paulo: Luganho, 2006.

ROSENDO, Daniela; ZIRBEL, Ilze. Dominação e sofrimento: um olhar ecofeminista animalista a partir da vulnerabilidade. *In: ROSENDO, et al (Org.). **Ecofeminismos fundamentos teóricos e práxis interseccionais***. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019.

SCHNEIDER, Marco. CCI/7: Competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate a pós-verdade. *In: BEZERRA, Arthur Coelho; et al. **Ikritika***. Estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

SCHNEIDER, Marco; SALDANHA, Gustavo; BEZERRA, Arthur. Por uma ética intercultural da ciência. *In: GOMEZ, Maria Nelida Gonzales de; Cianconi, Regina Barros (orgs). **Ética da informação: perspectivas e desafios***. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

SHUKIN, Nicole. **Animal Capital: rendering life biopolitical times**. Minnesota: University of Minnesota, 2009.

SINGER, Peter. **Ética prática**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

SINGER, Peter. **Libertação Animal: o clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SOARES, Suane Felipe. Opressões multifacetadas: ecofeminismo e a condição animal no Brasil. *In*: OLIVEIRA, A G Fabio; Dias, Maria Clara (orgs). **Ética Animal**: um novo tempo. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018.

WARREN, Karen. **Ecofeminist Philosophy**: a western perspective on what it is and what it matters. Laham, Boulder, New York, Toronto: Rowan e Littlefield, 2000.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

FRANCIÉLE CARNEIRO GARCÊS DA SILVA

Doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Bacharela em Biblioteconomia – Habilitação em Gestão da Informação (2013-2016) pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É idealizadora e gerente da página Quilombo Intelectual. Coordena o Selo Editorial Nyota em conjunto com Nathália Romeiro. Integra o Grupo de Trabalho Relações étnico-raciais e Decolonialidades, vinculado à FEBAB. Compõe o quadro de integrantes do Grupo de Pesquisa *Ecce Liber: Filosofia, linguagem e organização dos saberes* como membro do Satélites em Organização Ordinária dos Saberes Socialmente Oprimidos (O²S².sat). Integrante do Núcleo de Estudos sobre Performance, Patrimônio e Mediações Culturais (NEPPaMCs). É membro da equipe gestora 2018-2020 da Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB). Participou como bolsista de extensão e voluntária no Projeto Biblioteca de Referência e Projeto Espaço Ações Afirmativas do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UDESC (2013-2017) e foi bolsista de iniciação científica do Grupo de pesquisa Didática e Formação Docente – GpDD (2016). É autora do livro *Epistemologias latino-americanas em Biblioteconomia e Ciência da Informação* em conjunto com Natalia Duque Cardona (2020). Faz parte da organização das obras: *Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política* (2018) e *Bibliotecári@s Negr@s: informação, educação, empoderamento e mediações* (2019), juntamente com Graziela dos Santos Lima; do livro *O protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação* (2018) e *O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia,*

Museologia e Ciência da Informação (2019) em parceria com Nathália Lima Romeiro; do livro *Mulheres negras na Biblioteconomia* (2019) e do livro *Epistemologias Negras: relações raciais na Biblioteconomia* (2019) com Danielle Barroso, Graziela dos Santos Lima, Elisângela Gomes e Erinaldo Dias Valério. Temas de pesquisa: Epistemologias negro-africanas em BCI, Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação vinculado às questões étnico-raciais, *Black Librarianship* Americana e Biblioteconomia Negra Brasileira, Estudos Críticos da Branquitude em BCI, Relações Étnico-Raciais e Decolonialidades, Mulheres negras na BCI, Organização dos saberes, Representações Sociais e Mídias sociais.

NATHÁLIA LIMA ROMEIRO

Licenciada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestra em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT/ECO-UFRJ). Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É organizadora do livro *O Protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação* (2018) e *O Protagonismo da Mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação* (2019) em conjunto com Franciéle Carneiro Garcês da Silva, e do livro *Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação* (2019) em parceria com Bruno Almeida e Carlos Wellington Martins. Participa do grupo de pesquisa *Ecce Liber: filosofia, linguagem e organização dos saberes* e no *Satélite em Organização Ordinária dos Saberes Socialmente Oprimidos (O²S²O.sat)* vinculado ao *Ecce Liber*. Áreas de estudo: Estudos de gênero, Violência contra a mulher, Direito da Mulher, Mídias Sociais, O protagonismo da mulher na ciência, Ensino de Biblioteconomia e, Licenciatura em Biblioteconomia.

SOBRE A PREFACIADORA

LEYDE KLÉBIA RODRIGUES DA SILVA

Professora Assistente do Departamento de Documentação e Informação do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (DDI/ICI/UFBA). Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT-UFRJ). Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba. Desempenha trabalhos nas áreas de: Sociologia da Informação, Tecnologia da Informação, Estudos Étnico-Raciais, Produção do Conhecimento, Disseminação, Uso e Apropriação da Informação, bem como a Preservação e Memória das fontes de informação da web (redes sociais, sites, portais, blog, microblogs, buscadores, metabuscadores, entre outros) em movimentos negros e organizações de mulheres negras. Interessa-se ainda pelas trajetórias de vidas de mulheres negras na arquivologia, biblioteconomia e ciência da informação. Áreas de atuação: Ciência da Informação, Sociologia e Educação, com vistas ao acesso e disponibilização da Informação presentes nos diversos suportes informacionais. É integrante representando o nordeste do GT de Relações étnico-raciais e decolonialidades ligado à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB). Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Étnico-raciais (NEPIERE), o Grupo de Estudos Integrando Competências, Construindo Saberes, Formando Cientistas (GEINCOS) e o Grupo de Pesquisa Ecce Liber: Linguagem, Filosofia e Saberes e o Grupo de estudos e Pesquisa em Mediação e Comunicação da Informação GEPEMCI.

SOBRE AS AUTORAS E AUTORES

ANA CLARA CÂNDIDO

Doutora em Avaliação de Tecnologia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (FCT-UNL). Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Regional de Blumenau (2007) e Mestrado em Economia e Gestão da Inovação pela Universidade do Porto - Portugal (2010). Atuou com consultoria em processos de inovação, gestão da inovação. Pesquisadora Associada ao Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa (CICS.NOVA). Membro do Grupo de Estudos em Avaliação de Tecnologia (GrEAT). Tem-se dedicado à análise da adoção de Inovação Aberta, Avaliação de Tecnologia, Inovação Disruptiva e Inovação Tecnológica. Atualmente é Professora Adjunta no Departamento de Ciência da Informação (CIN) da Universidade Federal de Santa Catarina.

ANA LORENA NIÑO TÉLLEZ

Nacida en Colombia, Profesional en Ciencia de la Información y Documentación, Bibliotecología y Archivística, Especialista en Innovación Educativa. Incondicional con la BVS y la importancia de apoyar la gestión de la información en América Latina y el Caribe.

DIRNÉLE CARNEIRO GARCEZ

Doutoranda e Mestra em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCIN/UFSC com bolsa CAPES. Bacharela em Administração pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Compõe o quadro de integrantes do Grupo de Pesquisa Ecce Liber: Filosofia, linguagem e organização dos saberes e é membro do Satélites em Organização Ordinária dos Saberes Socialmente Oprimidos (O²S².sat) vinculado ao Grupo de Pesquisa Ecce Liber – IBICT/UFRJ. É integrante do Grupo de Estudos Intelectuais Negras na Ciência da Informação e membro do Grupo de Pesquisa Representação e Organização do Conhecimento (ROC – UFSC). Possui interesse nas temáticas relacionadas à comunicação científica, gestão da informação, organização dos saberes, organização do conhecimento, feminismo negro e mídias sociais.

EDILENE TOSCANO GALDINO DOS SANTOS

Professora Adjunta da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em História e Filosofia da Ciência pela Universidade de Évora (Portugal). Mestra em Biblioteconomia e Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba. Experiência com ênfase em Biblioteconomia, atuando principalmente nos seguintes temas: biblioteca universitária, descrição de recursos informacionais, Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU).

ELIANY ALVARENGA DE ARAÚJO

Professora Titular da Universidade Federal de Goiás (UFG) na área de Fundamentos Epistemológicos em Ciência da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia, da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB) com bolsa CAPES. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Gestão, Políticas e Tecnologias da Informação-NGPTI/UFG. Mestrado em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Coordenadora do Curso de Gestão da Informação, da Universidade Federal de Goiás-UFG (2019/2020). Tem desenvolvido pesquisas nas áreas de Epistemologia da Ciência da Informação, Gestão da Informação e do Conhecimento, Gestão da Inovação, Comportamento Informacional, Competência Informacional.

ELTON MÁRTIRES PINTO

Professor Substituto do curso de Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (FCI/UnB). Bacharel em Biblioteconomia (UnB) e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCINF) da UnB. Doutorando em Ciência da Informação pelo PPGCINF/UnB com bolsa de pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Atua no grupo de pesquisa Comunicação e Mediação da Informação, desenvolvendo pesquisas associadas a Estudos da Informação no Contexto de Direitos Humanos e Minorias. Tem interesse em tópicos associados à saúde, gênero, sexualidade, comunicação científica, ciência aberta, ciência cidadã e divulgação científica.

ÉRICA QUADROS DO AMARAL

Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestra em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação e Ciência em Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ). E-mail: amaral.ERICA@gmail.com

ESTHER HERMES LÜCK

Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense. Graduada em Biblioteconomia pela UEL. Mestra em Ciência da Informação pelo IBICT. Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. E-mail: estherluck@id.uff.br

FLOR DE MÁRIA SILVESTRE ESTELA

Pesquisadora do projeto MMFDH-IBICT. Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília. Graduada em Biblioteconomía y Ciencias de la Información pela Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM) – Perú. Com estudos de mestrado em Políticas Públicas, com ênfase em Crianças e Adolescentes pela UNMSM. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0452216683671515>

GABRIELLE FRANCINNE DE SOUZA CARVALHO

Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Gestão da Informação e do Conhecimento (PPGIC-UFRN).

Pesquisadora vinculada ao grupo “Informação na Sociedade Contemporânea”, cadastrado no CNPq. Doutora em Ciência da Informação, Mestre em Ciência da Informação e Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atuou como bibliotecária no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais, nas seguintes instituições: Faculdade de Direito e Escola de Ciência da Informação. Durante o Mestrado foi bolsista CAPES/REUNI vinculada ao curso de Museologia (ECI/UFMG). Ao longo da graduação foi monitora de disciplina, bolsista CNPq de Iniciação Científica e realizou estágios em bibliotecas universitárias, escolares, centros de documentação e na Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais. Tem interesse nas seguintes temáticas: Fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação; História dos livros e das bibliotecas; Bibliotecas e Sociedade; Estudo de usuários/sujeitos informacionais; Competência em informação e Práticas informacionais; Memória, Patrimônio e Identidade; Serviços e fontes de disseminação da informação.

GISELE ROCHA CÔRTEZ

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara), mestre em Sociologia pela UNESP/Araraquara. Graduada em Pedagogia e Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é professora associada do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). Atua nas áreas de Organização Acesso e Uso da Informação, Mediação da Informação e Marcadores Sociais da Diferença. Atualmente é vice-coordenadora do GT3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB (Gestão 2018-2020). Líder do Grupo de Estudo e

Pesquisa Mediação, Representação da Informação e Marcadores Sociais da Diferença (GeMINAS).

GRACY KELLI MARTINS

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-Marília/SP, mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Atualmente é professora adjunta no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Professora Permanente e vice Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB) e Professora Permanente no Mestrado Profissional em Biblioteconomia (PPGB/UFCA). Atua nas áreas de Organização e Representação da Informação/ Conhecimento, Fundamentos teóricos e memória em Biblioteconomia e Ciência da Informação e Estudos Curriculares em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Vice-líder do Grupo de Estudo e Pesquisa Mediação, Representação da Informação e Marcadores Sociais da Diferença (GeMINAS).

JACQUELINE RIBEIRO CABRAL

Atua como docente adjunta nos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia & Documentação do Departamento de Ciência da Informação (UFF) desde 2016. Realizou estágio pós-doutoral em Sociologia Política no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) da Universidade Candido Mendes (UCAM) (2014-2015) e obteve seu doutorado em História das Ciências e da Saúde pela Fiocruz (2012). É coordenadora do grupo Nômadeas - Informação. Memória, Documento (CNPq/UFF). E-mail: jacquelinerc@id.uff.br

LUCIANA GRINGS

Bibliotecária. Mestre e Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Coordenadora de Serviços Bibliográficos da Fundação Biblioteca Nacional.

MARIA DE FÁTIMA NUNES

Professora Catedrática, da Universidade de Évora.

MARLENE MORAES

Mestranda em Ciência da Informação na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: marlenevasconcelos@live.com

MARISOL GOYENCHE REINA

Nacida en Colombia, Profesional en Ciencia de la Información Bibliotecología, Especialista en Administración de Empresas, Candidata a Maestría en Desarrollo Humano.

NATALIA DUQUE CARDONA

Doctora en Ciencias Humanas y Sociales por la Universidad Nacional de Colombia (Medellín, Colombia), Magíster en Educación con Énfasis en Estudios Interculturales de la Universidad de Antioquia (Medellín, Colombia). Bibliotecóloga de la Universidad de Antioquia. Profesora de la Escuela Interamericana de Bibliotecología de la misma universidad. Investigadora perteneciente a la línea Memoria y Sociedad del grupo de investigación Información, Conocimiento y Sociedad. Miembro del grupo de

investigación Diverser. Coordinadora de comunicaciones de la Sociedad Latinoamericana de Estudios Interculturales. Cofundadora del Colectivo Social Bibliotecas A la Calle. Correo electrónico: natalia.duque@udea.edu.co.

NATASHA COUTINHO REVOREDO RIBEIRO

Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: natashacribeiro@gmail.com

PRISCILA MACHADO BORGES SENA

Doutora (2020) e Mestra (2014) em Ciência Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina/Florianópolis. Especialista em Gestão do Conhecimento pela Faculdade Integrada da Grande Fortaleza (2012). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Mato Grosso/Rondonópolis (2009). Experiência na área de Ciência da Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: fontes de informação; ecossistemas de startups; empreendedorismo; tecnologia e inovação; gestão documental; gestão da informação; gestão do conhecimento; bibliotecas universitárias na educação a distância e; bibliotecas escolares. Participou do Grupo de Pesquisa Informação, Tecnologia e Sociedade (GrITS), do Grupo de Estudos em Biblioterapia, Bibliotecas Escolares e Leitura (GEBBEL), do Instituto de Pesquisas Biblion (BIBLION), e do Grupo de Pesquisa Via Estação do Conhecimento (VIA). Atuou como Professora Substituta de 2015 a 2016 no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. Sua tese de doutorado, sob a orientação da professora doutora Ursula Blattmann, versou sobre Fontes de Informação no Ecossistema de Startups de Florianópolis. Realizou Doutorado Sanduíche na Universidad Carlos III de

Madrid, sob a orientação do professor doutor José Antonio Moreiro González. Está Editora de Relacionamento na Revista ACB; Diretora de Formação Política e Profissional (Gestão 2020-2023) na Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB); Bibliotecária Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Bibliotecas Escolares do Conselho Regional de Biblioteconomia da 14ª região (CRB 14); Professora na MPGED e; Integrante da Iniciativa eCÓDICE, um repositório de eventos online. E-mail para contato: priscilasena.pesquisa@gmail.com.

QUELE PINHEIRO VALENÇA

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Coimbra - Portugal. Analista universitária na Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia e Documentação, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, leitor, práticas de leitura, livros eletrônicos, letramento digital, história do livro, comunicação científica, periódicos eletrônicos.

RAILDO DE SOUSA MACHADO

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos (2019). Especialista em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Ávila. Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará (2013). Bibliotecário-documentalista da Universidade Federal do Amapá desde abril de 2014, habilitado em concurso público, como o primeiro o bibliotecário do Campus Binacional de Oiapoque da Universidade Federal do Amapá, e responsável pela implementação da primeira biblioteca da fronteira franco-brasileira. Desde 2017 é Membro pesquisador no Grupo de

Pesquisa Tecnologias em Ambientes Informacionais e Inovação (GPTAI), da Universidade Federal de São Carlos, onde desenvolve pesquisas sobre princípios, fundamentos, fundadores e instrumentos da catalogação; sobre comunicação científica e sobre mapeamento e revisão sistemática de literatura na área de Ciência da Informação. Faz parte da primeira formação do Grupo de Trabalho em Catalogação, grupo criado pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) em abril de 2020. Contato: raildomachado4@gmail.com

RAYSSA THAYNARA MADEIRA CORREIA MIGUEZ

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB - Campus Darcy Ribeiro). Pós-Graduada em Psicopedagogia e tem seu campo de atuação na Biblioteca Escolar.

SOFIA FRAHLICH CAVALLEIRO

Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É integrante do grupo de estudos, pesquisas e extensão Nômadas – Informação, Memória, Documento. E-mail: sofiafrahlich@id.uff.br

TATYANA MARQUES DE MACEDO CARDOSO

Mestra em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bibliotecária responsável pela Biblioteca Histórica e pelo Centro de Estudos Linguísticos e Biblioteca Antenor de Veras Nascentes do Colégio Pedro II. Principais áreas de atuação e interesse de pesquisa:

Preservação e conservação de documentos, Gestão de coleções, Bibliotecas Digitais, Repositórios institucionais, Normalização bibliográfica, Memória Social e História da Educação.

URSULA BLATTMANN

Atua desde 1993 como professora da Universidade Federal de Santa Catarina nas áreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação. Realizou a pesquisa de pós-doutorado na Universidade Federal de Pernambuco, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (março de 2014 a fevereiro de 2015). Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (1986), mestrado em Biblioteconomia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1994) e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Participa em conselhos e corpo editorial de revistas técnicas e científicas. Líder do Instituto de Pesquisas Bibliion e pesquisadora no Núcleo de Pesquisas Arquivos Contemporâneos NUPEAC do Departamento de Ciência da Informação UFSC. A partir de 2011 atua na editoria da revista *Ágora* (<http://agora.emnuvens.com.br/ra/>)

VÂNIA MARA ALVES LIMA

Possui graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de São Paulo (1985), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1998) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2004). Professora Doutora do Departamento de Informação e Cultura da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Desenvolve pesquisas na área da Ciência da Informação, Biblioteconomia e Documentação, mais especificamente em organização e representação da

informação e do conhecimento com os temas: linguagens documentárias, terminologia, vocabulários controlados, ontologias e recuperação da informação. É presidente da Comissão de Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo desde 2015, membro da Art Libraries Society of North America desde 2015 e da Rede de Bibliotecas de Arte de São Paulo, REDARTE_SP desde 2016 onde desenvolve atividades de pesquisa e cultura e extensão como a organização dos Seminários de Informação e Documentação em Arte. É pesquisadora associada ao Grupo de Pesquisa CNPq Representações: Imaginário e Tecnologia (RITE) vinculado ao Centre de Recherches Internationales sur LImaginaire CRI2i. Neste grupo de pesquisa participa do projeto ARQUIGRAFIA onde desenvolve o vocabulário controlado de Arquitetura e Urbanismo desde 2013. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa CNPq Organização e Representação do Conhecimento. De outubro de 2017 a outubro de 2019 Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da ECA/USP. Desde março de 2019 Presidente da Comissão de Pós Graduação da ECA/USP. Contato: vama@usp.br

YOLIMA MONSALVE CARVAJAL

Bibliotecóloga en formación de la Escuela Interamericana de Bibliotecología de la Universidad de Antioquia. Monitora del Grupo de estudio en Memoria de la línea de investigación Memoria y Sociedad del Grupo de Investigación Información, Conocimiento y Sociedad. Correo electrónico: yolima.monsalve@udea.edu.co

ZAIRA REGINA ZAFALON

Doutora em Ciência da Informação (2012), mestre em Comunicação e Semiótica (2006), especialista em Sistemas Automatizados de Informação em Ciência & Tecnologia (1996), em Administração (2002) e em Ensino Superior (2003), e bacharel em Biblioteconomia e Documentação (1993). Atua como docente na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É vice-presidente da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação, na Gestão 2019-2022. Lidera o Grupo de Pesquisa Tecnologias em Ambientes Informacionais e Inovação - GPTAI (UFSCar) e pesquisa junto ao Grupo de Pesquisa Novas Tecnologias em Informação (UNESP) e ao Grupo Organização e Representação do Conhecimento (UFPE). É membro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) e da International Society for Knowledge Organization (ISKO). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Organização e Representação da Informação. São temas de seu interesse e de pesquisa: ambientes informacionais digitais, dados e metadados, patrimônio, memória e identidade cultural. Ao longo dos anos especializou-se em discussões sobre catalogação e catalogação automatizada; modelos conceituais do universo bibliográfico, museológico e arquivístico; metadados, padrões e estruturas de representação da informação; intercâmbio e conversão de dados em unidades de informação. Desenvolveu o Scan for MARC, um interpretador sintático e semântico de registros bibliográficos analógicos para o Formato MARC21 Bibliográfico, pelo qual foi premiada na ANCIB e no Conselho Regional de Biblioteconomia - 8. Região. Foi homenageada na Câmara Municipal de São Carlos/SP. Contato: zaira@ufscar.br

Precisamos reconhecer a trajetória de mulheres na Biblioteconomia e na Ciência da Informação (CI), o papel da historicidade do pensamento de mulheres, sobretudo as mais periféricas e subalternizadas, na formação do campo da CI no mundo e fundamentalmente no Brasil. Apesar da produção sobre as problemáticas que gravitam em torno da multicategoria “MULHER” estar crescendo, ainda existe um caminho árduo e longo, dentro ou fora da academia para ultrapassar as resistências também crescentes a esse movimento. Por colocar os saberes construídos por mulheres no centro da academia, mais uma vez reforço a importância desta obra e sua singularidade no campo da CI.

Leyde Klébia Rodrigues da Silva



ISBN: 978-65-87264-32-5

CI



9 786587 264325